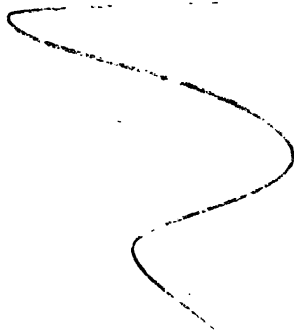
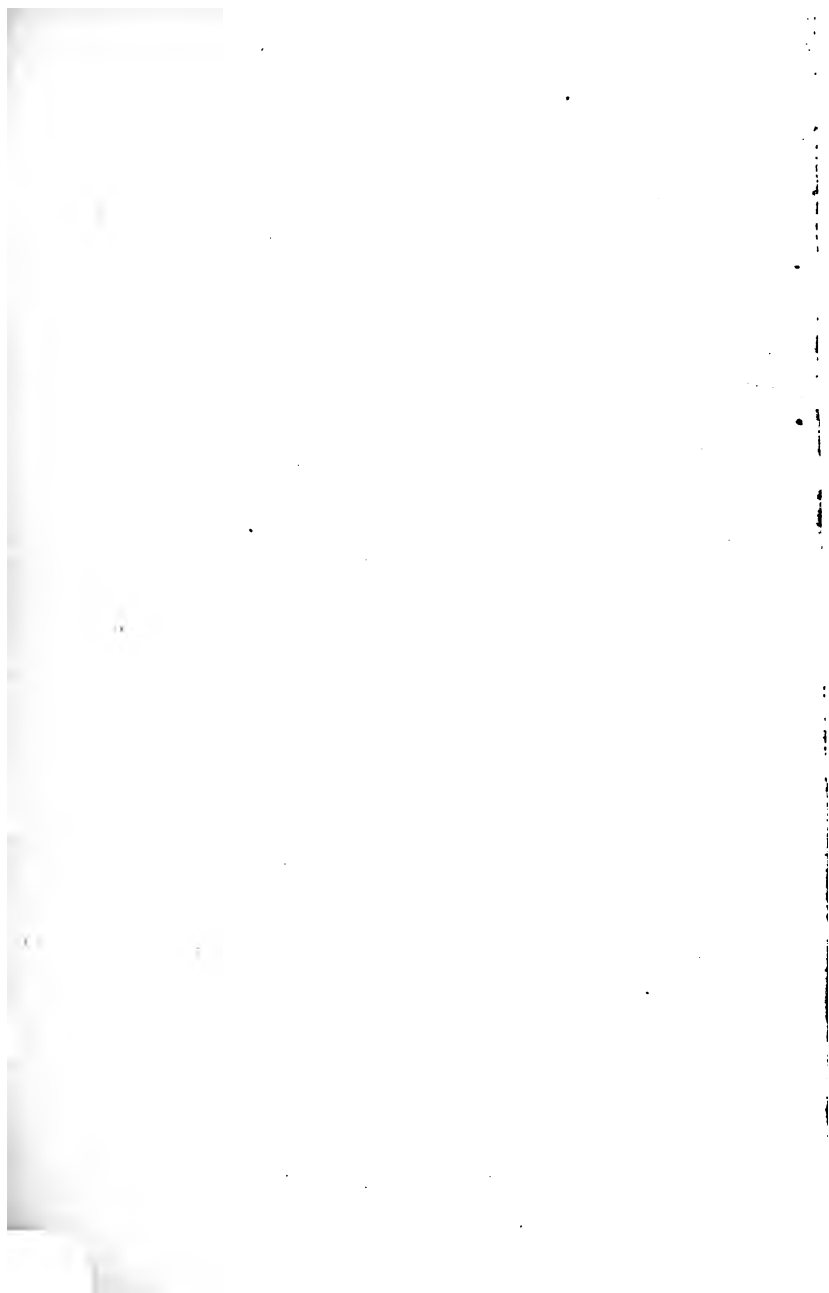
M. PEREIRA DA SILVA, DÉPUTÉ ET LITTÉRATEUR BRÉSILIEN.

A mi ilustre colega y estimado amigo Señor A. V. de la [illegible].

Con muchas felicitaciones por su cumpleaños.

La Paz Marzo 5 . 1874

[illegible]

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL.

L'histoire n'a point de partie plus agréable et plus instructive que la vie particulière des grands et vertueux personnages qui ont fait figure distinguée sur le théâtre du monde.

VICTOR COUSIN.

Pariz. — Typ. de Ad. Lainé e J. Havard, rua dos Santos-Padres, 19.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIAES

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

TERCEIRA EDICÇÃO

MUITO MAIS AUGMENTADA E CORRECTA

TOMO PRIMEIRO.

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDICTOR
RUA DO OUVIDOR, 69.

PARIZ. — A. DURAND E PEDONE-LAURIEL, rua Cujas, 9.

1868

NOTA DO EDICTOR.

Foi em 1847 que se publicou a presente obra pela primeira vez no Rio de Janeiro sob o titulo de PLUTARCO BRAZILEIRO.

Todos os periodicos do Brazil a saudaram enthusiasticamente. Os litteratos e o publico advinharam logo no auctor, ainda joven, pois que tinha então vinte e outo annos de edade, o futuro historiador da sua patria, o escriptor que lhe faria a maior honra.

Os Srs Justinianno Rocha, Porto-Alegre, Octavianno, Silva Pontes, Firmino, e outros, dirigiram ao Sr Pereira da Silva os maiores encomios, e o animaram a continuar na carreira gloriosa que encetára.

Era elle já então deputado á assemblea geral legislativa do imperio, e passava por um dos oradores da tribuna e do foro mais fluentes, e agradaveis.

Em poucos annos se esgotou a edicção. Achando-se o Sr Pereira da Silva em Pariz em 1856 publicou uma segunda mais emendada e correcta, e com o titulo mudado de VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL DURANTE OS TEMPOS COLONIAES, titulo que conserva n'esta terceira

edicção, que muito mais completada e amelhorada vai pelo proprio auctor, a pedido nosso.

Agradou extremamente na Europa. O celebre escriptor italiano Vegezzi Ruscala analysou-a em revistas e periodicos de Turim e Florença. Em França, Audiguier na *Patrie*, o Dr Moure na *Revue des races latines*, Mazade na *Revue des Deux-Mondes*, Saint-Marc Girardin no *Journal des Débats*, Charles Reybaud no *Journal des Economistes*, Limeyrac no *Constitutionnel*, e outros varios escriptores, fallaram com elogios da obra, e traduziram trexos que lhes pareceram dignos de ser conhecidos.

Em Portugal e no Brazil não foi menos bem acolhida, e o auctor ganhou logo logar distincto entre os litteratos do seu seculo, e teve entrada em associações importantes, como a academia real de sciencias de Lisboa, instituto historico e geographico de França, sociedade de geographia de Pariz, e outras italianas e hespanholas.

Foi esta obra o ponto de partida do auctor. Apoz ella publicou elle varios escriptos litterarios, alguns discursos parlamentares, as chronicas de *Jeronymo Cortereal*, e *Manuel de Moraes*, o seu admiravel artigo em francez inserido na *Revue des Deux-Mondes de* 1857 com o titulo de *Situation du Brésil*, o seu ensaio em francez denominado *La littérature portugaise*, e por fim encetou o grande monumento da *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro*, de que já sahiram á lume 6 volumes, e que lhe deu um dos primeiros logares entre os historiadores modernos.

Os estudos profundos á que arrastou o Sr Pereira da Silva a necessidade de escrever a sua *Historia* trouxeram a obrigação egualmente de rever e modificar a obra dos

Varões illustres, e é esta tambem uma das razões por que se prestou elle a preparar e dar á luz esta terceira edicção, que pelos accrescentamentos e mudanças que soffreu póde quasi passar por obra nova.

Esperamos portanto um excellente acolhimento para ella, e ao findar esta breve noticia, julgamos causar prazer aos leitores, transcrevendo alguns trexos de varios escriptores importantes sobre a pessoa, valor, e influencia litteraria do Sr Pereira da Silva.

O erudito e aprimorado publicista portuguez o Sr Teixeira de Vasconcellos exprimiu-se pelos seguintes termos :

« Não sou invejoso. Aqui pequei por amor da patria. Sirva-me de desculpa. Mas á fallar a verdade máo é principiar. Um peccado traz outro. Eu confesso que si é falta grave desejar que honrasse a lista dos escriptores portuguezes o nome de um extrangeiro illustre, eu fui reu d'esta culpa muitas vezes. Pequei á cada pagina, lendo o Sr Pereira da Silva. »

O Sr Conego Fernandes Pinheiro, que tão bons serviços tem prestado ás lettras no Brazil, assim se enuncia no seu excellente livro da *Litteratura nacional* :

« Por uma feliz excepção dos que esquecem nos braços da politica seus primeiros amores litterarios, é o Sr Pereira da Silva eloquente parlamentar e habil escriptor. Pertence elle á essa pleiade de talentosos mancebos que inauguraram a escola brazilico-romantica, plantando sua oriflamma sobre as derrocadas muralhas da classica imitação. Assaz conhecido por uma

serie de artigos publicados em varias revistas e jornaes, adquiriu incontestavel renome dando á luz o seu PLUTARCO BRAZILEIRO, nome que na segunda edicção trocou pelo mais apropriado de VARÕES ILLUSTRES. E'esta obra riquissimo diorama, por cujo campo successivamente desfilam os mais heroicos vultos da nossa historia, paramentados com as riccas galas que lhes empresta a poetica immaginação do illustrado biographo. Irresistivel é o encanto que experimentamos ao ler as vidas d'esses prestimosos varões, etc. »

O Sr Delaplace na *Revue contemporaine* de 15 de Dezembro de 1865 emprega as seguintes palavras :

« Un des hommes politiques les plus considérables de son pays, M. Pereira da Silva, déjà connu par une *Histoire des hommes illustres du Brésil pendant les temps coloniaux*, et par de nombreux travaux de critique littéraire, a entrepris d'élever à la gloire de sa patrie un monument durable. Il achève en ce moment son *Histoire de la fondation de l'empire brésilien*, qui conduira le lecteur depuis l'émigration de la maison de Bragance au Brésil en 1808, jusqu'à la fin des luttes de l'indépendance (1825).

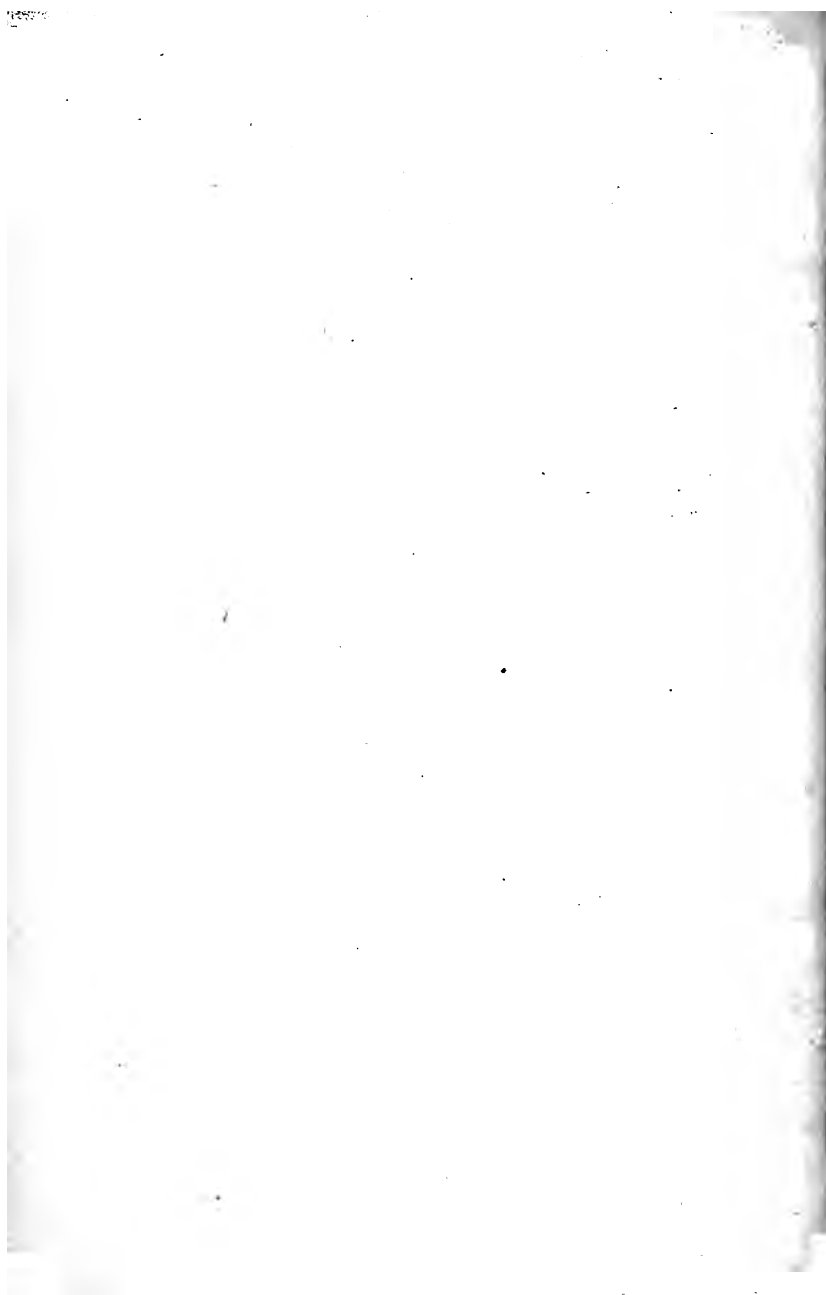
» Les événements européens qui ont rempli cette période de vingt années, ont détourné les esprits des graves changements qui s'accomplissaient à la même époque dans l'Amérique méridionale. Le livre de M. Pereira da Silva a donc tout l'attrait de la nouveauté; il est le premier qui présente avec ensemble l'histoire, non-seulement du Brésil, mais de tous les États voisins, pendant l'époque de leur transformation. Disciple des historiens modernes, instruit à l'école des Macaulay, des Guizot,

des Augustin Thierry, formé à la vie politique par les luttes parlementaires, M. Pereira da Silva a traité son vaste sujet en philosophe et en homme d'État. »

O S^r Jablousky disse no *Moniteur français* :

« L'art oratoire et l'éloquence parlementaire sont aussi dignement représentés chez les Brésiliens. Entre les hommes à la fois politiques, poëtes, romanciers, historiens, orateurs, il faut citer M. João Manuel Pereira da Silva, qui écrit avec une rare élégance en français et en portugais. M. Pereira da Silva, que nous avons vu longtemps parmi nous, est l'auteur du *Plutarque brésilien* et de *l'Histoire de l'Indépendance du Brésil* : c'est un Plutarque moderne, un Plutarque diplomate, consciencieux et clairvoyant. »

Poderiamos citar ainda Sainte-Beuve, Thiers, Cuvillier-Fleury, Camille Doucet, Marmier, Gonsalves de Magalhães, Antonio Castilho, Rebello da Silva, Camillo Castello Branco, Innocencio da Silva, Joaquim Norberto, Humboldt, Martius, Pinheiro Chagas, e tantos outros escriptores nacionaes e extrangeiros, que á seu respeito se têm exprimido do modo o mais lisongeiro. Basta porém. Já seu nome não precisa de recommendação. Já o seu paiz o aprecia entre os seus filhos mais illustres. E tem-lhe feito a mais plena justiça, dando-lhe constantemente provas exhuberantes da sua confiança e consideração.

O Edictor.

INTRODUCÇÃO.

E novo, e muito novo o Brazil. Deve-se ao accaso o seu descobrimento. Navegava para as Indias Pedro Alvares Cabral, proseguindo na empresa encetada por Vasco da Gama com a sua famosa viagem de 1497 a 1498, quando, arredando-se das calmarias da costa da Africa, e tomando ao largo para o Oeste, avistou, aos 22 dias de Abril de 1500, uma terra desconhecida, da qual se apossou, em nome d'ElRei Dom Manuel de Portugal.

Deu-lhe o feliz descobridor o nome de Vera Cruz, trocado posteriormente pelo do Brazil, por ıe é hoje o paiz geralmente conhecido.

Conta assim actualmente tres seculos e pouco mais de meio de existencia.

Hordas de selvagens, inimigas umas das outras, posto procedessem quasi todas do mesmo tronco; fallassem differentes dialectos em geral derivados da mesma origem; bravias, ferozes e errantes umas, devorando os inimigos que apanhavam nas correrias e guerras, e até seus proprios amigos e parentes, logo que se finavam; tranquillas e mansas outras, praticando o cultivo do solo, e formando acampamentos ou aldeias, que pouco tempo duravam; dirigidas por chefes que escolhiam, ou entregues á Providencia; pela maior parte tribus nomades, sem a mais pequena ideia de religião, de sociedade, e nem de familia; taes eram os habitantes da terra, que a Cabral deparou a fortuna; para que um nome honroso ganhasse na historia.

Questionna-se sobre a litteratura e o gráu de civilisação dos indigenas do Brazil na epocha do descobrimento.

É de certo curioso semelhante estudo. Para uma historia geral do paiz deve constituir o necessario prefacio. A base porém d'ella são os descobrimentos, a posse, a colonisação, as instituições, e a civilisação, que introduziu o povo conquistador na terra, com que a fortuna o mimoseára.

Sumiu-se grande copia dos indigenas nos deser-

tos interiores, preferindo a liberdade e independencia no meio das florestas a uma liga com os Portuguezes, por meio de aldeiamentos, e adopção de novos usos, e de uma religião que não comprehendiam. Trucidaram-se outros nas proprias luctas civis; nas guerras e emboscadas contra os invasores; e no captiveiro, a que eram arrastrados muitas vezes, e no qual facilmente se finavam.

Aquelles, que se chegaram lealmente aos Portuguezes, desappareceram no seio da raça conquistadora, e perderam as tradições e costumes dos seus antepassados.

Não somos dominados pelo espirito dos que tomam as dôres pelos gentios, e a defesa de sua causa contra os Portuguezes.

É poetica de certo a existencia nomade d'esses desgraçados, que nasciam, viviam, e morriam, descuidados de tudo; dormindo ao balanço da rede que penduravam da primeira arvore, que lhes deparava o accaso, ou amarrada na taba enfumaçada a que se abrigavam [1]; comendo o que a sorte da caça lhes offerecia em caminho; usando de burlescas solemnidades para, no meio de fes-

(1) Taba é a aldeia que levantavam os gentios para suas residencias transitorias : de tres em tres annos, ou pouco mais, costumavam mudar de domicilio.

tins e dansas, devorarem os prisioneiros que logravam nos combates ou emboscadas; reunindo-se á sombra da palmeira, ao murmurio da cascata, ao sibillar do vento pelas folhas das arvores, para ouvirem o ruido dos chocalhos, que formava agreste concerto com os canticos tradicionaes, que lhes haviam legado os seus antepassados. Não se procurem porém no Brazil os gentios cavalheirosos e civilisados do Perú e do Mexico. Estes possuiam cidades, monumentos, artes, industria, lettras, soberanos, côrtes, exercitos, instituições, e historia. Barbaros inteiramente os povos brazilicos vegetavam errantes, posto divididos em grupos, tribus, e pequenas familias, que se não apegavam ao solo, e mudavam de localidade segundo as estações, e necessidades da caça e dos meios de existencia, guerreando-se mutuamente, e tratando-se como inimigos uns dos outros.

Lucraram em nossa opinião os gentios que se cathequisaram, e civilisaram. E nossa sympathia antes portanto pelo povo conquistador, do qual principalmente descendem os Brazileiros, do que pelas tribus selvagens, que habitavam o paiz na epocha do seu descobrimento.

Achou-se Portugal ao mesmo tempo senhor e possuidor dos immensos territorios do Brazil, da

Asia e da Africa, que os seus prestimosos navegantes haviam encontrado.

Constituiam os Portuguezes o povo menos numeroso, e o mais heroico e aventureiro da epocha. Em menos de meio seculo avassallaram a melhor parte da Asia, quasi metade da Africa, grande copia de ilhas espalhadas por todos os mares, e a mais bella e vasta porção da America meridional.

Tinham infelizmente muito por que dividir a sua attenção, e qualquer que fosse o valor e denodo dos seus militares, a audacia e arrojo dos seus marinheiros, e a pericia e ambição dos seus chefes; por maior que fosse a gloria, que haviam adquirido já no mundo inteiro, e que os fazia geralmente temer por terra e por mar, não podiam olhar com egualdade, e tratar com o mesmo cuidado, a tantos continentes que lhes foram cabendo pela sorte das armas, e pela fortuna espontanea do accaso.

Mereceu-lhes a Asia, e com razão lhes devia merecer, empenho mais acurado. Havia na Asia civilisação, riqueza, industria, sociedade, povo, e governo. Nem os grupos de pretos nonades da Africa, e nem as hordas de gentios errantes da America, tinham direito de concorrer com a Asia para lograr da metropole commum cuidados identicos.

Nos gloriosos combates da Asia se illustravam os guerreiros portuguezes. Encontravam em frente a si Turcos, Arabes, e Egypcios, que acudiam em soccorro dos indigenas. Conquistavam cidades como Gôa, Malacca, Damão e Meliapor. Venciam os reis de Ormuz, Melinde, Achem, Cambaia e Mombaça. Levantavam as fortalezas de Calicut, Granganor, Diu, e Ternate. Creavam importantes arsenaes. Exercitavam as suas esquadras e marinheiros. Monopolisavam o commercio das fabricas de alcatifas da Persia, e de sedas da China. Apoderavam-se da prata do Japão, do cravo das Molucas, da pimenta e gengibre de Malabar, da camphora de Borneos, do ambar das Maldivas, dos rubins do Pegú, das tecas e couramas de Cochim, das perolas e aljofares de Manar, dos diamantes de Mussulapatão, e da canella do Ceylão. Enriqueciam Lisboa e a Europa, e faziam da capital do pequeno reino da Lusitania o emporio mercantil do mundo, feixando as portas da navegação do Oriente a Genova, a Veneza, e ao Egypto.

Representava-lhes apenas a America um paiz novo, proprio para tudo que d'elle exigissem o trabalho e a industria do homem; povoado de barbaros, que se não batiam em combates francos e leaes; que unicamente soïam fazer trahições, e armar ciladas, visto como já não podiam

resistir com suas flexas e tacapes (1) á espingarda e á baionneta dos Europeus. Eram os conquistadores obrigados a levantar casas, elevar povoações, plantar a terra, e emfim tudo crear, e a tudo dar vida, sem que de seus feitos, quaesquer que fossem, renome ou gloria alguma lhes proviesse.

Não admira assim que ficasse o Brazil esquecido por mais de trinta annos, depois do seu descobrimento, aportando apenas aqui ou ali, n'esta ou n'aquella enseada, um ou outro navegador que, ou vinha de proposito explorar as suas costas, como Christovam Jacques, Gonsalo Coelho, Martim Affonso de Souza, e Americo Vespuccio; ou as avistava, talhando derrota para a Asia, como Affonso de Albuquerque, Tristão da Cunha, e João da Nova; ou emfim aventureiros, como Jorge Lopes Bixorda e Fernando de Noronha, que buscavam o tracto do páu brazil, de que abundava o paiz, e fôra o primeiro genero de escambo e commercio praticado nas suas plagas.

Nem podemos com justiça antepôr aos Portuguezes o procedimento de Hespanha em relação ás suas conquistas do Perú, Mexico e Guatimala, que ella tratava por maneira differente.

(1) Tacape é a grande massa de páu, de que se serviam os gentios para os grandes combates, e que os da America do Norte appellidavam tomahank.

Além de que Hespanha encontrou povos mais civilisados nos Aztecas do Mexico, nos Incas do Perú, nos Araucanos do Chile, e mesmo nos habitantes dos territorios incluidos entre o rio Orinoco, e o imperio de Montezuma; deparou com cidades como Mexico, Cuzco, Tlascala, Cholula, e Quito; e com monumentos como Mitla, Palenque, Uxmal, Pachacamac e Chapoltepec; e descobriu riquezas immensas de ouro, prata, e pedras preciosas, que equivaliam á fortuna que tirava Portugal das suas possessões da Asia; accresce egualmente que não tinha Hespanha conquistas tão espalhadas pelo mundo como o pequeno reino dos nossos antepassados. Depois sómente de alargado e firmado o seu poderio na Asia com as victorias de mil importantes cidades, e com o governo de homens eminentes, como Dom Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, é que começou ElRei Dom João III de Portugal a cuidar no Brazil, e commetteu sua colonisação a alguns velhos guerreiros e servidores, com os quaes repartiu as suas terras, como em donatarias, concedendo-lhes cartas, foraes e privilegios, que lhes asseguravam feudos hereditarios n'esta nova parte do mundo, tomando assim posse contra as tentativas de Hespanha, que a havia feito visitar já por alguns dos seus navegantes, e an-

ciava annexa-las ás colonias, que formára na America.

Commeçaram os donatarios a povoar o continente brazilico. Martim Affonso de Souza, Duarte de Albuquerque Coelho, Vasco Fernandes Coutinho, Francisco Pereira Coutinho, e os demais concessionarios, fundaram cidades nas melhores enseadas: aqui São Vicente; adiante Victoria e Porto Seguro; acolá Ilheos e Bahia, e mais além Olinda. A' proporção que se foram entranhando pelo interior, levantaram e formaram plantações de cana de assucar, que se acclimatára excellentemente, e arraiaes e povoações, que eram necessarios para o fim de segurar e firmar o seu dominio.

Tiveram que sustentar luctas renhidas, pertinazes e prolongadas, não sómente contra os gentios, senão tambem contra os Francezes, e outros povos europeus, que lhes invejavam a conquista, e procuravam arrancar-lh'a, derramando corsarios por todos os mares circumvizinhos.

Apezar dos esforços dos donatarios, não andaram as cousas a contento do soberano. Nem tinham elles bastantes forças, e nem dispunham de meios sufficientes para se sustentarem, e fazerem prosperar os seus estabelecimentos. A final julgou ElRei conveniente avocar tudo á Corôa, indemnizando os proprietarios; abolindo as donatarias; e

creando um governo seu em todo o paiz, com a centralisação da acção e unidade da administração publica nas mãos e attribuições de Thomé de Souza, nomeado, em 1549, primeiro governador geral do Brazil.

Tornou-se capital do novo Estado a cidade da Bahia. Para o Brazil correram e emigraram os Portuguezes, sómente quando perderam a melhor parte da Asia e Africa, durante o dominio dos Felippes de Castella, e não atraz de ouro ou pedras preciosas, porque mais de um seculo depois é que se descobriram as riquissimas minas que encerra o seu solo (1), mas no intuito de commerciar no páu brazil, e no assucar da cana; ou de conseguir sesmarias de terras, que cultivassem, melhorando de fortuna, e adquirindo meios, que não encontravam na metropole, e com que não podiam mais deparar nas antigas feitorias da India.

Immensa era pelo seculo XVII a pobreza em

(1) O primeiro ouro, que se extrahiu do Brazil, foi encontrado na provincia de São Paulo pelos annos de 1686 e 1689. Sómente em 1695 foi ao governador da provincia do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, apresentadas as primeiras amostras da provincia de Minas Geraes, que descobriram Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira. As minas da Jaguára, de São Paulo, forneceram o primeiro ouro; as do Serro em Minas offereceram os primeiros diamantes em 1729.

Portugal. Pesavam por demais os onus e tributos pessoaes e pecuniarios sobre os lavradores, que, não tendo terras proprias para lavrarem, sujeitavam-se a arrendamentos leoninos, e soffriam o sacrificio das leis do serviço militar, milicias, e ordennanças, que os acabrunhavam. Já não podiam quebrar arnezes, e trocar vidas com infieis nos campos de Tunes, Fez, Marrocos, e Trudante. Faltavam-lhes egualmente as expedições maritimas, que outr'ora lhes abriam campo á gloria, e á fortuna. Trataram portanto de mudar de terra, e procurar novas plagas, e novos climas, aonde vivessem á sombra das mesmas leis, fallando a mesma lingua, e obedecendo ao mesmo soberano, com a esperança de melhorar de sorte.

Seriam porém inefficazes os meios da força applicados aos indigenas, e escassa ao principio a tendencia da emigração dos Europeus, se não estivesse a epocha exclusivamente possuida do espirito e enthusiasmo religioso. Continha Portugal grande copia de conventos, aonde se apinhavam sujeitos, que na vida solitaria do claustro procuravam devoções misticas, e estudos theologicos. Esmeravam-se os reis em favorecer e dotar estes estabelescimentos, porque guardavam a sciencia, apuravam a religião, e davam ao mundo os sabios,

e a elles os conselheiros e confessores, de que careciam.

Dos claustros partiu a voz de marcha para o Brazil. Com os religiosos, que contavam conseguir por entre o gentio vasta sementeira para o catholicismo, e que de antemão se alegravam de attrahir á luz da razão, e ao gremio da Egreja, tantas almas perdidas, seguiram muitas familias, que arrastavam o seu exemplo e as suas palavras.

Mais ou menos concorreram todas as ordens monasticas para os trabalhos da cathequisação dos indigenas do Brazil.

Primaram porém entre ellas os socios da Companhia de Jesus. Impossivel é descrever os feitos memoraveis e milagrosos mesmo, que no Brazil praticaram os Jesuitas.

Batiam-se e afugentavam-se constantemente as hordas de tribus barbaras, que se descobriam. Não tardavam em reapparecer repentinamente, a um grito de guerra solto na escuridão dos bosques. Eram as improvisadas casas, ou arraiaes reduzidos em um momento a cinzas por uma annuvião de selvagens, que os assaltavam, e que comsigo carregavam os prisioneiros, para os comerem e devorarem nas suas festas burlescas e sanguinarias.

Nada havia de estavel e seguro com o simples

emprego da força physica. Nada se firmaria, a não apparecerem os admiraveis filhos de santo Ignacio, que se devotavam aos perigos, aos martyrios, e á morte, com o semblante risonho, tranquillo o espirito, resignação evangelica, e sobrenatural coragem.

Abria-se com a espada o caminho das brenhas. Atravessavam-se com a lança as alcantiladas montanhas. Venciam-se á força as torrentes e caudalosos rios. Para plantar ahi a Cruz do Calvario, apparecia sempre um Jesuita, e a victoria da palavra, e da persuasão que lhes era exclusiva, tinha mais preponderancia para firmar a conquista material, que os triumphos dos soldados que sabiam apenas manobrar o gladio, e despedir a morte.

Consistiram os primeiros trabalhos dos Jesuitas em accommodar os gentios com os Portuguezes, chamando-os á paz e concordia. Para lograrem este resultado, atiravam-se audaces no meio dos desertos; avançavam inermes para as tribus anthropophagas; prégavam-lhes a religião; incitavam-lhes os brios. Foram alguns atravessados pelas settas mortiferas; soffreram outros martyrios desusados; alcançaram muitos todavia a victoria espantosa de converter essa infeliz gentilidade, e a fortuna de voltar para o meio dos Portuguezes, acompanhados de multidão de gentios, que ao padre obedeciam, como se fôra um Deus, e á sua

voz formaram aldeias, trabalhando com os missionarios na edificação das casas e da egreja, e entrando assim para o gremio da sociedade, e catholicismo.

Que palavras podem glorificar o sacrificio do Jesuita missionario, que gastava a sua vida na aspereza das brenhas, de pé no chão, dormindo sobre a terra, sustentando-se com raizes e fructas silvestres, correndo de tribu em tribu de barbaros, expondo continuadamente a sua vida, até expirar emfim nas torturas do supplicio sem espectadores, nem applausos, obscuro, e isolado de todo; no intuito exclusivo de remir da condemnação eterna alguns selvagens desconhecidos, attrahi-los á obediencia dos reis europeus, e augmentar os Estados e o dominio dos soberanos portuguezes?

E apoz a cathequisação, quantos trabalhos com os indigenas, e quantas luctas com os proprios Portuguezes! Aquelles serviam de medicos do corpo e da alma, de pais e de protectores; d'estes combatiam os vicios, os crimes, e as tentativas de reduzir á escravidão os gentios, que encontravam e apanhavam, entretendo assim o odio da raça, e conservando a guerra ceifadora e mortifera. Derribavam os padres com suas proprias mãos e carregavam aos hombros as arvores que affeiçoavam; amassavam e collocavam a taipa, e

construiam a egreja, dando por este feitio a todos, que os viam e admiravam, o exemplo do trabalho e da resignação. A pericia das armas, a audacia dos invasores, a tactica dos Europeus, ganhavam terras, edificavam povoações, estabelesciam o dominio do soberano. A brandura e a eloquencia dos religiosos, a sanctidade da vida, que professavam, as cathequisações que conseguiam, o zelo, a devoção, e os exemplos que praticavam, conciliavam os gentios com os Portuguezes, e faziam abraçar a sancta religião de Christo por copia immensa de infelizes, que a não conheciam, segurando-se assim a posse do paiz que haviam os Portuguezes conquistado.

Foram os mais affamados missionarios do Instituto de santo Ignacio, na India o padre Francisco Xavier, ao depois canonizado pela Igreja Romana; e no Brazil, os padres Manuel da Nobrega e José de Anchietta. São estes os vultos de mais colossaes proporções, que figuram no edificio da Companhia, na qual todavia rivalisavam todos os irmãos em dedicações, prestimo, e sacrificios.

O grande apostolo das Indias extasiou com suas exquisitas virtudes, acções portentosas, e victorias immensas, Moçambique, Zocotora, Coromandel, Meliapor, Molucas, Melinde, Ceylão, Ternate e Japão. As portas da China, e diante de Sacham,

findou os seus dias gloriosos, depois de converter setecentas mil almas, pobres e humildes, rajahs, principes, reis e imperadores, que todos o ouviam e attendiam, nas choças miseraveis do pariá, e nos palacios cosidos com ouro, e brilhantes de pedrarias.

Não menor renome ganharam José de Anchietta e Manuel da Nobrega, pelas conquistas espirituaes, e enormes sacrificios, que commetteram em todo o continente americano do dominio portuguez. Foi Nobrega um heróe de virtudes selectas. Mereceu Anchietta o titulo de apostolo do Brazil, e a fortuna de morrer entre os infelizes, que chamára para o gremio da Egreja catholica, e educára na religião de Christo.

Que maiores vocações, e mais extraordinarias e sublimes abnegações, se encontram na historia antiga e moderna?

É ponto arredado de duvida que foram os Jesuitas as vedetas avançadas e sentinellas perdidas da milicia da religião, e da civilisação, em todos os sitios descobertos pelos Portuguezes. Tinham prestimo para tudo. Commettiam sacrificios de vida. Passavam transes amargurados nos desertos. Padeciam frios, fomes e somnos, com o fim de conseguirem a unidade da fé, e a solidariedade moral das familias do genero humano, e arreba-

nharem os corpos e os espiritos dos gentios para as crenças e preceitos da Egreja catholica. Trabalhavam com as suas proprias mãos no estabelescimento das aldeias. Ensinavam a todos, abrindo escolas e collegios, aonde aprendessem os naturaes do paiz a lingua portugueza, doutrina christã, grammatica, e as noções primarias dos conhecimentos humanos. Baptisavam, casavam, e celebravam os sacramentos divinos, prégando aos ignorantes, e illustrando-lhes a intelligencia. Aconselhavam, protegiam, e moralisavam, pelo exemplo e pela acção. Defendiam e sustentavam a liberdade de todos, oppondo-se ás violencias, e fulminando os crimes e vicios que se infiltravam n'essa nova sociedade colonial, composta de elementos heterogeneos, que cumpria nivellar e regularisar.

Devem-se aos Jesuitas as primeiras escolas de instrucção que se estabelesceram no Brazil. Foi sua obra o reconhecimento legal da liberdade dos gentios, que proclamaram os monarchas portuguezes. Conseguiram com os seus conselhos, as suas exhortações, e as denuncias, que davam á corôa, que se não manchassem os nomes dos chefes portuguezes com violencias, crimes e atrocidades, como as que commetteram contra os miseros indigenas da America Hespanhola os Bovadillas,

Almagros, Balboas, Pizarros, e Valascos, de execravel memoria (1).

Prima n'isto uma distincção notavel entre as duas nações conquistadoras. Si appareceu entre os Portuguezes um Maciel Parente ou Pedro Coelho, que praticaram arbitrariedades contra os Brazis do Norte, castigou-os a Corôa, e não passam elles de uma quasi imperceptivel excepção na ordem dos chefes portuguezes; emquanto que inventaram os Castelhanos os mais descommunaes supplicios para se alagarem no sangue innocente dos Americanos, e extinguir-lhes a raça, não lhes bastando as caçadas por meio de cães de fila, e o exterminio no meio e fóra dos combates sem que poupassem sexo e nem edade. Diversa é a historia da conquista do Brazil das chronicas sanguinarias do Perú, da Columbia, do Mexico, do Chile, e de Guatemala, aonde quasi nem-um effeito produziam as fulminações de Las Casas, e nem-uma influencia logravam os Jesuitas.

(1) Para se conhecer a crueza dos Hespanhóes na conquista da America, basta ler-se o seguinte extracto de uma carta de Las Casas sobre a America central : « Massacram as crianças, e quebram-lhes as cabeças com pedras. Tiram em vida as pelles aos principes e reis, e atiram-nos aos cães. Queimam vivos os pobres. Os poupados são condemnados ao mais duro captiveiro. Carregam cargas superiores ás forças, e morrem. Só em Honduras mais de duzentos mil foram massacrados. Sobretudo Diogo de Valasco não poupava quem lhe cahia nas mãos. Matou mais de treze mil. »

Posto decorresse o seculo XVI por entre os trabalhos materiaes do primeiro estabelescimento, e as lidas de guerra continuadas contra os povos originarios do paiz, e os povos europeus, que ambicionavam a conquista portugueza, notaveis já na historia se tornaram alguns homens nascidos no Brazil, como foram os guerreiros Jorge de Albuquerque Coelho, Dom Francisco Rolim de Moura, e Salvador Correia de Sá e Benavides; o historiador Manuel de Moraes e o poeta Bento Teixeira Pinto. Perdêra entretanto Portugal, em 1580, a sua independencia, e se accurvára ao sceptro e jugo de Felippe II de Hespanha. Emquanto soffreu a mãe patria o duro captiveiro dos sessenta annos, padeceram tambem todas as suas colonias, pelo abandono em que cahiram. As da Asia passaram-se para poder extranho, e nunca mais se reivindicaram. As da Africa conservaram-se estacionnarias pelo pessimo clima, que as bafejava. Commeçou o Brazil a rehabilitar-se, e progredir, depois que a Casa de Bragança se apossou da corôa e do trono de Portugal, que encontrou nos seus povos appoio e sympathia para o movimento revolucionario de 1640.

Foi de então em diante que as armas, as lettras, e as sciencias ganharam terreno no Brazil. Verdade é que por vezes estremecia o governo da

metropole ao espectaculo, que espontaneamente se desenvolvia na sua conquista, e oppunha aos seus progressos medidas impoliticas, como eram a prohibição aos extrangeiros de se communicarem com a colonia; e aos nacionaes de se empregarem em objectos, que produzia a metropole. Acanhava-se o progresso da agricultura. Feixava-se a porta á industria, prohibindo-se fabricas. Regulamentava-se toda a vida civil dos moradores sob o jugo destruidor da mais perniciosa centralisação. Monopolisava-se o melhor das producções. Creavam-se privilegios extravagantes, que matavam todo o espirito de empresa, e de melhoramento. Chegou até a metropole a oppôr-se á emigração europea, com o receio de despovoar-se o reino, e augmentar a colonia (1).

Em despeito porém de semelhantes providencias, crescia a conquista, e apresentam os annaes portuguezes do seculo XVII nomes de prégadores, guerreiros, poetas, litteratos, e politicos, que tiveram seu berço no Brazil, e que primaram na terra que produzíra Camões, Corte-real, Ferreira, Vieira, Fernão-Mendes, João de Barros,

(1) Na *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro*, tomo I, miudamente se dá conta da quantidade de decretos, leis, alvarás, etc., que formavam a legislação peculiar do Brazil quando colonia de Portugal, a respeito da administração politica, civil, e militar, da agricultura, industria, etc., etc.

João de Castro, Mendes Pinto, Duarte Pacheco, e tantos outros homens de estado, navegantes, militares, jurisconsultos, e poetas, que não têm inveja aos de nem-uma nação do mundo, mais populosa ainda, e mais civilisada.

Percorram-se as paginas das chronicas das colonias de Inglaterra, das possessões francezas, dos dominios hespanhóes e hollandezes. Nem-uma d'ellas offereceu porém e logo ao principio uma tão ricca e opulenta lista de naturaes illustres, como o conseguíra o Brazil. Não lhe fornecia entretanto Portugal o menor alimento intellectual. Vinham procura-lo ao reino europeu para ennobrecer-se. Atravessavam os mares para se aperfeiçoarem nos estudos litterarios ou scientificos. Confundiam-se com os nascidos na metropole para formarem uma só pleiade de engenhos selectos.

A eloquencia e a philosophia, tão realçadas pelo grande Antonio Vieira, que extasiava com a sua magica palavra os habitadores de Portugal, de Roma e do Brazil, teve interpretes dignos do mestre, e que a aura aquecida do solo americano bafejára ao nascer. Apoz as expressões de fogo, que sahiam dos labios do Jesuita tão justamente celebrisado, merecem ainda attenção, e tem elevado preço, a sciencia e oratoria do padre Manuel de Macedo, de Antonio de Sá, de Antonio Pereira,

de Angelo dos Reis, de frei Francisco Xavier de Santa Theresa, e de outros talentos brilhantes, que não serão esquecidos pela posteridade, e formam parte da gloria litteraria do Brazil e de Portugal.

Nas sciencias historicas, moraes, e theologicas, notam-se com ufania frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pitta, padre Prudencio do Amaral, e José Pereira de Santa Anna.

Quando foram os Hollandezes expellidos de Pernambuco pelas victorias de André Vidal de Negreiros, de Mathias de Albuquerque, de João Fernandes Vieira e de Antonio Felippe Camarão, um Brazileiro comsigo os acompanhou para a Europa, Jacob de Andrade Vellosino, que lá ganhou nomeada como medico distincto e naturalista perspicaz, e foi digno discipulo de Pizon e Margraff. Posto longe da patria vivesse e morresse, sem deixar-lhe uma saudade nas obras que escrevêra, não lhe olvidará ella o nome que adquiríra entre extranhos.

Na poesia primaram, e primarão sempre os povos dos paizes aquecidos pelo sol dos tropicos, que parece infiltrar na atmosphera uma inspiração de fogo. É a poesia uma fonte perenne de delicias, que brota no Brazil. Faz a natureza poetas aos Brazileiros. Inspira-os ao balbuciar a pri-

meira palavra. As arvores colossaes; as flôres multiformes e perfumadas, que matizam os bosques e os campos; as aves de tão variadas côres, e tão exquisitos feitios; os rios, as cascatas, as montanhas, e os prados; o mesmo limpido céo, que, como manto azul claro, os acoberta; a propria atmosphera pura, suave, e doce, que lhes sorri desde a infancia, e alegre e prazenteira os vivifica, e ampara em todas as estações e tempos; e o oceano magestoso, que se estende pelas suas arenosas e alvadias praias, chora e brinca, geme e folgueia; tudo emfim lhes aquece a immaginação, lhes eleva o pensamento, lhes exalta o enthusiasmo, e lhes abre as azas aos vôos do espirito, soberbo filho do céo, que purifica e divinisa o homem.

Lamentamos porém de coração; declaramos com sentimento profundo de dôr, que os poetas colonos, em vez de desprenderem as suas vozes, livres como a aragem folgazona do vento; em vez de largarem os vôos á uma immaginação inspirada, como as cadeias ao prisioneiro; em vez de com o pensamento percorrerem esse mundo novo, todo de grandeza e de magestade, todo de imagens e de phantasia, mundo admiravel que o céo puro, como a pura virgem, abria aos olhos do filho do paiz; não passavam infeliz-

mente de copistas imitadores dos vates lusitanos, e preferiam celebrar os amores cavalheirosos dos galhardos Portuguezes, seus combates e lidas de guerra, antes que as bellezas naturaes do Brazil, e os feitos immensos e memoraveis, que n'esta colonia se praticavam.

As lidas e combates de guerra entretanto, que elles descantavam; os arnezes de ferro; os pesados e fortes escudos; os elmos e capacetes, rijos como o bronze, e sobre os quaes batiam em vão as espadas e as lanças, que se desfaziam em pedaços; as formosas justas e torneios, que tanto enthusiasmavam então os filhos do Brazil; não pertenciam de certo á sua historia nacional; eram cousas, que conheciam apenas pelas tradições e contos, e esqueciam os combates pittorescos das tribus dos gentios; as mães que fugiam aos inimigos, carregando ás costas a familia toda; as habitações frageis e moventes, que se erguiam por toda a parte, ao clarão dos astros, ao brilhantismo da lua, ás sombras da palmeira; os cocares multicores, que denunciavam a destreza dos braços, e a flexibilidade dos arcos; as vestes pittorescas dos gentios, recamadas de pennas de mil passaros incognitos, que as flechas haviam derribado; as dansas extravagantes em torno de fogo, que os animava e inspirava; e a coragem socegada

de homens, que vêm morrer a seu lado, ao som de um estouro, que desconhecem, os pais, filhos e amigos, e sem esperança de victoria, e antes com intenção firme de preferir a morte ao captiveiro, avançando para os combates azedos, e entregando-se ás espingardas dos Portuguezes! Não haveria n'este quadro mais inspiração, e muito mais poesia?

Infelizmente tambem se perderam de todo muitas obras, de que nos fallam alguns escriptores, e nomeadamente Diogo Barbosa Machado, na sua estimavel *Biblioteca lusitana*, porque nunca permittiu o governo portuguez que funccionassem typographias no Brazil. A unica que pelo meiado do seculo XVIII ousou estabelecer por sua conta no Rio de Janeiro um Antonio da Fonseca, protegido pelo governador Gomes Freire de Andrade, foi mandada feixar, por ordem vinda da metropole, apenas lá lhe chegou a noticia da sua fundação. Não conseguímos, por esta razão, os nomes de todos os Brazileiros que se distinguiram, e que pelas imprensas da mãe patria não puderam legar-nos os seus escriptos.

Cumpre todavia reivindicar para gloria da patria nomes esquecidos até aqui, e que mereceram as honras e o respeito dos seus contemporaneos, e têm direitos perfeitos á estima dos seus vindouros.

Brilham já na primeira linha dos poetas da lingua portugueza do seculo XVII Bernardo Vieira Ravasco, Gregorio de Mattos Guerra, e seu irmão Eusebio de Mattos, nascidos em diversos pontos do Brazil. Apparecem muitos outros na segunda plana, que são dignos de recordação.

É incontestavel que foi o seculo XVIII que deu maior desenvolvimento ás luzes e civilisação do mundo, pelos conhecimentos encyclopedicos, e derramamento de instrucção,diffundida por todas as classes da sociedade. De França partia todo o impulso para o resto da Europa, e para as demais nações do globo. Voltaire, Rousseau, Montesquieu, constituiam os astros brilhantes em torno dos quaes resplandeciam, como satellites, Hume, Robertson, Gibbon, Lessing, Wieland, d'Alembert, e Beccaria. Acompanhava-lhes egualmente Portugal a marcha com Antonio Diniz da Cruz e Silva, Pedro Antonio Correia Garção, Domingos dos Reis Quita, Portuguezes de berço, e com Antonio José da Silva, José de Santa Rita Durão, José Basilio da Gama, Claudio Manuel da Costa, Antonio Pereira de Souza Caldas, e outros homens notaveis, originarios do Brazil.

Seguiram em geral tambem os litteratos brazileiros as mesmas pisadas dos litteratos portuguezes. Confundindo-se perfeitamente uns com

os outros, deixavam-se todos arrastar pela influencia franceza. É fado que até este seculo que ora decorre, tendo o Brazil produzido tantos e tão grandes engenhos, a todos ou a quasi todos se póde dirigir a censura de serem copistas dos escriptores europeus, e de se não entregarem ao livre vôo de sua immaginação romanesca.

Commeçava entretanto o Brazil a desenvolver-se e engrandecer-se. Pesava a colonia já na balança, pela sua riqueza, e pelos seus rendimentos. Olhava Portugal para o Brazil, como a sua parte mais importante e necessaria. Repetia-se na Europa o seu nome. Recebia ella os seus productos pelas praças e portos da metropole, e posto se não communicasse directamente com a colonia, aprendêra a aprecia-la como paiz opulento e esperançoso.

Embora fallassem os seus habitantes a mesma lingua, tivessem os mesmos habitos, e adoptassem os mesmos costumes; fossem todos, por assim dizer, da mesma familia, filhos uns dos outros, entrelaçados, unidos por sangue, e intimas affinidades; como que todavia o seculo XVIII preparava a separação dos dous reinos; dizia-se já Brazileiro para especificar o Portuguez, que nascêra na America.

Não escapára já anteriormente este facto no-

tavel a varios espiritos elevados. Dom Pedro da Cunha aconselhára, no seculo XVI, ao pretendente Dom Antonio, que se passasse para o Brazil, creasse um imperio na colonia portugueza, fundasse ahi a sua côrte, e d'ahi movesse e sustentasse a guerra contra Felippe II da Hespanha. O padre Antonio Vieira gaba-se de ter insinuado a remoção da séde da monarquia portugueza para o Brazil, como meio mais efficaz de oppôr barreiras á desmembração do reino.

A Hespanha propôz egual alvitre a Dom Pedro II, no intuito de terminar a guerra, e ficar-lhe Portugal como provincia, segurando um trono para a Casa de Bragança. Luiz da Cunha, diplomata distincto de Dom João V, aconselhou ao seu soberano que para mais forte se conservar o trono, e a monarquia portugueza, fundasse no centro das suas possessões, tirando-a da Europa, a capital dos seus Estados.

Cahem porém os homens e corre o destino por cima de suas obras sem que seja dado á mente humana descobrir e advinhar futuros.

E porque olvidaram os nossos poetas e escriptores do seculo XVIII as côres e bellezas da patria trocando-as por côres e bellezas alheias? Como não exprimiram uma ideia ainda em embrião, e que commeçava já todavia a comprehen-

der o povo do Brazil, a sua regeneração politica, e a sua futura nacionalidade, visto como no correr do seculo XVIII varias tentativas de independencia se commetteram, posto inutilmente?

Si por um lado temos queixas contra a maioria dos escriptores brazileiros, que só descantavam as aguas do Tejo, do Douro, do Minho, e do Mondego, e as pastoras da Beira, cobrindo suas inspirações e devaneios com imagens da mythologia grega, segundo o gosto classico do tempo, cumpre advertir tambem por outro lado que lá lhes escapavam ás vezes dos labios canticos e reminiscencias do solo natal, que os perseguia e angustiava, e no meio de suas ficções se lhes apresentava como phantasma, espertando-lhes um momento de desesperação, mas momento bello e poderoso.

A litteratura brazileira do seculo XVIII foi uma copia da portugueza, como já era esta uma copia da franceza. Atravez do seu prisma reconhecem-se porém a sua nacionalidade, e a sua origem sagrada.

Salpicam-lhe ás vezes as côres matizes tropicaes, que a denunciam. Em outras occasiões rasgam-lhe os vôos certos e visiveis signaes, que como os arcos-iris enfeitam a atmosphera, e attrahem os olhos. Apparece de quando em quando uma tal meiguice, ou molleza propria do

clima, que se afigura um dormitar feiticeiro e delicioso, que não escapa ao conhecedor, como o aroma oriental, tão conhecido hoje ao olphato europeu. Por baixo das suas imitações fulgura um traço original, que a proclama americana, como dos olhos da donzella resplende a faisca, que a torna logo apreciada.

Primaram os Brazileiros ao lado dos Portuguezes em todos os conhecimentos humanos : nos escriptos, e em feitos notaveis, uns com os outros rivalisaram, inspirando-se com identico enthusiasmo.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, José Marianno da Conceição Velloso, Manuel de Arruda Camara, Alexandre Rodrigues Ferreira, Francisco de Mello Franco, João da Silva Feijó, frei Leandro do Sacramento, Manuel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá, José Bonifacio de Andrada e Silva, e Antonio Nola, illustraram as sciencias naturaes, e contribuiram com muitos estudos importantes, e valiosissimos descobrimentos, para honra e renome seu, e da nação portugueza. Adquiriram brilho às sciencias sociaes e politicas, historicas, philosophicas e economicas, com a apparição de Alexandre de Gusmão, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Gaspar da Madre de Deus, Dom Francisco de Lemos de

Faria Pereira Coutinho, Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, José de Souza Azevedo Araujo Pizarro, Manuel Ayres do Casal, José da Silva Lisboa e Antonio de Moraes e Silva.

Tocou a eloquencia a méta do seu apogeu nos sermões admiraveis de Antonio Pereira de Souza Caldas, e de frei Francisco de São Carlos, dignos discipulos dos mais famosos Padres da Igreja.

Não tinha ainda apparecido Lamartine com seus canticos religiosos, seus hymnos de enthusiasmo, e seus suspiros de arrobo mystico, e já um poeta brazileiro, Antonio Pereira de Souza Caldas, tangia essa corda harmoniosa da lyra moderna. Sua alma grande como o universo, sua immaginação vasta como o pensamento de Deus, e melancholica como o som da harpa no meio da escuridão das trevas; lhe haviam inspirado a poesia sublime do christianismo, e descoberto um mundo novo de ineffaveis delicias.

Não tinha vindo electrizar ainda os espiritos europeus em favor dos gentios da America o celebrisado romancista Fenimore Cooper, e já nos seus dmiraveis poemas descantavam José de Santa ita Durão e José Basilio da Gama os usos e stumes extraordinarios, a vida e curiosas aventras dos gentios do Brazil, descortinando, aos

olhos do vulgo, os combates que entre si travavam, e os que sustentaram contra os Portuguezes, invasores das terras por elles occupadas.

Claudio Manuel da Costa, e Januario da Cunha Barbosa, ao passo que acompanhavam as inspirações dos poetas portuguezes da Arcadia, quasi que se não differençando de Antonio Diniz e de Garção, lá viam luzir-lhes todavia, como um relampago, uma ideia nacional, que se traduzia no poema *Nictheroy*, e no cantico do *Ribeirão do Carmo*.

Creava-se assim com o tempo, com as luzes da epocha, e com a marcha das ideias uma instinctiva tendencia da colonia para a sua emancipação. Por vezes se manifestou ella, realisando actos materiaes, que se mallograram, porque tempo não era ainda de dividir-se e desmembrar-se a monarquia e a familia portugueza. Quando porém, fugindo da Europa, procurou no Brazil a côrte portugueza um refugio contra as pretenções de Napoleão Bonaparte, que accurvára os seus dominios europeus, mudaram-se de todo as scenas. Metropole se tornou a antiga colonia. Da liberdade commercial, que concedeu o principe regente aos portos do Brazil, resultou uma independencia de facto, que o direito necessariamente teria de sanccionar. Com a residencia da soberana

e da côrte no Rio de Janeiro, adquiriu o paiz os costumes e a indole monarquica, que, na sua emancipação, conseguiu conservar. Com as luzes e a civilisação, que se lhe internaram por todos os poros, almejou instituições livres, que realisou na sua independencia politica.

Sob novo aspecto resplandeceu no horizonte o seculo XIX. Foi para o Brazil a epocha da independencia e da liberdade. Entre as nações tomou logar, quebrando as cadeias coloniaes, que o ligavam á metropole. A velhas usanças, e a instituições antigas succederam ideias novas e de progresso. Viu por si, comprehendeu e julgou as cousas. Marchou, avançou com suas proprias forças, e sentiu por todos os poros espraiar-se-lhe a civilisação, que espontaneamente o exaltou e engrandeceu.

É o seculo XVIII o mais apropriado para a historia, para a philosophia, para a critica, e para as sciencias sociaes e economicas. É a epocha do desenvolvimento material, e das artes. É a éra egualmente da poesia livre, que presta o seu colorido, a sua elevação, e a sua perspectiva tudo quanto a rodeia, e se realisa no mundo.

Cumpre-nos a nós, que nascêmos com o selo XIX, acompanha-lo na carreira extraordiria, que leva, e que tanto o distingue dos seus

antecessores; arrancar do seio dos arquivos do passado os documentos, que esclarecem a nossa historia; illustra-lo pelas artes, e pelas sciencias; reivindicar as nossas glorias; levantar monumentos da nossa civilisação; e mostrar que não ficamos atraz dos progressos intellectuaes, moraes, e materiaes, por que ancía fulgurar o nosso tempo, e com que espantará de certo aos nossos posteros pelos seus portentosos descobrimentos, adiantados estudos, e aspirações nobres, livres, e elevadamente cosmopolitas.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIAES.

SECULO XVI.

I.

JOSÉ DE ANCHIETTA.

I.

No seio do Oceano Atlantico, mais proximas da Africa que da America, correndo de 26 a 30 gráus de latitude Norte, existem disseminadas, e quasi que symetricamente collocadas, umas vinte ilhas, de todas dimenções, e da mais encantadora physionomia. Haiam sido visitadas já pelos Phenicios e Romanos. Eram nhecidas por Estacio Seboso e pelo rei Juba. Fazem ellas comprida menção Plinio e Ptolomeu, dando-lhes

o nome de Ilhas Afortunadas. Consideravam-se os seus habitantes descendentes dos Getulos e dos Libyos, que residiam nas costas fronteiras da Africa.

Desde que se desmoronou o Imperio Romano, e desappareceu na noite da edade media, perdeu a Europa o conhecimento d'estas ilhas. Decorreram muitos seculos até que uns aventureiros castelhanos, pelo meiado do anno de 1395, as descobriram de novo. Dom Henrique III, rei então de Castella, denominou-as Canarias, e fez d'ellas doação a um barão da Normandia, chamado João de Béthencourt, para que as lograsse como feudo de sua monarquia.

Travou João de Béthencourt guerras prolongadas contra os seus habitadores. Cansado, e exhausto de forças, vendeu, pelos annos de 1416 a 1420, o seu direito e posse a Dom Henrique de Viseu, infante de Portugal, e filho d'ElRei Dom João I. Seguiram-se luctas sanguinarias entre os novos conquistadores enviados pelo infante, e os indigenas, que se defendiam valorosamente. Vencidos estes por fim, foram compellidos á submetter-se. Tornou-se o archipelago das Canarias, durante o reinado de Dom Fernando e de Dona Isabel, possessão indisputavel da corôa hespanhola.

É Teneriffe uma d'estas ilhas, a maior, a mais cultivada e populosa. Distingue-se pela elevação do seu pico, que sobe onze mil quatrocentos e vinte quatro pés acima do nivel do mar. A quarenta leguas de distancia, quando o horizonte está sereno e puro, e nemuma nuvem esconde a claridade do dia, costumam os

navegantes descobrir essa elevada montanha, de origem volcanica, que ergue magestosamente a sua cabeça, e some-a nas immensuraveis alturas, aonde não alcança a vista humana.

Quando em 1516 tomou posse do trono das Hespanhas Dom Carlos de Gand, neto e successor de Dom Fernando de Aragão e de Dona Isabel de Castella, tão conhecido na historia pelo nome de Carlos V, lavrou porfiada sedição em todo o reino, que hesitava em aceita-lo como seu rei e soberano. Proscripto, e finando-se na miseria, acabou Ximenes, o cardeal ministro, que, durante o preterito reinado, fizera tanto sobresahir a gloria de Hespanha, quer animando Christovam Colombo nas suas brilhantes expedições, de que tantas vantagens provieram ao mundo, quer expellindo para sempre da Europa os cavalheirosos Arabes, que abandonaram o seu ultimo reducto de Granada. Morreu no cadafalso João de Padilla, que á testa dos Communeros ousára atacar o novo soberano, acabando assim com elle as franquezas do povo, e o sistema quasi representativo das antigas côrtes. Emigrou de Hespanha grande parte da nobreza, refugiando-se nos Estados vizinhos.

Procurou então asilo em Teneriffe um Anchietta, de linhagem pura de Guipuzcôa, e de sangue biscainho. Pertencêra aos communeros, e, como todos os seus companheiros, se exilava da patria. Ali encontrou repouso, estabeleceu-se, casou-se, e esqueceu-se de suas passadas grandezas.

Nasceu José de Anchietta em 1533, fructo do matrimonio d'esse communero castelhano com uma indigena das Canarias.

Foi sua educação dirigida por seu pai. Aprendeu a ler e a fallar a sua lingua, os rudimentos do idioma latino, as explicações da doutrina christã, e alguns visos longes de litteratura tanta quanta possuiam os fidalgos mais illustrados de Castella d'aquella epocha.

Revelou o joven Anchietta talentos brilhantes, e deu motivos ás mais lisongeiras esperanças. Perspicaz e engenhoso, aprendia com rara facilidade, e entendia cousas, que parecem comprehensiveis apenas em edades mais avançadas. Realisava-se n'elle o pensamento philosophico de que o espirito divino dorme na planta, sonha no animal, e vive acordado no homem. Sisudo e reflectido, estudava os livros escriptos pelos homens, e folgava de procurar a solidão, entranhar-se pelos penedos de sua ilha natal, e abrir o livro da natureza, que contém paginas mais sublimes. Os seus olhos encontravam ali o grande e admiravel panorama de um céo limpido e claro; um oceano vasto e magestoso, como a ideia da eternidade; e a terra que se sumia no meio d'elle como um atomo perdido no espaço.

Como não havia de harmonisar-se a sua alma com a natureza, si desde que lhe sôou aos ouvidos o primeiro som da harpa da vida, a grandeza das obras de Deus se lhe manifestou aos olhos? O céo, o mar, e a sua ilha natal pareciam-se tres irmãs, que doce-

mente se abraçavam e beijavam. Manifestavam-se todos os esplendores mysteriosos da magestade divina, desde a planta que vegeta; a flôr que desabrocha; o fructo que cresce; o passarinho que gorgeia os seus amores; o rio que sáhe da terra, e ao mesmo tempo a rega, e fertilisa; a vaga, que murmura sobre o rochedo; e a briza, que enverga os ramos das arvores, até ao mais elevado phenomeno da vida.

Leu perfeitamente o velho communero no coração e na intelligencia do filho. Conheceu a fortaleza de sua alma, e a transcendencia do seu engenho; e a tão preciosas qualidades tratou de dar o necessario desenvolvimento.

Era então conhecida já a universidade portugueza, fundada em Lisboa, no anno de 1290, por ElRei Dom Diniz, e definitivamente fixada em Coimbra em 1537 por ElRei Dom João III, que reformando-a com novos estatutos, e dotando-a com o melhor pessoal e o mais habilitado do tempo, applicou-lhe rendas sufficientes, á fim de que rivalisasse, na sciencia, com as universidades de Salamanca e Alcalá, que gozavam de grande nomeada.

Na edade de quatorze annos foi José de Anchietta enviado por seu pai para a universidade de Coimbra á fim de cursar as suas aulas. Nem-um estudante comportou-se melhor na sua vida escholastica. Era elevada a sua moral, puros os seus costumes, e a sua religião profunda e sincera. Attrahiram-lhe os seus actos universitarios excellente reputação e a estima

dos mestres. Admiravam-se geralmente o som harmonioso da sua voz, a delicadeza das suas expressões, a agudeza dos seus pensamentos, e a eloquencia das suas praticas.

Tiveram os Jesuitas noticia dos exquisitos talentos de José de Anchietta. O provincial Simão Rodrigues percebeu quanto ganharia o instituto com a acquisição de um estudante que promettia tanto. Folgava a Companhia de attrahir para o seu gremio as intelligencias superiores. Procurou-o logo o provincial; e tratou de convence-lo que não podia seguir carreira mais propria e gloriosa que a da Companhia de Jesus.

Havia ella sido fundada em 1534 por Ignacio de Loyola, Hespanhol de tanto valor pessoal, como de subido engenho. Em 27 de Septembro de 1540, obtendo do papa Paulo III a bulla *Tangimini militantis ecclesiæ*, que sanccionava a sua instituição, deu-lhe o fundador a mais feliz e admiravel organisação. Constituiu a Companhia um governo proprio, funccionando espontaneamente. Foi a sua séde, capital ou centro a cidade de Roma, residencia do geral, autoridade absoluta e illimitada. Era o Pontifice romano o chefe da christandade, e o geral dos Jesuitas o chefe da Companhia. Comprehendia a christandade a maior parte do mundo então conhecido. Estendeu tambem a Companhia o seu poder e a sua influencia sobre a maior porção do globo, creando institutos em Portugal, Allemanha, Hespanha, França e Paizes-Baixos, para o fim de defender o catholicismo contra a reac-

ção protestante, que se levantava, e ia ganhando terreno; e enviando missões a Fez, ao Congo, á China, ao Japão, a Marrocos, e aos demais pontos do mundo, que se descobria, no intuito de desenvolver a religião catholica, e augmentar-lhe os proselytos. Tinha o Papa o seu collegio de cardeaes. Cercava-se o geral dos seus consultores. Dividia o Papa os seus dominios em arcebispados e bispados. Convertia o geral dos Jesuitas cada um reino em provincia; á testa da provincia collocava um chefe, com o nome de provincial, e que lhe era inteiramente subordinado; dividia-se ainda a provincia em collegios com reitores, que prestavam obediencia áo provincial. Costumava o Papa mandar syndicar por emissarios de sua confiança os acontecimentos da sua grei, e o procedimento de seus prelados. Nomeava egualmente o geral, e quando lhe convinha, padres visitadores, que viajavam o mundo, e lhe participavam todos os progressos da Companhia. Foram n'essa epocha o Papa e o geral dos Jesuitas as maiores potestades da epocha, porque na sociedade preponderava o espirito religioso, e ambos os chefes se mostravam movidos de egual interesse em sustenta-lo e propaga-lo.

Parece que não teve infancia a Companhia de Jesus. Sahiu cheia de fôrça e de vigor das mãos de Santo Ignacio, como sahiu o homem das mãos do Creador. Veio á tempo proprio para auxiliar a Santa Sé nas luctas, que contra ella feria a heresia, e para firmar as conquistas, que commettiam os monarchas catho-

licos nas terras, que descobriam. Possuia em seu seio e chamava para seus socios os maiores engenhos da epocha. Fundava collegios para a educação. Abria aulas de instrucção primaria, secundaria e superior, quer para os membros da associação, quer tambem, e gratuitamente, para o povo. Soccorria a todos os infelizes e necessitados. Prégava por toda a parte obediencia ás autoridades, respeito á lei, amor á religião. Nas affeições, nas sympathias e na gratidão, escorava-se a reputação da Companhia, e se desenvolvia a sua influencia.

A Dom Manuel o Afortunado succedêra, em 1522, no trono portuguez, Dom João III. Foi quem abriu á Companhia as portas de Portugal, e a protegeu mais que qualquer outro soberano da Europa. Deu-lhe pensões do thesouro publico, casas gratuitas para residencia de seus socios; e sendo seu principal intuito obter sujeitos capazes de derramar o conhecimento da religião catholica pelos paizes, que os Portuguezes haviam descoberto e conquistado, concedeu á Companhia ampla liberdade de enviar para elles as suas missões, fundar ali os seus collegios, e dirigir o culto e a instrucção publica em todos os Estados asiaticos, africanos e da America.

Era então a nação portugueza a mais pequena da Europa em territorio, uma porém das mais poderosas pelo commercio, navegação, riqueza e dominios coloniaes. Desde que o infante Dom Henrique de Viseu emprehendeu expedições maritimas, e já á sua custa,

já á expensas do real erario, conseguiu descobrimentos importantissimos para a corôa e para o paiz; enthusiasmaram-se os Portuguezes por conquistas e viagens, e não contentes com o sorrir da victoria pelas terras dos Agarenos de Fez, Marrocos e Trudante, atiraram-se denodadamente aos mares, e do seu seio levantaram, como feiticeiros, novos mundos até então ignorados.

Foram por elles encontradas as ilhas da Madeira, Porto-Seguro, Açôres, São Thomaz, Cabo-Verde e Anno-Bom, toda a costa do Congo e Mina. Muito além do cabo Bojador, dobrou Vasco da Gama o formidavel promontorio que Bartholomeu Dias avistára pela primeira vez, abrindo assim a seus compatriotas espantados o immenso e colossal commercio da India. Para completar tão gloriosa collecção de riquezas admiraveis e novas, dotou ainda Pedro Alvares Cabral o seu paiz com o magnifico continente do Brazil, que, aos 22 de Abril de 1500, descobríra inesperadamente na derrota, que talhava para a India, procurando continuar as cónquistas que aquelle feliz argonauta conseguíra effeituar.

Por toda a parte tremulou victoriosa a bandeira portugueza. Em Gôa, Sofala, Diu, Damão, Ceuta, Tangere, Ceylão, Alzira, Moçambique, Mascate, Melinda, Ormuz, Calicut, Malaca, Sumatra, Borneo, Timor e Java. Ao apogeu de grandeza elevaram o nome e o dominio dos Portuguezes a pericia de Dom Affonso de Albuquerque, a ardideza de Dom Fran-

cisco de Almeida, e o valor denodado de Dom Duarte Pacheco.

Não importava que esses homens, em cujas veias parecia correr o sangue, e no espirito scintillar o fogo dos heróes de antigas éras, morressem quasi todos abandonados pela ingratidão, ou atirados na miseria. Era então a terra de Portugal fecunda em grandes homens. Appareciam novos para substituirem aos antigos. Como as phenix, renasciam heróes das cinzas de outros heróes. E si um ou outro, como Fernão de Magalhães, cansado de perseguições, corria a alistar-se sob estandartes de extranhos monarchas, sobravam os Fernãos Mendes Pinto, os Antonios Galvões, os Gonsalos Mendes Caçotos, os Joãos de Castro, e os Luizes de Camões, para garantirem a lealdade lusitana.

Brilhava e resplandecia por todo o mundo o nome da nação portugueza. Os Jesuitas que, desde a sua apparição, tomaram parte indirecta, mas activa, nos negocios publicos, e movidos de zelo apostolico, ardiam de levar aos confins do universo a propagação do christianismo, incitavam o monarcha e o povo para esses immensos descobrimentos, cuja historia conserva ainda nos nossos tempos tanto de poetico quanto de grandioso. Acompanhavam os Jesuitas todas as expedições maritimas, para fundarem ao pé da conquista da espada a conquista da religião.

Como poderia José de Anchietta, alma pura, religiosa, e enthusiastica, esquivar-se de pertencer a uma

Companhia cuja reputação crescia progressivamente, e cujo fim tão harmoniosamente lhe fallava ao coração? Os Jesuistas o procuraram. Entregou-se á Companhia. Exigiram-lhe o voto de castidade. Deu-o sem a menor repugnancia. Impuzeram-lhe o juramento de abandono do mundo e de fidelidade á instituição. Prestou-o com toda a sinceridade de sua alma. Em 1551, e na edade de dezouto annos, entrou José de Anchietta para a Companhia de Jesus, tomando o gráu de noviço, que era o primeiro do instituto.

E' singular a legenda immaginada pelos Jesuitas para motivar a entrada de José de Anchietta na sua sociedade. A' dar-se credito á chronica do padre Balthasar Telles (1), ás historias dos padres Simão de Vasconcellos (2), Eusebio de Nuremberg (3), Nicolau Orlandini (4), e Pedro Rodrigues (5), e á vida de José de Anchietta, que do latim de Sebastião Beretario trasladou para o castelhano o padre Estevam de Paternina (6), houve verdadeiro milagre de Deus inspirando o zelo e fervor religioso de José de Anchietta, em uma occasião em que passeava meditando tranquilla-

(1) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Simão de Vasconcellos, tomo 2.

(2) *Vida do veneravel padre José de Anchietta*, por Simão de Vasconcellos.

(3) *Varões illustres da Companhia de Jesus*, por Eusebio de Nuremberg.

(4) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Nicolau Orlandini.

(5) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Pedro Rodrigues.

(6) *Vida de José de Anchietta*, por Estevam de Paternina.

mente pelas margens alegres do Mondego. Commoveu-se de subito, ouvindo os sons lugubres dos sinos, e os canticos merencorios dos padres, que de longe repercutiam, e atravessavam os ares. Dirigiu os seus passos para a egreja da Companhia de Jesus, e, perante os seus altares, implorou humildemente que lhe abrissem as portas d'ella, como as da graça divina, e da sua salvação.

II.

Abriu a Companhia de Jesus os seus thesouros litterarios ao noviço, que anciava instruir-se. Possuia ella então, em Coimbra, a casa do Santo Nome de Jesus, que lhe fôra doada em 1542, e aonde estabelescêra classes de rhetorica, humanidades, lingua latina, theologia moral, explicação da esphera, e principios de mathematicas. Dirigia, além d'isto, o collegio das artes e estudos menores, que lhe confiára ElRei Dom João III, destacando-o do governo da universidade. A eloquencia, a poesia, a historia, as linguas mortas e a theologia, tornaram-se assim, e em pouco tempo, familiares a uma intelligencia tão perfeitamente organisada, como era a de José de Anchietta. Não se contentava porém a Companhia com os dotes do espirito. Queria obras e feitos egualmente dos seus socios. Tinha em seu seio sujeitos os mais instruidos da epocha. Exigia que fossem ao mesmo tempo homens de

acção. Precisava a Companhia de estender o seu poderio e a sua influencia, correspondendo ás vistas do seu fundador, levantando monumentos em todos os pontos do universo, e preparando homens para tudo, á fim de applica-los conforme as aptidões e vocação, que cada um manifestava.

Fôra, em 1541, enviado para a India o padre Francisco Xavier, que tão importante nomeada grangeou, e cuja vida resplandecente de feitos gloriosos escreveu eloquentemente o padre João de Lucena (1). Apenas centralisou ElRei, em 1549, o governo do Brazil nas mãos de Thomé de Souza, e para ali lhe ordenou seguisse viagem, expediu conjunctamente a Companhia os padres Manuel da Nobrega, João de Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, e dous irmãos mais, para que fundassem collegios no novo dominio da Corôa portugueza, e admittissem no gremio da Egreja catholica os indigenas do paiz, que a bulla do papa Paulo III de 1537 declarára homens livres e racionaes (2). Seguiram áquelles obreiros alguns outros, que aproveitando a companhia de Dom Pedro Sardinha, primeiro bispo nomeado para o Brazil, partiram para a Bahia no anno de 1550. Eram os padres Affonso Braz, Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva, e Francisco Pires.

(1) *Vida do venaravel São Francisco Xavier*, pelo padre Lucena.

(2) Frei Agostinho de Avila na sua *Historia do Mexico*, e o bispo de Chiappa, Dom Bartholomeu de las Casas, transcrevem essa bulla nas suas obras.

Enthusiasmaram-se os Jesuitas com as noticias que do resultado d'estas expedições chegaram ao provincial de Portugal, por elle fielmente transmittidas ao geral da Companhia. Os feitos consummados por seus irmãos entre tribus nomades e errantes de gentios, que habitavam o paiz; e os triumphos alcançados em pró da religião, attrahindo, com a influencia da palavra, e com a modestia de suas obras, a tantas ovelhas desgarradas do rebanho do verdadeiro Deus; incitavam os brios de partir para o Brazil, e provavam ao mesmo tempo a necessidade de dar-se á Companhia no novo mundo uma organisação mais regular e mais ampla.

Foi o Brazil declarado por Ignacio de Loyola provincia independente de Portugal, já bem importante, porquanto possuia, além das casas do Santo Nome de Jesus de Coimbra, do Espirito Sancto de Evora, e de Sancto Antão e São Roque de Lisboa, diversas outras residencias nas cidades de Braga, Porto e Bragança, com sobejo numero de socios. Foi o padre Manuel da Nobrega nomeado para provincial do Brazil; e ordenou-se partisse de Portugal e de Hespanha a maior copia possivel de Jesuitas para tão importante missão.

Em 1558, seguiu viagem Dom Duarte da Costa, para substituir no governo do Brazil a Thomé de Souza, que findára o seu quatriennio, e se devia recolher ao reino. Com o novo governador embarcaram-se os Jesuitas Luiz da Grã, Braz Lourenço, Antonio Pires, e varios socios, ainda no gráu de irmãos, entre

os quaes se contava José de Anchietta, que, ardendo de ambição de passar-se para o Brazil, conseguíra dos seus superiores as licenças respectivas.

Importantes serviços havia Thomé de Souza, primeiro governador do Brazil, e esforçado cavalleiro das guerras d'Africa e d'Asia, prestado á corôa durante a sua administração. Quando, em 1549, chegou á Bahia, achava-se dividido o paiz em pequenos feudos, com o titulo de donatarias. Pela maior parte, tinham sido infelizes os donatarios. Perderam uns todas as suas riquezas; e outros a sua vida; procurando, no meio de bravias nações de gentios, formar estabelescimentos, que continua e desapiedadamente soffriam combates trahiçoeiros, e inesperados assaltos dos indigenas. Muitos nomes celebres da historia portugueza viram desapparecer no Brazil a sua gloria, e murchar os seus louros, tão valentemente colhidos nas guerras d'Asia e d'Africa. Morreram á frexadas Francisco Pereira Coutinho, donatario da Bahia, e Ayres da Cunha, senhor de uma capitania do Norte. Pedro do Campo Tourinho, donatario do Porto Seguro; Vasco Fernandes Coutinho, do Espirito Sancto; Pedro Lopes de Souza, de Itamaracá e Sancto Amaro; Pedro de Góes, de São Thomé; e João de Barros, do Maranhão, perderam toda a sua fortuna, além de muita gente, com que procuraram colonisar as terras que lhes haviam sido concedidas. Martim Affonso de Souza, donatario da capitania de São Vicente, e Duarte Coelho, da de Pernambuco, consideram-se os unicos talvez que tira-

ram proveitos das suas concessões, segurando o seu dominio no solo que lhes coube em partilha.

Eram pequenos Estados, sem força para resistir ao crescido numero de gentios, distantes uns dos outros, zelosos uns dos outros, e não se podendo mesmo soccorrer mutuamente. Assisadamente procedeu Dom João III chamando estes feudos á corôa, indemnisando os seus proprietarios, ou successores; centralisando o governo de todo o immenso continente de Santa Cruz nas mãos de um só homem; e collocando directamente o trono á frente da colonisação do novo Estado.

Achou Dom Duarte da Costa unidade e regularidade na administração. Encontrou os gentios vizinhos accommodados, e em paz com os Portuguezes; e o governo habilitado para resistir aos ataques d'aquelles, que lhe eram infensos ainda. E o que é mais precioso para uma auctoridade, rodeiava-a immensa força moral, que a fazia respeitar de todas as nações brazilicas.

E não fôra este resultado venturoso devido unicamente ao valor e á espada. Posto servissem ao governador os soldados e colonos, ganhando-lhe terrenos, e estendendo o seu dominio, os feitos dos padres da Companhia de Jesus iguaes senão superiores vantagens traziam á corôa lusitana.

Viviam de esmolas os Jesuitas; vestiam-se de algodão; andavam descalços; dormiam sobre a terra fria; trabalhavam com suas proprias mãos na edificação das suas casas, que eram verdadeiras cabanas feitas de páu e folhas de palmeira; e das suas egrejas

que se esforçavam sempre em embellezar; abriam escolas gratuitas de instrucção primaria; ensinavam officios mechanicos; praticavam a medicina e a cirurgia; e consolavam e soccorriam os infelizes e afflictos colonos nos seus transes amargurados.

Eram os padres da Companhia considerados pelas nações indigenas eguaes aos anjos. Salvavam os gentios, quando alguns Portuguezes os pretendiam maltratar ou escravisar. Atravessavam as virgens mattas, aonde nem o sol nem a lua advinham caminho. Transpunham as aguas de rios caudalosos. Iam pousar nas suas tabas. Serviam-se das suas inis (1). Assistiam ás suas festas, animadas pelo chocalho sonoro das suas maraccas (2). Privavam com elles, procurando d'este modo arranca-los a seus barbaros costumes, e chama-los para o gremio da religião catholica, e para a união com os Portuguezes.

Dirigíra-se Aspicuelta Navarro para o Porto Seguro, aonde conciliava os Tupininquins. Prégava Antonio Pires em Pernambuco a união aos sinceros Taboyaras, aos ferozes Caethés, e aos valentes Pittaguares da Parahyba. No Espirito Sancto reunia Affonso Braz os Papanazes aos seus compatriotas. Haviam-se estabelescido em São Vicente Leonardo Nunes e Manuel de Paiva, empregando toda a sua actividade em abrandar os Carijós e Goyannazes, vizinhos dos al-

(1) Inis são as redes de algodão, de que usavam os gentios.

(2) Instrumentos de musica de que se serviam os gentios nas suas festas.

tivos Tamoyos do Rio de Janeiro. Na Bahia, o proprio provincial, e os padres Francisco Pires e Luiz da Grã, tinham bastante que fazer para conseguirem tranquillisar as tribus Tupinambás, que tantas queixas tinham dos Portuguezes.

E não era facil tarefa conseguir adormecer em animos incultos odios nascidos de affrontas, que haviam recebido. Tantos mais obstaculos encontravam os Jesuitas, quanto entre os Brazis gozavam os Portuguezes de pessima nomeada pelos seus feitos e trahições.

Tinha José de Anchietta vinte annos quando abandonou a Europa, e se entregou de todo ao Brazil. Até ali o animava puro e religioso enthusiasmo; não lhe sorria gloria maior que a de fallar ás convicções, e propagar o christianismo. Para consegui-la, deixou tudo. Primeiramente, trocou o mundo pela vida trabalhosa de Jesuita. Desamparou depois a terra civilisada da Europa pelo solo inculto da America, o commercio dos homens industriosos e instruidos pela pratica de selvagens sem lei e sem Deus; e á seu paiz, á seus pais, á seus amigos, á sua ventura terrestre, á seu repouso de corpo e de espirito, preferiu o serviço de Deus, como objecto que para elle era de valor mais subido.

Quando á seus olhos curiosos descortinou o continente brazilico os esplendores, e encantos, que o exaltam, parece, ao dizer dos chronistas, que se extasiára, e banhado em pranto agradecêra á Deus o haver-lhe concedido a graça de beijar uma terra virgem, á qual pudesse dedicar todo o seu amor.

Poucos mezes se demorou na Bahia. Já na antiga capital do Brazil havia a Companhia fundado um seminario de instrucção primaria. Obreiros intelligentes e decididos o dirigiam. Julgou o provincial, que se achava então em São Vicente, e tinha n'este ponto estabelescido um collegio, no anno de 1549, que aproveitaria melhor os talentos de José de Anchietta chamando-o para esta capitania, e incumbindo-lhe a tarefa de organisar outro seminario de instrucção, mais para o interior das terras, para onde convergisse a população indigena, que vivia dispersa e perdida no fundo dos bosques.

Bem tormentosa e difficil foi a sua viagem da Bahia para São Vicente. Naufragou o navio nos Abrolhos. Depois de inauditos padecimentos, salvaram-se os navegantes no Espirito Sancto. Demoraram-se ahi até que outro navio os conduziu para o seu destino.

Não tardou José de Anchietta em cumprir com a sua missão, correspondendo ás vistas do seu provincial. Nos bellos e arejados campos de Piratininga, estendidos em algumas legoas de mares de formosas planicies, povoados de copadas arvores, retalhados de rios os mais pittorescos, e distantes cerca de doze legoas de São Vicente, formou elle o terceiro collegio regular do Brazil, no anno de 1554. Disse-se ahi a imeira missa á 25 de Janeiro, em que celebra a greja a conversão de São Paulo, e foi o logar consaado ao apostolo d'este nome. Ao lado do collegio gueu-se o novo seminario de instrucção, com aulas

de primeiras lettras, de grammatica portugueza, das linguas castelhana, e latina, e doutrina christã, destinadas não sómente para colonos e mamelucos (1), senão tambem para os gentios que se cathequisassem, e aldeiassem.

Foi José de Anchietta um dos mestres e quasi que o unico. Por falta de pessoas, que regessem todas as aulas, encarregou-se de ensinar latim, castelhano e doutrina christã. Poucos mezes depois, conhecendo-se habilitado na lingua brazilica, a cujo estudo se déra com toda a força de sua intelligencia, e que considerava indispensavel para o desempenho cabal de sua missão divina, abriu tambem esta aula. Era excessivo o trabalho. Diariamente escrevia José de Anchietta quadernos nas quatro linguas, portugueza, castelhana, latina e brazilica, para mais facilmente levar á comprehensão de seus discipulos as licções que lhes dava. Obrigava-os a estudar por estes quadernos, e supprindo assim a falta que havia de livros, usava de methodo mais facil de ensino. Começou então a escrever a sua grammatica da lingua brazilica, que posto incompleta é hoje ainda apreciada.

Para melhor fallar á immaginação dos seus discipulos, avivando-lhes a curiosidade, incitando-lhes o gosto, e desenvolvendo-lhes o espirito religioso, compunha versos e cantigas, alguns sobre objectos mundanos tendo sempre por base um fundo de moral; outros

(1) Raça mestiça, de europeu e gentio.

inteiramente religiosos, pintando os mysterios do catholicismo. Escreveu nas linguas brazilica e portugueza grande numero de dialogos, a que dava o titulo de comedias, e que fazia recitar ou representar nas vesperas do jubileu da festa de Jesus-Christo, reunindo o povo para presenciar o espectaculo. Estes dialogos pintavam a immoralidade e vicios d'aquelles habitantes, que não tinham querido reformar os seus costumes, e cuja correcção pensava lograr por este feitio.

Pesando-os na balança da illustração moderna, de certo que nem-um merecimento têm afóra o de escorar-se no sentimento religioso; considerando-se todavia não só a epocha, senão tambem o logar remoto em que foram escriptos, é bastante de admirar o engenho do seu auctor.

Havia sido á pouco tempo immaginada a imprensa. Importou este invento em uma verdadeira revolução para os espiritos. Dissiparam-se as trevas, que cobriam o mundo. Espalharam-se as obras antigas, tão preciosas sempre. Leram-se as composições admiraveis dos Padres da Egreja, que no seu tempo haviam resplandecido com tamanho brilho. O que se havia escripto commeçou a tornar-se accessivel á todas as intelligencias, e não unicamente ás pessoas riccas ou ás communidades, que a preço elevado de ouro compravam as copias.

Foi no anno de 1470 que na cidade de Leiria se tabelesceu a primeira typographia de Portugal. Lisboa aceitou e admittiu a imprensa em 1481; e Braga

em 1484. Os Hebreus ao principio, depois os Allemães e Italianos, do meiado do seculo XVI em diante, a propalaram e generalisaram, fundando em Coimbra, e outros logares, officinas identicas ás da capital do reino.

A civilisação aspirava raiar. Tinha porém ainda muitas luctas á emprehender. Cumpria-lhe internar-se no espirito quasi fanatico da epocha, para conseguir por fim collocar-se á frente da sociedade, e poder encaminha-la, e dirigi-la.

Quasi que ignorada era a arte dramatica, si bem que Juan de Encina e outros engenhos a cultivassem nas Hespanhas antes que lhe désse algum lustre em Portugal o celebre Gil Vicente. Foram publicadas as suas obras no anno de 1550, já morto elle, havendo até ali sido conhecidas pela só gente selecta da côrte de Dom Manuel. Antonio Ribeiro Chiado, Antonio Prestes, e Balthasar Dias, seguiram as suas pisadas, e os seus autos formaram o theatro portuguez até que Francisco de Sá de Miranda, Luiz de Camões e Antonio Ferreira, do meiado para o fim do seculo, offereceram composições menos irregulares, que são todavia reminiscencias das litteraturas grega e romana, imitações de Plauto, Terencio e Menandro, antes que verdadeiras composições dramaticas, nas quaes livre deve ser a inspiração, livre o seu desenvolvimento, e livre os seus meios de acção.

E que se podia exigir, em 1556, de um homem, que deixára ainda moço Portugal, e n'esta terra do Brazil

cercado então de selvagens indigenas, e de colonos sem instrucção, existia no meio, por assim dizer, da barbaria? Procurou traçar os seus dialogos, como meio de moralisar o povo. Logrou o seu intento. E convem declarar que muitos autos sagrados, que com applausos se representavam em algumas côrtes de principes e reis da Europa d'aquella epocha, não eram superiores aos dialogos de José de Anchietta.

Causavam profunda sensação sobre seus ouvintes. Continham originalidade, porque os autos que se representavam nas côrtes de França, de Portugal, de Hespanha e de Italia, tratavam quasi exclusivamente de assumptos religiosos, e os dialogos de José de Anchietta confundiam o profano com o sagrado, e os actos da vida humana com os julgamentos da potestade divina, dirigindo-se ao povo que o ouvia, e pintando-o com as suas vestes e seus costumes.

É difficil, senão impossivel na actualidade, apreciar devidamente a vida de trabalhos á que se entregavam aquelles Jesuitas. « Desde Janeiro até agora (escrevia José de Anchietta ao geral Ignacio de Loyola, em Agosto de 1554) que aqui vivemos, não menos de vinte pessoas, contando os meninos cathecumenos, em uma pobre casinha, feita de madeira e barro, e berta de palha, com uma esteira de canas por porta, a al não chega a ter quatorze passos de comprimento n dez de largura : este estreito logar serve de esla, enfermaria, dormitorio, cozinha e refeitorio, e n por isso cobiçamos habitação mais folgada e aga-

zalhada, consolando-nos a ideia de que por nos remir N. S. Jesus-Christo submetteu-se á maiores estreitezas e apertos, querendo nascer em um humilde presepio entre dous animaes, e soffrendo ser pregado em uma cruz (1). »

Foi immensa a fama que lhe resultou de seus trabalhos. Não só o estimavam e respeitavam os Europeus, e o veneravam os mamelucos; senão tambem deixavam os gentios as suas tabas e florestas, e corriam para ouvi-lo; e quantos prodigios, que chamam milagres as chronicas do tempo, praticou José de Anchietta por entre os attonitos selvagens? Quantas vezes procurando-os em pessoa nos seus escondidos asilos, penetrando pelos bosques espessos, atravessando profundos rios, galgando serras inaccessiveis, e conversando com seus mossacaz (2), conseguia, pela sua eloquencia, converte-los á verdadeira religião, e chama-los para a vida civil? Attestam as memorias do tempo os serviços que prestou, attrahindo em torno de Piratininga innumeros gentios, e plantando nos seus arredores differentes aldeias de indigenas cathequisados que se entregavam confiadamente á sociedade civil e religiosa, e ao governo dos Padres da Companhia.

Com o tempo e a experiencia, conheceu José de

(1) Cartas de José de Anchietta ao geral da Companhia, publicadas pelo Instituto historico e geographico do Brazil, na sua *Revista trimensal*.

(2) Chefes de aldeias.

Anchietta a necessidade de methodisar e uniformisar a cathequisação dos gentios. Reuniu em torno de si uma porção de discipulos; instruiu-os; e á proporção que os foi conhecendo habilitados, animou-os, e incitou-os á entranhar-se pelo interior do paiz, procurando as nações mais distantes, os Purys, os Guaranys e os Guaycurús, no intuito de converte-las. Foi José de Anchietta o inventor do melhor sistema de cathequisações. Não faremos aqui a historia detalhada d'ellas, porque merece especial estudo, e trabalho separado. Foram infelicissimos alguns dos seus discipulos. Morreram ás frexadas dos barbaros os irmãos Pedro Correia e João de Souza. Lograram muitos porém victorias e triumphos que espantam, trazendo apoz de si numerosa copia de gentios que se convertiam á fé de Deus. Victorias e triumphos, que bem compensaram os seus maravilhosos trabalhos, e que são manifestos testemunhos do quanto era poderoso sobre os Jesuitas o enthusiastico desejo de propagar a religião, e de salvar as almas perdidas!

Lembrou-se tambem José de Anchietta de fundar um collegio, separado do seminario, aonde se recolhessem e educassem os meninos gentios, que com boas maneiras, e lisongeiras promessas, se obtivessem de seus pais. Adquiriam-se assim para a religião, serviriam depois para coadjuvar as cathequisações suas mesmas tribus. Correspondeu satisfactoriante o resultado aos desejos do fundador. Augmen-se muito o numero dos discipulos. Foram em

pouco tempo as cathequisações da capitania de São Vicente as mais importantes do Brazil, e serviram de exemplo ás que, em maior escala, praticaram posteriormente os Padres em todas as partes da America. Os primeiros Jesuitas que entraram no Rio da Prata para o fim de coadjuvar os Hespanhóes nas suas conquistas partiram de Piratininga, mandados por José de Anchietta. Formaram elles o viveiro de Cordova, Tucuman e Paraguay, cujas missões são ainda actualmente tão celebrisadas, e cuja historia attráhe sempre interesse.

Com esforços inauditos conseguiu assim José de Anchietta chamar para a vida pacifica e social muitas tribus nomades e errantes; e aldeia-las em povoações, em torno de sua respectiva egreja, levando-as á adoptarem a religião catholica, e tornarem-se industriosas e trabalhadoras, ligadas e relacionadas com os Portuguezes, conquistadores do paiz, e subordinadas ao seu governo civil.

III.

Um anno tinha apenas corrido depois da morte de Ignacio de Loyola, quando, em 1557, terminou seus dias de vida ElRei Dom João III. Dona Catharina de Aragão, como tutora de seu filho Dom Sebastião, tomou as redeas do governo de Portugal, e nomeou para terceiro governador do Brazil o esforçado Por-

tuguez Mem de Sá, irmão do poeta Francisco de Sá de Miranda, de linhagem boa e nobre, e de feitos conhecidos e illustrados em diversas guerras.

Foi Mem de Sá guerreiro de tempera antiga, valente nas armas, e sabio nos conselhos. Estreiou a sua administração no Brazil unindo-se perfeitamente com os Jesuitas, cujos serviços importantes e valioso prestimo sabia apreciar. Acabou com o terrivel abuso dos Portuguezes estabelescidos na Bahia, Porto Seguro, Ilheos, e outros logares, que á pretexto da sentença que declarára escrava a nação dos Caethés, pelo barbaro assassinato que, em 1556, nas margens do rio de São Miguel das Alagôas, haviam commettido na pessoa do primeiro bispo do Brazil, Dom Pedro Sardinha (1), confundiam de proposito os Caethés com as outras nações, e escravisavam a todas. Protestaram os Jesuitas contra estes abusos, que alienavam as sympathias dos indigenas, e os tornavam de novo inimigos dos Portuguezes, revivendo odios e guerras extinctas. Empregaram todo o seu valimento em faze-los cessar. Conseguiram de Mem de Sá uma ordem declarando os indigenas homens livres e eguaes, conciliando assim os gentios com os seus compatriotas, e desarmando sedições, que a todo instante ameaçavam.

Em seguida a esta ordem, tres outras publicou

(1) Francisco de Brito Freire, na *Historia da guerra brazilica*, narra miudamente este facto, e cita os fundamentos que condemnam os Caethés, auctores de tão nefando assassinato.

o governador, manifestando a harmonia existente entre o governo e os socios da Companhia. Uma prohibia aos gentios comer carne humana, ainda mesmo a de seus inimigos, gosto com que muito folgavam algumas nações. Oppunha-se outra a que houvessem guerras contra os indigenas, sem sua previa approvação. Determinava a ultima que se ajuntassem, e aldeiassem regularmente os gentios; levantassem casas e egreja, e obedecessem em tudo aos Jesuitas.

Em Pernambuco, Ilheos, Espirito Sancto, São Vicente, Bahia, Porto Seguro e Piratininga haviam fundado já os Portuguezes importantes povoações. Possuiam todas collegios de Jesuitas com varias escholas. A' dous d'elles, o da Bahia e Piratininga, estavam annexos seminarios de instrucção, não perfeitos, mas accommodados á epocha e ás circumstancias. Em outros pontos de menos valia, em que se formaram as colonias europeas, creavam-se casas professas, que eram de escala inferior aos collegios, com aulas de primeiras lettras, de grammatica portugueza, e de lingua brazilica. Em cada aldeia de gentios residia além d'isto um Jesuita, que lhes servia de parocho, de medico, de juiz e de mestre. Dividiam-se ainda os Jesuitas em missionarios itinerantes, que atravessavam os desertos, expunham-se a mil perigos, e procuravam os gentios nos seus escondrijos, no intuito de reuni-los aos Portuguezes, abandonando os seus barbaros

costumes, abraçando a religião christã, e vivendo em sociedade.

Começava a colonia á ser tão considerada, que algumas nações da Europa, ambiciosas de sua conquista, entravam em relações com os gentios, e procuravam, attrahindo-os ao seu partido, encontrar n'elles, e dentro do proprio paiz, um appoio contra os Portuguezes. Tomaram os Francezes a dianteira. Destemidos Normandos atiraram-se aos mares, e em alguns pontos da Parahyba do Norte, e do Rio de Janeiro, ligando-se aos Pittaguares (1) e aos Tamoyos (2), tentaram fundar varios estabelescimentos. Avultára entre elles um huguenoto, Nicolau Villegaignon, que, á testa de força franceza, aproveitando-se de não estar occupada toda a costa desde o rio Itabapuana (3) até as immediações de São Vicente, praticou com os Tamoyos, encetou com elles interessante commercio, e fundou uma fortaleza na ilha de Uruçumerim, na bahia do Rio de Janeiro, a qual guarda ainda hoje o seu nome (4).

Deliberou Mem de Sá expellir do solo brazileiro a

(1) Nação que habitava as terras da Parahyba do Norte.

(2) Nação que occupava o solo do Rio de Janeiro desde o Cabo de São Thomé até Ubatuba, chamada pelos gentios Iperoig.

(3) Limite entre as actuaes provincias do Rio de Janeiro e Espirito ncto.

(4) Ilha de Villegaignon na bahia do Rio de Janeiro. A capitania Martim devia encontrar no Norte a de Pedro de Góes, que os Goyazes moradores entre São Thomé e Itabapuana arruinaram e desiram completamente.

todos estes invasores. Armou navios, e ordenou-lhes corressem a costa, e aprisionassem todos os barcos das outras nações, que encontrassem pelas suas proximidades. Não lhe parecendo sufficientes estas providencias, concentrou forças bastantes de Portuguezes, Mamelucos, e Tupinambás da Bahia. Com ellas embarcou em 1560. Aportou nos Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Sancto. Recebeu n'estes tres pontos novos auxilios, e dirigiu-se para o Rio de Janeiro com o fim de combater a Villegaignon, e lança-lo para fóra do territorio brazileiro.

Não é logar aqui de narrar miudamente os acontecimentos e combates que sustentou o governador. Acham-se elles descriptos na *Chronica da Companhia de Jesus* por Simão de Vasconcellos, na *Historia do Brazil* por Sebastião da Rocha Pitta, na *Historia da guerra brazilica* por Francisco de Britto Freire, no *Orbe Seraphico* de frei Antonio de Sancta Maria Jaboatão, e na obra importante que na lingua latina escreveu José de Anchietta, com o titulo de *Feitos de Mem de Sá* (1), fonte primaria em que beberam os chronistas seus successores as melhores noções e esclarecimentos para a historia da conquista do Rio de Janeiro. Minuciaremos unicamente, que Mem de Sá derrotou os Francezes e Tamoyos colligados; incendiou-lhes o forte do seu chefe; obrigou os primeiros a abandonar o Rio de Janeiro, e fugir para

(1) Parece que este manuscripto existe na Bibliotheca publica do Rio de Janeiro. Tem o titulo *De rebus gestis Mem de Sá*.

a Europa, e aquelles que não puderam salvar-se á entranhar-se com os seus alliados pelos bosques e florestas ; e, caso inaudito, muitos Normandos desampararam os usos sociaes; adoptaram a vida nomade dos Tamoyos ; casaram-se com gentias; tomaram todos os seus costumes ; até o de furar os beiços para n'elles introduzir pedaços de pedras e ferros, como praticavam os indigenas!

Para a Bahia regressou Mem de Sá victorioso. Constituiam os Tamoyos a tribu mais altiva e briosa de quantas habitavam o Brazil. As outras a respeitavam, e d'ella se temiam. Parece mesmo que mais algumas noções sociaes tinham que todas as do continente brazilico (1). Tinham vivido em perfeita paz com os Normandos, e trataram então de resistir aos Portuguezes. Enfurecidos com aquelle feito do governador, deliberaram guerreia-lo em toda e qualquer parte, em que encontrassem Portuguezes. Aprestaram grandes canôas, e cosendo-se com a costa sul do Rio de Janeiro, commeçaram á incommodar os estabelecimentos de São Vicente e Sancto Amaro. Divididos em bandos, puzeram em alarma as aldeias dos Goyannazes, seus vizinhos, e alliados dos Portuguezes, destruiram-lhes as casas, queimaram-lhes as plantações, mataram os que colheram ás mãos e commetteram barbaridades atrozes. Ousaram approximar-se até de Piratininga, e assalta-la com desusada furia.

(1) Parece que os Tamoyos, indubitavelmente os mais valentes gentios do Brazil, eram egualmente os menos selvagens de todos. Vide Hans-

Os colonos, os padres e os gentios ficaram aterrorisados. Salvou-os a coragem que manifestou e desenvolveu José de Anchietta em tão arriscada conjunctura. De homem de paz tornou-se chefe de guerra. Reuniu o povo. Nomeou para capitão Tiberyçá, gentio cathequisado e valente. Animou-os á defensa de seus lares e de suas familias. Em pessoa marchou com elles ao encontro dos seus inimigos. Travou combate tão feliz, que conseguiu derrotar os sitiadores e expelli-los para longe do territorio.

Conheceu porém que exposta estava a capitania a continuados acommettimentos, emquanto se não celebrassem pazes com nação tão guerreira como era a dos Tamoyos. Deliberou pactea-las. Procurou para esse fim ao provincial Manuel da Nobrega, que se achava em São Vicente, e traçou plano arriscado e audacioso, que deveria dar-lhe o resultado que ambicionava.

Partiram José de Anchietta e Manuel da Nobrega para as aldeias dos Tamoyos mais vizinhos, e que eram sitas na enseada de Ubatuba. Que trabalhos não padeceram n'esta viagem? « Podiam fazer (diz o padre Simão de Vasconcellos) (1), podiam fazer como São Paulo uma perfeita ladainha de seus trabalhos, cansaços, fomes, sêdes, calmas, frios, ingratidões, máos

Stadt, na sua viagem publicada por Ternaux Compans, Gabriel Soare *Chronica do Brazil*, e Levy, *Viagem ao Brazil*.

(1) *Noticias curiosas e interessantes sobre as cousas do Brazil*, pel padre Simão de Vasconcellos.

tratamentos, affrontas, trahições e perigos de vida : o exemplo d'essa gloriosa missão de se metterem entre os barbaros inimigos, postos em armas, queixosos e irritados das injustiças e aggravos dos Portuguezes, é grande e maravilhoso. Que de vezes não estiveram a ponto de serem sacrificados aos dentes e gula dos barbaros? Que de vezes não sentiram o arco armado, e a massa do braço fero, sobre suas cabeças (1)? »

Depois de grandes riscos e perigos que avexaram os dous padres, no meio de tantos inimigos que lhes appareciam, e que a cada momento os pretendiam trucidar, e que conseguiram acalmar felizmente, foram elles levados á presença dos chefes Tamoyos. Travou-se extraordinaria discussão, os Jesuitas pretendendo combinar pazes, e os gentios resistindo-lhes, e ameaçando-os. Chegaram por fim a um accordo amigavel. Assentaram que Manuel da Nobrega partisse para São Vicente, á fim de obter dos Portuguezes approvassem as condições de pazes combinadas por elles com os Tamoyos, ficando José de Anchietta como refem. Quem folhear as diversas obras antigas, que tratam da vida de José de Anchietta, encontrará um sem numero de factos, que honrando o seu caracter e instrucção, passaram n'aquella epocha por milagres, augmentando-se assim a reputação de sancto, de que gozava. Um d'entre elles por sua singularidade merece ser minuciado.

(1) Simão de Vasconcellos, *Vida*, etc.

Notaram os Tamoyos que não procurava mulheres durante todo o tempo que entre elles passava. Escolheram uma que era sobremodo formosa, e lh'a offereceram. Qual não foi a sua admiração, quando lhes declarou José de Anchietta o voto de castidade que fizera, entrando para a Companhia de Jesus! Subiu de ponto a veneração que lhe consagravam, e o acreditaram de origem divina. Aproveitou-se elle d'esta occurrencia para melhor conseguir a sua cathequisação. Levantou uma capellinha no meio de um bosque coberto de elevadas palmeiras. Para ahi os chamava. Explicava-lhes os mysterios do christianismo, e procurava moralisa-los e converte-los á religião. Os Tamoyos no entanto, si bem o attendiam com admiração e respeito, se não deixaram cathequisar, tanto era o odio que nutriam contra os Portuguezes!

Foi durante esta residencia de alguns mezes no meio dos Tamoyos que encetou o poema latino que dedicou á Santissima Virgem. Não tendo papel, nem pennas, e nem tinta para escrever, passeava pelas lindas e alvadias praias, que se deslisavam amorosamente a perder de vista. Compunha os versos. Escrevia-os na areia, e tratava de decoral-os.

De São Vicente voltou Manuel da Nobrega com a aceitação das pazes. Assim conciliados os Portuguezes e Tamoyos, havendo os dous Jesuitas executado sua missão, regressaram tranquillamente para os seus lares. José de Santa Rita Durão, no seu poema de *Caramurú*, reconta este facto em versos admiraveis :

São d'esta especie os operarios sanctos,
Que com fadiga dura, e intenção recta
Padecem pela fé trabalhos tantos :
O Nobrega famoso, o claro Anchietta,
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

Muitos d'estes ali, velando pios,
Dentro ás tócas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem receiar os barbaros insultos :
Penetram mattos, atravessam rios,
Buscando nos terrenos mais incultos,
Com immensa fadiga e pio ganho,
Esse perdido misero rebanho.

Mais de um verás pela campanha vasta
Derramar pela fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o gentio arrasta;
Quem deixa á setta com o tiro exangue :
Ve-los-ás discorrer de casta em casta,
Onde o rudo pagué nas trevas langue;
E ao céo, lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir d'inclytas palmas.

Apenas restituido á sua querida Piratininga, tratou José de Anchietta de escrever o poema que compuzera entre os Tamoyos, e que confiára á memoria. Redigido em versos latinos, revela erudição dos auctores classicos antigos, e ao mesmo tempo intelligencia da l teratura hebraica, e estudo dos padres da Egreja (ristã. É a dicção pura, correcta e mesmo ε ;umas vezes elegante, os pensamentos apropria- (ɜ. Muito pécca porém o plano, porque consiste

em dividir a obra pelos diversos passos da Mãe de Deus, desde a conceição até a exaltação, formando uma collecção de hymnos ou cantatas, dedicado cada um á descripção do passo, a que se refere. Não é a immaginação de Milton descrevendo as primeiras scenas da vida e os mysterios primordiaes da existencia. Não é a sublimidade de Klopstock, que poetisou toda a existencia mundana do Filho de Deus, e a sua admiravel resurreição. E' antes uma alma pura, profundamente religiosa, que se entorna em gorgeios sonoros em honra da Sanctissima Virgem, e, como musica dolorosa do coração, improvisa versos agradaveis, em honra e gloria das suas crenças religiosas.

Manifesta a dedicatoria as impressões e a occasião em que foi composto o poema, e torna-o por isso mesmo mais precioso.

En tibi quæ voci, Mater Sanctissima, quondam
Carmina, cum sævo cingerer hoste latus,
Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
Tractoque tranquillum pacis inermis opus :
Hic tua materno me gratia fovit amore,
Te, corpus tutum, mensque regente fuit.
Sæpius optavi, Domino inspirante, dolores,
Duraque cum ipso funere vincla pati.
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam,
Scilicet heroas gloria tanta decet (1).

(1) Foi-nos mostrada uma traducção em versos portuguezes pela fórma seguinte :

Eis os versos que a vós, ó Mãe Sanctissima,
Votei outr'ora, em que me vi na ilharga
De feroz inimigo circulado.

Depois da dedicatoria vem o exordio, que contém os seguintes pensamentos:

Eloquar? an sileam, Sanctissima Mater Jesu?
Non sileam? Laudes eloquar ante tuas?
Mens agitata piis stimulis hortatur amoris
Ut dominæ cantem carmina pauca meæ.
Sed timet impura tua promere nomina lingua,
Quæ sordet multis contemerata malis (1).

A conceição, o horto, a apresentação, a entrada no templo, a visitação, e o parto da Virgem, formam os primeiros canticos. Nota-se particularmente a oração, dirigida pela Sanctissima Virgem á seu filho recemnascido.

O Deus omnipotens, vasti quem machina mundi
Auctorem ac Dominum prædicat esse suum,
Cujus inaccessam tenet ingens gloria lucem,
Cui velut innatus lumen amictus inest.
Quem nequit immenso comprendere corpore mundus

Si pois minha presença abranda as hostes
Dos Tamoyos, e inerme entre elles trato
De paz mister tranquillo, a graça vossa
Foi que alentou-me com materno affecto.
Salvou meu corpo e alma o vosso àmparo
Inspirando-me Deus : ó quantas vezes
Desejei em prisões crueis e dôres
Soffrer morte de martyr! Mas meus votos
O repudio tiveram merecido,
Pois só cabe aos heróes tamanha gloria.

(1) Fallarei ou guardarei silencio, Sanctissima Mãe de Jesus?— Cantarei teus louvores? — Agitada a mente de estimulos do teu amor, exhorta-me e arrasta-me a tecer-te encomios; mas a lingua contaminada de tantas maculas recusa proferir teu sancto nome.

Conclusit ventris te brevis arca mei.
Egressusque meæ tener e penetralibus alvi,
In vili recubas, lux mea, nate, solo?
Nonne tua ingentem manus inclyta condidit orbem?
Nonne polus Domino servit uterque tibi?
Cur tibi tam vilem nascenti deligis ædem
Regia cur ortum non capit aula tuum?
Tu cœlum stellis, variis animalia villis.
Induis et viridi gramine pingis agros (1).

Continúa o poeta os seus canticos á chegada dos Reis Magos; á purificação da Virgem; sua fuga para o Egypto; e seu regresso para Jerusalem; á morte de Jesus-Christo, e sua resurreição. N'esta ultima parte a melancholia transborda por todos os poros, e é realmente o episodio mais interessante do poema.

Mens mea, quid tanto torpes absorpta sopore?
Quid stertis somno disidiosa gravi?
Nec te cura movet lacrymabilis ulla parentis,
Funera quæ Nati flet truculenta sui.
Viscera cui duro tabescunt ægra dolore,
Vulnera dùm præsens quæ tulit ille videt.
In quocumque occulos converteris omnia Jesu
Occurrent occulis sanguine plena tuis.

(1) « Deus omnipotente, pela portentosa maquina do mundo apregoado seu auctor, e Supremo Arbitro, que com teus esplendores enriqueces o céo de ineffavel gloria, e que na extensão do universo não pódes ser abrangido; como te quizeste encerrar no breve espaço do meu ventre, e sahindo d'elle, jazer reclinado na humilde terra, ó filho adorado, è luz de meus olhos? Não foram tuas mãos que formaram o espaçoso orbe? Não dominas tu de um a outro polo? Porque então escolheste templo tão humilde para tua morada? Tu, a quem os céos não podem conter, que povoas de lucidas estrellas o firmamento, que revestes os animaes, e aformosêas os prados e campinas de flôres e verdura! »

Respice, ut æterni prostrato ante ora Parentis
Sanguineus toto corpore sudor abit.
Respice, ut immanis captum quasi turba latronem
Proterit, et laqueis colla, manusque ligat.
Respice, ut ante Annan sævus divina satelles
Duriter armata percutit ora manu (1),

Depois de pintar a exaltação da Sanctissima Virgem, termina Anchietta o seu poema com hymnos alegres em seu louvor, divididos pelas horas do dia, e que fazia cantar pelos gentios aldeiados, dentro da sua egreja, nos horas marcadas para as preces e orações. Deveria ser na verdade grandiose o espectaculo de reunir-se no templo todo o povo, ás matinas, ao meio dia, e ás ave-marias, e depois de exhorta-lo o sacerdote com conselhos e instrucção, para o encaminhar na verdadeira religião, desdobrarem todos de joelhos as suas diversas vozes, echoando ao mesmo tempo hymnos e preces, arrebatados de um sincero enthusiasmo, e respeito e temor de Deus!

Assim usavam os Jesuitas, e assim esclareciam e moralisavam o povo.

(1) « Porque, minha alma, dormes preguiçosa grave somno? Nem te commove o cuidado da chorosa mãe, que pranteia a barbara morte de seu unico filho? Pedernaes entranhas se endurecem á dôr d'aquella que viu, presenciou e curou tantas chagas humanas : para qualquer parte que voltares a vista, verás com teus olhos tudo banhado com o precioso sangue de Jesus : vê como em presença da Sanctissima Virgem se acha postado o sacrosancto corpo lavado em sangue; olha como vai preso, como se fôra um ladrão e malfeitor, no meio da turba, atado m cordas ao pescoço e nas mãos; vê como diante de Anaz lhe fere a ina face a malvada quadrilha armada que o acompanha! »

IV.

Corria o anno de 1565, quando em São Vicente surgiu a armada do capitão-mór Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, e que fôra enviado de Portugal pela rainha regente, no intuito de uma vez para sempre expellir das costas do Brazil os corsarios francezes, que de novo volvendo ao Rio de Janeiro, continuavam á negociar com os Tamoyos, e incitar os seus odios contra os Portuguezes. Praticou Estacio de Sá com José de Anchietta, que era a pessoa de mais influencia, e de maior consideração na capitania. José de Anchietta convocou e reuniu o seu povo, escolheu cerca de outocentos homens, que animou para a empresa do capitão-mór, e para que fosse mais efficaz e solido este auxilio, deliberou-se á acompanhar Estacio de Sá, e servi-lo durante a sua expedição.

Partiu de São Vicente a armada, e chegou ao Rio de Janeiro, desembarcando a gente, que se estabelesceu no logar denominado hoje Praia Vermelha, entre o Pão de Assucar e Copa-Cabana. Foram ali lançadas as primeiras edificações da cidade. Colligados os Francezes e Tamoyos atacaram o exercito do capitão-mór com todas as suas forças. A' numero quadruplo de combatentes oppôz Estacio de Sá a pericia de chefe, e o enthusiasmo e valor de soldados, ani-

mados continuamente pelas predicas, conselhos, e exhortações de José de Anchietta. Tiveram os inimigos que retirar-se. Não era todavia possivel ao capitão-mór collocar-se na offensiva, porque do lado de terra annuvião de gentios o esperava; do lado do mar, náus francezas, e grande copia de formidaveis canôas de guerra dos Tamoyos o incommodavam constantemente. Tinha além d'isto que resistir a ataques que os inimigos dirigiam ás suas trincheiras, ora de dia, á luz clara, e com lealdade; ora durante as noites, ás vezes escuras e tempestuosas; ao grito subito de guerra solto á trahição, e no meio do descanso. Trataram o capitão-mór e José de Anchietta de não abandonar a empresa, e de seguir este ultimo no entretanto para a Bahia, á buscar auxilio do governador; porque sómente com elle se poderia terminar uma missão tão arriscada.

N'esta sua viagem á Bahia deixou José de Anchietta a classe de irmão, tomou ordens, e o gráu de sacerdote na Companhia de Jesus. Tão perfeitamente desempenhou a sua missão, que, em Janeiro de 1567, tinha já voltado ao Rio de Janeiro, trazendo em sua companhia o proprio governador, e grandes auxilios e reforços.

Foram crueis e longos estes combates dos Portuguezes com os Tamoyos. Verdade é que decisivos. De uma vez para sempre se expelliram os Francezes do Rio de Janeiro. Os Tamoyos porém se não quizeram conciliar. Vencidos, entranharam-se pelas brenhas,

levando suas mulheres e filhos, e nunca mais se soube de tão guerreira tribu. Sem duvida encontraram no interior do paiz outras terras, aonde estabelesceram as suas tabas e formaram nova patria. Acostumados todavia á veneração do formidavel promontorio do Cabo-Frio, que era o seu sitio predilecto (1), e á magnifica bahia de Nictheroy, aonde folgavam atirar as suas canôas, celebrar suas justas, e nas ilhas pittorescas, que como ramos de flôres, a matizam e abrilhantam, formar os seus jogos e dansas, curtiram de certo duras e amargas saudades. Foram os Arabes fugitivos de Granada, que ainda além do braço de mar que separa Africa de Hespanha, do seio dos desertos, para onde se recolheram, confiavam seus repetidos suspiros ao ar, para que o ar os transmittisse ao Xenil, ao Alhambra, e ás torres de Generalife. Talvez que no sacrificio se engrandeceram e elevaram as suas almas. E como novas descendencias e gerações se têm desenvolvido, sendo como é arquivo de seus livros a estampa de suas memorias, de onde imprimem de pais a filhos os acontecimentos notaveis dos seculos passados; si ainda os acompanha no seu desterro a saudade dos paizes que seus pais possuiram, tão riccos e encantadores, a dourada physionomia da liberdade os ampara e sustenta ao menos nos bravios sertões, que não são conhecidos ainda pelas nações civilisadoras!

(1) Muitas lendas dos gentios e até dos chronistas portuguezes acham-se ligadas ao Cabo-Frio. Leiam-se os chronistas.

Fundou Estacio de Sá a cidade do Rio de Janeiro. Sellou porém com o seu sangue e morte a gloriosa conquista que conseguíra. Uma frexada de Tamoyo audaz, com seu dente envenenado, atravessou o corpo do heróe, ainda na força da edade, e no principio da sua carreira militar (1). Com o estabelescimento da cidade, levantou José de Anchietta casa e egreja para a Companhia de Jesus no cabeço do morro do Castello, fazendo-se auxiliar n'esta obra pelas esmolas e serviços do povo. Mandou vir alguns padres para o Rio de Janeiro, e tendo-lhes dado as suas instrucções, regressou para Piratininga, procurando descansar dos seus trabalhos. Não era porém ainda tempo de cessa-los. No anno de 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicente, cargo penoso e difficil, que de modo exemplar desempenhou todavia.

Em 1578 foi elevado á dignidade de provincial do Brazil.

Comprehendeu perfeitamente a importancia da sua nova missão. Já não era o reitorado de um collegio, e ainda menos a direcção de um seminario, que lhe cabia. Fôra-lhe confiado o governo supremo de sua ordem. Não tinha que occupar-se unicamente com a cathequisação e civilisação de uma capitania. Todo o territorio abraçado pelo Prata e pelo Amazo-

(1) O seu cadaver foi sepultado na egreja de São Sebastião do Casello no Rio de Janeiro.

nas estava incluido na immensa tarefa que se lhe dava. Não eram só uma ou duas nações de gentios com quem tinha de tratar, e sim milhares de diversos povos, de differentes origens e varios costumes.

Si respeitado era já o nome que adquirira, habitando apenas na capitania de São Vicente; si lhe haviam grangeado os seus talentos extensa nomeada; si lhe proviera muita gloria dos seus trabalhos, quer como mestre quer como chefe de um sistema regular de cathequisação de gentios, atirando-se em pessoa no seio dos desertos, sem receio ou medo, confiando-se á hordas de selvagens e barbaros, e attrahindo á religião e á sociedade grande numero de indigenas, que se deixavam arrastar e convencer por sua habilidosa eloquencia, virtudes selectas, que reputação equivalia á sua para a gerencia de toda a Companhia?

Aceitou José de Anchietta o provincialado, e deu-se de coração ao desempenho dos seus novos deveres e obrigações.

Eram já no Brazil então os Jesuitas em subido numero. Além dos socios que de Portugal e Hespanha lhes vieram, attrahíra a Companhia alguns noviços, formára irmãos, e ordenára padres. Tinha em todas as cidades e povoações a sua casa, a sua egreja, e o seu seminario de instrucção. Organisára em todas as capitanias differentes aldeias de gentios cathequisados, que lhe estavam inteiramente subordinados.

Não se poupou José de Anchietta á trabalho nemum, que exigia o seu emprego de provincial. Per-

correu todas as capitanias, e todas as povoações. Visitou e examinou os collegios dos padres e os seminarios de instrucção. Deu-lhes nova organisação, reformando-os e amelhorando. Applicou a todo o Brazil o seu sistema de cathequisação de gentios, formando em Pernambuco, Bahia, Espirito Sancto, e outros pontos, que visitára, escholas de missionarios. Por onde ia, prégava, aconselhava, e moralisava. Por onde andava, corriam Portuguezes e gentios á lançar-se-lhe aos pés, acreditando-o milagroso. Tanta bondade e tamanha actividade desenvolveu, que adoravam todos o seu nome. Chamavam-no os gentios amarra-mãos (1). Davam-lhe os Portuguezes o titulo de sancto.

Não lhe bastou ainda a immensidade d'estes trabalhos. Sua devoção o levou á emprehender novos e mais extraordinarios. Procurou em pessoa aquellas nações mais barbaras, com quem nunca os Portuguezes se puderam conciliar. Embrenhou-se pelo interior das terras dos Tupinambás. Procurou encontrar-se com os terriveis Aymorés (2), e com outras tribus não menos ferozes. Apresentava-se desarmado perante ellas. Fallava-lhes a linguagem da verdade e da religião, e conseguiu triumphos que verdadeiramente espantam! Quantas vidas salvou de prisioneiros que destinados ao terrivel sacrificio, estavam já ligados ao

(1) Payé-guassú.

(2) Botocudos, como lhes chamavam os Portuguezes.

cepo cruel pela formidavel mussurána (1), e sentiam refulgir sobre as suas cabeças a pesada tacápe!

Foi durante o seu provincialado, que, nos campos para sempre memoraveis de Alcacer-Quivir, perdeu a monarquia portugueza o seu joven soberano, a flôr de sua nobreza, o melhor do seu exercito, e a sua mesma independencia. Das chronicas, que summariam a vida de José de Anchietta, consta que na mesma noite de 4 de Agosto de 1578, em que se completou a ruina de Portugal, e morreu Dom Sebastião, foi José de Anchietta assaltado de um sonho, em que todos os pormenores da terrivel carnificina de Alcacer-Quivir appareceram á sua immaginação, e se lhe pintaram sob as mesmas côres com que se realisaram (2)! Tão grande era o prestigio de que gozava, que, além de milagres, lhe attribuiam os contemporaneos visões e sonhos que lhe noticiavam o que se passava, e até mesmo lhe faziam prever o futuro!

As melhores obras, e as instituições mais salutares do Brazil, que tiveram origem n'esses tempos, são creadas ou promovidas por elle. Estreitamente ligado com o governador Luiz de Brito e Almeida, que succedêra á Mem de Sá, fallecido na cidade da Bahia no segundo quatriennio de sua administração, achou-se

(1) Corda que amarra o prisioneiro destinado á ser morto e comido nos banquetes dos indigenas.

(2) Entre outros auctores Rocha Pitta particularmente, amigo como era de legendas, commemora este facto. — *Historia da America Portugueza.*

habilitado Anchietta para emprehender melhoramentos efficazes e gloriosos. Ideiou e lançou os primeiros alicerces do magestoso collegio dos Jesuitas da Bahia, que mereceu descripção desenvolvida de Gabiel Soares (1), e allega o padre Manuel Ayres do Casal estar já no seu tempo convertido em hospital da tropa, achando-se as salas ainda ornadas de muitos paineis, que representavam a vida de Santo Estanisláo de Kosca (2). Mandou edificar e construir na mesma cidade a casa do Recreio dos Jesuitas, em um suburbio para o nascente, a qual, por ordem do governo portuguez, se transformou depois em hospital de Lazaros.

É devida tambem a José de Anchietta a egreja dos Jesuitas do Rio de Janeiro, com seu outr'ora sumptuoso collegio. Como na Bahia, decahiu e perdeu a egreja o seu fausto. Em hospital militar se converteu o collegio. Teve egual sorte que a sua irmã da Bahia a pittoresca casa de recreio, que José de Anchietta fizera edificar para os lados de São Christovam, emfrente de tantas esbeltas e viçosas ilhas, que matizam aquella parte interna da bahia de Nictheroy.

Deve-lhe a provincia do Espirito Sancto a edificação, na sua capital, de um collegio de Jesuitas, vasto, espaçoso, e que substituíra a antiga casa, escolhida pelo padre Affonso Braz para residir, e encetar a sua oriosa missão de cathequisar os gentios d'aquella

(1) *Roteiro* ou *Noticia do Brazil.*

(2) *Corographia Brazilica*, tomo 2°.

capitania. É actualmente a habitação dos presidentes da provincia.

E o que não deve á José de Anchietta a provincia de São Paulo, outr'ora capitania de São Vicente, aonde viveu os melhores annos da sua vida, e desenvolveu os seus primeiros trabalhos, e as suas fadigas primeiras? Não foi o creador do collegio de Piratininga, que é actualmente cidade episcopal, e a capital de toda a provincia? Amava-o como seu filho querido, e durante o seu provincialado augmentou o collegio, enriqueceu-o, e tornou-o um dos mais importantes do Brazil.

Para apogeu de sua gloria, e prova de quanto fôra incansavel em fazer bem ao paiz que adoptára, plantando n'elle obras de eterna duração, e creando instituições importantes, que lhe deveriam dar os mais favoraveis resultados, fundou, no anno de 1582, a Sancta Casa da Misericordia da cidade do Rio de Janeiro, que é na actualidade um dos mais importantes monumentos de philanthropia e beneficencia que possue o imperio.

Pena é que um espirito tão elevado se deixasse por vezes levar das ideias supersticiosas da epocha, e misturasse primorosas virtudes com um excesso de religião, que as desnaturalisava e pervertia, em detrimento da humanidade (1).

(1) O espirito de superstição que o animou levou os seus proprios chronistas á extasiar-se diante de acções, que na actualidade se não podem desculpar, mas que as luzes d'aquelle seculo faziam recommendadas do Céo! Sorrir-se ao assassinato de um gentio porque se conseguiu lançar-

Em 1585, cansado, e já na edade de 52 annos, pediu e obteve do geral da companhia dispensa do cargo de Provincial do Brazil.

V.

Achando-se livre, e desembaraçado de trabalhos, retirou-se para o collegio do Rio de Janeiro, tencionando passar n'elle os seus ultimos dias de vida. Bem debilitado estava já o seu corpo; e que corpo humano resiste a tantas fadigas do espirito, e a taes insanias physicas? Empenhos porém dos seus companheiros o vieram ainda arrancar ao dourado repouso que procurára. O collegio do Espirito Sancto, que no seu provincialado mandára levantar de grandiosas proporções e gosto delicado, reclamava a sua presença, para a direcção dos obreiros e moralisação dos espiritos. Deixou o Rio de Janeiro, e tomou a administração do collegio da Victoria.

Emquanto foi provincial promovêra acuradamente o progresso de algumas aldeias de gentios Tupininquins, e Papanazes, que estabelescêra na provincia do Espirito Sancto. Tinha uma d'ellas o nome de Reritigbá, situada ao norte do rio Itabapuana, n'uma admiravel e extensa veiga, entrecortada de preguiçosas aguas, e rodeiada de outeiros elevados, que em cer-

lhe pela cabeça a agua do baptismo, e outros feitos identicos, custam á compadecer-se com tamanha piedade!

tas epochas do anno vestiam-se de flôres amarellas, como o brilhar do ouro, e de ramos roxos, como a côr da margarida. E' o logar em que está hoje assentada a pittoresca villa de Benevente. Amava tanto José de Anchietta os seus ares puros, e a sua deliciosa tranquillidade, que o escolheu para sua residencia, apenas terminou o tempo do seu reitorado do Espirito Sancto.

Pelos gentios do Brazil sacrificára a sua existencia e a sua vida. Para moralisa-los, e traze-los á religião catholica, deixára todos os bens do mundo. No meio dos gentios quiz ainda viver a derradeira parte da sua existencia , e descansadamente finalisar os seus dias.

No silencio e descanso da solidão escreveu uma obra extensa, a que deu o titulo de *Vidas dos religiosos da Companhia de Jesus*, cujo manuscripto se guarda na bibliotheca publica do Rio de Janeiro (1) : tendo-o acompanhado na vida, e precedido no sepulchro, os padres Manuel da Nobrega, Luiz da Grã, José de Aspicuelta Navarro, Antonio Ignacio de Azevedo, Antonio Rodrigues e Ignacio de Tolosa, julgou José de Anchietta que era seu dever commemorar os feitos d'elles, e, bem assim, os feitos de outros não menos celebres Jesuitas, á fim de assim transmitti-los aos vindouros, e servirem de exemplo de boas acções, e virtudes prestantes.

(1) *Brasiliæ societatis historia et vita clarorum patrum qui in Brasilia vixerunt.*

Contém esta collecção de vidas dos Jesuitas illustres uma historia desenvolvida da Companhia de Jesus, e a fiel narração de todos os successos do Brazil, das suas primeiras explorações, dos costumes, usos, e cathequisação dos seus indigenas. Constitue com a obra, que anteriormente elle escrevêra sobre os feitos de Mem de Sá, as melhores fontes, de onde extrahiram os chronistas antigos e modernos, grande copia de esclarecimentos e materiaes para a historia do Brazil.

Sua intelligencia incansavel deu vida tambem a uma dissertação sobre a historia natural do Brazil, a qual encerra tantas investigações curiosas e importantes, e analyse tão substancial dos objectos que enumera, que em 1812 a publicou a Academia Real de Sciencias de Lisboa, e o celebre naturalista francez Augusto de Saint-Hilaire extasiou-se diante d'ella, e proclamou José de Anchietta por um dos homens mais extraordinarios do seu seculo (1).

Avançava todavia a edade, e o corpo procurava repouso na sepultura. Não podendo ir mais pessoalmente á egreja desenvolver a sua maviosa eloquencia, e nem assistir ás festas, procissões, e canticos religio-

(1) Saint-Hilaire, *Voyage au district des diamants et littoral du Brésil*, t. II. Estas cartas referidas têm o titulo : *Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium quæ S. Vicentii provinciam incolent, sistens descriptionem*, etc. Foram publicadas na collecção de *Memorias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*, tomo I°, por ordem da Academia de sciencias de Lisboa.

sos dos gentios, que rompiam com os primeiros arrebóes da madrugada, escolheu como Job o seu leito e o seu quarto, e chamava para perto de si os indigenas á fim de com elles praticar ainda. Achava-se collocada a casa da sua residencia sobre um pequeno outeiro, de onde descortinava toda a campina e arraial, e lá, ao longe, sussurrando sempre, o mar que se desfazia em grossas ondas sobre a praia alvadia e immensa, que se sumia aos olhos.

Atirado no leito para se não levantar mais, deixava dormitar sonhando o seu coração, como lago de vida, em que sua alma se espelhava. Bebia pelos olhos e pelos ouvidos o silencio e a magnificencia da natureza, e o desdobrar dos valles alegres e cultivados, que lhe appareciam. Exaltava-se ainda com a presença do oceano, que, no limiar da vida, o saudára, e, como seu fiel amigo, parecia querer assistir á sua despedida do mundo.

Mal se divulgou a noticia de que se achava enfermo accudiram de toda a parte os padres da Companhia. No Rio de Janeiro, na Bahia, em São Vicente, e no Porto Seguro, se embarcava egualmente grande copia de povo, que queria ver o sancto, obter uma reliquia sua, e receber a derradeira bençam.

Não pôde a aldeia de Reritigbá conter o povo que para ella concorria. O que mais estimou elle ver em derredor de si, foram os seus antigos e amados discipulos, que como Elias formára com tanto cuidado, e que como Eliseus rivalisavam já em feitos gloriosos com o

seu mestre, na grande obra da cathequisação dos gentios.

Conservou constantemente o seu espirito livre, e o seu fallar rescendendo no mesmo fogo, e estylo mavioso. Nada perdeu o semblante de sua amabilidade e alegria. Não desmereceu a sua côr trigueira. Não se abateram os seus olhos azulados. Essa familia de religiosos, que o cercava n'aquelle momento supremo, tinha talvez mais ternura que a propria familia natural. O membro, que perdia, contava ella encontra-lo ainda, porque confiava na vida eterna. Havia lagrimas. Parecia porém que todos aspiravam a felicidade do heróe christão, que se desapegava do mundo, e os não deixava, mas sómente os precedia na eternidade.

Pedia José de Anchietta de quando em quando que lhe lessem um pouco das confissões de Sancto Agostinho, e das obras de São Basilio. Extasiava-se sempre que chegavam á pagina em que São Basilio exclama enthusiasmado :

« Como os que dormem em um navio são levados ao termo de sua derrota, tambem na carreira da vida somos todos arrastados continua e insensivelmente para o nosso fim derradeiro. Estás á dormir, olha que o tempo te escapa. Estás á velar e á meditar, menos te não escapará a vida. Diante de tudo passarás, e tudo deixarás apoz ti. »

Haviam sido São Basilio e Sancto Agostinho os padres da Egreja, cujas obras mais folgava de ler e cujos

feitos mais admirava. Refulgia entre os primeiros apostolos do christianismo, e os Jesuitas, apostolos do Brazil, uma perfeita homogeneidade. Prégavam aquelles no meio de barbaros, expostos continuamente ás perseguições e á morte, e, com firmeza inabalavel, oppunham constancia d'alma, consciencia pura, e fé na sua missão, á corrupção geral, que minava o mundo, que parecia então desabar com o tempo. Atiravam-se estes aos desertos, sós e inermes. Procuravam selvagens embrutecidos, arriscavam sangue e vida, despidos de quaesquer sombras de medo. Si com eloquencia consummada prégavam os primeiros a necessidade de uma nova crença, que regenerasse o mundo, e fizesse desapparecer o polytheismo de terrestres simulacros, que phantasiára a immaginação dos antigos povos; não menos sabios e eloquentes os segundos, menos conhecidos porém, porque o theatro de suas acções foi mais pequeno, e diversissima a epocha em que figuraram, praticaram feitos todavia, que são egualmente importantes, e obtiveram analogos triumphos, infiltrando em animos incultos convicções religiosas e sociaes, e arrancando da barbaria homens que para sempre pareciam perdidos.

Folgava José de Anchietta de comparar os Padres da Egreja grega e latina, os Basilios, Agostinhos, Jeronymos, Athanasios, Gregorios, Ambrosios, Chrysostomos, Synesios, Hilarios e Paulinos, com os missionarios da India e do Brazil, os Nobregas, Grãs, Navarros, Pires e Franciscos Xavier. Animavam a uns e

a outros o mesmo zelo apostolico, e o mesmo enthusiasmo religioso. Uns regeneraram o mundo velho. Crearam os outros um novo mundo.

Foi longa a sua molestia, e sensivel a decadencia do corpo que d'ella resultava. Como a luz derradeira do sol, que dura depois mesmo que elle se esconde por detraz das altanadas serranias, ou se mergulha nas distantes vagas, só á pouco e pouco, vagarosa, e compassadamente, foi a sua vida perdendo o brilho e claridade. Parece que com antecedencia previu o seu derradeiro momento, conservando o espirito tão robusto e vigoroso como d'antes. Pôde despedir-se dos amigos; dar a bençam aos fieis, e animal-os a continuar na senda das virtudes. Feixou os olhos, e encostando aos labios o crucifixo do Redemptor, expirou no dia 9 de Junho de 1597.

A's costas carregaram os indigenas o seu corpo até a villa do Espirito Sancto, distante quinze legoas de Reritigbá, formando um prestito funebre de mais de trezentos. Depositaram-no na capella de São Thiago da egreja dos Jesuitas, d'onde alguns annos depois foi trasladado para a Bahia, e sepultado junto ao altar-mór do magnifico templo do collegio da Companhia, segundo as ordens do geral Claudio de Aquaviva. Para Roma foi remettida uma reliquia, no in-
to de se encetarem os processos da canonisação, e
: pela Egreja declarado sancto. Estes processos,
r falta de proseguição porém, não puderam con-
ir-se ainda. Conserva-se na Sé da Victoria uma

urna de prata com o seu craneo, que se guarda preciosamente (1).

Asseveram os chronistas que era José de Anchietta de corpo pequeno e mirrado, de physionomia morena e agradavel. Adquirira na mocidade o aspecto de um velho, com a deslocação de uma das vertebras, em occasião, em que encetára no Brazil a sua gloriosa missão. Tinha olhos vivos e perspicazes, e maneiras, e palavras, que lhe attrahiam geral veneração e respeito.

(1) Guarda-se hoje esta urna no palacio da presidencia da Provincia. O Conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos, que a examinou, encontrou gravada n'ella a seguinte inscripção, que copiou e confiou-nos : Hic jacuit venerabilis Pater Josephus de Anchietta soc. Bras. Apost. et novi Orbis Thaumaturgus. Obiit Reritigbá die IX Jun. Ann. M D XC VII.

II.

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO.

Em 23 de Abril de 1539, e em Olinda de Pernambuco, nasceu Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho Pereira, e de Dona Brites de Albuquerque. Era seu pai descendente da antiga linhagem portugueza dos Coelhos. Pertencia sua mãe á familia illustre dos Albuquerques.

Militára valorosamente na India Duarte Coelho Pereira. Assistíra ao combate e tomada de Malacca, e regressára para a sua patria, em 1527, coberto de cicatrizes e gloria. Em premio e recompensa dos seus serviços relevantes, aquinhoou-o ElRei Dom João III na distribuição, que fez das terras do Brazil, com toda a costa comprehendida entre os rios São Francisco e Sancta Cruz de Iguarassú, por carta de doação

de 10 de Abril de 1535, e foral de 24 de Outubro do mesmo anno.

Como aos demais donatarios entre que se dividíra o territorio do Brazil, era de sua obrigação povoar, cultivar e estender para o interior a sua capitania, conquistando as terras, de que se achavam de posse os indigenas. Tinha o direito de nomear os officiaes de justiça, prover a todos os empregos, e usar das reaes regalias, com a excepção de condemnar á morte, cunhar moeda, e negociar em páu Brazil. Deveria o donatario perseguir tambem os corsarios, e pagar á Corôa um imposto annuo, como reconhecimento da sua suzerania.

Esquipou Duarte Coelho uma frota, em que se embarcou com sua mulher e parentes, deixando Lisboa, e levando para a colonisação do seu feudo grande copia de familias portuguezas, e todos os precisos utensis para as explorações, e cultivo do terreno. Estabelesceu á sua capital em um levantado outeiro, coberto de verduras, e de frondoso arvoredo, no centro de uma extensa e alvadia praia. Olinda foi o nome, que deu á nova colonia, pela razão talvez de achar muito linda a situação, que havia escolhido.

Não lhe foi tão facil no entanto sustentar-se no seu povoado, como lhe parecêra ao principio. Acommettiam-no constantemente os gentios Caethés, e sempre com furia desusada. Valiam aos companheiros de Duarte Coelho Pereira a tactica e pericia do chefe, e a resignação e obediencia dos subordinados. Apezar

de cercar-se Olinda de muros de páu, que difficultosamente se transporiam; á todo o instante, e, ás mais das vezes inopinadamente, se vinha precipitar sobre os Portuguezes copia immensa de inimigos.

Pareceu ao começo sorrir a victoria aos gentios com o assedio que empregaram, prohibindo a entrada de mantimentos e aguada, de que não era abastecida a povoação. Referem o abbade Barboza Machado (1), frei Antonio de Sancta Maria Jaboatão (2), e frei Vicente do Salvador (3), que foram salvos os Portuguezes pelo engenho de um Vasco Fernandes de Lucena, que residia ha muitos annos entre os indigenas, e que tendo escapado de um naufragio, e adoptado a vida errante dos seus hospedes, soube ás gentias insinuar amores pelos Portuguezes, e ás escondidas e de noite, levavam ellas alimentos e vasos de agua aos sitiados de Olinda, passando-lh'os pelos muros, que lhes serviam de defensa.

Foram por fim derrotados os indigenas, e pôde o donatario gozar livremente da capitania, e estabelescer povoações e engenhos em derredor de Olinda. Para completar a sua obra, mandou cruzar por algum tempo pela costa de sua donataria navios, á fim de difficultar communicações entre os indigenas e Francezes, que commeçaram a entreter relações intimas. Pela força las armas, e pelos meios de brandura, que foi em-

(1) *Biblioteca Lusitana*, tomo 3°.
(2) *Orbe Seraphico*, primeira parte.
(3) Manuscripto sobre as cousas de Pernambuco de data de 1749.

pregando, obrigou emfim os gentios á paz, e conciliação.

Por esse tempo lhe nasceram dous filhos, Duarte Coelho de Albuquerque, em 1537; e Jorge de Albuquerque Coelho, na epocha que deixamos já mencionada. Foram ambos em tenra edade mandados para Portugal, á fim de serem educados nas cousas, que faziam então a educação de nobres estirpes.

A 7 de Agosto de 1554 falleceu em Olinda Duarte Coelho Pereira, tendo gozado da ventura de presenciar o prospero e crescente engrandecimento dos seus dominios. Tomou sua viuva o governo da capitania. Debeis eram porém suas forças de mulher para as immensas difficuldades da administração. Já mortificados pelos máus tratamentos dos Portuguezes durante a administração da regente, já desareceiosos d'aquelles, a quem faltava o chefe valoroso, tornaram-se inimigos de novo os Caethés. Foi a guerra tão cruenta, que em imminente perigo se achou por vezes a capital. Tornou-se necessario mandar buscar soccorros á metropole.

Acompanhados de força, que lhes prestou a regente Dona Catharina, que governava Portugal, na menoridade de seu filho Dom Sebastião, partiram de Lisboa, em 1558, Duarte de Albuquerque Coelho, e Jorge de Albuquerque Coelho, moços ambos ainda, briosos e destemidos. Apoderára-se o terror dos espiritos de todos os habitadores de Olinda. Lavrava geral desanimo. A seu irmão cedeu Duarte de Albuquerque o commando da força, porque no peito do mais moço

eram os brios mais notaveis e apreciados. E não foi errada deliberação do donatario, porque Jorge de Albuquerque Coelho não só desbaratou completamente as hordas dos audaciosos indigenas, que se lhe oppuzeram, como egualmente estendeu os dominios que pertenciam a seu irmão mais velho, por direito hereditario da fidalguia, muito além dos terrenos aonde chegára seu pai. Entranhou-se pelos espessos sertões. Subiu por muitas legoas o formoso rio de São Francisco até quasi á magnifica cascata de Paulo Affonso. Reconheceu e apoderou-se das suas margens, e durante cinco annos de guerra, acoçou os gentios, derrotou-os, em diversos encontros, e reduziu-os ao temor dos Portuguezes, firmando de uma vez para sempre a segurança da capitania.

Regressou Jorge de Albuquerque para Lisboa no anno de 1565, deixando o novo donatario na posse tranquilla de seu feudo.

Tormentosissima porém foi a viagem. Encontrou, em meio do caminho, uma náu de corsarios francezes, que n'essa epocha assaltavam os mares. Apoz porfiada resistencia foi preciso ceder e entregar-se. Os Francezes tomaram conta do navio *Sancto Antonio*, que era o nome da embarcação portugueza, e declararam prisioneiros a tripolação e passageiros.

Navegando ambas á vista, sobreveio um temporal que as maltratou por muitos dias. A náu portugueza soffreu mais, porque mais velha e arruinada estava. Temendo perde-la, tiraram-lhe os Francezes de bordo

os seus compatriotas, e os mais preciosos objectos que encontraram, abandonando-a depois com toda a gente portugueza ao furor inclemente das ondas.

Por vezes pareceu submergir-se a náu desditosa no meio das vagas do profundo pélago. Perdidos os mastros, e abrindo agua em varios logares, andou por muitos dias rolando á mercê dos mares depois ainda que serenou a procella. Para complemento de males a sêde e a fome apertaram tanto os navegantes, que já se nutriam com os restos de pannos velhos, e muitos d'elles se finaram á mingua.

Conta o poeta Bento Teixeira Pinto (1), que ia de passagem á bordo, que a constancia e animo de Jorge de Albuquerque Coelho pouparam desastres mais lamentaveis, já acalmando aquelles que desesperados tentavam matar-se, e já levantando os brios da tripolação, que quasi enlouquecida pretendia commetter barbaridades, e se não queria empregar á manobra do navio.

Ouviu Deus as preces de tantos desgraçados, que, depois de crueis padecimentos, deram á costa nos baixios de Cascaes, e proximidades do Tejo, parecendo mais cadaveres que homens vivos!

Entregou-se Jorge de Albuquerque Coelho em Portugal ao exercicio das armas, que era a profissão da nobreza. Chegou ao posto de general. Teve entradas

(1) Foi publicada esta descripção, no 2º tomo da *Historia tragica maritima.*

no paço. Logrou na côrte considerar-se tanto pelo seu valor, ardideza e sangue, como pela generosidade do seu caracter. Entre o povo grangeou sympathias pelas suas acções caritativas e honrosos procedimentos.

Approximava-se então para Portugal uma crise memoravel e lugubre. O monarcha, a quem errada educação insinuára brios de affrontar perigos, e perseguir a todos que não adoptavam e abraçavam o catholicismo, premeditou a conquista d'Africa, arrancando-a á crença do Propheta. Commetteram-se para a expedição os maiores preparativos. Ardiam os nobres portuguezes por quebrar elmos de Agarenos, e conquistar terras de infieis. Deixou Duarte de Albuquerque Coelho a sua terra de Pernambuco, confiando a administração a seu tio Jeronymo de Albuquerque. Uniu-se á flôr da fidalguia, que devia acompanhar a seu rei. Foi Jorge de Albuquerque Coelho nomeado enfermeiro-mór do exercito, e commandante de uma columna de cavallaria, ás ordens immediatas de Dom Diogo de Souza, escolhido para general em chefe.

Completos os preparativos, embarcou-se, em 1578, ElRei, a nobreza e o exercito. Ficou Portugal entregue a cinco governadores, o arcebispo de Lisboa, Dom Jorge de Almeida, Pero de Alcaçova, Francisco de Sá e Dom João Mascarenhas. Depois de tormentosa viagem, aportou a frota em Tanger.

Não cabe aqui summariar miudamente todos os gra-
es acontecimentos que acompanharam a expedição

famosa, perdida toda em um sanguinolento combate ás margens do rio Luco, causando assim a ruina de uma das primeiras monarquias europeas. Uma ou outra pequena circumstancia relevaremos apenas, para completar os successos da vida do illustre Brazileiro, que n'ella figurou com tanto luzimento.

Teve logar a batalha no dia 4 de Agosto de 1578 nos campos de Alcacer-Quivir, entre as tropas portuguezas e o exercito de Muley-Moluco, rei de Fez, Marrocos e Trudante. Dardejava o sol tão abrasadores raios, que pareciam incendiar a terra. Perdeu Dom Sebastião o cavallo que foi atravessado pela bala inimiga. No arriscado transe correu ElRei serios perigos conhecido como era pela côr original de suas armas. Achava-se felizmente á seu lado Jorge de Albuquerque, posto ferido gravemente e todo ensanguentado, que se apressou em offerecer-lhe o seu proprio ginete. Este facto commemorado por todos os historiadores, e particularmente por Miguel Leitão de Andrade (1), prova a grandeza d'alma e rarissima fidelidade de Jorge de Albuquerque Coelho, que praticando aquelle sacrificio sabia perfeitamente perder todos os meios de escapar a um troço de inimigos que deixaram por morto no meio de uma porção de cadaveres, que juncaram já o campo da batalha. Nem assim se pôde salvar o atrevido monarcha, que na lucta

(1) Varia historia. Rebello da Silva no tomo 1° da sua *Historia de Portugal no XVI e XVII seculos* refem este successo.

sanguino lenta perdeu a corôa, a vida, e a fortuna egualmente da sua patria querida.

Esclareceu o dia immediato um espectaculo mais luctuoso ainda. Já não era um combate de dous exercitos, em que se esvaía a vida no meio dos pelouros, ao tinir das armas, e exaltados os espiritos de furor, de vingança e de enthusiasmo. Estava o campo coberto de cadaveres. Com sangue misturava o rio Luco as suas limpidas aguas. Traspassava e infeccionava a atmosphera o fetido dos mortos. E sobre esses desgraçados restos atirava-se uma nuvem de salteadores, que rasgavam as vestes tepidas e humidas, roubavam a corpos inanimados os dinheiros e joias, que encontravam, e carregavam os despojos no meio dos risos infames, e desapiedadas e indecifraveis alegrias.

Dispõe felizmente a Providencia divina que do cumulo de males sáiam ás vezes venturas inauditas. Como mortos jaziam muitos individuos, que ainda o não eram, e a esperança de maiores lucros animou a essas harpias, que esvoaçavam por cima dos cadaveres, a salvar-lhes a vida e tomar d'elles cuidado, para os venderem como escravos, apenas voltados ao gozo da saúde. Foi Jorge de Albuquerque Coelho um dos infelizes, que do combate e das ancias já da morte se passou para o captiveiro [illegible]s Mouros. Conduzido para Fez em um carro, sof[illegible]u longa e dolorosa operação nas pernas, da qual [illegible]ltou ficar aleijado, e para poder sustentar-se,

e andar de pé, ser obrigado á usar de muletas.

Que vida a do captiveiro! E que captiveiro o de Mouros! — Foi o theatro e a pedra de toque das grandes almas de toda aquella epocha, em que constante e mortifera lucta sustentavam os Portuguezes contra os seus vizinhos Agarenos nas terras e dominios africanos, como si assim se vingassem de haver sido Portugal uma das conquistas dos Mouros. Tantas vezes receberam os campos musulmanos copia immensa de cadaveres lusitanos, e cadaveres da flôr do reino, da mais pura e antiga nobreza, e até de sangue regio! Talvez fosse menos infeliz o que encontrava a morte no seio da batalha, na ponta do gladio, e no perpassar da bala, que o prisioneiro que arrastou a sua existencia na miseria a mais cruel e amarga, e vergado sob o peso de ferros que lhe manietavam pés e mãos, e a cada instante lhe estavam lembrando o terrivel captiveiro! Some-se a vida no travar da lucta e do combate. Si ha dôr, é instantanea. No captiveiro, porém, além dos soffrimentos physicos, além das dôres que agitam o corpo, além do horror dos ferros, do apertar das algemas, e do bater dos instrumentos do castigo; além da fome e da sêde que vai calando e minando a existencia; sobem á immaginação e lhe fallam á lembrança brios quebrados, orgulhos abatidos, glorias fanadas e futuro sem esperança!

Com Jorge de Albuquerque Coelho foram captivos e martyres seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho.

Jeronymo Côrte-Real (1), Diogo Bernardes (2), Luiz Pereira Brandão (3), e varios outros Portuguezes illustres pelo sangue, por talentos ou qualidades selectas. Receberam Fez e Marrocos um numero avultado de christãos, que a batalha de Alcacer-Quivir atirou nas prisões e no captiveiro.

Resgatado com muitos dos seus companheiros de infortunio, á custa de pesadas sommas pecuniarias, que a caridade publica fornecia, e esmolava a ordem religiosa para esse fim instituida, que se empregava em comprar aos Mouros os seus captivos; pôde voltar Jorge de Albuquerque para Portugal e para o seio dos seus amigos e parentes no fim de dous annos.

Mas que differença em Portugal! Como estava mudado!

A Dom Sebastião succedêra no trono portuguez o sexagenario cardeal Dom Henrique, que expirando poucos mezes depois, deixára a corôa ambicionada por muitos pretendentes, dos quaes eram dous portuguezes, a duqueza de Bragança, e Dom Antonio, prior do Crato. Mandou Felippe II, rei da Hespanha, que o duque d'Alba á frente de um exercito se apoderasse de Portugal, e o unisse á corôa hespanhola. Estremeceram os Portuguezes. Ousaram poucos resistir ao

(1) Distincto poeta portuguez; auctor dos poemas *Naufragio de Seleda*, e *Cerco de Diu*.

(2) Primoroso poeta portuguez.

(3) Auctor do poema *Elegiada sobre a catastrophe de Alcacer-Quivir*.

poderoso monarcha. Recolheu-se ao silencio a duqueza de Bragança. Unico foi o prior do Crato que pegou em armas, e chamou Portuguezes ao combate. Contraria lhe correu porém a sorte, e venceu Felippe II. Todos os que, nutrindo ideias ainda de independencia, e odio ao jugo hespanhol, contra elle se declararam, ou unindo-se ao prior do Crato, ou sem aceitar o governo de Dom Antonio, desejando para Portugal outro rei, que não fosse o monarcha castelhano, tiveram de resignar-se ao exilio, para escapar á prisão, e á morte.

Tendo fallecido Duarte de Albuquerque Coelho durante o seu captiveiro na Africa, á seu irmão Jorge de Albuquerque veio a pertencer a capitania de Pernâmbuco na falta completa de descendentes directos, segundo o direito hereditario da nação. Com a sujeição porém de Portugal, ousaram assaltar os Hollandezes e Francezes as antigas possessões, que tanto sangue haviam custado aos Portuguezes. Era Pernambuco uma das donatarias mais ferteis, e portanto das mais ambicionadas, e para ali convergiram particularmente as suas vistas, no intuito de conquista-la.

E que podia fazer Jorge de Albuquerque Coelho? Não lhe roubára a existencia a batalha de Alcacer-Quivir. Deixára-o porém exhausto de fortuna e de meios para soccorrer a sua capitania, e inhabilitado de corpo para pessoalmente defende-la.

Para consolar-se, chamou em seu auxilio a intelligencia, e ella lhe não faltou. Escreveu diversos tra-

tades moraes e politicos, e memorias importantes sobre as guerras do Brazil, durante as primeiras explorações. Segundo o juizo critico dos chronistas contemporaneos, revelam estas memorias o apurado talento do seu auctor pelas miudas noticias, que dão do estado de Pernambuco (1).

Ainda que Felippe II conhecia o quanto lhe era infenso o animo de Jorge de Albuquerque, que soffria de ver Portugal governado por monarcas estrangeiros, mostrou todavia apreço pelas memorias que elle escrevêra, e solicitou do auctor as continuasse para gloria sua, e da nação portugueza. Querendo dar-lhe um testemunho mais elevado da sua estima, offereceu-lhe enviar alguma força para Pernambuco, que sustentasse a sua capitania contra os ataques dos inimigos que a invadiam. Aceitou Jorge de Albuquerque este auxilio, e para o lograr mais efficaz, requereu, e obteve egualmente, que com a força armada partissem religiosos menores de São Francisco, alguns carmelitas, e padres da Companhia de Jesus, certo de que mais solidamente se consolidariam os triumphos das armas com os auxilios da religião, moralisando com os exemplos de virtude, e com prédicas religiosas.

Já que por si mesmo não podia mais, atravessando os mares, tomar conta das redeas do governo, collocar-se á frente do povo, e conduzi-lo á victoria, como tão

(1) Attribuem-lhe os chronistas egualmente uma falla notavel aos governadores do reino. Vide Diogo Barbosa na sua *Biblioteca lusitana.*

gloriosamente o fizera na sua mocidade; para engrandecimento e prosperidade da terra que o víra nascer, e que doce e fantasticamente lhe sussurrava em seus sonhos, desejava-a pelo menos soccorrer conforme as suas forças, e satisfazer por este modo a seus sentimentos patrioticos.

Logo que á edade varonil chegou seu filho Duarte de Albuquerque Coelho, que nascêra em Lisboa, mandou-o para Pernambuco, como seu representante, e sua propria imagem, afim de animar com a sua presença o povo que lá existia, aprender a batalhar, conhecer e amar o solo feliz que fôra patria de seu pai, e constituia o feudo da sua familia, conquistado pelos seus antepassados á custa dos seus braços, do seu sangue, e da sua vida.

É inteiramente ignorada a epocha do fallecimento de Jorge de Albuquerque. Desde que regressou do captiveiro de Fez, não sahiu mais de Lisboa. N'esta cidade teve sem duvida logar a sua morte. Os chronistas, que historiaram os successos de sua vida não mencionaram o seu termo. Sabe-se apenas que ainda vivia no anno de 1596 reformado no posto de general, respeitado pelos seus serviços, e conhecido pela sua erudição e talentos.

III.

SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENAVIDES.

I.

Foram Mem de Sá, Estacio de Sá e Salvador Correia de Sá, os fundadores da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro, governador geral do Brazil, retirou-se para a Bahia, capital então do Estado. Pagou o segundo com o seu sangue e a sua vida a gloriosa conquista, para que tanto concorrêra. Governou-a o terceiro até que, em 1572, recebeu ordem de passar a administração a Christovam de Barros.

Era o governo da capitania do Rio de Janeiro subordinado ao governo geral do Brazil. No anno de 1574, considerou ElRei Dom Sebastião que melhor ria dividir a administração em dous governos independentes, com as denominações de Sul e Norte,

sendo capital do primeiro a nova cidade do Rio de Janeiro, para o qual nomeou a Antonio de Salema; e continuando a Bahia capital do segundo.

Não durou muito tempo esta deliberação. Appareceram inconvenientes de tamanha gravidade que, em 1577, ordenou ElRei voltassem as cousas ao seu antigo estado. Foi novamente nomeado Salvador Correia de Sá para governador do Rio de Janeiro, subordinado ao governador geral do Brazil.

Complicada e trabalhosa era de certo a tarefa do governador do Rio de Janeiro. Não lhe cabia sómente lançar os fundamentos da cidade; conceder sesmarias de terras; animar o seu cultivo; e promover o augmento da população. Tinha que sustentar guerras continuadas contra os gentios Tamoyos, que á força, e unicamente no derradeiro extremo, cediam o terreno, e se retiravam para o interior refugiando-se nos sertões desconhecidos pelos conquistadores. Cathequisaram-se, aldeiaram-se, e travaram-se de amizade com os Portuguezes, quasi todas as nações e tribus dos indigenas do Brazil, já com o medo e temor das suas armas, já movidas pelas praticas habilidosas dos Jesuitas, que as procuravam, tranquillisavam e chamavam para o gremio da religião e da sociedade. Como que eram porém os Tamoyos do Rio de Janeiro de tempera diversa. Não ouviam os conselhos de paz, e nem attendiam as vozes dos Jesuitas. Não se cathequisavam, e menos aldeiavam. Combateram constantemente. Quando foram vencidos e derrotados, abandonaram o terreno,

e se sumiram a todos os olhos. Preferiram perder as suas bellas e magestosas terras; a sua vasta e magnifica bahia; os seus folgares no oceano, e os seus jogos maritimos; para conservarem a sua vida livre e nomade. Um Tamoyo se não ligou aos Portuguezes. Receberam os desertos interiores do Brazil essa nação cavalheirosa e valente, que a força venceu, mas que se não curvou aos vencedores.

Durante o primeiro governo de Salvador Correia de Sá, nasceu-lhe um filho no Rio de Janeiro, Martim de Sá (1). Em 1590, casou-se Martim de Sá com Dona Maria de Mendonça Benavides, filha de Dom Manuel de Benavides, governador de Cadiz. Em 1594, achando-se empregado Martim de Sá nas obras militares do Rio de Janeiro, ainda sob o governo de seu pai, Salvador Correia de Sá, veio ao mundo seu filho Salvador Correia de Sá e Benavides, que foi no mesmo anno baptisado na freguezia de São Sebastião, hoje sé velha (2). A quasi todos os membros da fa-

(1) Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro, tomo II das *Memorias historicas do Rio de Janeiro,* declara que no Rio de Janeiro nascêra Martim de Sá. Este facto acha-se plenamente comprovado por uma carta sua de 1624, publicada no 1° vol. da *Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro,* na qual Martim de Sá, tratando de embaraços do seu governo no Rio de Janeiro, diz : « Em todas as partes por onde andei acho que n'ellas sou mais acatado, mais amado e mais estimado do que aqui sou com as mercês que S. M. me faz. Attribuo ao proverbio *nemo propheta in patria sua,* pois poderei cuidar que será inveja. »

(2) Sebastião da Rocha Pitta, na lista dos Brazileiros illustres, com que findou a sua *Historia da America portugueza,* cita o nome de Sal-

milia dos Sás coube a honra de dirigir a administração da capitania do Rio de Janeiro. Foram por diversas vezes seus governadores Mem de Sá, Estacio de Sá, Salvador Correia de Sá, Martim de Sá, e Salvador Correia de Sá e Benavides.

Em 1603 obteve pela primeira vez Martim de Sá o posto de governador do Rio de Janeiro, e o de vice-almirante das costas do mar do sul do Brazil. Durou a sua administração até 1608, regressando então para Lisboa, e sendo substituido por Affonso de Albuquerque. Em 1623 voltou segunda vez para o Rio de Janeiro a tomar as redeas do governo da capitania.

Em seu filho Benavides madrugaram muito cedo o valor e os brios. Dedicou-se ás armas, que eram as armas a carreira que lhe competia. N'ellas haviam adquirido gloria os seus antepassados tanto nas guerras d'Africa, e conquistas d'Asia, como nas luctas do Brazil. Que espelhos de acções dignas e memoraveis lhe appareciam, sempre que folheava as vidas dos seus predecessores! Que quadros de heroismo luziam a seus olhos, quando elles se estendiam pelo immenso

vador Correia de Sá e Benavides. Monsenhor Araujo Pizarro, tomo III, pag. 204, das *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, refere o seu assento de baptismo, que teve logar na egreja de São Sebastião do Castello; além d'estas provas irrecusaveis, ha uma carta escripta por Salvador Correia de Sá e Benavides á camara de São Vicente, em data de 10 de Janeiro de 1641, em que declara ter nascido no Rio de Janeiro. Entretanto alguns escriptores castelhanos pretenderam ser elle natural de Cadiz, patria de sua mãi; esta pretenção porém cedeu a documentos e provas que evidenciam pertencer ao Brazil a gloria do seu nascimento.

theatro da guerra, que Portugal levára á todas partes do mundo! Que aureolas de gloria phantasiava a sua immaginação embebida nas historias de Diu, Damão e Malacca, e nas chronicas de Ceuta, Tangere e Alzira!

Herdavam-se os brios com o sangue; enthusiasmavam-se com os exemplos; e firmavam-se com os feitos de gloria. Tinha apenas Salvador Correia dezouto annos de edade quando lhe prescreveu seu pai que acompanhasse varios combois de navios mercantes, que navegavam entre o Brazil e o reino de Portugal. Commeçou assim a carreira de feitos honrosos, sustentando ainda na juventude diversos combates com náus hollandezas, que encontrára na sua viagem. Coalhavam-se os mares, n'essa epocha, de piratas e corsarios, que por toda a parte infestavam e atacavam os navegantes. Muito arriscadas eram as commissões de acompanhar combois de navios mercantes, defendendo-os de ataques e roubos, a que andavam expostos.

Tenro ainda, avesou-se o seu corpo aos exercicios continuos, e á maravilhosa actividade, que devem distinguir o guerreiro. Dedicou-se o seu espirito ao estudo da estrategia e da theoria, que aperfeiçoa, domina e dirige a pratica militar. Era-lhe preciso unir a intelligencia ao valor pessoal para que conseguisse collocar-se ao nivel dos grandes acontecimentos, que o esperavam, e que lhe cumpria vencer.

Não tardou muito a epocha das provas.

Atacaram inopinadamente os Hollandezes a cidade da Bahia, em 9 de Maio de 1624. Era a capital e a primeira e principal praça de todo o Brazil, como séde official do governo, e como a povoação mais importante. Continha cerca de mil quatrocentas casas, tres conventos, e quatro egrejas. Guarneciam-na trezentas e cincoenta praças de linha, e perto de mil milicianos. Uma bateria e tres fortalezas lhe defendiam o porto. Não puderam resistir os de terra a força tão poderosa como era a hollandeza, composta de vinte e seis navios de guerra, com quinhentas bocas de fogo, e uma tripolação de mil e seiscentas praças de marinhagem e de mil e setecentos soldados, a cuja testa se achavam os famosos Jacob Willekens e Peter Heyne. Tomaram elles a cidade. Prenderam o governador Diogo de Mendonça Furtado, que remetteram para Amsterdam. Assenhorearam-se das fortalezas, tendo-se evadido para o interior a maior parte da população, que abandonou a praça. Chegando esta noticia a Martim de Sá, tratou o governador do Rio de Janeiro de auxiliar immediatamente os seus compatriotas, soccorrendo-os em transe tão amargurado. Preparou uma força de duzentos homens, e fê-la seguir para a Bahia, confiando o seu commando a seu filho Benavides. Descobria já n'elle aquelle ardor, nobreza, valentia e pericia, que afiançavam honrosos feitos, e promettiam porvir glorioso.

Si bem que as caravellas, que levavam esta força, seguissem viagem costeiando o paiz, soffreram uma

tempestade pelas alturas dos Abrolhos. Demandaram o Espirito Sancto, e ahi arribaram, á fim de se repararem de algumas avarias. Parece que foi a Providencia que as attrahiu para esta capitania, pois que a presença e valor de Salvador Correia a salvaram de uma frota hollandeza, bem esquipada e apparelhada, que vindo de Loanda se dirigíra para o Espirito Sancto, na persuasão de achar a capitania desprevenida, e apropriada ao saque. Conheceu Salvador Correia que era inferior o numero dos seus soldados ás forças hollandezas excedentes a trezentos homens. O valor porém se não mede pelo numero. Fallam sempre os brios antes do calculo. Animou a sua gente. Desembarcou em terra, que já em terra se achavam os Hollandezes, capitaneados pelo almirante Patrid. Commeçou o combate com aquelle ardor heroico, e caloroso enthusiasmo, que não dá tempo á victoria a decidir-se. Sustentaram os Hollandezes o ataque com a frieza e calma de seus climas. A mortandade porém que lavrou por entre as suas fileiras, obrigou-os a abandonar a terra, e procurar os seus navios. Ousaram voltar nos dous dias immediatos. Soffreram novos revêzes. Não se pôde cortar inteiramente a retirada dos inimigos, pela diminuta força portugueza. Causou-lhes porém Salvador Correia um destroço tal, que d'elle lhes devia ficar reminiscencia demorada. Muitos cadaveres hollandezes juncaram o campo da batalha. Recebeu e tragou o mar duas das outo embarcações que traziam. No transe da fuga, dentro das proprias lanchas e dos

escaleres, e até á bordo dos navios, supportaram perdas consideraveis (1).

Obtida a victoria, e libertada a capitania do Espirito Sancto, seguiu Salvador Correia de Sá e Benavides para a cidade da Bahia, com a pequena força que commandava.

Logo que fôra preso o governador, e cahíra esta cidade em poder dos Hollandezes, se refugiaram os habitantes para o reconcavo, como atraz dissemos. Mas pela influencia e exhortações do bispo Dom Marcos Teixeira ali se reuniram, se organisaram, e se defenderam, ao principio, com diminuta força, e nem-um successo. Foram depois a pouco e pouco recobrando os animos, e reclamando soccorros das capitanias vizinhas. Os que de Pernambuco expediu o governador Mathias de Albuquerque, foram os primeiros chegados, e muito serviram para o serviço. Parecia não importar-se com o Brazil o conde duque de Olivares, primeiro ministro das Hespanhas. Obrigou-o porém o Conselho d'Estado a fazer seguir Dom Fadrique de Toledo commandando uma frota de trinta galeões, quasi todos preparados e esquipados pelos Portuguezes, á fim de tomar immediatamente a offensiva e

(1) Francisco de Britto Freire, liv. II da *Guerra brazilica*, refere esta victoria de Benavides sem minuciar o numero dos vasos de guerra hollandezes que foram a pique. Luiz Moreri, no seu importante *Grande Diccionario historico*, art. *Correia*, enumera outo. O mesmo numero conta Manuel de Faria e Souza na sua *America portugueza*; monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro nas suas *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, cinge-se á opinião de Faria e Souza e de Moreri.

atacar a cidade, que os Hollandezes tinham reforçado com auxilios novos, recebidos egualmente da sua Companhia das Indias Occidentaes. Conseguiu Dom Fadrique de Toledo desembarcar na Bahia uma força de dous mil homens, que acastellou no mosteiro de São Bento. Chegou tambem pelo mesmo tempo Salvador Correia, trazendo o contingente com que entrava seu pai para a restauração da capital do Estado do Brazil (1).

Póde-se organisar então uma força regular portugueza, que se acampou nas margens do rio Vermelho, na distancia de uma legoa da cidade, ás ordens do bispo, de Manuel Dias de Andrade, e de Pedro da Silva Coutinho, a qual commeçou o assedio. Pela parte do mar Dom Fadrique de Toledo, Salvador Correia de Sá, Dom Francisco de Almeida, e outros capitães cortavam as communicações da praça, servindo-se tambem da posse que tinham já de alguns pontos de terra. Ao assedio seguiu-se o ataque, e ao ataque a victoria. No dia 1° de Maio de 1625, lograram os Portuguezes entrar na Bahia, obrigando os Hollandezes e o seu governador Kiff a evacuar a praça.

Com elogio fallam as proprias memorias hollandezas do valor, intrepidez e estrategia de Salvador Correia (2). Para a sua Côrte deu Dom Fadrique de To-

(1) Rebello da Silva, 3° vol. da *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*.

(2) Waguenaar XI, Aitzema, Cepellen, Gedeakscriften, pag. 324. — Ieffzer, *les Hollandais au Brésil*.

ledo uma parte tão honrosa do seu procedimento, que foi louvado em cartas patentes do soberano, e nomeado para almirante do Rio da Prata (1).

Regressando para o Rio de Janeiro, empregou-se ahi em varias commissões. Occuparam-no as obras dos fortes de Sancta Cruz e São Thiago, e tambem a edificação da nova fortaleza de São Sebastião, mandada levantar para o fim de premunir a cidade contra quaesquer invasões de inimigos.

Nos fins do anno de 1629 foi chamado á metropole, e empregado, em Lisboa, em cargos administrativos militares. Achava-se ainda n'esta cidade quando recebeu a dolorosa noticia do passamento de seu pai Martim de Sá, que em 1632 baixára ao sepulcro no Rio de Janeiro, exercendo ainda o posto de governador da capitania.

Levou-o o sentimento á desejar recolher-se ao isolamento. Pediu licença para retirar-se á uma quinta, e á procurar allivio no afastamento dos empregos publicos.

II.

Em toda a parte central dos dominios hespanhóes, que comprehende as provincias de Tucuman, Jujuy, São Luiz, São João, e a margem direita do rio Paraguay, lavrava antiga e terrivel rebellião, fomentada

(1) Luiz Moreri, *Grand Dictionnaire historique.*

por Dom Pedro Chamay. Por diversas vezes haviam sido destroçadas e anniquiladas pelos revoltados varias forças castelhanas. Não soffria a metropole com o só desconhecimento do seu governo e dominio nos logares sublevados. Padeciam tambem bastante com aquelle estado de anarquia as suas provincias limitrophes de Buenos-Ayres, Correntes e Entre Rios, e podia elle trazer funestos resultados aos demais dominios da corôa hespanhola.

Traçou Felippe IV terminar de uma vez para sempre com a rebellião, e trazer á paz e obediencia todo o territorio do sul da America. Necessitando de um general, que tivesse ainda a robustez da mocidade, para atravessar terrenos incultos, vencer distancias immensas, e soffrer sêdes, fome, abandonos e solidões, escolheu a Salvador Correia, cujos feitos o haviam já bastantemente distinguido. Nomeou-o, em 1634, para vice-almirante das costas do mar do sul, e commandante em chefe do exercito castelhano que devia seguir para aquelles pontos da America, á fim de operar contra os revoltosos.

Firmou-se e engrandeceu a reputação de Salvador Correia com as campanhas de Tucuman, São João e São Luiz. Regou com o seu sangue os campos do magestoso continente, que lhe deram para theatro de seu valor e brios. Foram longos e sanguinolentos estes combates. Eram uma serie continua e incessante de luctas. Seguiam-se umas á outras. Para conseguir effeitos reaes, carecia a victoria de um dia de segunda,

terceira e quarta victoria nos dias immediatos. Desapparecia o inimigo, logo que perdia o campo da batalha. Para descobri-lo e apanha-lo cumpria de novo atirar-se aos desertos; dobrar montanhas, vadeiar rios, e rasgar florestas e mattas desconhecidas. Por fim, porém, a victoria de Palingarta, em 1635, pacificou a provincia de Tuçuman, sendo derrotados completamente os Calequis revolucionarios, e preso o seu chefe principal, Dom Pedro Chamay. Pôde então Salvador Correia regressar para Madrid, e apresentar ao governo os seus louros, as suas cicatrizes, e os despojos dos inimigos.

Em premio, nomeou-o ElRei, por carta patente de 21 de Fevereiro de 1637, para governador e capitão-general do Rio de Janeiro.

Casou-se, por estes tempos, Salvador Correia com Dona Catharina de Valasco, filha de Dom Pedro Ramires de Valasco, governador do Chile, e seguiu para o Rio de Janeiro á fim de exercer o governo da capitania, da qual tomou posse, em 3 de Abril do mesmo anno.

Quando, em 1640, rebentou em Portugal a gloriosa revolução da independencia, que acabou com o jugo castelhano, e elevou ao trono Dom João IV, duque de Bragança, achava-se ainda Salvador Correia na cidade do Rio de Janeiro, á frente do seu governo. Teve noticia confidencial por uma carta da Bahia, em 10 de Março de 1641. Harmonisavam os seus sentimentos com aquelles novos e graves successos. Posto

sempre merecêra a attenção de Felippe IV d'Hespanha, e recebêra inequivocas provas de sua real estima, prezava comtudo a independencia de Portugal, e por esse motivo deliberou submetter-se immmediatamente ao novo monarca, preferindo o cumprimento d'este dever á perda de dez mil cruzados de renda que lhe dava a Corôa hespanhola, e de mais de cincoenta mil de fazenda de raiz e movel, que possuia no reino do Perú e Castella. Chamou em segredo á conselho os officiaes da camara, e patentes principaes do exercito. Entendeu-se em particular com cada um d'elles, e seguro do appoio de todos, reuniu-os, e fez lavrar e assignar termo incontinente de adhesão á nova ordem de cousas proclamada em Portugal. Lançou bando. Sahiu á rua acompanhado por todos, e espalhando a noticia, e deliberação do governo, proclamou Dom João IV legitimo rei e senhor de Portugal no meio das maiores demonstrações de publico regozijo. Enviou para todas as capitanias do sul emissarios para o fim de convidarem as auctoridades e os povos a seguirem o seu exemplo.

Preferiu assim Salvador Correia a fidelidade de Portuguez á possessão de riquezas e honorarios que Hespanha lhe afiançava. Confirmou-o Dom João IV no posto, que occupava, conferindo-lhe mais o cargo de ɔneral da frota dos mares do Brazil, em testemunho e seu real agrado.

Foi uma administração de grandes vantagens moraes de immensos progressos materiaes para o Rio de Ja-

neiro, e para todo o sul do Brazil, a que elle desenvolveu no seu governo. Era incansavel o seu genio; activissimo o seu espirito. Tudo procurava por si mesmo ver, conhecer e examinar. Anciava augmentar a população; fazer progredir o cultivo das terras; abrir vias de communicação entre diversos pontos e aldeias, que levantava e animava. Era o seu intuito provar aos olhos de todos, que o paiz que lhe servíra de berço, continha em seu seio copia immensa de riquezas fecundas, e germen seguro de futuras prosperidades. Sustentou os Jesuitas, na intenção de propagarem os dogmas da religião catholica, cujo freio mais segurava o dominio da civilisação. Executou as bullas dos papas Urbano VIII e Paulo III, e as leis, cartas regias, provisões e alvarás de seu soberano, de 20 de Março de 1570, 22 de Agosto de 1587, 11 de Novembro de 1595, 30 de Julho de 1609, e 10 de Septembro de 1611, que, declarando livres os gentios, estabelesciam como unica excepção os casos de prisioneiros em guerra justa, e auctorisada pelo governo. Pensava assim poder reunir em torno do seu governo, e na sua obediencia, a todos esses infelizes selvagens. Bastante lhe custava a execução d'estas providencias, porque os povos se tinham habituado a possuir escravos, assenhoreando-se injustamente dos indigenas, reduzindo-os ao captiveiro, e obrigando-os a trabalhar nas suas fazendas. Preciso lhe foi ir pessoalmente a Sanctos, a São Vicente, e a São Paulo, aonde mais claramente se manifestára a opposição á estas providen-

cias humanitarias, e por si mesmo, com pacificas insinuações e paternaes conselhos, e com emprego de ameaças, e mesmo de força armada, accommoda-los, abranda-los, e submette-los.

N'esta viagem proveitosa examinou minas, estudou o curso de alguns rios, e obteve materiaes proficuos para a administração publica, e desenvolvimento pratico da riqueza do solo. De volta ao Rio de Janeiro, achou successor no governo da capitania. Fôra nomeado Luiz Barbalho Bezerra. Retirou-se então para Lisboa, acompanhando uma frota de trinta e cinco navios mercantes. Recebeu na Bahia em conserva o mestre de campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno com dous terços embarcados em outo navios. Atravessou sem receio os mares de Pernambuco coalhados de náus hollandezas, que, perdida a Bahia, se haviam apoderado da capitania de Pernambuco. Deixou em Itamaracá aquella força, que se destinava ao soccorro dos Portuguezes, que cercavam o Recife, e seguiu para a Europa.

Acolhido por ElRei, que recebeu benevolamente as suas homenagens, apresentou-lhe as noticias, que obtivera, á respeito da existencia de minas auriferas na capitania de São Paulo, e os mappas das localidades, em que se persuadia deverem ser encontradas, pedindo-lhe a sua acquiescencia para explora-las. Manifestou ElRei que adoptava a sua proposta, e prometteu gratifica-lo devidamente. Intrigas porém do conde de Mica, seu inimigo, e que na côrte tinha

valimento, levaram ElRei á decidir de outro modo, e á desprezar as suas ideias. Não gozou portanto Benavides por muito tempo de repouso em Lisboa. Como das costas do Brazil se haviam passado os Hollandezes para a Africa, e chamando a si alguns reis negros, acommettendo diversos presidios, se tinham empossado de Loanda, ordenou ElRei Dom João IV a Salvador Correia que partisse para o Rio de Janeiro, tomasse novamente conta d'este governo, ajuntasse forças e tratasse de restituir á Corôa portugueza os seus dominios d'Africa, expellindo d'elles os Hollandezes, e obrigando os reis negros do sertão a submetter-se á sua auctoridade.

Foi assim pela segunda vez Salvador Correia governador do Rio de Janeiro. A sua actividade e o seu zelo reuniram em pouco tempo força e armada sufficientes para reconquistar a Africa, que devia de ser novo theatro de seus feitos. Para ali partiu em 12 de Maio de 1648, com uma frota de 15 embarcações, das quaes haviam sido quatro compradas á sua custa, e com novecentos homens de desembarque (1). Propicios lhe foram os mares e ventos, achando-se em vista das costas africanas apoz uma curta viagem. Recontar os pormenores dos combates, que teve de dar, descrever os seus planos de campanha, e minuciar as victorias e triumphos que conseguiu, longa tarefa seria. Baste dizer que apenas desembarcou com

(1) Moreri, *Grand Dictionnaire biographique.*

a sua força em Guicombo, ahi levantou uma fortaleza, e não tendo porém ordens para romper as pazes com os Hollandezes, seguiu logo depois para Loanda, aonde notificou ao Director que lhe era indispensavel formar um estabelescimento militar em terra, para se communicar com os pretos, subditos da Corôa portugueza. Insultados assim os Hollandezes, oppuzeram-se á semelhantes tentativas. Atacou-os então Salvador Correia, e venceu-os, obrigando-os a abandonar a ilha de Loanda e a possessão de Benguela, depois de terrivel perda de gente e material. Expellidos os invasores, teve que recommeçar a lucta contra as tribus naturaes da terra. Combateu e destroçou innumeraveis hordas de pretos, que com os Hollandezes se haviam travado de alliança. Obrigou os seus reis e os seus chefes, e especialmente o rei do Congo, a rainha Ginga de Angola, e quatorze sovas, que todos se haviam rebellado, a curvar-se á Corôa portugueza, e a reconhecer os seus direitos de suzerania, cedendo-lhe as terras e a ilha de Loanda. E para firmar a posse de seu monarca traçou a reconstrucção e reedificação dos presidios e fortes, e das villas e cidades, que a invasão havia completamente destruido.

Guarneceu e fortificou Loanda. Fundou no Congo e no Zaire algumas povoações portuguezas. Visitou e xaminou toda a costa. Aqui e ali dispersos fortes, e evantados presidios firmaram de uma vez os domiios portuguezes d'Africa.

Affirma monsenhor José de Souza Azevedo Araujo

Pizarro (1) que ainda no seu tempo (2) se celebrava annualmente em Loanda uma festividade religiosa, em louvor da victoria obtida em 15 de Agosto de 1648 por Salvador Correia de Sá e Benavides, a qual lhe abriu as portas d'esta importante cidade, e a livrou do jugo e dominio dos Hollandezes, dando-lhe então o nome de São Paulo, por ser este o sancto do dia do triumpho.

Conservou-se Salvador Correia tres annos quasi no governo d'Africa. Em 1651, retirou-se para o Rio de Janeiro, logo que julgou cumprida a sua missão, deixando por seu substituto a Rodrigo de Miranda Henriques. Recebeu então d'ElRei as commendas de São Julião de Cassia, e de São Salvador da Lagoa, na ordem de Christo, e a mercê do senhorio de Asseca, e da alcadaria mór da cidade do Rio de Janeiro, com o privilegio de poder gravar as figuras de dous Africanos por supportes de suas armas, e brasão de familia, em recompensa dos seus serviços.

Governou ainda pelo espaço de um anno a capitania do Rio de Janeiro, continuando a publica administração com o mesmo cuidado, zelo, intelligencia e actividade, que empregára em seu primeiro governo, e que o fizeram estimar e respeitar por todo o povo. Comprehendeu o verdadeiro systema de concessão de sesmarias com o onus de demarcação, posse e cul-

(1) *Memorias historicas do Rio de Janeiro.*
(2) De 1810 á 1812.

tivo, em um prazo razoavel e fixado. Fundou a egreja de São Salvador, nos amenos e alegres campos dos Goytacazes, ás margens do rio Parahyba. Chamou para ahi povoação, estabelesceu engenhos de assucar, e promoveu o cultivo da cana. Concedeu a administração da egreja aos monges de São Bento, que lhe haviam prestado importantes serviços (1). Abriu as necessarias estradas, que communicassem aquelle novo povoado com a cidade do Rio de Janeiro, plantando por ellas algumas aldeias de gentios cathequisados, e de colonos europeus, misturando-os com os mestiços.

Incitou emfim a Francisco Dias Velho, e coadjuvou-o para tomar conta da ilha de Santa Catharina, e povoa-la com sua familia e quinhentos colonos e Indios domesticados, fundando-se assim a cidade do Desterro, capital hoje da provincia d'aquelle nome.

III.

Com a morte d'ElRei Dom João IV, e regencia da rainha Dona Luiza de Medina Sidonia, tutora de seu filho ElRei Dom Affonso VI, commeçaram á apparecer em Portugal symptomas evidentes de opposição contra governo. Descontentes muitos Portuguezes com as

(1) *Memoria historica e topographica sobre os campos de Goytacazes*, José Carneiro da Silva, Visconde de Araruama. — Rio de Janeiro, 19.

qualidades, que, desde a sua puericia, mostrava Dom Affonso VI, foram-se chegando para o infante Dom Pedro, seu irmão menor, e formaram em torno d'elle uma côrte especial, apresentando-o desde logo como mais apto para o trono. Outros se conservaram fieis á ElRei, e reprovavam as opiniões e procedimento dos que pensavam poder transtornar a ordem da successão regia. Supposto nutrisse predilecção pelo filho menor, cujos dotes mais dignos lhe pareciam, esforçava-se todavia a rainha regente de reunir em derredor do trono as sympathias de todo o povo, como as melhores garantias do engrandecimento de Portugal e da perpetuidade da real dynastia.

Tomou incremento e progrediu com força esta divisão do paiz em dous partidos, ou bandos differentes. Equilibrava-os Dona Luiza, porque perspicaz e intelligente, parecia-lhe que conservando neutralidade entre ambos, conseguiria socegar a um e a outro.

Deixára Salvador Correia de Sá e Benavides, em 1652, o governo do Rio de Janeiro, retirando-se para Portugal. Achou ahi divididas as familias, separado o pai do filho, inimigos entre si os proprios irmãos. Encontrou partido de Dom Affonso, e partido de Dom Pedro, já francamente organisados, e em frente um do outro, adversos e oppostos.

Vimos já que não tivera parte Salvador Correia na revolução de 1640. Não a promoveria, não só porque o amedrontavam os perigos da anarquia, que felizmente preveniu e removeu a energia de Dom

João IV, senão tambem porque, na qualidade de militar, considerava a obediencia ao governo constituido como o primeiro dos seus deveres, e o espirito de insubordinação como o maior dos crimes. Apenas porém feita a revolução, e sanccionada pelo paiz todo, aceitou-a e abraçou-a, quer por sympathia nacional, quer porque respeitava a doutrina dos factos consummados.

A Dom João IV foi fiel e leal, serviu-o com seus talentos, com sua pessoa, com seu sangue. Nunca lhe morou no peito a trahição. Jámais lhe desdourou os labios o fingimento. Era uma alma pura, constante e franca, e um coração de guerreiro obediente e sincero, firme e verdadeiro.

Fallecido Dom João IV, pertencia o trono, pelo principio da legitimidade, a seu filho mais velho Dom Affonso VI. Era a legitimidade para Salvador Correia um principio salvador, e a garantia unica da ordem publica e da conservação da monarquia. Não podia soffrer modificações o direito hereditario, que tinha sido marcado, fixado e seguido escrupulosamente pelos seus antepassados. E pois, para Salvador Correia de Sá e Benavides, não havia rei possivel senão Dom Affonso VI. A elle pertenciam o seu sangue, a sua pessoa, e a sua vida. Consistiam a lealdade e fidelidade portugueza no reconhecimento d'este princiio. O exemplo mais bello e heroico, havia-o dado Iartim de Freitas, governador de Coimbra, prestando omenagem á Dom Affonso sómente quando lh'o ordeira em Sevilha o seu rei, Dom Sancho II.

Atravez dos perigos dos combates, no meio das cruentas guerras, que sustentára á frente dos exercitos e das armadas; carregado de honras; elevado aos postos os mais importantes; incumbido de commissões da maior confiança; e rodeiado de gloria; nunca conhecêra desaffectos, invejosos, inimigos ou adversarios. Fôra sempre o seu nome repetido com elogios, respeitada geralmente a sua pessoa, por todos estimadas e apreciadas as suas qualidades, altamente reconhecidos e proclamados por toda a parte os seus serviços, quer por Castelhanos, quer por Portuguezes, quer por indigenas do Brazil, quer mesmo pelos Hollandezes, com quem tantas vezes e a miude se encontrára em leaes e grandes combates.

Manifestando porém suas opiniões politicas em pró da legitimidade e direitos de Dom Affonso VI, ligando-se ao partido que o sustentava, viu desenfrear-se contra si todos aquelles que se uniam ao partido do infante Dom Pedro. Achou em frente de si innumeros amigos de outr'ora, e antigos respeitadores do seu merito, convertidos em crueis inimigos. Tanto mais incremento tomaram os odios que lhe attrahiram os seus politicos sentimentos, quanto os não sabia esconder e occultar.

Julgou a regente que convinha, visto como apreciava as suas qualidades, e tinha em conta os seus serviços importantes, arreda-lo da capital do reino, ou pela consideração que lhe merecia, ou, como pen-

sam outros, porque affeiçoada, como era, de preferencia ao infante, e descontênte já do procedimento d'ElRei, que com o andar dos annos mais se relacionava com a classe infima e turbulenta da sociedade, temia-se Dona Luiza da influencia de um fidalgo tão nobre, de tantas luzes, e de importancia tamanha. Desgostoso com a côrte, aceitou Salvador Correia de Sá e Benavides a carta patente de 17 de Septembro de 1658, que, pela terceira vez, lhe entregava o governo do Rio de Janeiro, não já com o simples titulo de governador da capitania, e subordinado ao vicerei do Brazil, porém com o posto elevado de governador geral da repartição do sul do Brazil, tendo-se de novo dividido o Estado em dous governos independentes.

IV.

Foi assim, ainda, e pela terceira vez, a capitania do Rio de Janeiro governada por Salvador Correia de Sá e Benavides; e si bem que tão zeloso voltára elle á publica administração, e os mesmos desejos nutrisse em pró do engrandecimento do paiz que o víra nascer, como os que havia realisado já nos seus dous governos anteriores, diversa era a occasião todavia, e muito differentes as circumstancias.

Retalhado Portugal pelos dous partidos politicos que anteriormente descrevêmos, lavrando a anarquia

no seio da metropole, passou naturalmente d'ella para as suas possessões a mesma situação dos espiritos. Estabeleceram-se portanto no Brazil tambem dous campos que se guerreavam com egual força.

Era o infante Dom Pedro representado no Brazil pelo Jesuita Antonio Vieira, varão de estudos profundos, de sagacidade superior, e de espantosa actividade. Promovia o progresso do seu partido. Dava-lhe uma organisação regular com methodo e ordem. Animava e recrutava constantemente amigos, que lhe augmentassem o numero e força. Viajava por todas as capitanias. Por toda a parte prégava ao povo que arrebatava com a sua maviosa eloquencia, e com o seu fogoso enthusiasmo. Quem não correria á ouvir um sermão do padre Antonio Vieira? Que templo, desde o mais sumptuoso até o mais despido de ornamentos e riqueza, deixou de procurar a gloria de ouvir repercutir e echoar os sons de sua voz poderosa? Quaesquer que fossem o objecto da predica e natureza dos ouvintes não perdia o eloquente Jesuita occasião para semear e espalhar as doutrinas politicas que professava e promovia. Reunindo grande facundia á maior actividade; combinando maneiras as mais populares com os meios mais sympathicos e persuasivos; era um temivel e importante chefe de partido, principalmente em uma colonia ainda na infancia.

Para ainda coadjuvar os incansaveis esforços do padre Antonio Vieira, apparecia na segunda linha do

partido o seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, sujeito de talentos regulares, e que occupava o importante emprego de secretario d'estado e guerra do governo geral na Bahia. Outros sectarios não menos notaveis tinha no Brazil o infante Dom Pedro dedicados, activos, intelligentes, e que entretinham assidua correspondencia com os seus partidistas da metropole.

Era a familia dos Sás importante pelo numero e pela influencia que exercia, quer em Portugal, séde primaria d'ella, quer no Brazil, aonde occupavam muitos dos seus membros cargos elevados, e possuiam immensos bens e riquezas. Thomé Correia de Alvarenga, Duarte Correia Vasqueannes, naturaes ambos do Rio de Janeiro, e Martim Correia de Sá, filho primogenito de Salvador Correia de Sá e Benavides, e que foi posteriormente o primeiro visconde de Asseca, gozavam de preponderancia e nomeada. Pensava politicamente toda esta familia como Salvador Correia. Sustentava egualmente a legitimidade de Dom Affonso VI.

E pois, quando pela terceira vez começou Salvador Correia á governar o Rio de Janeiro, encontrou em frente á si, e seus inimigos, todos os que seguiam o partido e bando do infante Dom Pedro. Consideravam-no como um embaraço invencivel para os seus nos. Conheciam a sua rigidez de principios, a sua variabilidade de opiniões, e a sua energia na administração publica. Tornavam-se estas qualidades reudas motivos fortissimos para causar-lhes serios

receios. Ao principio temeram manifestar ostensivamente a sua indisposição. Receberam-no com fingidas demonstrações de alegria. Aproveitaram-se porém de uma providencia, que elle tomou para o fim de supprir os cofres publicos que se achavam exhaustos, e que consistiu na execução do imposto denominado fintas, que era na colonia muito impopular, e no restabelescimento do subsidio sobre os vinhos importados, para commeçarem contra elle uma opposição, e excitarem os espiritos populares. Offereceu-lhes occasião apropriada para levarem avante os seus planos, uma viagem, que elle emprehendeu a São Paulo, no intuito de examinar a capitania de São Vicente. Ousaram então sublevar-se na sua ausencia.

Pouco tempo havia que sob informação dos Jesuitas tinham sido procuradas minas de ouro pelos industriosos Paulistas. Já no seu segundo governo, se empenhára Salvador Correia em chama-las para o dominio da Corôa, e promover a sua exploração. Para este fim fundára as villas de Paranaguá e de Ubatuba, esta ao norte de São Vicente, e aquella ao sul, e para ambas enviára grande copia de trabalhadores. Si bem que quando descobertas se não puderam comparar com as minas do interior do paiz, que posteriormente se encontraram, foram comtudo estas minas do littoral primicias de grandes riquezas, e convinha aproveita-las. No desejo de reconhece-las havia seguido Salvador Correia do Rio de Janeiro para São Vicente.

Apenas partido o governador em 1660, reuniram-se os descontentes e dirigiram-se aos paços da Camara. Convocaram os seus officiaes. Aterrorisaram-nos á ponto, que se prestaram todos á seus designios, e tomaram a dianteira no movimento premeditado, dando-lhe assim indicios fugaces de legalidade, com que illudissem os inexpertos. Depuzeram do governo provisorio a Thomé Correia de Alvarenga, deixado no seu logar pelo governador, durante a sua ausencia, e que recolheram preso, com o Provedor da fazenda e o sargento mór do terço da praça, na fortaleza de Sancta Cruz. Nomearam Agostinho Barbalho Bezerra. Não se querendo prestar aos actos dos sediciosos, retirou-se Bezerra para o convento de Sancto Antonio. Lá mesmo o foram elles buscar, e o revestiram com a auctoridade suprema. Lavraram auto em Camara, assignado por 112 pessoas, e com dacta de 8 de Janeiro, e n'elle mencionaram suas queixas contra a familia dos Sás, e a sua deliberação de não admitti-los mais nos empregos publicos da capitania. Sequestraram arbitrariamente os bens de Salvador Correia de Sá e Benavides, e em nome do senado da camara do Rio de Janeiro officiaram a todas as camaras da capitania de São Vicente, convidando-as a coadjuvarem os seus actos, e a não reconhecerem mais Salvador Correia de Sá e Benavides como governador da capitania.

Assim ficou em poder dos revoltosos a cidade do Rio de Janeiro. Seu foi o governo, e suas as auctori-

dades, depostas todas aquellas que lhes eram hostis, entre as quaes os mesmos officiaes da Camara, que por medo lhes haviam obedecido. Constrangido o Ouvidor, abriu os pelouros, fez proceder á novas eleições, que lhes sahiram mais ao sabor. Então apresentaram á Agostinho Barbalho capitulos, á que elle não ousou negar a sua assignatura, pelos quaes acabaram com certos tributos, e chamava á si o senado attribuições, e parte na governança, que lhe não reconheciam as leis vigentes do Estado. Decidiram lançar fóra dos commandos dos corpos de ordennança os individuos, que pertenciam ao partido de Salvador Correia; nomear novos commandantes; e reformar a tropa, expellindo quatro dos capitães de infantaria. Organisou-se assim um governo revolucionario, posto declarasse sua sujeição ao metropolitano, á quem se compromettia dar contas, e prestar homenagem.

Não se achava porém a capitania de São Vicente no estado em que a consideraram os revoltosos do Rio de Janeiro. Verdade é que ali se haviam manifestado symptomas de inquietação e descontentamento contra Salvador Correia de Sá e Benavides, quando, durante o seu primeiro governo, obrigou os seus povos a receberem os Jesuitas, elibertarem os indigenas, que tinham reduzido á escravidão. Julgaram perder os moradores de São Paulo, de Sanctos e São Vicente, com estas providencias do governador. Oppuzeram-se-lhe, representando contra ellas. Conseguíra todavia Salvador Correia não só sustentar as suas medidas, e chamar á

ordem e á paz os descontentes, sem que preciso lhe fosse recorrer á força, senão tambem ser estimado e respeitado por elles mesmos de modo que a capitania de São Vicente não annuiu depois ao convite do senado da camara do Rio de Janeiro, e deu pelo contrario inequivocas provas de obediencia e affeição ao governador, offerecendo-lhe Sanctos e São Vicente grande copia do povo para acompanha-lo ao Rio de Janeiro, e defender a sua pessoa, os seus direitos e o seu governo. A camara de São Paulo, todavia despeitada ainda, pretendeu não seguir o exemplo das de Sanctos e São Vicente. Pretextou não conhecer a carta patente de Salvador Correia. Um bando porém, que elle remetteu de Sanctos, para o ouvidor de São Paulo, e para o juiz dos orfãos, suspendendo-os do exercicio dos seus empregos, por manifestarem ideias de desobediencia, bastou para aquietar os animos do povo, e serenar o movimento revolucionario, que se tentava tambem ali contra a sua auctoridade. Entrou na cidade tranquillamente. Foi recebido pelo povo, com affecto e saudado com regozijo. Encontrou n'elle appoio e adhesão egual á que lhe offereceram os moradores de beira-mar da capitania.

Sabia Salvador Correia harmonisar a energia dos actos com a precisa moderação; á noticia dos acontecimentos do Rio de Janeiro, publicou e expediu um bando pelo qual concedia amnistia a todos os que se mostrassem arrependidos, e ameaçava com graves castigos os que perseverassem nos seus intentos re-

beldes. Para mais facilmente conseguir o restabelescimento da ordem publica, escreveu a Agostinho Barbalho Bezerra, nomeando-o para governador provisorio do Rio de Janeiro, emquanto durasse a sua ausencia.

Longe porém estavam os revoltosos do Rio de toda a ideia conciliadora. Não eram questões de momento que os haviam armado. Eram interesses de partidos politicos. E podia o partido do infante Dom Pedro consentir no governo supremo do Rio de Janeiro a Salvador Correia de Sá e Benavides, quando os animos de seus co-religionarios politicos de Portugal trabalhavam em depôr o rei Dom Affonso, e elevar o infante ao trono? Quando qualquer movimento n'este sentido, para firmar-se e consolidar-se, necessitava de ser aceito e abraçado em todos os dominios da Corôa portugueza? Foi desprezado o bando de Salvador Correia. Pelo facto de haver sido nomeado por elle governador da capitania, desmereceu Agostinho Barbalho Bezerra no conceito dos revoltosos, e soffreu deposição. Chamou a si o senado da camara toda a administração do paiz, intitulando-se governo, e tratou de armar o povo, guarnecer as fortalezas, e preparar-se para a resistencia, e defesa.

Tornaram-se necessarias então medidas energicas. Forçoso foi que a ellas recorresse Salvador Correia. Lavrou ordens immediatamente ao desembargador Antonio Nabo Peçanha, que se achava no Rio de Janeiro, determinando-lhe entrasse no exercicio do emprego

de syndicante, organisasse processo contra os revoltosos, e sustentasse a sua dignidade. Nomeou uma alçada extraordinaria para coadjuvar aquelle magistrado. Foram estas deliberações acompanhadas de força, que partiu de Sanctos para o Rio de Janeiro, e que chegou e desembarcou sem opposição na cidade. Empossou-se assim o syndicante do seu emprego, e commeçou a funccionar. Tomou as redeas do governo João Correia de Sá, filho do governador. Prenderam-se e remetteram-se para Lisboa os principaes revoltosos que não puderam evadir-se, e nem ousaram resistir. O geral dos habitantes recebeu com mostras de prazer o restabelescimento do governo legitimo. Restituiram-se á seus postos as auctoridades expellidas. Firmou-se então a ordem publica, sem que se houvesse derramado a mais pequena gotta de sangue.

Mais de um anno demorou-se ainda Salvador Correia na capitania de São Vicente, visitando todos os pontos habitados; rasgando estradas importantes: fazendo levantar innumeras pontes sobre rios caudalosos, que embargavam o transito; fundando estabelescimentos de mineração; e animando a agricultura e a industria. Tão proveitoso á capitania tornou o seu governo, que ainda actualmente grandes obras se encontram, que lhe devem a sua creação. O povo, e camara lhe representaram pedindo ficasse na capitania, penhorados pelos seus serviços. Agradecendo-lhes estas provas de apreço, deliberou todavia Salvador Correia voltar para o Rio de Janeiro, depois de visitar os por-

tos maritimos das costas, que pertencem ás duas capitanias limitrophes.

Ao chegar ao Rio, foi recebido com grandes festejos. Conservou-se no governo até Novembro de 1661. Voltou de novamente então para Lisboa, tendo sido substituido por Pedro de Mello.

V.

Ou por indole, ou por educação, contrahíra Dom Affonso VI habitos desairosos, que não assentavam em um monarca. Fraco e timorato, estremecia diante de todas as ameaças. Esquecido e ingrato, descontentava os proprios amigos, não lhes mostrando apreço pelo que praticavam em seu serviço. Desleal e dissimulado, desaffeiçoava os homens de estado que honravam o paiz. Caprichoso e indifferente, arredava de si todas as sympathias populares, e arrefecia o amor que nutre de ordinario o subdito pelo seu soberano. Si lhe apparecia qualquer vassallo a comprimenta-lo, mostrava-se-lhe indifferente, e ou lhe não dava palavra, ou algumas inintelligiveis e precipitadas balbuciava, sendo que ás vezes nem siquer sobre elle dirigia a vista. Não soïa, como aos monarcas cumpre, affagar e agradar a todos que o procurassem. Desgostava a quem se insinuava para merecer-lhe um agrado. Dir-se-ia que prazer nem-um lhe causava o extremo ou sacrificio que por elle fizesse o seu povo; e se conside-

rava tão superior que indigno fôra de si manifestar os sentimentos de gratidão ou paternal amor.

No meio d'esta indifferença que se lhe notava, e da dissimulação que entretinha para com os seus mais importantes e prestimosos vassallos, fugindo de praticar com elles em assumptos d'estado, prestava-se de instrumento a validos abjectos, que, sem a menor das qualidades de intelligencia, familia, ou riqueza, que os tornassem recommendaveis ao paiz, abusavam do espirito d'ElRei tão entregue a pequenas intrigas, e do seu animo, que anciava sómente de saber novidades e anecdotas, para, com fingidos contos e invenções, crear indisposições do monarca contra os seus subditos mais prestimosos e capazes.

Nem lhe haviam os annos reformado o animo, e nem pudera conseguir a razão sazonar-lhe o temperamento. Corria a sua mocidade como se fôra a puericia.

Desgostosa a rainha sua mãe, abandonou os publicos negocios, e retirou-se para um mosteiro. Descontentes os principaes fidalgos, deixaram a côrte e desampararam o rei. Mui poucos foram os que se lhe conservaram ao lado, leaes e fieis, em despeito de reiterados desprezos do seu soberano, promptos todavia a defende-lo e salva-lo, quando chegasse a occasião propria para isso, porque collocavam a obediencia acima de todos os deveres.

Ao infante Dom Pedro aproveitava no entretanto a força que o proprio irmão lhe dava, desconcei-

tuando-se e despopularisando-se para com os seus subditos. O numero dos seus partidistas crescia a olhos vistos, todos os dias, e á todas as horas. Ou o despeito, ou o desejo de trocar um monarca inhabil e deleixado por outro soberano activo e zeloso, ou a esperança de lucros com a mudança de cousas, ou emfim o presagio de victoria, que rodeiava já o infante. traziam-lhe reforços continuados.

Desembarcando em Lisboa, atristou-se Salvador Correia com este espectaculo. Si tivessem cabimento em seu animo, poderiam razões de particular despeito arranca-lo do partido do rei. Mas por interesses não consentia que fossem vencidos os principios. Fiel e leal conservou-se para com Dom Affonso VI, porque o olhava como a sancção da legitimidade. Algumas vezes oúsou fallar a ElRei a linguagem da razão e da verdade, pretendendo encaminha-lo por vereda proveitosa a si e ao paiz; visto como não sympathisavam os seus sentimentos com a marcha que seguia o soberano. Baldados esforços foram, que não agradavam semelhantes praticas aos reaes ouvidos, e nem os conselhos do habilissimo ministro, conde de Castello Melhor, que se fatigára em vão por salvar o rei do precipicio, que elle proprio com suas mãos estava cavando.

Chegou emfim a hora dos grandes acontecimentos, que tantas causas deviam produzir. O infante conseguiu arredar do pé do rei o conde de Castello Melhor, cujos talentos temia. Reuniu logo as suas forças,

afrontou a magestade de seu irmão, levou as auctoridades subalternas a desobedecer a seus superiores, e arvorou o estandarte da revolta.

Reuniu ElRei em conselho os principaes fidalgos que se não haviam ligado ainda ao partido de seu irmão. A' noite, secretamente, e em uma sala retirada do seu palacio, teve logar a conferencia.

Opinou Salvador Correia de Sá e Benavides em pro de providencias energicas. Para elle não recebia o trono condições, e nem propunha concessões. Antes de tudo cumpria mandar pegar em armas a toda a tropa, prender o infante, Dom Sancho Manuel, conde de Villaflor, o conde da Ericeyra, e os seus principaes partidistas; faze-los julgar immediatamente pelos tribunaes, e levantar-se o trono do abatimento em que jazia. O conde de São Lourenço e Antonio de Souza Macedo uniram-se a esta linguagem do guerreiro illustre, que se offerecia a tomar o commando da força, e a praticar o que propuzera (1).

Mas nem era ElRei homem de resistir, e nem talvez fosse mais tempo para se obstar ao cumprimento dos planos do infante, que teve immediato conhecimento do resultado da conferencia de seu irmão, por intermedio de Roque da Costa Barreto, o qual conseguira que ElRei preferisse offerecer-lhe transacções a adoptar as medidas, que lembrára Salvador Correia.

(1) Vide *Catastrophe de Portugal na deposição d'ElRei D. Afonso VI.* — E para melhor esclarescimento *Anti-catastrophe, historia d'ElRei Dom Affonso VI.*

Estava o infante adiantado de mais para parar. O governo, que sómente na hora do perigo se lembra dos homens capazes, não os encontra. A influencia moral, que perdêra nos dias que lhe pareceram faceis, e que unica o fortalece, e escóra, não lhe renasce porque tem razão e direito contra os seus adversarios. Quando se sabe que um governo é fraco, ai d'elle, que o povo prefere sempre o despotismo á fraqueza! Mais poderosas que as opposições materiaes são as opposições moraes. Vão-se estas infiltrando por toda a parte. Findam e morrem com uma batalha as desordens e a guerra civil. Levantam aquellas a cada passo innumeraveis difficuldades para o poder, e arrastam emfim as forças da sociedade para uma interminavel lucta, da qual resulta a anarquia com todos os seus horrores.

Era da ordem natural das cousas, que cedesse o governo de Dom Affonso á acção dos acontecimentos. Salvador Correia e todos os mais fidalgos, que como elle opinaram, abandonaram o paço contristados. Tratou a maior parte d'elles de fugir para os paizes extrangeiros, porque, prevendo a victoria do infante, temiam as suas vinganças. Não quiz Salvador Correia acompanhar no desterro os seus companheiros. Firme como fôra sempre, conservou-se em Lisboa, esperando pelos successos, que se preparavam.

Foi preso Dom Affonso VI por seu proprio irmão, em 23 de Novembro de 1667. Na qualidade de regente, subiu emfim o infante Dom Pedro ao poder que tanto

ambicionára, levando ao cabo uma revolução palaciana, que o povo deixou prevalescer indifferente, e como simples espectador.

Commeçou nova ordem de cousas. O infante não sabia perdoar. Era crime aos olhos do regente a fidelidade que professaram os Portuguezes ao seu rei Dom Affonso VI. Havia-o commettido Salvador Correia. Para aggrava-lo, se minuciavam as suas praticas com ElRei, e os seus ultimos conselhos de resistencia e energia na conferencia nocturna do paço.

Salvador Correia de Sá e Benavides foi preso e processado. Tinha então de edade setenta e tres annos.

Não se quebrou porém o seu animo nos carceres. A sua alma conservou-se forte, como fôra sempre ; e palpitou-lhe o coração com a mesma energia e regularidade.

Não o abandonaram perante os juizes a sua constancia, a sua fidelidade e a sua franqueza. Os factos, que praticára, racontou fielmente. As opiniões, que emittíra, apresentou com toda a clareza. As fallas e pratica, que tivera, patenteou sem mostrar o menor arrependimento. Lamentou o encarceramento do seu rei mais que a sua propria prisão. Para elle, nos carceres ou no trono, era Dom Affonso VI o unico e legitimo soberano de Portugal.

Não se achavam os animos ainda em seu estado normal para comprehenderem a grandeza e magnanimidade de semelhante procedimento. Os juizes

lavraram sentença de dez annos de degredo para os sertões africanos contra aquelle mesmo illustre guerreiro, que os havia libertado, em tempos para elle de felicidade e de gloria!

Já era então fallecida sua mulher Dona Catharina de Velasco. Restavam-lhe tres filhos. O primogenito Martim Correia de Sá, que fôra criado primeiro visconde de Asséca, e com tanto denodo e gloria se houvera nas batalhas de Ameixial e Montes Claros, e no celebre sitio de Badajoz, aonde fôra ferido, tendo o posto de mestre de campo, não pôde supportar o espectaculo da prisão e condemnação do seu velho pai. Expirou de dôr e desgostos.

Não se abaixou Salvador Correia de Sá e Benavides a implorar protecções; mendigar favores e graças; ou mostrar-se temeroso pela sua sorte. Antes de ser preso, durante a prisão, no andamento, e depois do processo, o mesmo semblante, o mesmo espirito, e as mesmas palavras, se lhe notaram. Pareceu receber a sentença como outr'ora recebia as honras. No campo da batalha; diante do cruzamento das espadas; em frente das balas que repercutiam; em presença dos cadaveres e do sangue; nos soffrimentos do carcere, e nos horrores dos ferros; foi o mesmo varão impassivel e tranquillo. Entenderam então os poucos amigos que lhe restavam que deviam empregar esforços e supplicas espontaneas para obter do regente o perdão da sentença que enviava o velho septuagenario para os pestilentos areaes de Africa, e que era de certo mai

barbara que uma sentença de morte. Appellaram para os seus distinctos serviços; para a gloria que tão honrosamente conquistára; e para o desdouro que recahiria sobre a nação com a perseguição do guerreiro illustre que ella possuia. Ouviu por fim o infante Dom Pedro as vozes de piedade. Trocou o degredo d'Africa, a que fôra condemnado Salvador Correia, por uma prisão temporaria no collegio da Companhia de Jesus. No fim de dous annos, consentiu, a empenhos dos proprios Jesuitas, que pudesse morar com homenagem na sua propria casa; e, cumprida a sentença dos dez annos, concedeu que de novo tivesse assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

Conta-se que velho e cansado se offerecêra assim mesmo á ElRei Dom Pedro II para reduzir á obediencia de Portugal o reino de Pate na baixa Ethiopia oriental, e abrir communicação por terra desde Cuana e Monomotápa até Angola. Não sendo aceita a sua proposta, achou-se reduzido a passar os restos dos seus dias no descanso do modesto emprego, que se não coadunava com a actividade insaciavel do seu espirito, e com os estimulos vivaces do seu animo.

Foi todavia longa a vida de Salvador Correia de Sá e Benavides. Teve tres epochas distinctas. A primeira epocha de trabalhos activos, de victorias illustres e de louros gloriosos. A segunda de dôres, de perseguições, de soffrimentos, e de prisão. E a ultima, de silencio, de repouso e de solidão. No 1° de Janeiro de 1688 se

finou, na edade de noventa e quatro annos, e tão robusto ainda do espirito, como o fôra na edade viril.

Foi enterrado na egreja do convento dos Carmelitas Descalsos, na cidade de Lisboa.

SECULO XVII.

I.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Nasceu Gregorio de Mattos Guerra, na cidade da Bahia, no dizer de Costa e Sá, á 7 de Abril de 1623. As antigas publicações divergem porém de dacta. Marcam-lhe outro dia, anno e mez differentes (1). Concordam todos, que era illustre e honrada a sua ascendencia. Contrariam-se porém ainda quando pensam uns que se chamava seu pai Gregorio de Mattos, e outros declaram que Pedro Gonsalves de Mattos, da nobre familia da Villa dos Arcos de Valdevez. Era o nome de sua mãe Maria de Guerra, e trouxe em dote a seu marido o senhorio do engenho Patatiba.

(1) Algumas noticias fallam do anno de 1633, e outras de 20 de Dezembro.

Receberam Gregorio de Mattos e seus irmãos mais velhos Pedro de Mattos e Eusebio de Mattos uma excellente educação nas escholas dos Jesuitas. N'ellas cursava e estudava a flor da mocidade do Brazil, que ambicionava beber instrucção, e adquirir conhecimentos. Foram seus companheiros, nas aulas primarias, Gonsalo da Franca, Domingos Barboza, Manuel Botelho de Oliveira, Martinho de Mesquita, Salvador de Mesquita, e Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, jovens engenhos brazileiros, que commeçavam a sua carreira litteraria, e já no limiar dos estudos solfejavam canticos que promettiam porvir honroso.

Na edade de quatorze annos foi por seus pais mandado Gregorio de Mattos para Coimbra á fim de seguir os estudos superiores da universidade.

Havia Portugal sacudido o jugo hespanhol. A acclamação de Dom João IV dera ao trono um rei portuguez, e á nação uma dynastia nobre e illustrada. Coroára a victoria os heroicos esforços dos defensores da independencia lusitana. Foram os Hespanhóes derrotados por toda a parte. Nas colonias, que possuia ainda na Africa, na Asia e na America, que não haviam esquecido e trocado a lingua portugueza pela castelhana, reproduziu-se um movimento unisono. A uma voz, e sem o emprego de grandes meios, desdobrou-se a bandeira portugueza sobre as torres e fortalezas d'aquellas terras, que o espirito aventureiro lusitano descobríra, e conquistára.

Logo na universidade commeçou Gregorio de Mattos

a dar as provas do seu poetico engenho. Não sabia todavia desenhar scenas sublimadas em quadros delicados. Não era a sua poesia de côres celestes, de fórma angelica, e filha da immaginação e do sentimento. A seus ouvidos não murmuravam os rios; não descantavam os pastores; não sonhava a natureza; não agradavam as arvores. Não tinham as flores aroma; não se matizavam os campos de verdura; não soïa ser o vento mensageiro de amores. Não lhe faceiravam as brandas auras, e nem as criações da terra arrancavam-lhe hymnos de louvor, enthusiasmo e gratidão para aquelle Eterno Ser que as havia produzido. Não tinha azas o engenho, vozes sonoras a religião, écho eterno e immortal o espirito divino. Preferia a poesia da terrivel Nemesis, armada do azorrague com que açouta a todos que lhe cahem em desagrado.

Folgava Gregorio de Mattos de encontrar defeitos nos homens e nas cousas, censura-los, e exagera-los. Alegria viva, burlesca e facciosa, salpicava todas as suas composições. Domina o espirito em todas as suas obras, o espirito porém do mal, que anhella reprovar sómente, e não conhece elogios. São perfeitos ás vezes os seus versos; distillam todavia fel, e pintam sempre as scenas risiveis e ridiculas do mundo. Não parece propria a sua musa senão para derramar malignidades.

Acha-se perfeitamente pintada em uma carta que o desembargador Belchior da Cunha Brochado, seu contemporaneo, dirigiu a um amigo de Lisboa, a reputa-

ção que lhe adquiriu o seu exquisito engenho: «Anda aqui um Brazileiro, tão refinado na satyra, que, com suas imagens e seus tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo.»

Apenas tomou o gráu de bacharel em leis, deixou Coimbra, amaldiçoando-a em versos malignos. Dirigiu-se para Lisboa, e estabeleceu-se com escriptorio de advocacia. Com tanta distincção serviu depois os logares de juiz do crime de um bairro da cidade, e de juiz de orphãos e ausentes de uma comarca vizinha da capital da monarquia, que o celebre jurisconsulto Pegas, nas suas notas ás ordenações do reino, cita as suas sentenças como modelos de sciencia e talentos juridicos.

Havia Dom Affonso VI, em 1656, succedido no trono portuguez a seu pai ElRei Dom João IV. A somma de injustiças praticadas, um governo de ignorancia e validismo, uma reunião de individuos sem titulos nem importancia, que dirigia o animo d'ElRei, e a perda emfim de todas as esperanças de melhoramento com um monarca ainda joven e já tão devasso e de caracter tão ruim, levaram o infante Dom Pedro, a nobreza, e o povo, a conjurar a quéda do soberano. Abriu relações Gregorio de Mattos com o infante; ligou-se a seus projectos, e animou-o na empresa. Venceu o infante. Deixou ElRei o palacio por uma prisão; recebeu Dom Pedro o titulo de regente de Portugal.

Mostrou-se o regente amigo de Gregorio de Mattos. Prometteu-lhe um logar na Casa da Supplicação, ape-

nas apparecesse ali a primeira vaga. Exigiu no emtanto que fosse em commissão ao Rio de Janeiro a devassar dos actos do governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, que, em 1661, largára o cargo superior da administração publica.

Posto fosse uso e praxe de então syndicar-se dos actos dos governadores, apenas findavam o seu tempo, sendo os ouvidores competentes pelos seus regimentos para os processos denominados de residencia, que se abriam publicamente nas colonias, conheceu todavia Gregorio de Mattos quantos desejos existiam no coração do principe regente, e dos seus ministros, de encontrar quaesquer motivos que pudessem servir para uma perseguição contra Salvador Correia de Sá e Benavides; visto como se adoptava a providencia extraordinaria de enviar da côrte juizes particulares, não confiando a commissão á magistrados locaes.

Ainda que Gregorio de Mattos seguíra vereda opposta á de Salvador Correia, sabia comtudo fazer justiça ás suas grandes qualidades, e aos seus leaes e prestimosos serviços, quer no Brazil, quer em Portugal. Havia no coração de Gregorio de Mattos um fundo de bondade, que lhe não permittia fazer mal a pessoa alguma, embora o seu espirito e a sua musa estivessem sempre promptos para censurar e ridiculisar cousas e homens. Excessivas lhe pareciam as perseguições do governo contra Salvador Correia, encerrado em uma prisão, e sujeito já a um processo rigoroso. Não aceitou por isso a commissão, que lhe fôra incumbida.

Mostrou-se o principe descontente com a recusa de Gregorio de Mattos. Findaram as suas relações. Cahiram em olvido os seus serviços. Perdeu então Gregorio de Mattos as esperanças que nutríra, e cujo resultado lhe fôra affiançado. Deliberou-se a abandonar Lisboa, a côrte e Portugal, e recolher-se para a sua patria. Chegou á Bahia, no anno de 1679, depois de uma ausencia de quasi quarenta annos.

Governava a Bahia o capitão general Roque da Costa Barreto, que o recebeu com todas as provas de benevolencia e distincção. Querendo manifestar-lhe a sua estima, obteve do primeiro arcebispo da Bahia, Dom Gaspar Barata de Mendonça, que, tomando posse, por procuração em 1677, se conservára em Portugal, por causa das suas molestias, que nomeasse Gregorio de Mattos para thesoureiro mór da Sé, e vigario geral. Ambos estes logares occupou e serviu elle, emquanto cingiu a mitra archiepiscopal Dom Gaspar Barata de Mendonça. Obrigado porém o arcebispo a renunciar um cargo, que só por delegação exercia, foi para substitui-lo nomeado Dom João da Madre de Deus, que, em 1683, entrou no exercicio do arcebispado. Exonerou-se então Gregorio de Mattos dos empregos que occupava, e entregou-se á profissão de advogado.

Não se esqueceu o poeta satyrico de empregar as suas armas na feitura dos arrazoados e libellos. Incommodavam-se as partes com os epigrammas. Consideravam-se os juizes offendidos com a critica mordaz, e violentos sarcasmos, que empregava o advogado.

Guardavam-lhe má vontade os escrivães, procuradores, e toda a gente do fôro, porque a ninguem poupava, e pessoas, e defeitos e obras, tudo exagerava, e ridicularisava tudo.

Vôou entretanto a sua fama por toda a parte. O clero, a magistratura, o governo, todos se arreciavam d'elle, porque os epigrammas continuados, as furiosas satyras, corriam de mão em mão, repetiam-se por todas as bocas, e eram sabidas em todas as casas. Afóra o seu protector Roque da Costa Barreto, que, em 1682, se retirou para Portugal, nem-um governador escapou ás settas ferinas do seu espirito desde Antonio de Souza Menezes, conhecido pelo nome de braço de prata, com que substituíra o natural, que perdêra nas guerras de Pernambuco, até o marquez das Minas, Dom Mathias da Cunha, e Antonio Luiz da Camara Gonsalves Coutinho, que tomára posse, em 1690.

Mais ainda se patenteou a veia dos seus sarcasmos com a sua propria mulher, uma viuva formosa, que desposára em 1684, e se chamava Maria dos Povos. Que lhe importava denunciar defeitos, escandalisar caracteres, offender susceptibilidades, comtanto que livremente se espraiasse o seu genio, e resvalasse da maligna inspiração uma satyra que agradasse, excitando a curiosidade! Motejou, em versos, a esposa, não lhe valendo o privilegio de companheira da vida para escapar á sorte destinada ás principaes personagens da Bahia! Contam os chronistas

anecdotas extravagantes passadas no intimo da sua vida domestica, vida incomprehensivel sem duvida, e sobre a qual releva, como mais prudente, correr um véo espesso. Recebeu o appellido geral de bocca do inferno, e ficou conhecido assim por muito tempo.

A tão crescido numero dos seus inimigos uniu-se o governador Antonio Luiz da Camara Gonsalves Coutinho exasperado pelas suas satyras. Tomou Gregorio de Mattos assustado a deliberação de deixar a cidade, e retirar-se para uma das villas do reconcavo, até que, em 1694, apossando-se do governo Dom João de Alencastre, pôde voltar de novo para a Bahia.

Si preferisse abandonar a veia poetica que o arrastava, e tantos inimigos lhe attrahia; com a estima que por seus talentos lhe patenteou Dom João de Alencastre; e a reputação de saber de que gozava; risonha de certo lhe correria a vida. Podia porém reter as redeas do seu engenho? Estava nas suas mãos ordenar-lhe que parasse na precipitada e imprudente carreira? Bastava a sua vontade para lhe impôr silencio?

O certo é que se não emendou, e então desgraça maior o perseguiu no fim da sua existencia. Mandou-o Dom João de Alencastre prender, embarcar em um navio, e remetter para Angola.

Governava felizmente em Angola Pedro Jacques de Magalhães, que, condoïdo da sua sorte miseranda, enthusiasmado pelos seus talentos elevados, e obrigado mesmo por alguns serviços, que Gregorio de

Mattos lhe prestára, permittiu-lhe voltasse para a sua patria em um navio, que seguia para Pernambuco.

Acabava a capitania de Pernambuco de sahir da administração do marquez de Monte Bello, substituido por Caetano de Mello e Castro. Ali desembarcou Gregorio de Mattos, velho, quebrantado do corpo, mortificado do espirito, na mais extrema penuria e miseria, e esmolando para poder sustentar-se!

Conhecêra-o rico o governador, poderoso, e respeitado em Lisboa. De tão alto o precipitára o destino! Fê-lo Caetano de Mello e Castro recolher para uma casa de caridade, e deu-lhe uma pensão pecuniaria para poder subsistir.

Já era porém tarde! Tinha-se-lhe evaporado a vida no exilio, que, em tão avançada edade, o atirára nas ressicadas areias e pestilentas plagas africanas. Poucos mezes de existencia lhe sobravam. No mesmo anno de 1696 expirou, e foi enterrado no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuxinhos francezes.

II.

Dividia Dante Alighieri toda a poesia em dous campos, o da tragedia e o da comedia. Nem-um valor tinha na predita divisão a questão de fórma. Cantico, dialogo, e descripção, não eram mais que fórmas exteriores. Considerava todas as composições, não como divisões litterarias, mas como obras, que deviam ser encaradas unicamente sob pontos de vista philoso-

phicos : « Ha duas forças na sociedade, dizia elle, o enthusiasmo e a zombaria. É tragedia tudo o que idealisa e prevê. É comedia tudo o que censura, açouta e castiga. »

A admittir-se este principio, é poeta comico Gregorio de Mattos. Como apparece ainda uma subdivisão em especies, cabe-lhe melhor o titulo de satyrico. Como se notam tambem muitas e distinctas classes de poetas satyricos, é o nome de popular que mais apropriadamente lhe cabe.

Que modificações, ou antes especies não tem tido a satyra? Aristophanes misturava com o pó a imagem do proprio Jupiter, e foi o satyrico mais popular da Grecia. Escreveram Ennio, Nevio, Pacuvio, Marcial e Lucilio satyras em estylo baixo e grotesco, e em linguagem por vezes obscena. Horacio Flacco aperfeiçoou e idealisou a satyra. Homem de gosto aristocratico e puro, ao passo que primou na critica fina, assisada e espirituosa dos costumes do seu tempo, elevou a satyra á dicção digna e bella das mais sublimadas poesias. Em fel mergulhavam Juvenal e Persio a sua inspiração, e requeimavam desesperados os crimes que censuravam. Conservavam porém o estylo nobre e altivo. Criou Apuleo um genero diverso com semelhanças de historia ou chronica de cousas ridiculas, mas que é satyra egualmente.

Na edade media reproduz a satyra, como em perfeito espelho, o caracter e imagem da epocha. Não foi unicamente satyra a poesia; tornaram-se

satyra a arquitectura, a esculptura e a pintura; esta nas medonhas caricaturas, que espalhava por entre o povo; e aquellas nos relevos, com que adornavam as casas e as egrejas, nas retorcidas figuras, e diabolicos quadros, que folgavam de gravar na pedra ou no páu, que lhes servia de tela. Apresentava a poesia versos extravagantes e maliciosos, dialogos e autos grotescos, que nem pouparam o governo despotico, nem o feudal, e menos o sacerdotal.

Foi Dante Alighieri poeta satyrico. É uma satyra perfeita a Divina Comedia; mas que grandeza de genio, que ao lado da critica collocou a maior sublimidade lyrica, e a mais deliciosa poesia sentimental, que se póde immaginar! Essa é que é satyra inimitavel. Discipulos mais ou menos aperfeiçoados teve Horacio, em Pope, Boileau, Antonio Diniz, Voltaire e Nicoláu Tolentino. São imitadores de Aristophanes Carlos Gozzi, Molière, Antonio José da Silva e Gil Vicente. De Apuleo, e superior ao mestre, é Miguel Cervantes Saavedra; e apoz Swift e Lesage. Foram todas estas differentes especies de satyras mais ou menos imitadas na epocha moderna: mas quem ousou imitar a Dante Alighieri?

Pertence Gregorio de Mattos á classe, especie, ou eschola de Lucilio e Marcial, aos quaes imitavam os trovadores, e outros poetas da edade media, e cuja escola Rabelais elevou ao maior aperfeiçoamento. É popular o seu estylo. As suas phrases na linguagem vulgar, obscena muitas vezes. As suas imagens exa-

geradas sempre. Os seus pensamentos taes, que o leitor conhece-os logo na extensão da sua enormidade. Não ha objecto nobre, elevado e sancto. Tudo póde ser motejado, merece o ridiculo tudo. São verdadeiras caricaturas os seus desenhos, e caricaturas das mais horrendas e monstruosas, que denunciam todavia, atravez das ridiculas côres, com que se ataviam, o objecto que o poeta tenta pintar. São porém os seus versos cadentes ás vezes e sonoros, e outras vezes descuidados; é geralmente agradavel a sua metrificação. Foi o criador do decasyllabo portuguez, que só os Italianos usavam até então, e que se chamou geralmente, durante algum tempo, na litteratura portugueza, verso Gregorianno.

Satyras escreveu Gregorio de Mattos que se não podem ler, tanta é a copia de obscenidades que n'ellas esparge com mão profusa. Outras porém ha, que lhe tem sobrevivido, e conservado o nome e a memoria, e que sem duvida ainda aos futuros seculos levarão a lembrança do seu engenhoso talento. Figuram entre estas algumas escriptas em estylo elegante, e mais assisadas, formando como que uma novidade no meio das suas outras composições.

Merece especial menção, e digna é a todos os respeitos de nossa leitura, a satyra aos namorados, que assim se desenvolve:

'O namorado todo almiscarado,
Já de amor obrigado,
Faz á dama um poema em um bilhete;

Covarde o faz, e timído o remete :
Si lhe responde branda, alegre o gosta;
E si tyranna, estíma-lhe a resposta.

Vai n'outro dia passeiar a dama,
Por quem se inflamma;
E sendo o intento ver a dama bella,
Passa-lhe a rua; não lhe vê janella;
Que está primeiro, em um galã composto,
O credito da dama, que o seu gosto.

Depois de muitos annos de suspiros,
De desdens e retiros,
Desprezos, desapegos, desengannos,
Constancia de Jacob, serviços de annos,
Fazem com que da dama idolatrada
Lhe vem recado; em que lhe dá entrada.

Com tal recado atarantado o moço,
Quer morrer de alvoroço :
Entregue todo a um subito desvelo,
Enfeita a cara, penteando o pêlo;
Galã em cheiros, em vestir flammante,
Parece um cravo de Rochella andante,

A rua sáhe, e junto ao aposento
Do adorado portento,
Onde cuidou gozar da dama bella;
Se lhe manda fazer pé de janella;
Aceita elle, e, livre de desmaio,
De amorosos conceitos faz ensaio.

— Querido idolo meu, anjo adorado, —
Lhe diz, com voz turbada, —
Si para um longo amor é curta a vida,
Meu amor vos escusa de homicida;
De que serve matar-me rigorosa
Quem tantas settas tira de fermosa!

Dai-me essa bella mão, nympha prestante

E n'esse rutilante
Ouro em madeixas de cabello undoso,
Prendei o vosso escravo, o vosso esposo :
Não peço muito, mas si muito peço,
Amor, minha senhora, é todo exceço.

É modo amor, que nunca teve modo?
Amor é excesso todo;
E n'essa mão de neve transparente,
Pouco pede quem ama firmemente;
Dai-m'a por mais fineza, que os favores
São leite e alimento dos amores. —

Responde-lhe ella, com um brando sorriso,
E no mesmo improviso :
— Ai! lhe diz, que acordou meu pai agora!
Amanhã nos veremos, ide embora! —
Feixa a janella, e o moço mudo e quedo,
Fica sobre um penedo outro penedo!

Compare-se o estylo corrente e faceiro d'esta satyra com a que dirigiu á Antonio Luiz da Camara Gonsalves Coutinho, apresentando-lhe o seu retrato.

Vá de retrato
Por consoantes,
Que eu vou timantes
De um nariz de tucano, côr de pato.

Pelo cabello
Commeça a obra,
Que o tempo sobra
Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
O pêlo untado,
Que de molhado
Parece que sáe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
Da sobrancelha
Se me assemelha
A uma negra vassoura esparramada.

Nariz de embono
Com tal saccada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz, que falla
Longe do rosto,
Pois na Sé posto
Na praça manda pôr a guarda em alla.

Membro de olphatos,
Mas tão quadrado,
Que um rei coroado
O póde ter por copa de cem pratos.

Tão temerario
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantureiria de um armario.

Vossê perdôe
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz, em que se assôe.

Ao pé da altura
Do náso outeiro
Tem o sendeiro,
O que bocca nasceu, e é rasgadura.

Na gargantona,
Membro do gosto,
Está composto
O orgão mui subtil da voz fanhona.

Vamos á giba...
Porém que intento?
Si não sou vento
Para poder subir lá tanto á riba?

Sempre eu insisto
Que no horizonte
D'esse alto monte
Foi tentar o diabo a Jesu-Christo.

Chamam-no auctores
Dorsum burlesco,
Por fallar fresco,
No qual fabricaverunt peccatores.

Havendo apostas
Si é gente ou fera,
Se assentou que era
Um caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
Tanto se entona,
Que já blasona,
Que engeitou ser canastra por ser giba.

O pico alçado,
Quem lá subíra,
Para que víra
Si é Etna abrasador, si Alpe nevado!

Dos sanctos paços
Na bruta cinta
Uma cruz pinta;
A espada é o pé da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
A dianteira,
Que na trazeira
Vejo o assento açoutado por nefando.

Si bem se infere
Outro fracaso,
Que em tal caso,
Não se açouta quem toma o miserere.

Pois que seria
Que eu vi vergões?
Serão chupões,
Que o bruxo do muxaço lhe daria?

Seguem-se as pernas;
Sigam-se embora,
Porque eu, por ora,
Não me quero embarcar em taes cavernas.

Si bem assento
Nos meus miolos,
Que são dous rolos
De tabaco já podre e fedorento.

Os pés são figas
Da mór grandeza,
Por cuja empresa
Tomaram tanto pé, tantas cantigas.

Velha coitada,
Cuja figura
Na arquitectura
Da pópa da náu nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tucano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Não é possivel deixar de reconhecer a mais extravagante exageração, porém quanta originalidade se nota? Quanto talento exquisito e variado se manifesta ?

Compare-se com esta satyra a que dirigiu ao mesmo Camara, contra o qual nutria o peito de Gregorio de Mattos sentimentos de odio e despeito.

Oh! não te espautes, dona anatomia,
Que se atreva a Bahia,
Com exprimida voz, com plectro esguio,
Cantar ao mundo no teu vão feitio;
Que é já velho em poetas elegantes
O cahir em torpezas semelhantes.

Da pulga acho que Ovidio tem escripto;
Lucano do mosquito ;
Das rãs Homero ; e estes não desprezo,
Que escreveriam materia de mais peso,
Do que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata
Meu bom braço de prata,
Cuidei que n'esta cidade tonta e fatua
Mandava a inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimida salvajola,
Em visão de palhão sobre um mariola.

. . . .
. . . .
. . . .

Xinga-te o negro, o branco te pragueja ;
E á ti nada te aleja ;
E por teu sem sabor e pouca graça
És fabula do lar, viso da praça.

Ah! que a balla, que o braço te levára,
Venha segunda vez levar-te a cára.

Tem tambem pinturas delicadas e versos elegantes a satyra aos costumes da Bahia. É cada um d'elles desenhado separadamente, e criticado com espirito.

D'estes, que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E entre o gabo dos amigos
Os vêmos em papafigos,
Sem tempestade nem vento,
Anjo bento!

De quem, com secretas letras,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bacolejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã até a tarde,
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Todo prezado de amante,
Por fóra luvas, galões,
Insignas, armas, bastões;
Por dentro pão bolorento,
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo na cara uns Janos,
Fazem dos vicios alarde,
Deus me guarde!

Encerra algumas bellezas a satyra que escreveu em versos inteiros e quebrados, e que ignoramos a quem

fôra applicada. Tem por titulo *Marinicolas*. Ha strophes delicadas e sarcasticas, que deleitam e agradam, como são as seguintes :

Marinicolas todos os dias
O vejo na sege
Passar por aqui;
Cavalheiro de tão lindas partes,
Como, verbi gratia,
Londres e Pariz.

Mais fidalgo, que as mesmas estrellas,
Que as doze do dia
Viu sempre luzir;
Que seu pai, por não sei que desastre,
Tudo o que comia,
Vinha pelo giz.

Avistando este novo hemispherio
Collou pela barra
Em um bergantim;
Pòz em terra os maiores joanetes
Que viram meus olhos,
Desde que nasci.

Pretendendo com recanilhas
Roubar as guaritas
De um salto subtil;
Embolsava com alma de gato
A risco de sape
Dinheiro de mez.

Entre gabos o triste idiota
Tão pago se mostra
De seus gorjotiz,
Que nascendo sendeiro de gemma,
Quer á fina força
Metter-se a rocim :

Deu agora em famoso arbitrista,
E quer por arbitrios
O triste malsim,
Que o vejamos subir a excellencia,
Como diz que vimos
Montalvão subir.

Sempre foi de moeda privado;
Mas vendo-se agora
Senhor e juiz,
Condemnando em portaes a moeda
Abriu a unhadas
Portos para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo
D'aquella portada,
Que dous Potosis.
Muito mais lhe valeu cada pedra,
Que vale um octávo
De Valhadolid.

Marinicolas é finalmente
Sujeito de prendas
De tanto matiz,
Que está hoje batendo moeda,
Sendo ainda hontem
Um villão ruim.

Faremos ainda menção das satyras, que escreveu contra frades, e confessores. Ha n'ellas força e energia de expressão, novidade de pensamentos, e limpeza de obscenidades. Darão ideia d'estas qualidades os seguintes versos:

Estamos na christandade!
Soffrer-se-ha isto em Argel?
Que um convento tão novel

Deixe um leigo por um frade !
Que na róda, ralo, e grade,
Frades de bom e máu geito,
Comam merendas á eito,
E estejam ao seu contento
Feitos Papas do convento,
Porque tem o papo feito ?

Confessor ha Sibarita,
Que ao ladrão do confessado
Não só lhe absolve o peccado,
Mas os furtos lhe alcovita.
De percursor da visita,
Que na vanguarda marchando,
Vai pedindo, e vai tirando,
O demo ha de ser algoz.
Mas fique aqui entre nós.

Muitas e variadas satyras escreveu, ainda, algumas de primorosa graça; de linguagem obscena e cynica outras, e que a moral e os bons costumes reprovam: alegres, espirituosas e elegantes ás vezes, revelando um bello estro e um talento admiravel : cheias outras vezes de versos ridiculos, e sem o minimo valor poetico. Foi Gregorio de Mattos poeta de veia inexgotavel para pintar e exagerar os defeitos, e mesmo para phantasia-los. Offerecia-lhe sempre a musa maligna as côres apropriadas, quer para suas caricaturas pessoaes, quer para os quadros mais largos e vastos que desenhou. Foi o seu estro de ironia continua; as suas imagens motejos sempre; e as suas obras em muitas partes admiravel painel dos vicios ridiculos, e risiveis caricaturas.

Mas em grande opposição está o decoro do engenho com a graça e o chiste. Deixa de ser poeta satyrico para ser truão, chocarreiro e cynico. Em vez de commover, e voar, surprehende, e cahe de rastros no chão. Ha satyras de Gregorio de Mattos que estão abaixo do mediocre.

Cumpre todavia dizer que em algumas poesias mostrou saber despegar-se d'essa tendencia de maldizer, que o atormentava, e tão pronunciada era n'elle, que nem-uma pessoa, nem-um paiz, nem o seu proprio solo natal, nem-um objecto emfim deixava de desagradar-lhe. Festejando uns annos exprime-se assim :

Pois os prados, as aves, as flores,
Ensinam amores,
Carinhos e affectos;
Venham correndo
Aos annos felizes
Que hoje festejo.

Porque applausos de amor e fortuna
Celebrem attentos
As aves canoras,
As flores flagrantes,
E os prados amenos.

Pois os dias, as horas, e os annos,
Alegres e ufanos,
Dilatam as éras;
Venham depressa
Aos annos felizes
Que amor festeja.

Pois o céo, os planetas e estrellas,
Com luzes tão bellas

Augmentam as vidas;
Venham luzidas
Aos annos felizes,
Que amor publica.

Nos versos aos encantos da vida religiosa ao passo que satyrisa, conserva-se o poeta decente e agradavel. Não offerece o mesmo escandalo da linguagem, e a mesma insolencia do pensamento.

Quem da religiosa vida
Não se namora e se agrada,
Já tem a alma damnada,
E a graça de Deus perdida:
Uma vida tão medida
Pela vondade dos céos,
Que humildes ganham tropheos,
E tal gloria se desfructa,
Que na mesa a Deus se escuta,
No côro se louva a Deus?

Esta vida religiosa,
Tão socegada e segura,
A toda a boa alma apura;
Affugenta a viciosa;
Ha cousa mais deleitosa,
Que achar jantar e o almoço,
Sem cuidado e sem sobroço;
Tendo no bom e máu anno,
Sempre o pão quotidianno,
E escusar o Padre nosso?

Ha cousa como escutar
O silencio que a garrida
Toca depois da comida
Para cozer o jantar?

Ha cousa como calar,
E estar só na minha cella
Considerando a panella,
Que cheirava e recendia
No gosto da Malvazia,
Na grandeza da tijella?

Ha cousa como estar vendo
Uma mãe religião
Sustentar á tanto irmão
Mais ou menos reverendo?
Ha maior gosto, ao que entendo,
Que agradar ao meu prelado,
Para ser d'elle estimado,
Si á obedecer-lhe me animo;
E depois de tanto mimo,
Ganhar o céo de contado?

Que differença entre o genio e a vida de Gregorio de Mattos e o do seu irmão Eusebio de Mattos! Aquelle, como o vimos, turbulento, maldizente, sarcastico e cynico. Poeta religioso e orador sagrado, admirado pelo proprio padre Antonio Vieira, gozava este de estima geral, e da veneração dos seus coevos. Vagando o primeiro pelo mundo, a passar de exilio em exilio; tranquillamente vivendo o segundo, ao principio, no instituto da Companhia, e depois na casa dos religiosos do Carmo, aonde falleceu em 1692, sem jámais ter deixado a sua terra natal, e criado um inimigo!

II.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

I.

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos tres dias de Maio de 1660.

Si dermos credito ao conego Januario da Cunha Barboza (1), foi elle filho do desembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chanceller da sua relação, que era o unico tribunal de segunda instancia, que havia então no Brazil, criado em 1609 por Felippe III da Hespanha, extincto em 1626, e restabelescido em 1652, pela casa de Bragança.

Si considerarmos porém mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barboza Machado (2), foram os

(1) Januario da Cumba Barboza, *Noticia sobre Rocha Pitta.*

(2) Barboza Machado, *Biblioteca Lusitana.*

seus progenitores João Velho Gondim, e Dona Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

No collegio dos Jesuitas da Bahia encetou e continuou os seus estudos até que tomou o gráu de mestre em artes, e se habilitou para cursar as aulas da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como eram os seus pais abastados de riquezas, partiu, na edade de dezeseis annos, para Lisboa. Na universidade de Coimbra seguiu os cursos superiores, e no anno de 1682 obteve a formatura de bacharel em canones.

Regressou logo depois para a sua patria, e para a companhia dos seus parentes. Occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças. Casou-se com Dona Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da villa da Cachoeira.

Passou ahi por muitos annos uma vida tranquilla, serena e socegada. Emballaram-lhe a existencia os prazeres domesticos. Intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna, e de bonançoso socego, vivificaram-lhe o espirito, e suavisaram-lhe a alma. Não lhe perturbou os dias nem-um d'estes graves acontecimentos que são como espinhos da vida. Não os entristeceu nem-uma d'estas dôres e afflicções que soffre mais ou menos, com maior ou menor intervallo, a maior parte dos entes hu-

manos. Não apresenta circumstancia notavel a sua existencia. Foi regular, amena e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas nem se movem ao sopro da viração.

No meio dos trabalhos agricolas, e da paz da familia, entregava-se á leitura de todas as obras litterarias e scientificas da epocha. Descansava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas. Foi de poeta a sua primeira reputação litteraria, si bem que de poeta mediocre. Cansou-se brevemente do trabalho do verso, e da difficuldade da metrificação, e abandonou a rima e a poesia. Escreveu na lingua castelhana, por ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, que o Portuguez Francisco de Moraes compuzera no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas. A imitação de Sebastião da Rocha Pitta não obteve porém a mesma nomeada, que conseguíra o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiaes da lavoura, e suaves folgares do espirito, passou assim mais da metade da sua existencia.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um excellente pensamento que o inspirou, e uma boa fortuna que adquiriu para si e para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciaes da historia do Brazil e algumas viagens de diversos na-

vegantes, que tinham visitado as suas costas. Imprimíra Gandávo em Lisboa a sua *Historia de Sancta Cruz*. Léry, Thévet, Villegaignon, Linscott, Schmidel, Hans Stadt, André de Teive, Roulox Baro, haviam publicado as suas excursões. João de Laet, Barlæus, Marcgraff, Tamayo Vargas, Albuquerque, San Roman, Maffeus, Claudio d'Abbeville, Ives d'Évreux, Balthasar Telles, o padre Simão de Vascon- cellos, Francisco de Brito Freire, Rafael de Jesus, Manuel Calado, e varios outros sujeitos, tinham escripto chronicas de preço, posto incompletas, e insufficientes todas.

Preciso era para a redacção de uma verdadeira historia do Brazil que se recorresse aos manuscriptos e documentos que se guardavam nas bibliotecas publicas, nas secretarias d'estado, nos depositos e arquivos reaes, conventuaes e particulares: que se examinassem os itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas e descripções militares. Immensa de certo seria esta tarefa, de difficilissima execução e de trabalhos muito longos e penosos. Parecia curta á primeira vista a vida de um homem para emprehende-la e leva-la ao cabo!

Carecia no entretanto o Brazil de uma historia, que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos, e não impressos, ácerca do seu descobrimento, da sua colonisação, das nações dos seus indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos por que teve de passar, desde os

seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeras riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica. Caber-lhe-ia gloria maior sendo a historia escripta por um filho seu, de que por qualquer extranho, que lhe devotasse embora a sua affeição e vida.

Calculou Sebastião da Rocha Pitta todas as difficuldades de sua empreza. Assentou de vence-las. Para consegui-lo, deixou o seu descanso e o seu repouso, e despediu-se das margens alegres e pittorescas do bello rio Paraguassú. Gastou bastantes annos no exame dos documentos e manuscriptos que existiam tanto nos arquivos dos conventos de São Francisco, Carmo e São Bento, que eram as tres ordens que no Brazil se haviam fundado, como nas livrarias dos collegios dos Jesuitas da Bahia, Rio de Janeiro, e São Vicente. Passou-se depois para Lisboa, e com toda a applicação, actividade e agudeza de espirito entregou-se á indagação conscienciosa dos papeis que lhe podessem ministrar elementos para commetter a tareia emprehendida.

Não contente com as noticias que pôde obter nos documentos escriptos na sua lingua vernacula, e na castelhana, que sabia perfeitamente, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos d'estes povos.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu ao terminar o anno de 1728.

Foi publicada em 1730 a Historia da America portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.

Muitos applausos obteve. Deram-na, e elogiaram-na todos os sabios contemporaneos. Por uma commissão de seus membros fe-la examinar a Academia real de Historia portugueza, e approvou um parecer, em que se lhe rendiam grandes encomios, e se lhe dava diploma de academico supranumerario. Na qualidade de censor dos inquisidores escreveu uma memoria á seu respeito o bispo de Lacedemonia, a qual faz honra a ambos, ao historiador e ao critico.

Nomeou-o ElRei Dom João V fidalgo de sua casa e cavalleiro da ordem de Christo.

Retirou-se então Sebastião da Rocha Pitta para a Bahia, e recolheu-se ao seu dourado repouso. Reviu a sua casa, os seus bens e os seus amigos. Quiz ali passar tão tranquillamente os ultimos dias da vida, como haviam corrido os primeiros tempos da edade.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruraes; ora chamando em seu auxilio a deliciosa musa que tantos encantos lhe dera, e tantas venturas lhe causára. No gremio sempre da sua familia se conservou, reunindo em torno de si muitos filhos queridos, extensa prole dos seus pacificos amores, mirando-se n'elles como em sua imagem, procurando diffundir pelos seus animos as amaveis e candidas virtudes que adornam coração, e as remi-

niscencias gratas e aprazíveis que encantam e enthusiasmam continuamente.

N'essa tranquillidade do corpo, e do espirito, o veio encontrar a morte no dia 2 de Novembro de 1738. Baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno como vivêra sempre.

II.

Ha uma eschola de historiadores que cuidam que consiste a sua missão em narrar os acontecimentos, pintar os costumes, e descrever as physionomias, sem que ousem aventurar a menor observação, a mais ligeira analyse, e o juizo mais breve. É a historia no seu sentir a acta fiel e verdadeira dos tempos; a chronica dos factos succedidos; a descripção dos diversos dramas, e peripecias differentes, que se realisaram; o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a imparcialidade mais escrupulosa. Póde ser esta eschola appellidada de artistica.

Pesquiza e relata outra eschola os grandes acontecimentos do mundo apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel. É para ella o dogma da moral separado da acção humana. Não é livre esta acção, e portanto não tem imputação. O homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia

não exercem influencia e nem vontade nos acontecimentos, que formam apenas vinculos de uma cadeia inabalavel, e se ligam e succedem pela força só do destino. Tem as cousas um curso regular, que devem rigorosamente seguir. São os homens meros instrumentos da sorte. Está de antemão marcada a sua missão, que tem de ser necessaria e exactamente cumprida.

Para esta segunda eschola tendem duas differentes veredas : a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa.

Procura a primeira vereda a razão espiritual dos factos, e os seus resultados moraes, abstrahindo-os da scena do mundo, e da sua descripção e pintura. Paira o principio religioso por cima das sociedades humanas, e se manifesta em todas as suas phases. Criou Deus o homem. Povoou o homem a terra. Formou o homem a sociedade, e a sociedade as leis. Vem tudo de Deus, e marcou Deus de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade. Marcham todos para um fim egual, tornando-se a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desapparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no Oceano.

Formúla a segunda vereda o sistema da perfectibilidade material. Não se dirigem o homem e as nações para outro fim que não seja a obtenção de maior somma de bens e grandeza. Tem os factos uma marcha

necessaria e logica. Não soffrem as acções uma imputação moral, porque o fim, as circumstancias e a posição do homem e das nações os arrastam, dominam e influenciam. Foram criados o homem e as nações para obedecerem ao fatalismo, que os acompanha, e que na sua marcha immutavel transforma ideias, religiões, principios, e sentimentos.

Tem esta segunda eschola duas divisões, adversas e antipodas : não desbota ao menos uma os sentimentos do coração, e nem mareia a poesia da alma humana, que é a emanação sagrada da Divindade. A segunda subdivisão, nascida das theorias da revolução de 1791, e, inteiramente franceza, estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito. Pelo seu sistema, e pelos seus principios, os Tiberios, Felippes, Neros e Borgias, tornaram-se tyrannos, não pela sua vocação ou indole, mas pela força das cousas; não tiveram vontade e nem liberdade os Robespierres, os Jefferies, os Fouquiers e os Tristãos, que foram apenas instrumentos do terrivel fatalismo.

Si pecca a eschola chamada geralmente descriptiva ou artistica porque desenha e pinta apenas os acontecimentos, sem os moralisar, não é menos defeituosa a eschola fatalista ou philosophica, em qualquer das suas divisões. Tem as nações a sua historia, como os individuos. Tem o homem a imputabilidade de suas acções. Narrar os crimes sem os considerar e julgar; recontar os horrores sem lhes applicar a sancção penal; fria e nsensivelmente esboçar as acções boas e más, deixan-

do de analysa-las e pesa-las; não dar-lhes apreço, e nem attribuir-lhes imputação, porque procedem da força das circumstancias e não do effeito da liberdade; é desconhecer os principios da moral eterna.

A verdadeira e unica eschola historica não é nem a descriptiva nem a fatalista. É a que dá á Cesar o que é de Cesar, e á Deus o que é de Deus: que discrimina os homens e as cousas, mostrando a influencia mutua que entre si exercem.

Exige em gráu eminente qualidades moraes e qualidades intellectuaes. Deve caracterisar-se o historiador com o amor da verdade, e só da verdade. Para consegui-la, torna-se-lhe necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia á toda a prova. Os tumulos, os monumentos, os epitaphios, tudo lhe serve. Decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados arquivos, os torturados documentos, e os livros limpos e asseiados. Procurará a verdade no meio do pó dos manuscriptos, e á custa de vigilias e fastidiosos trabalhos. Conseguida a verdade, necessitará de todo o sangue frio do seu juizo para distribuir a justiça, e analysar com imparcialidade.

Apoz estas qualidades moraes de verdade e justiça, quantas qualidades intellectuaes são necessarias! Que intelligencia universal em todos os ramos dos conhecimentos humanos! Que talentos extensos de comprehensão, immaginação e raciocinio! Que variada instrucção em objectos tão diversos, e em questões tão complicadas!

Necessita o historiador de ser philosopho, estadista,

poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, e militar. Necessita emfim de possuir uma universalidade de instrucção superior de certo á que Cicero exigia para o seu orador.

Examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos seculos passados, mas a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador narrar e descrever ainda, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar. É a historia uma missão nobre e elevada, que aperfeiçôa a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são os elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim a grande licção, para que foi instituida a historia.

É a historia diversa da chronica ou da memoria. São simplices narrações estas. Tem aquella um interesse superior, porque, além de narrar, instrue e moralisa. Ha entre os seculos pontos de semelhança. Aceitam uns dos outros certas ideias e paixões, que se vão transformando. Duram porém as civilisações com as condições, que lhes são proprias. Diversificam os usos e costumes. Cumpre pois ao historiador estuda-los, discrimina-los, pinta-los com as suas côres particulares, e encara-los sob os pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, não se esquecendo

jámais das ideias predominantes na quadra em que se realisaram, e dando a cada epocha, que passa, o seu verdadeiro logar, a sua propria physionomia, e a sua significação logica. Releva á sciencia reunir a immaginação que descortina tudo, e tudo colora.

Ajuntar a laboriosa e a mais profunda instrucção aos talentos mais subidos; e conhecer perfeitamente os factos, desenterrando a verdade do cháos dos tempos, e julgando-a com criterio e imparcialidade; constituem as qualidades de um historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e immaginação, é-lhe tudo necessario para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse dramatico á sua obra, physionomia peculiar ás epochas que descreve, e vestes proprias aos acontecimentos que narra.

O estylo é do escriptor, e não do historiador. Pertence o estylo ao caracter e ao individuo. Tenha o historiador as qualidades, e estudos que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil e mais propria de exprimir os seus pensamentos, as suas ideias, e os seus sentimentos. Quão diverso que é o estylo de Tacito do de Cesar! Quanto é differente o de Salustio do de Thucydides! Como é opposto o de Machiavelli ao de Maccaulay! Tinha Cicero razão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva comtanto que interesse.

O estylo é o segredo da intelligencia, e o mysterio do escriptor. Esforce-se em estudar as regras da lingua, a sua feitura, e as suas particularidades proprias. É

esta a sua parte material. Obtida ella, siga a sua inspiração.

Foram escriptores excellentes e máus historiadores Tito Livio, Guilherme Robertson, Herodoto e João de Barros; escriptores excellentes, porque interessa o seu estylo, encanta e arrasta : máus historiadores, porque aceitaram sem criterio um grande numero de factos, que incluiram nas suas historias, extravagantes uns, inverosimeis outros, e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e dourada da immaginação. Os historiadores precisam de mais estudos, e de mais discernimento.

É verdade que o estylo possue normas intellectuaes e regras materiaes. Não se reduzem porém as suas formulas a uma só formula, ainda que perfeita. Seria semelhante ideia equivalente a que não houvesse na existencia humana mais que um só typo do bello. Entretanto o bello, assim como o sublime, abraçam todas as formulas, e todas as criações do pensamento. Alargam o circulo do templo da arte, e se conhecem pelas suas phases ou apparições, e não pela maneira por que se manifestam essas apparições ou phases.

Pertence pois o estylo ao escriptor. Não ha estylo fixo a que deva cingir-se o historiador. Manifestando ou materialisando as suas ideias, forma o seu estylo conforme o seu caracter, a sua indole e a sua immaginação. Vão-lhe proporcionalmente criando, vigorando,

fortalecendo e aperfeiçoando o estylo as ideias que abraça e desenvolve.

III.

Possuia Sebastião da Rocha Pitta todas as qualidades de historiador? Satisfez a todos os requisitos exigidos, e especificados no paragrapho anterior? Contém a sua Historia da America portugueza todos os elementos de uma boa historia?

Examinemo-lo.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácerca do descobrimento do Brazil, das suas primeiras explorações, da sua colonisação primordial, e das invasões que soffrêra, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas dos missionarios, viagens, descripções e derrotas, que não haviam sido publicadas, e se guardavam nos arquivos publicos, e conventuaes de Portugal, e dos paizes extranhos.

Cumpria procurar todos estes documentos quer impressos, quer manuscriptos, e escrupulosamente folhea-los, examina-los e compara-los para encontrar a verdade, e instruir com imparcial escrupulo.

Pelo lado da indagação minuciosa, do ardente desejo de saber tudo, e dos esforços escrupulosos para o fim de conseguir a verdade, cumpre-nos tecer sinceros elogios a Sebastião da Rocha Pitta, por quanto prova

a sua Historia que se não poupou elle a trabalho para esclarecer-se. Pelo lado da exactidão que deve possuir um bom historiador, sentimos enunciar que, ou pelas ideias religiosas da epocha, que não admittiam exame nos milagres de fé, e nos factos, que relatavam os missionarios para o fim de cathequisarem as nações selvagens; ou quando não pela crença supersticiosa, pelo excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, não está isenta a sua obra do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer exame rapido ou ligeiro raciocinio teria declarado falsos, e até inverosimeis.

Parece arrastado mais pela immaginação que pela razão. Aceita as legendas religiosas dos missionarios, e as anecdotas poeticas do povo, como acontecimentos reaes. Não ousou rebate-las, ou acreditou-as. Peccou por qualquer dos modos.

Como se affadiga tanto para provar que São Thomé viajou pelo Brazil! Como tenta achar no paiz os signaes demonstrativos do seu baculo e dos seus pés! Como appella para a tradição dos gentios! Como chama em seu appoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa, e do jesuita Ribadaneira!

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares, o Caramurú, tão douradas pela poesia popular, como as acolhe em toda a sua plenitude! Como acredita na fabulosa viagem á França, e a dá como verificada no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e

de Catharina de Medicis, quando esse reinado começou sómente em 1547, e de então em diante está evidentemente provado que não sahiu da Bahia Diogo Alvares, havendo em 1531 casado duas das suas filhas com Affonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affonso de Souza!

Como estes factos varios outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar comprida a sua analyse. São culpas graves para um historiador a falta de coragem para repellir a influencia e o dominio das lendas religiosas ou patrioticas, revolvendo o intimo dos acontecimentos e rebatendo-as com a luz do raciocinio e o archote da verdade; e a falta tambem de discernimento preciso para separar o verdadeiro do falso, e entre as pedras, que as memorias apresentam, escolher unicamente as preciosas e de valia.

Possuiu tambem Sebastião da Rocha Pitta as qualidades intellectuaes de que tanto necessita um historiador? A' esta segunda questão sobram-nos fundamentos serios para responder tambem negativamente.

A sua Historia demonstra os variados conhecimentos que adquiriu, e a profunda instrucção, que lhe forneceram os diversos ramos das sciencias.

Descreve perfeitamente o Brazil do seu tempo. Encara-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico. Examina a natureza dos seus terrenos e das suas producções. Parece antever o futuro grandioso que o aguarda, historiando os acontecimentos

politicos e militares, por que passou, as negociações diplomaticas que se encetaram a seu respeito, e o desenvolvimento da sua riqueza, e da influencia, que sobre a metropole commeçava já então a exercer a colonia nascente.

É innegavel que lhe não faltavam algumas das qualidades intellectuaes de historiador. Achava-se ao nivel de tudo quanto a respeito do Brazil se podia saber na quadra em que viveu, quadra que forneceu realmente á historia a maior somma de materiaes pelas pesquizas e trabalhos dos escriptores seus contemporaneos. Era dotado egualmente de immaginação brilhante, e de phantasia variada, para reunir o agradavel com o necessario, o bello com o util.

Si soubesse ou pudesse Sebastião da Rocha Pitta escapar do defeito, que já lhe imputámos, de aceitar sem o menor discernimento e dar como verdadeiros alguns factos, que só existiam nas tradições populares, e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos bons historiadores da lingua portugueza. Eram variados os seus talentos. Subido amor de seu paiz lhe palpitava no peito. Grandes, e admiraveis qualidades possuia de certo. Peccava porém pela ausencia de comparação e raciocinio, e pela falta de um senso seguro solido, pratico e philosophico ao mesmo tempo, que lhe alargasse as ideias, e lhe descobrisse as causas verdadeiras, e os effeitos reaes dos acontecimentos.

Historiou perfeitamente alguns successos do Brazil,

como foram as guerras longas e sanguinolentas promovidas pelas invasões ambiciosas dos Francezes e Hollandezes. Deu curiosas noticias biographicas de varios e importantes Brazileiros que adquiriram honrosa nomeada pelo seu valor e talentos. Offereceu sobre a historia natural, a agricultura, a industria, a geographia, a estatistica, o commercio e a historia politica, excellentes esclarecimentos. Descreveu todavia muito á ligeira e perfunctoriamente as nações indigenas, e abandonou-as logo depois como si nos não conviesse saber o que foram ellas antes do descobrimento dos Portuguezes, o que lhes aconteceu mesmo com esses descobrimentos, e apoz o dominio que elles trouxeram, qual a influencia que os gentios e conquistadores exercitaram mutuamente. Parece que o historiador se persuadiu que não mereciam attenção, e nem analyse, e que da sua existencia não provieram o menor influxo para a colonisação, posse e industria do paiz. Compõe-se assim a sua historia de partes interessantes tratadas cuidadosamente. Encerra porém lacunas serias, e abunda de inexactidões de factos, apresentados mais segundo as crenças supersticiosas da epocha que filtrados no exame philosophico e no criterio judicioso de um verdadeiro historiador.

Examinemos agora o seu estylo.

Peccava em geral o estylo da epocha pelo gosto dos trocadilhos. O desejo de castigar e harmonisar as palavras, e as phrases, dava-lhes uma toada que é menos agradavel de certo que a simplicidade poetica

de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de frei Luiz de Souza, as engenhosas descripções de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pinto e Amador Arraes.

Não foi infelizmente só Sebastião da Rocha Pitta que incorreu n'este defeito. Antonio Caetano de Souza, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos recebem os homens a influencia das ideias que prevalecem na epocha em que vivem. Entretanto, claro, facil, por vezes elegante, é de certo o estylo da *Historia da America Portugueza.* Tem bellas descripções e pinturas que enlevam o espirito. O estylo de Rocha Pitta colloca-o na linha dos bons escriptores portuguezes.

Para comprovarmos essas asserções, daremos alguns excerptos d'elle.

« N'ella surgindo as náus, pagou o general aquella ribeira e segurança, que achára depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro e a terra Sancta Cruz, pelo estandarte de nossa fé, que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artilheria da armada, fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o sancto sacrificio da missa sobre uma ara que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo.

« A fermosa variedade de suas fórmas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião

das praias, compõem uma tão egual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista, já em altas e continuadas serranias, já em successivos e dilatados valles; as maiores porções d'elle fez Deus felicissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos nuas expôz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas mattas occultou aos seus raios : formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannisados por caudalosos rios, etc.

« Vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes ricco, aonde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções que apura a arte.

« Em nem-uma outra região se mostra o céo mais sereno, e nem a aurora madruga mais bella; o sol em nem-um outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, etc. »

Si d'estas descripções da natureza, que realmente

extasiam e encantam, passarmos para as narrações dos acontecimentos, não é menos poetisado e brilhante o estylo. Sirva de exemplo a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se incommodaram os Portuguezes. Indaga-lhes as causas, narra-lhes os successos e descobre-lhes os resultados de modo interessantissimo.

«Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagoas, em quasi egual distancia de ambas, porém mais proximos á primeira. O nome tiveram depois que os negros o possuiram pelas muitas palmeiras que lhes plantaram. Comprehendia mais de uma legoa em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páus altos, lavrados em quatro faces dos mais rijos, incorruptiveis e grossos, que ha n'aquelles grandes mattos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma madeira com suas plataformas em cima, todas em eguaes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitães de maior credito, e mais de 200 soldados, no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia haviam baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu zumbi era toscamente sumptuoso na fórma e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, das quaes dez mil de homens capazes de

tomar armas. As que jogavam são de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, frexas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro da sua povoação uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi voluntario precipicio; d'ella registavam com longa vista por dilatados horizontes muita parte das villas e logares de Pernambuco; tinham uma lagôa, que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros e poços, que chamavam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras, e para as guardar, fizeram outras pequenas povoações, chamadas mocambos, em que assistiam os seus mais fieis e veteranos soldados. »

Terminou Sebastião da Rocha Pitta a sua Historia com o anno de 1724.

Quer para a epocha em que foi escripta, de certo muito pobre de obras historicas, quer mesmo para os nossos tempos, senhores de mais abundante colheita de materiaes ácerca do Brazil, deve ser todavia a *Historia da America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta considerada como monumento de bastante valor litterario e thesouro precioso, que honram a lingua portugueza, e a sua propria memoria.

II.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO.

Foi São Vicente o primeiro estabelescimento regular, que no Brazil fundaram os Portuguezes. Dacta elle de 1532 quando ali aportou Martim Affonso de Souza, premiado por ElRei Dom João III° com a doação de cem legoas da costa comprehendidas entre o cabo de São Thomé e Cananea.

Encontrando um porto excellente, de barra franca e abrigada de ventos, escolheu o donatario a bella planicie, que se estende á esquerda, e á beira do mar, para assentar ali a capital dos seus Estados.

Trouxera muitas familias de obreiros e individuos de todos os officios. Criou a povoação, concedendo sesmarias de terras, mandando edificar casas e egrejas, e promovendo a cultura do solo, que se prestava admiravelmente para o plantio da cana do assucar, que

levára da ilha da Madeira, na persuasão de que perfeitamente se acclimataria nas suas possessões americanas.

Não lhe foram infensos os gentios, que com tino e presentes chamou á si, e ligou aos Portuguezes. Ajudou-o n'isso um Europeo, que encontrou vivendo no meio d'elles, e que se chamava João Ramalho, casado com a filha de Tiberiçá, chefe da tribu dos Goyanases, que eram os senhores da terra e dos campos de Piratininga, e que pela sua mansidão e brandura de costumes, se distinguiam muito dos seus vizinhos, os Tamoyos do Rio de Janeiro.

Organisou uma administração regular, e tendo posto em ordem todos os seus negocios, e deixado locotenentes á frente do governo e da colonisação, partiu para a India, aonde foi desgraçadamente acabar seus dias de vida.

Perto do logar, em que se edificou São Vicente, descobriu Braz Cubas, locotenente do donatario, outro sitio mais proprio e adaptado para uma povoação, ao subir do braço de mar, que rasga e rega as terras interiores. Foi ali fundado em 1545 um novo estabelescimento, que tomou o titulo de Sanctos, e que, com o andar dos tempos, attrahiu á si todo o commercio e povoação, e com a sua vizinhança fez decahir, e quasi desapparecer a primaria villa de São Vicente.

Actualmente não passa esta povoação de um miseravel arraial, no entanto que Santos, mais moderna, tomou largas proporções, elevou-se a cidade, e é o

emporio principal da vida mercantil da provincia de São Paulo.

Foi Santos o berço de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, filho do cirurgião-mór do presidio, Francisco Lourenço de Gusmão, e de sua mulher Dona Maria Alvares.

Nasceu no anno de 1685. Teve por irmãos os jesuitas Simão Alvares e Ignacio Rodrigues, o franciscano frei Patricio de Sancta Maria, o carmelita João Alvares de Sancta Maria, e o conhecido escrivão da puridade d'ElRei Dom João V°, Alexandre de Gusmão. Mais ou menos se celebrisaram no seu tempo estes seis irmãos, e legaram á sua patria nomes illustres, que lhe dão esplendor e gloria.

Teve mais o cirurgião-mór, além dos varões que mencionamos, seis filhas, das quaes se casaram quatro, e duas se finaram professas no convento de Sancta Clara de Santarem.

Em sua patria cursou Bartholomeu Lourenço de Gusmão as aulas dos Jesuitas, bem como todos os seus irmãos. Na edade de quinze annos foi mandado para Portugal á fim de frequentar os estudos superiores da universidade de Coimbra. Tomou o gráu de licenciado em canones, e adoptou o estado ecclesiastico, dizendo a sua primeira missa no mesmo dia, em que deixou a universidade.

Commeçou a illustrar-se pelos seus sermões. D'elles restam ainda alguns, que se imprimiram, e que mereceram geral aceitação dos seus contemporaneos. Prima pela lucidez da dicção, gosto apurado, immagi-

noso das ideias, e alguns rasgos de eloquencia, o que proferiu na festa do Corpo de Deus, em 1721, na egreja de São Nicolau de Lisboa.

Entregou-se especialmente ao estudo das sciencias physicas e mathematicas, para o que o chamava propensão prodigiosa.

Em uma viagem que ez á Hespanha, foi em Madrid apresentado á rainha Dona Isabel de Brunswick Blankenburgo, que com elle sympathisou muito, e apreciando os seus raros talentos e grande sciencia, o recommendou a ElRei Dom João V°, que perfeitamente o acolheu, em seu regresso para Portugal, e o nomeou para capellão fidalgo da sua casa.

Era ainda bem moço Dom João V°. Agradou-lhe Bartholomeu Lourenço, pelo seu tracto respeitoso, e fallas espirituosas. Folgava o rei de vê-lo praticar experiencias physicas, que o encantavam. Lembrou-lhe Bartholomeu que facil seria formar uma maquina que, como os passaros, voasse aos ares. Espantado ElRei tomou á peito realisar esta empreza, e á sua custa fez todos os gastos com a construcção e organisação da projectada maquina.

Está hoje com evidencia demonstrado que a gloria da invenção das maquinas aerostaticas pertence a Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Antes d'elle fallaram Bacon (1), Lana (2) e Galiano (3) da possibilidade

(1) Rogerio Bacon, *de mirabile potestate orbis ad naturæ.*

(2) P. Lana, *pro domo all'arte maestro.* Brescia 1670.

(3) Galiano, *Arte di navigare nell'aere.*

da ascensão ou navegação aerea. Não conseguiram porém realisa-la. Durante tempo bastante passaram os irmãos Montgolfiers de França pelos primeiros, que haviam praticado tão importante descobrimento. Grande erro porém foi, porque só no anno de 1783 lograram elles fazer subir aos ares um balão, ou maquina aerostatica, quando na cidade de Lisboa se praticára em 1709 a experiencia da que immaginára Bartholomeu Lourenço, e que deu o mais feliz resultado, si bem que não tivesse a publicidade, que adquiriria em qualquer outro paiz, e nem d'ella se colhessem os proveitos que souberam conseguir os Francezes da operação dos Montgolfiers.

Comprehendia Bartholomeu Lourenço de Gusmão toda a importancia do seu invento, e por isso requereu para si o privilegio exclusivo (1). ElRei, que o protegia, e parecia encontrar prazer nas experiencias, que elle commettia, apenas ouviu a mesa do desembargo do paço, outorgou-lhe benevolo deferimento (2) com aggravação de penas para os contraventores, e especificação de premios para o seu auctor, que, pelo alvará de graça de 12 de Abril de 1709, obteve a mercê de uma conezia, e da cadeira de lente de prima de mathematica na universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600,000 reis, criado por toda a sua vida.

Fez-se o ensaio em Lisboa no pateo da casa da India,

(1) Vide no fim do volume titulo *notas* entre os documentos (o de nº 1).
(2) Vide no fim do volume titulo *notas* o documento nº 2.

perante ElRei, a Côrte, e o povo, no dia 5 de Agosto de 1709. Extrahiremos de um impresso do meiado do seculo passado, sahido das officinas typographicas de um certo Antonio Rodrigues Galhardo, o qual tem o titulo de *Descripção do novo invento aerostatico;* de outro publicado por Simão Thadeu de Ferreira em 1774, e que traz uma estampa representando a maquina; e da *Encyclopedia britannica* dada ao prelo em 1797 em Edimburgo, as noticias que se espalharam acerca dos elementos de que ella se compuzera, e do modo por que teve logar a sua ascensão.

« Tinha ella — diz a *Encyclopedia britannica*, referindo-se ás tradições do tempo — a fórma de um passaro, crivado de multiplicados tubos pelos quaes passava o vento a encher uma especie de bojo, que servia para eleva-la, e si faltasse o vento, conseguia-se o seu mesmo effeito por meio de folles dispostos dentro do seu corpo. A ascensão devia tambem de ser promovida pela attracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo o magnete. »

« Sendo ella elevada (affirma o impresso de Rodrigues Galhardo) pela dita attracção ou forças magnetica e electrica, seria, mediante uma vela, impellida pelo vento, e na falta d'este, pelo que se lhe subministrasse com folles, ali egualmente collocados para este effeito; dirigindo-se o rumo por um leme posto na popa, com umas pás ou azas em ambos os lados. »

« Fez-se a experiencia (assevera uma nota marginal

de Francisco Leitão Ferreira, que se acha escripta na obra citada) em 8 de Agosto d'este anno de 1709 no pateo da casa da India, diante de S. M. e muita fidalguia e gente, com um globo, que subiu suavemente á altura da sala das embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo modo material, que ardia, e á que applica o fogo o mesmo inventor. »

« Não obstante que o auctor da maquina diga que dentro dos globos vai a magnete, cuja virtude fará subir a barca (diz o impresso de Simão Thadeu) não é com tudo a sua elevação por força da virtude attractiva, mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos tem dentro, e a que o mesmo auctor chama segredo. »

Acabamos de ver a fórma da maquina diversa e differentemente recontada e descripta. A respeito dos agentes que se empregaram para a fazer subir, apparecem tambem opiniões contradictorias. Seriam applicados os mesmos elementos gazosos de que se serviram os Montgolfiers na que, setenta e quatro annos depois, isto é em 1783, experimentaram em Pariz, e com a qual tentam os Francezes chamar a si a gloria do invento?

Usaria antes Bartholomeu Lourenço, como se propalára em Lisboa na occasião do ensaio, do impulso e applicação do magnetismo e da electricidade?

São questões não solvidas ainda. Guardou segredo rtholomeu Lourenço. Dos documentos, que se tem lido conseguir sobre a materia, nada se colhe.

Pensa o conego Francisco Freire de Carvalho (1) que foi a maquina de Bartholomeu Lourenço concebida e construida segundo as leis da boa physica, e não conforme um desenho que, em 1774, se publicou em Lisboa com o nome e figura de uma passarola, que assim a chamava o povo; e que para a sua elevação se empregaram os mesmos agentes de que posteriormente fizeram uso os Montgolfiers, e não o magnetismo e a electricidade, e nem os futeis meios, que assignalam os contemporaneos.

O certo é que subiu a maquina suavemente, e desceu logo depois, ou por lhe falharem os alimentos para poder demorar-se mais tempo no ar, como pensam alguns, ou por ter tocado em uma cimalha e soffrer estragos, como outros acreditam,

Não estava porém o povo de Portugal tão adiantado em civilisação, que admirando os progressos das sciencias, os considerasse naturaes e legitimos. Prevaleceu o espirito supersticioso, que minava a epocha. Suppôz-se que era a ascensão da maquina uma feitiçeria. Foi o auctor suspeito de immaginar planos diabolicos, e por entre a populaça ficou desconsiderado, e chegou até a correr perigo de vida apparecendo em publico.

Chamavam-lhe o voador, e este nome passou da metropole para a capitania do seu nascimento, e mesmo para a sua familia, que por muitos annos foi

(1) Memoria para reivindicar para a nação portugueza a gloria da invenção das maquinas aerostaticas, por Freire de Carvalho.

conhecida assim no Brazil, e particularmente em São Vicente.

Não o abandonou todavia ElRei, posto lhe insinuasse que não proseguisse nos melhoramentos da sua invenção, como eram os seus desejos. Assim se explica a razão por que um tão importante acontecimento ficou desconhecido por tanto tempo, e a gloria que deveria pertencer a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, como o inventor das maquinas aerostaticas, reverteu para os Montgolfiers, que tão posteriormente a praticaram, e que por grande parte das nações e povos são considerados os seus primeiros descobridores. Ha espiritos, que pensam que são inventores os que tiram partido pratico das innovações, e não os que as descobrem. Dão, assim, mais gloria ao Americano Fulton, que á Papin, que pressentiu a applicação do vapor á arte de navegar, e ao marquez de Jouffroy, que a ensaiou em França. Posto não seja exacta esta opinião na sua plenitude, porque maior é o genio criador que o talento dos aperfeiçoadores dos inventos alheios, é flagrante a injustiça do mundo, em relação á Bortholomeu Lourenço, que inventou e praticou os balões aerostaticos. Os Montgolfiers não passam de imitadores, e copistas. Representam a parte de Vespuccio, roubando á Colombo a gloria do descobrimento da America (1).

(1) A *Encyclopedia Britannica*, a *Encyclopedia Edinense*, e a *Encyclopedia Americana* dão á Bartholomeu Lourenço, com o nome de Friar Gusman, a honra da invenção dos aerostatos. Só os Francezes teimam em presta-la aos seus compatriotas Mongolfiers.

Passou Bartholomeu Lourenço a occupar a cadeira de lente da universidade, que lhe dera ElRei, gozando tanto das boas graças e favor regio, que obteve para o seu velho pai a concessão honrosa do foro de fidalgo. Entregou-se então ao ensino da theologia, em que se mostrou versado, e ao exercicio do pulpito, em que mais folgava o povo de o ver e applaudir.

Quando em 8 de Dezembro de 1720 instituiu Dom João V° a Academia real de historia portugueza, e nomeou para ella os cincoenta sujeitos do seu reino, mais distinctos nas lettras e sciencias, não se esqueceu de contemplar no seu numero a Bartholomeu Lourenço. Foi o seu nome inscripto á par de Dom Manuel Caetano de Souza (1), Diogo Barboza Machado (2), conde de Ericeyra, e outros illustres Portuguezes, que honravam a patria com os seus escriptos. Pelos cincoenta socios distribuiu ElRei o exame das primeiras questões, que desejava tratar. A Bartholomeu Lourenço coube a historia do bispado do Porto, de que deu conta brilhante pouco tempo depois, offerecendo egualmente á Academia varias memorias scientificas, litterarias e historicas, que ella fez publicar (3), e das

(1) Theatino, celebre litterato da epocha.

(2) Auctor da *Bibliotecca lusitana.*

(3) Collecção de documentos, estatutos e memorias da Academia real da historia portugueza. Lisboa 1721 e seguintes. Ahi vem egualmente impressas outras memorias de Bartholomeu Lourenço, o seu sermão á Santissima Virgem de 1712, á da Senhora do Desterro de 1718, e o de Corpus-Christi, pronunciado na egreja de São Nicolau, em 1721.

quaes foi muito lida e apreciada pelo seu merecimento pratico a que trata dos varios modos de exgotar sem gente as náus, que fazem agua.

Em 1721 foi mandado para Roma no caracter de agente do governo portuguez para tratar com a Santa Sé sobre a pretenção d'ElRei Dom João V° de elevar a capella real de Lisboa ao gráu de patriarchal, e sobre a divergencia á muito tempo existente a respeito das quartas partes dos bispados.

Partiu acompanhado por seu irmão, Alexandre de Gusmão, que o substituiu no posto, antes que houvesse conseguido dos Sanctos Padres Clemente XI, e Innocencio XIII, decisões favoraveis ao seu soberano, que os Summos Pontifices demoravam adrede. Si não colheu louros como diplomata, deixou todavia em Roma, e em outros paizes, por onde viajára, honrosa reputação de sabio e litterato.

Regressando para Portugal, foi empregado na secretaria dos extrangeiros, e incumbido da decifração da correspondencia diplomatica, que n'aquelles tempos se fazia por meio de caracteres secretos, quaesquer que fossem os differentes assumptos, que se tratassem.

Perdeu porém a estima e intimidade d'ElRei. Posto lhe continuasse á dar provas de estima, parece que não lhe havia agradado o comportamento de Bartholomeu Lourenço de Gusmão durante a sua missão em Roma, ou por não lograr o fim d'ella, ou porque não manifestára no seu desempenho a aptidão diplomatica, e o geito

e tino precisos para se haver no pélago de difficuldades, que em todas as negociações soïa criar a curia romana. Talvez mesmo que o animo supersticioso do monarca recebesse as impressões dos seus inimigos, que o olhavam como feiticeiro, e consideravam o seu invento e sciencias como artes contrarias á boa religião. Diante de taes accusações seria até de admirar que perseverasse Dom João V° em protege-lo. O temor do céo, e o respeito aos padres, lhe abafariam os benevolos sentimentos, que por ventura ainda nutrisse pelo seu subdito, e o levariam á preferir a salvação da sua alma aos agradaveis passatempos, que lhe causavam as experiencias chimicas do sabio.

Conhecido o desagrado d'ElRei, ousaram os homens supersticiosos levantar a voz contra o genio, que inventára os balões aerostaticos. Ainda se não tinha varrido da memoria do povo o facto que annos antes havia elle praticado, e que não estava ao nivel da comprehensão geral.

Innumeros versos se espalharam para denegrir-lhe a gloria, e pinta-lo como doudo, ou como entretido em pactos com o demonio (1). O que continha a noticia da protecção, e intimidade d'ElRei, reagiu com força, apenas sabido o abandono que recebia já do monarca.

Perseguiu-o a inquisição? Julgou ella que podia conseguir uma victima mais, para cortar os vôos do

(1) Vão estes versos publicados nas notas do fim d'este tomo sob titulo de documento n° 3 para illustração dos leitores.

genio? Quereria nivela-lo em posição com Galileo, que fôra obrigado a declarar nos carceres debaixo de juramento, que era falso o seu descobrimento de que a terra se movia?

Ignora-se inteiramente. Pensa-se que nos arquivos da casa de Brunswick devem existir documentos que depurem este ponto da historia, porque com a princeza Isabel de Brunswick Blackenburgo, sua primeira protectora, entreteve Bartholomeu Lourenço constantes correspondencias.

É porém fóra de duvida que no mez de Septembro de 1724 desappareceu do reino de Portugal Bartholomeu Lourenço de Gusmão, abandonando a cadeira da universidade, e o logar de socio da academia, e sem que désse aviso a nem-um dos seus parentes ou amigos.

Fugiria do Sancto Officio? Teria receio de que o encerrassem nos seus carceres, e fosse n'elles abandonado? Magoa-lo-ia tanto o desagrado d'ElRei, que preferiu desamparar a patria, e os empregos, que lhe davam uma subsistencia honesta, comquanto escassa? Desgostar-se-ia dos insultos e injurias, que recebêra em paga de uma invenção, que em qualquer outro paiz, epocha, e civilisação, lhe dariam a maior importancia, e as mais exquisitas honras? Transtornar-lhe-iam o juizo todos estes successos a ponto de que o perdesse?

Sómente se teve em Portugal noticia d'elle quando se descobriu que era já fallecido. Suppôz-se por al-

gum tempo que morrêra em Sevilha (1); mas está provado agora que acabou miseravelmente no hospital da cidade de Toledo, em Hespanha, no dia 18 de Novembro de 1724, e fôra enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de São Pedro, na matriz de São Romão (2).

(1) José Agostinho de Macedo, poema do *Novo Argonauta*.

(2) Varnhagen, documento publicado na *Historia geral*, tomo 2°.

IV.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nasceu em Sanctos Alexandre de Gusmão, no anno de 1695. Foi um dos irmãos mais moços de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Como elle cursou em tenra edade as aulas dos Jesuitas, que passavam pelas mais bem regidas e severas da colonia, estabelescidas no edificio que a Companhia possuia em Sanctos, e que, depois da desnaturalisação e expulsão dos filhos de Sancto Ignacio, serve de hospital do exercito, attestando ainda grandes e antigas reminiscen cias no meio das suas ruinas e destroços.

Pelo anno de 1710, reinando Dom João V° em Portugal, comprou e encorporou este soberano aos bens da corôa não sómente a capitania de Sancto Amaro, que corria para o sul, e que em 1534 fôra doada a Pero Lopes de Souza, senão tambem a porção da capitania

de São Vicente, que tinha passado aos herdeiros de Martim Affonso de Souza. Formou com ellas uma só capitania, a que deu o nome de São Paulo; e estabelescendo a séde ou capital na antiga Piratininga dos Jesuitas, consagrada ao sancto d'este nome, e elevada á categoria de cidade, concedeu-lhe uma administração peculiar, posto subordinada ao governador geral do Rio de Janeiro, encarregando d'ella a Antonio de Albuquerque Coelho com o titulo de governador.

Agradou a todos os seus habitantes esta deliberação d'ElRei, porque assim se dava melhor expansão aos elementos de vida que superabundavam na capitania. Conta-se que se manifestaram então os talentos de Alexandre de Gusmão, que sendo ainda estudante, e quinze annos contando apenas de edade, dirigiu alguns versos ao monarca, elogiando-o e agradecendo-lhe em nome da sua patria. Aproveitou-se Francisco Lourenço de Gusmão d'esta opportunidade, e do credito, e estimação que lograva na côrte de Lisboa o seu filho Bartholomeu Lourenço de Gusmão, para mandar para a capital do reino o filho Alexandre de Gusmão, na intenção de dedica-lo inteiramente á carreira das lettras.

Fortuna foi, e grande para Alexandre de Gusmão. Guiado por seu irmão aproveitou bem o seu tempo. Mil thesouros do engenho se lhe foram descortinando. Intelligencia copiosa e variada se lhe patenteou. A' applicação de estudo serio e aturado unindo espirito, que madrugava com valentia, adquiriu extensa fama

de saber. Por si e pelo favor e consideração de Bartholomeu Lourenço, conseguiu, apenas formado em direito civil pela universidade de Coimbra, receber despacho de secretario da embaixada portugueza, que partia para a côrte de Luiz XIV° da França, e cuja era chefe Dom Luiz da Camara, conde da Ribeira Grande.

Posto materialmente estivessem terminadas já as mais graves complicações, em que se achára envolvido Portugal, e a Europa quasi toda, que tomára as armas na questão da successão do trono da Hespanha; e a paz, que succedêra a violenta e sanguinaria guerra, tivesse sido regularisada e firmada pelo tratado de Utrecht de 29 de Janeiro de 1712, e pelas convenções parciaes subsequentes da França com Inglaterra, com a republica dos Paizes Baixos, Portugal, Saboya e Prussia, em dacta de 11 de Agosto de 1713; quer de Hespanha com Inglaterra e Saboya de 13 de Julho de 1713, e com Portugal e Paizes Baixos de 26 de Junho de 1714; e pelo tratado emfim de Rastadt de Março de 1714, definitivamente aceito e approvado pela convenção de Baden de 7 de Septembro de 1714 entre o imperio da Austria, e as mais potencias belligerantes; todavia, e comquanto fosse a embaixada, que mandava ElRei de Portugal a ElRei de França mais de amizade, consideração e apparato, que destinada á tratar negocios serios e graves, tornava-se necessaria uma optima escolha do seu pessoal, tanto nas elevadas jerarquias, como na sua pericia e habilitações, pois que não era ainda normal a situação das

côrtes, e ressentiam-se todas da longa e complicada lucta de que haviam sahido. Convinha considerar-se as circumstancias criticas ainda, e proceder-se em todos os negocios, por minimos que fossem, com prudencia, tacto e madureza.

Entrou em Pariz a embaixada portugueza poucos mezes antes do fallecimento do monarca, que vinha saudar, e que supposto não visse coroada a sua velhice com louros e triumphos, tinha-os em tanta copia adquirido na sua mocidade, que o nome de Luiz XIV° de França deu fama ao seculo em que vivêra. Parece que a longa guerra da successão de Hespanha não só cansára as nações europeas sorvêra-lhes o melhor sangue, exhaurira-lhes os seus thesouros mais preciosos, sinão tambem apressára a morte dos soberanos, que maior influencia haviam conseguido e mais decidida. Expirou em 1711 José I° d'Austria, Anna de Inglaterra em 1714, e Luiz XIV° de França em 1715!

Assistiu a embaixada portugueza ás exequias do soberano. Achando-se n'este mundo novo, e tão requintado de Pariz, pretendeu Alexandre de Gusmão aproveitar o seu tempo. Frequentou a faculdade de direito civil, romano e ecclesiastico, como fôra reformada pelo decreto de 8 de Janeiro de 1680, e tomou o gráu de doutor. Estudou ao mesmo tempo com todo o fervor e zelo as obras dos publicistas, as collecções de tratados europeos, e os precedentes diplomaticos. Fortaleceu a sua intelligencia com escolhida erudição,

e serios estudos litterarios. Aprofundou a historia politica das nações europeas, suas instituições, e as leis por que se governavam. Tornou-se domno assim de um cabedal sufficiente, que por si mesmo, e pelo contacto dos homens abalisados, poderia desenvolver á arbitrio.

Regressando a embaixada em 1720, receberam todos os seus membros, e com particularidade Alexandre de Gusmão, signaes de approvação de ElRei. Foi elle logo empregado na secretaria d'estado dos negocios do reino, incumbido de alguns despaxos relativos á administração interna, e de outros tendentes á negociações exteriores, incorporado como Doutor á Universidade de Coimbra, e nomeado fidalgo da Casa Real.

Com a França restabelescêra perfeitamente Portugal as suas relações. Pelo tratado de 11 de Agosto de 1713, complementario do de Utrecht de 19 de Janeiro do anno preterito, reconheceu a França na corôa portugueza a unica proprietaria de todo o territorio situado entre o rio do Amazonas, e o rio Vicente Pinson, na America meridional.

Existia porém com a curia romana a questão antiga das duas quartas partes dos bispados, que não pudera ainda solver a corôa portugueza. E de espirito superticioso e devoto como era ElRei Dom João V°, anciava por obter para si o titulo de Fidelissimo, que sómente o Sancto Padre podia conceder. Ardia egualmente de desejos de que fosse criado em Lisboa um patriarcado : parecia-lhe que assim ganhava as indulgencias

para o seu povo e abria para sua alma as portas do céo. Exigia por outro lado que fosse nomeado cardeal o abbade Bicchi, que residíra em Portugal na qualidade de nuncio apostolico. Lembrando uma indemnisação que lhe devia Roma pelos gastos da frota que sob o commando do conde do Rio Grande mandára em 1716 em soccorro de Sua Sanctidade, propunha desistir de seus direitos comtanto que a Sancta Sé o attendesse nas suas representações e pedidos.

Para conseguir os seus intentos, e sanar as desintelligencias que haviam apparecido, tinha feito partir para Roma Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no anno de 1720, na qualidade de seu agente particular. Como decorresse quasi um anno, sem que se conseguissem os seus intentos, annexou ElRei á missão de Bartholomeu Lourenço seu irmão Alexandre de Gusmão. Convem dizer que comquanto varão respeitavel, e possuidor de muita sciencia, não era traquejado Bartholomeu Lourenço de Gusmão nos tortuosos e mudaveis enredos da diplomacia; emtanto que folgava Alexandre de emmaranhar a sua intelligencia em uma grave negociação; de formar-lhe, tecer-lhe, e desfazer-lhe os fios; de segui-la com aquella perspicacia e pericia, que convem para que se consigam resultados vantajosos; e de provar assim a sua capacidade por entre os homens habeis e reputados. Foi pouco tempo depois chamado para Lisboa Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ficando substituido em Roma por Alexandre de Gusmão, no caracter de Enviado Extraordinario e

Plenipotenciario. Teve que luctar com imprevistos acontecimentos, quaes a curta existencia dos pontifices Innocencio XIII, Benedicto XIII e Clemente XII. Complicavam-se as negociações com as successivas mudanças dos chefes. Variava-se o seu sistema. Annullavam-se os effeitos já conseguidos. Era um recommeçar de lucta incessante. Teve Alexandre de Gusmão de combater a sciencia profunda e as delongas astuciosas e habituaes de cardeaes, que gozavam de influencia, dotados de fino tacto, e de luzes e experiencia diplomatica. Septe annos conservou-se em Roma, que tanto lhe foi preciso. Logrou por fim duas das concessões que tanto tomava a peito Dom João V°. Foi uma a elevação da Capella Real á Patriarcal, nomeado o Patriarca conforme o eram os bispos, e revestido da purpura cardinalicia. O arcebispo continuaria com a jurisdicção que possuia, em toda a sua prelazia, da qual apenas se destacára o territorio necessario para a nova dignidade, que se erigíra. Conseguiu tambem para El-Rei de Portugal o titulo de Fidelissimo, á imitação dos que a Sancta Sé havia concedido aos soberanos de Hespanha e França. A respeito porém da pretenção das honras de cardeal para o abbade Bicchi, não houve remedio sinão abandona-la. Perseverou a Sancta Sé inexoravel na sua recusa, posto recebesse sommas enormes pecuniarias pelas duas primeiras concessões.

Cumprida a sua missão, e não podendo seguir para o Congresso de Cambraia, como fôra a primordial intenção de Dom João V°, retirou-se em 1730, para Por-

tugal, deixando em Roma numerosos amigos, e grandes admiradores dos seus talentos. Affirma Miguel Martins de Araujo (1) que o papa Benedicto XIII lhe offerecêra a dignidade de principe romano; e não querendo aceita-la sem o beneplacito do seu rei, pedíra licença a Dom João V°, e posto ella lhe fosse negada, continuou todavia a servi-lo com o mesmo zelo, quando podia abandona-lo, ficar-se em Roma, e gozar das elevadas honrarias que lhe dava aquella dignidade, si n'elle mais prevalecessem as ideias ambiciosas que os sentimentos da lealdade. Foi então Alexandre de Gusmão chamado no reino para a administração dos negocios exteriores, e encarregado ao mesmo tempo de varios despaxos internos.

Passou, pouco tempo depois, á occupar o cargo de escrivão da puridade, que equivale actualmente a um ministerio d'estado, e que era dos mais importantes da antiga monarquia portugueza.

Si bem que este emprego se não incluia no numero dos secretarios d'estado, que no tempo d'ElRei Dom João V° eram tres, reino, guerra e extrangeiros, e marinha, preenchidos por Pedro da Motta e Silva, Marcos Antonio de Azeredo Coutinho, e Antonio Guedes Pereira, revestia-se todavia de attribuições importantissimas. Transmittia as ordens d'ElRei ás justiças, alfandegas e universidade. Explicava os pontos dubios da legislação. Regulava a acção das corporações de mão morta,

(1) Elogio historico de Alexandre de Gusmão, lido na Academia real da historia portugueza em 1754, e publicado nas suas memorias.

e providenciava sobre tudo o que se referia á estes ramos especiaes da administração publica. Constituia o governo intimo do soberano, que pelo seu escrivão, ou secretario particular, passava as suas deliberações em todos os ramos do serviço publico, ás auctoridades superiores, e até directamente, ás de inferior escala.

Além dos affazeres do seu cargo, fôra incumbido Alexandre de Gusmão dos objectos relativos a negocios extrangeiros, que chamava ElRei á si; da decifração da correspondencia diplomatica, na qual criou um novo signo, para substituir o antigo. Cabem-lhe nos negocios exteriores alguns felizes resultados diplomaticos, que, ainda que poucos, honram o reinado de Dom João V°. Posto não tenha sido executor de todas as medidas, foi comtudo a intelligencia, que dirigiu as mais importantes. Pertence-lhe de direito a gloria de varias negociações d'essa epocha. A verdadeira influencia para ElRei era Pedro da Motta, mas este cardeal tinha um espirito acanhado, e sujeitava-se por vezes ás insinuações de Alexandre de Gusmão.

Um dos direitos que suscitára, durante a sua missão perante a curia romana, consistia em reivindicar para o monarca portuguez o arbitrio de apresentar os candidatos aos bispados vagos do seu reino, abolindo-se o estylo de se proverem *ad supplicationem* que á muito tempo havia estabelescido a curia romana. Custou-lhe a resolver a ElRei, que, por supersticioso, cortava-se de receios de offender a auctoridade do Summo Pontifice, para quem olhava como

catholico submisso, e servo obediente. Havia exemplos em Portugal de serem os bispos directamente nomeados pelo papa, e empossados sem opposição dos reis (1). Reflectindo porém, deixou-se ElRei convencer e no fim de alguns annos de negociações, em que se desenvolveu admiravelmente o variado talento de Alexandre de Gusmão, collocando-se á frente da pretenção, redigindo por si mesmo as principaes notas, e dirigindo-lhe com zelo e cuidado a marcha e andamento, conseguiu Dom João V°, que a prerogativa da apresentação fosse annexada á corôa fidelissima, declarando-se nas bullas que ella pertenceria ao real padroado.

Ganhou Alexandre de Gusmão uma vasta e valiosa reputação tanto pela erudição e talentos, que possuia em gráu tão elevado, e manifestava nos seus officios e diversos escriptos, como pela direcção firme, egual e illustrada, que imprimia nas negociações que pendiam entre Portugal e as côrtes extrangeiras, em que não era contrariado pelos secretarios de estado, ou pelo animo timorato de Dom João V°. Ligou-se em estreita amizade com Dom Luiz da Cunha, um dos primeiros diplomatas do seu tempo, e que representára o seu soberano na côrte de França, e na de Hespanha, durante as crises complicadas por que passára. Deixou Dom Luiz da Cunha em uma obra que nos legou abonos

(1) Melli Fr. Instit. jur. eccl. L. I, t. V, § 3. — Historia ecclesiastica de Portugal, tomo IV, seculo XIII, cap. I, § 10 de Dom Thomaz da Encarnação.

claros de sua alta capacidade (1). Acham-se ali cartas de tanta importancia politica, que são verdadeiros monumentos das luzes e vistas elevadas de ambos estes diplomatas. Si na direcção dos negocios publicos preponderasse sempre o voto d'elles, maiores vantagens teria conseguido de certo então a nação portugueza. Nem sempre porém a tão atiladas vistas se prestava ElRei, ou o cardeal da Motta, que prevalescia pelo valimento que exercitava.

Para avaliarmos as relações que se deram entre estes dous diplomatas, transcreveremos aqui algumas das cartas á que nos referimos.

Para que Portugal se elevasse em importancia politica, e pesasse na balança dos Estados europeos, escreveu Dom Luiz da Cunha a Alexandre de Gusmão :

« Eu convido a ElRei nosso amo para figurar muito na Europa sem ter parte nas desgraças d'ella. Os principes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja arbitro d'ella; mas não posso entrar n'este empenho sem que V. S. tome parte n'elle, porque conheço as difficuldades que hei de encontrar em ElRei e nos seus ministros d'estado. Adjude-me V. S. a vencer este negocio, pois que só V. S. é capaz de faze-lo persuadir. Espero dever-lhe este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas in-

(1) Publicado no *Investigador portuguez* de Londres de 1819 com o titulo de *Testamento politico*.

quietações e prejuizos que ElRei possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S. como desejo, e Portugal ha de mister.

« Pariz, 6 de Dezembro de 1746.

« DOM LUIZ DA CUNHA. »

Respondeu-lhe Alexandre de Gusmão :

« Excellentissimo senhor,

« Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de V. Ex., que não havia de vencer o negocio em que V. Ex. se empenhou, comtudo, por obedecer e servir a V. Ex., sempre fallei a S. M. e aos ministros actuaes do governo.

« Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. Ex. era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar ElRei obrigado ao cumprimento do tratado, o que não era conveniente. Emquanto fallámos na materia, se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros, que até isto fazem ali fóra do logar e tempo.

« Procurei fallar á S. Rev^ma^ mais de tres vezes, primeiro que me ouvisse; e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua côrte sancta, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernão Freire, e outros. Respondeu-me que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Ex. queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.

« Finalmente fallei a ElRei (seja pelo amor de Deus!) que estava perguntando ao prior da freguezia, por quanto rendiam as esmolas pelas almas, e as missas que se diziam por ellas. Disse-me que a proposição de V. Ex. era muito propria das maximas francezas, com as quaes V. Ex. se tinha co-naturalisado, e que não proseguisse mais.

« Si V. Ex cahisse na materialidade (do que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar n'ellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer alguns premios.

« A pessoa de V. Ex. guarde Deus, como desejo, para defesa e credito de Portugal.

« Lisboa, 2 de Fevereiro de 1747.

« ALEXANDRE DE GUSMÃO. »

Outra carta de Alexandre de Gusmão a Dom Luiz da Cunha refere-se ao mesmo assumpto, e melhor esclarece a physionomia da epocha, e desenvolve traços, que pintam ao vivo o quadro do governo Portuguez.

« Excellentissimo senhor,

« Nem a proposição do marquez de Alorna, nem a de V. Ex. mereceram a menor aceitação aos nossos ministros d'estado. A primeira foi tratada na presença d'ElRei com o cardeal, o prior de São Nicolau, monsenhor Moreira, e dous jesuitas, a quem já se tinha communicado. Antes que nem-um d'elles

fallasse, a resolveu ElRei com mais facilidade, do que uma jornada das Caldas; porém, não obstante aquella resolução, sempre votaram que era ella dictada pelo espirito da soberba e da ambição, com que foi bem salgada.

« A segunda mereceu a convocação de uma junta, mas foi para maior castigo. Ahi se acharam os tres cardeaes, os dous secretarios, S. R^{ma} e eu, e muita gente, não sei como. Desencadernaram-se as negociações, e se baralharam com a superstição e a ignorancia; feixando-se a decisão com o ridiculo adagio: *guerra com todo o mundo, paz com a Inglaterra*, cuja sancta alliança nos é muito conveniente: e finalmente que V. Ex. não era muito certo na religião, pois se mostrava muito francez.

« Acabado isto, se fallou no soccorro da India, que consta de duas náus, e tres navios de transporte. O Motta disse a ElRei: Esta esquadra ha de atemorizar a India; e S. R^{ma} disse: Ha de fazer bulha na Europa. O reitor de Sancto Antão: Tomára já ter os progressos escriptos pelos nossos padres.

« É o que se passou na junta, e excusa V. Ex. de molestar-se em propôr negociações á nossa côrte, porque perderá o tempo que empregar n'ellas.

« Como V. Ex. me pede novidades, ahi vão finalmente.

« Devemos ao eminentissimo senhor Cunha o alliviar-nos de raios, tempestades, trovões, etc., que desterrou das folhinhas do anno com pena de lhes negar as

licenças. Devemos a S. R^{ma} o haver proposto a ElRei que conseguisse do papa o livrar-nos de espiritos malignos, e de feitiços, que causavam n'este reino tanto damno, e não ouvia que os sentissem outras nações. Os padres tristes deram conta a ElRei de uma feiticeira, que cahiu em seu poder: e creio que será este negocio o maior d'estado d'este governo. Antonio de Saldanha (o mar e guerra) descompôz o cardeal da Motta, e na pessoa d'este a nosso amo. O desembargador Francisco Galvão de Fonseca disse a Pedro da Motta que os diabos o levassem. O conde de Villanova disse aos criados de um e de outro que fossem passeiar. O Encerrabodes não sabendo a quem havia de pedir sua carta credencial, pelo jogo do empurra em que se viu, disse que o nosso governo era hermaphrodita.

« Isto não são contos arabigos, mas factos certos, acontecidos dentro da Europa culta. Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. Ex. a quem Deus guarde.

« Lisboa, a 11 de Fevereiro de 1748.

« ALEXANDRE DE GUSMÃO. »

Possuimos varias cartas familiares de Alexandre de Gusmão, que brilham pela mesma graça e espirito. Evidencia-se d'ellas o quanto era superior a sua intelligencia á dos homens d'estado, seus companheiros, que davam uma physionomia monastica á côrte de Dom João V°, cujo governo soffre com azãor

justas censuras de haver sido supersticioso, deleixado, e fatal ao progresso das luzes, e ao desenvolvimento das riquezas do paiz.

Na administração dos negocios interiores foi Alexandre de Gusmão recto e energico. Esmerou-se muito em sustentar os direitos individuaes contra as violencias das auctoridades subalternas, acostumadas a se considerarem superiores ás leis e aos seus subordinados.

É a administração a pedra de toque dos homens d'estado. Não bastam os grandes talentos, a instrucção variada e nem o conhecimento theorico dos negocios. Necessita-se de um certo tacto, que equivale ao iman, que attrahe aos governos a sympathia e o respeito dos povos, sem os quaes não ha governo de força, e apenas governo de facto, que só gera a corrupção e a anarquia.

Constitue a qualidade do administrador uma verdadeira especialidade, que não orna muitas vezes os grandes engenhos.

Era porém dotado Alexandre de Gusmão de todos os requisitos de um habil administrador. Não pôde, por effeito das circumstancias da epocha, e do governo de que fazia parte, realisa-los de modo a regenerar a nação portugueza, como tanto desejava.

Chegaram todavia ao nosso tempo algumas das suas providencias, que manifestam os esforços que applicava em pro do seu paiz e do seu governo.

São dignos de leitura tanto o aviso de 3 de Outu-

bro de 1748, dirigido ao arcebispo de Braga, irmão d'ElRei, censurando-o pelo seu irregular procedimento, e ordenando-lhe deixasse a sua diocese; como os que se referem á lucta travada pelos bispos de Lamego e do Porto contra o senado da camara de Lisboa, sustentado por Alexandre de Gusmão, que decidiu se não eximissem os ecclesiasticos do tributo lançado para a conducção das aguas livres. É tambem merecedor de nota o aviso de 6 de Março de 1747 dirigido ao vice-rei da India, marquez de Alorna, pondo cobro aos vexames que elle fazia pesar sobre os subditos asiaticos. Não é menos precioso o de 21 de Março de 1747 dirigido ao governador de Angola, que se exprime nos seguintes termos :

« ElRei nosso senhor está cabalmente informado de que V. Ex. governa esse reino á maneira dos bachás de Turquia, cujos procedimentos são contrarios ás graças do provimento do governo que foi feito a V. Ex. sem preceder donativo : pelo que é S. M. servido ordenar que V. Ex. faça justiça; favoreça o commercio; respeite a religião; e procure favorecer os interesses dos povos, sem prejuizo do Estado; abstendo-se d'aqui por diante de todos os procedimentos e acções que possam conduzir queixas ao trono. Deus guarde a V. Ex. »

O aviso de 21 de Março de 1741 ao governador do Algarve merece attenção egualmente, pela originali-

dade e franqueza da linguagem : censurando as ordens dadas pelo governador contra leis expressas, termina assim :

« Por agora se satisfaz S. M. com mandar que V. Ex. cumpra as ordenações do reino juntamente com as suas leis extravagantes, e faça ler cada dia ao seu secretario quinze ou vinte paragraphos, a que V. Ex. assistirá por espaço de seis mezes; cuja pontual exècução confia S. M. da honra de V. Ex., esperando que lhe evite o dar outras providencias alheias da sua vontade, e que podem ser injuriosas a V. Ex., a quem S. M. estima muito. Deus guarde. »

O aviso de 17 de Março de 1744 ao chanceller da relação da cidade do Porto, ordenando a soltura de um individuo preso illegalmente, e prohibindo-lhe commetta, ou deixe commetter por auctoridade nemuma semelhantes abusos contra pessoas innocentes; os de 30 de Maio de 1746 e 2 de Fevereiro de 1750 aos provedores da alfandega de Lisboa; o de 20 de Fevereiro de 1745 ao corregedor do crime, Ignacio da Costa Quintella, em que lhe diz que as leis não devem ser executadas com acceleração, e que nos casos crimes ameaçam sempre mais que na realidade mandam, e não devem assim os juizes applicar mais vigor do que ellas impõem; são provas convincentes da sua elevada moralidade e liberal justiça.

Parece que nos seus ultimos annos empregava ElRei

Dom João V[e] a Alexandre de Gusmão em quasi todos os negocios da administração. Veio ao nosso conhecimento (1) uma preciosa collecção manuscripta de cartas e ordens por elle assignadas e expedidas, muitas das quaes são ineditas, e algumas bastantemente curiosas e interessantes. Encontram-se respostas aos embaixadores de França e de Hespanha, de 1747; ordens ao governador da colonia do Sacramento para exigir indemnisações do governador de Buenos-Ayres de 20 de Junho de 1749; e um officio de censura de 20 de Agosto de 1748 dirigido ao cardeal Pedro da Motta, secretario de estado, por demorar os despaxos.

Foi o tratado de 13 de Janeiro de 1750 entre as corôas portugueza e hespanhola o acto talvez mais importante da vida politica de Alexandre de Gusmão. Tanto Hespanha como Portugal possuiam immensos terrenos na America meridional. Estavam porém indecisos ainda os seus limites. Não se tinha lançado uma linha divisoria que extremasse os dominios de uma e outra corôa. Sertões immensuraveis e não percorridos ainda; rios de origens desconhecidas, e serras elevadas criavam serias difficuldades para a limitação e divisão. Entabolaram-se por vezes muitos tratados de limites que não lograram solução. Os Hespanhóes exigiam terras de que se achava de posse a corôa de

(1) Collecção de alguns manuscriptos de Alexandre de Gusmão. — Autographo possuido pelo illustre litterato o Sr. Ferdinand Denis.

Portugal. Os melhores diplomatas portuguezes, Dom Luiz da Cunha, José da Cunha Brochado, Manuel de Siqueira, Pedro de Vasconcellos e Antonio Guedes, nada haviam podido conseguir do ministro hespanhol Dom José Carvajal. Chamou a si Alexandre de Gusmão esta longa negociação, e conseguiu por fim que se chegasse a um accordo, desistindo Hespanha de algumas das suas antigas pretenções. Celebrou-se e ratificou-se á 13 de Janeiro de 1750 um tratado, feitura de Alexandre de Gusmão, que para esse objecto mais que nem-um outro estadista se achava habilitado, pelos profundos estudos, a que se dera, das cousas do Brazil, ou percorrendo todos os documentos que existiam em Portugal, ou mandando buscar a São Paulo as relações de todas as derrotas e descobrimentos que os aventureiros paulistas e taubatenos emprehenderam, e conseguiram a través os sertões e desertos, em procura do ouro e dos metaes preciosos, cuja ambição os arrastava.

Por este pacto se fixaram os pontos capitaes da linha divisoria, revogando a meridiana do tratado de Tordesillas de 1494, a escriptura de Saragossa de 1529, e os tratados de Lisboa de 1681, e de Utrecht de 1715. Lançou-se assim o primeiro gisamento geral das raias do Brazil. Lucrou extraordinariamente Portugal porque ficou salvo o principio de utipossidetis pelo lado que lhe era favoravel, e obteve ao mesmo tempo compensações razoaveis em troco da colonia do Sacramento, que desde a sua fundação fôra o pomo

da discordia das duas corôas nas suas possessões americanas, e que, encravada nos dominios hespanhóes do Rio da Prata, nem-uma communicação territorial podia entreter com as colonias portuguezas da America. Cedendo-se á Hespanha, conseguia-se receber mais vastas regiões hespanholas, e que melhor quadravam aos interesses da Corôa Portugueza.

Tão proveitoso pareceu aos contemporaneos esta convenção celebrada, que a attribuiram á influencia da Rainha Catholica, como prova do amor, que ella professava á terra que a víra nascer.

Pelo lado do sul deveria a linha divisoria das colonias pertencentes ás duas monarquias partir da enseada da lagôa dos Castilhos Grandes, seguindo da fralda das serras d'este nome e pontos culminantes da Coxilha geral até a origem principal do rio Negro, e d'ahi buscar as nascentes do rio Ibicuhy, acompanhando o seu curso até a confluencia com o rio Uruguay. Pelo centro e norte subiria este rio até o rio Pepiri a encontrar os rios Sancto Antonio e Iguassú, Paraná e Igurey até as serras, procurando pelo rio Ipané as vertentes do Paraguay, continuando até a lagôa Haraes e a bocca do Jaurú, e d'ahi até a banda austral do Guaporé defronte da bocca do rio Jaravé. O Japurá até as Cordilheiras, que medeiam entre o Orinocco e o Maranhão, formaria a divisa do Amazonas.

Nomearam-se os commissarios para executa-lo: mas sobrevindo a morte de Dom João V°, e cahindo

o valimento de Alexandre de Gusmão, começou elle a temer de que não fosse pelos Portuguezes comprehendido o tratado, pela cessão que n'elle se fizera á Hespanha da colonia do Sacramento. Á' fim de o explicar ao novo governo, escreveu e offereceu a ElRei Dom José I° uma memoria, em que manifesta todos os seus proveitos.

Depois de historiar os successos, que tiveram logar entre as armas portuguezas e castelhanas desde a fundação da colonia e as difficuldades de ser ella conservada em poder do monarca lusitano, minucia as vantagens da sua troca pelo terreno das missões, e pelo reconhecimento das posses portuguezas em toda a capitania do Matto-Grosso, e do seu direito aos innumeraveis rios que regando-a com as suas aguas, prestam uma navegação, que será no futuro da maior importancia. Combate a ideia dos que julgam necessario que possua a Corôa Fidelissima um porto sobre o rio da Prata, preferindo que se chame o commercio para o do Rio Grande pela lagôa Merim cujas ribas são portuguezas, e pela qual mais facil e commodo será elle, attenta a facil navegação dos rios, cujas margens superiores se reconhecem pertencentes ao dominio d'ElRei de Portugal.

« Deus queira — finda assim a referida memoria — que o differir-se a execução do tratado não seja causa de que a côrte de Madrid, informando-se com o tempo do muito que a nosso favor se acha feita a transacção e permutação, admitta ideias menos conci-

liosas do que nos tem mostrado, e que valendo-se de outros recursos, reclame o ajustado, deixando-nos, depois de uma tão laboriosa negociação, sem uma nem outra cousa! »

Parece que advinhára. Assentados quatro marcos ao Sul, encontraram os commissarios alguns embaraços com a opposição dos povos hespanhóes do Rio da Prata, e deshouveram-se na intelligencia da verdadeira nascença do rio Icuhy. Com a morte d'ElRei Dom Fernando VI° mudou Hespanha de sentimentos a respeito do tratado, e procurou illudi-lo na sua execução, criando obstaculos á demarcação, que se foi demorando, e por fim deixou de cumprir-se.

Para explicar porém a importancia e grandes vantagens que proviriam a Portugal do tratado de 1750, e a immensa habilidade e pericia pratica de Alexandre de Gusmão, basta ler-se a defesa por elle escripta, e publicada posteriormente em Lisboa, sob o titulo de *Impugnação*, em resposta ás censuras que lhe fizera o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, governador da praça da colonia do Sacramento (1).

É esta defesa do tratado uma obra primorosa, já pelo acabado e elegancia do estylo, já pela logica e raciocinio, que no seu desenvolvimento emprega, já emfim pela copiosa erudição que o seu auctor paten-

(1) A Revista trimensal do Instituto historico e geographico do Brazil a transcreve no tomo IV, bem como a impugnação de Alexandre de Gusmão.

teia. Prova que Portugal ganhou muito não só em dividir os seus dominios, e regular os limites d'elles de uma maneira definitiva; sinão tambem no reconhecimento, que obteve do governo hespanhol de que pertenciam á corôa portugueza as margens orientaes do rio Guaporé, retirando d'alli as suas aldeias, que começando a penetrar pelo interior do paiz, pretendiam prohibir aos Portuguezes a navegação do rio. Lucrou ainda com a acquisição de mais de sessenta legoas, que se lhe concedeu, em toda a extensão do paiz, que medeia entre os rios Paraná, e Paraguay, correndo a nova fronteira pelos rios Igurey e Ipané : e até por fim conseguiu a corôa portugueza a posse de todo o terreno do rio Madeira para o Oriente a chegar ao mar, partindo do mesmo rio por um parallelo até o Javary, com mais de cem legoas. E que serviço maior poderia ser feito a Portugal?

Havia sido Alexandre de Gusmão nomeado em 1742 ministro do conselho ultramarino, substituindo o cardeal da Motta, que fallescêra. Pôde tomar n'este cargo providencias mais activas a respeito do Brazil. Lembrou uma nova criação de bispados no Pará, Minas e São Paulo. Levou a effeito remetter por conta do governo uma porção de casaes de Açorianos que viviam miseraveis nas suas ilhas, para cultivarem o Rio Grande do Sul e Sancta Catharina. Ideiou tambem a substituição do imposto do quinto do ouro na capitania de Minas Geraes por uma nova imposição denominada capitação, sobre que publicou uma memoria impor-

tantissima (1), mostrando as suas vantagens, e a necessidade de se acabar com as fraudes, que se faziam, e as perseguições que para preveni-las se praticavam constantemente na capitania de Minas Geraes. Pensou que assim poderia alliviar aquelles povos, fazendo pesar sobre todos a imposição, sem distincção de maiores ou menores lucros, que cada um percebesse. Bem fundadas contradicções encontra todavia esta opinião, que opprime o pobre, poupando o ricco, o que não é toleravel em face da egualdade de direitos, e da proporção judiciosa com que cada um, segundo os seus haveres, deve concorrer para as necessidades do Estado. A experiencia provou a injustiça, com que se tomára este alvitre, e manifestou um erro, que pesa sobre a memoria do varão illustre, á que nos referimos, e que encontra sua desculpa na boa fé, que nutria, e manifestava em todos os actos que praticava.

Foi a vida de Alexandre de Gusmão de trabalhos e fatigas. Nobre porém, distincta e gloriosa. Com os seus escriptos litterarios, alguns discursos academicos, bastantes versos lindos, tocantes e saudosos, que compôz em momentos de folga em que lhe vinha brincar a musa alegre com o espirito dormitando, obteve uma reputação litteraria, e mereceu entrar para diversas academias extrangeiras, e pertencer ao numero dos cincoenta membros da Academia real da

(1) Memoria e reparos sobre a disposição da lei de 3 de Dezembro de 1750.

Historia portugueza, pela vaga, que em 1730 deixou o sabio Antonio Rodrigues da Costa. Publicou varias memorias acerca da relaxação das ordens religiosas, e da genealogia dos que se diziam puritanos, e não descendentes da raça judia. Patenteiam ellas a elevação philosophica e vastidão dos seus talentos praticos e uma profunda erudição em todos os ramos precisos ao varão politico, e ao estadista abalisado. Com os seus actos importantes, e os resultados proficuos de alguns dos seus trabalhos, serviu a seu paiz de uma maneira, que lhe é escasso e mesquinho todo o elogio que se lhe possa fazer.

Prima entre as suas memorias a que escreveu, em 1748, sobre o estado e necessidades de Portugal, e que foi offerecida a ElRei. Lembra como providencias: 1° impedir o augmento de gente inutil com o especioso titulo de religião que procura os conventos para o seu commodo; 2° diminuir o luxo com alguma lei sumptuaria; 3° augmentar a agricultura, fazendo-se estradas, e cortando-se os rios para a navegação e rega das terras; 4° estabelescer fabricas, desenvolvendo por toda a parte a industria; e 5° favorecer-se o commercio dentro e fóra do reino, sem o qual não póde haver Estado ricco, poderoso e nem florescente (1).

Apreciador da litteratura e da historia da sua patria, ganham-lhe os maiores encomios a citação das seguintes memoraveis palavras que empregára no

(1) Na collecção autographa já referida pertencente ao Sr. F. Denis.

discurso de recepção recitado, em 1732, perante a Academia Real da Historia Portugueza.

« Procurar de todos os modos engrandecer a nação portugueza, e ressuscitar tambem as memorias da patria da indigna escuridade em que jaziam até agora : é a lição da historia e o mais fecundo seminario de heróes. »

Conhecia e fallava quasi todas as linguas modernas. Enleiava com a sua conversação alegre, prazenteira e espirituosa. Incitava sympathias geraes pelo seu tracto delicado, e sobremaneira familiar. De cabeça pequena, ordinaria estatura, semblante redondo, côr pallida, e olhos miudos, ainda que vivos em extremo, e scintillantes, conhecia-se logo, pelo aspecto, como pessoa dotada de agudeza, e engenho (1). Era demais excessivamente modesto.

A resposta que deu ao abbade Diogo Barboza Machado, que pretendia inclui-lo na *Bibliotecca lusitana*, prova-o sufficientemente, e o pinta sob modo que lhe é lisongeiro. Achamo-la na collecção de ineditos, á qual nos temos referido, e offerecemo-la ao apreço do publico, sahindo pela primeira vez á lume da imprensa :

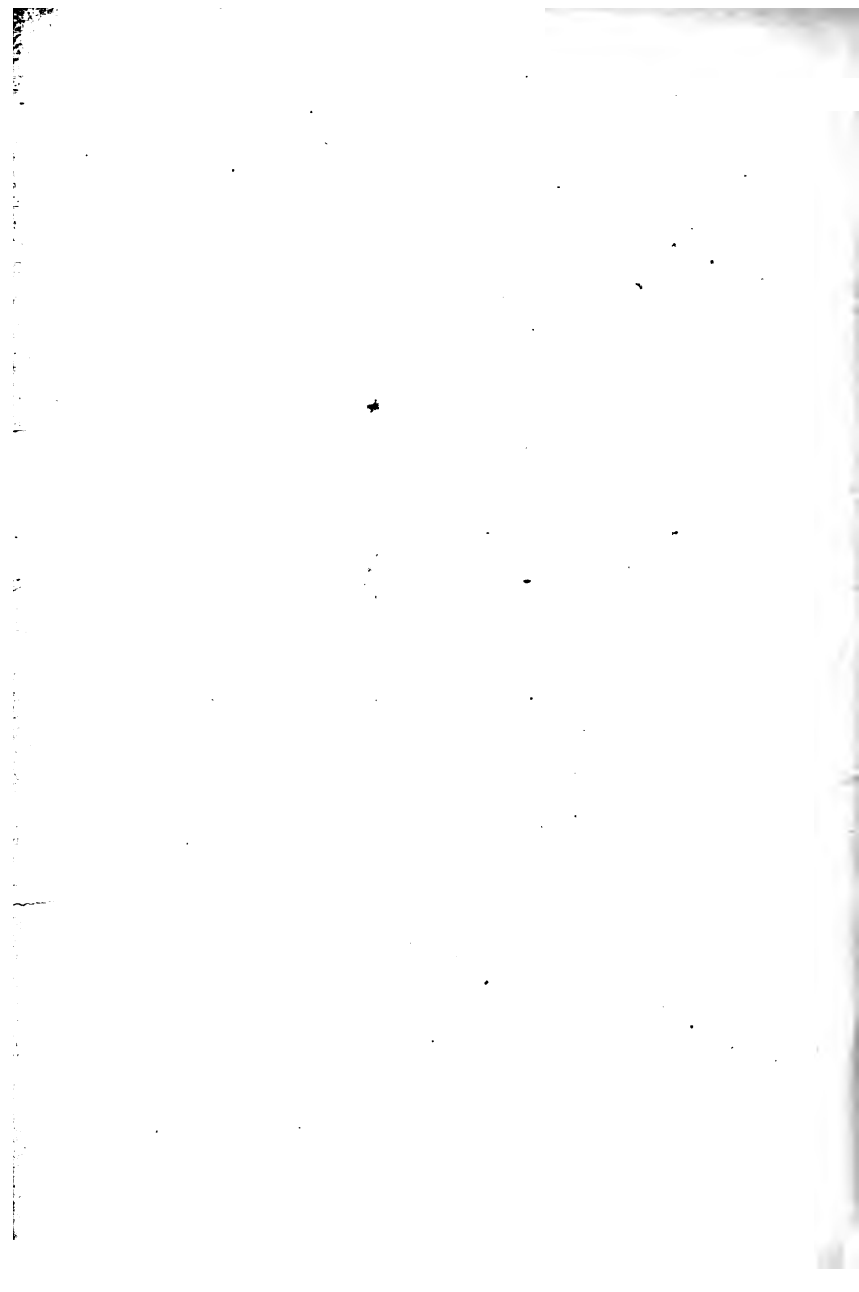
« Sinto muito que vossa mercê tomasse o incommodo de buscar-me, e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da qual

(1) José Maria da Costa e Sá *Estudos Biographicos.*

procurarei aproveitar-me sem molestia sua. Muito tenho que agradecer a vossa mercê occorrer-lhe o meu nome ao formar um catalogo dos Portuguezes eruditos, sendo o maior agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e supposto que não desconheça ou deixe de apreciar a honra que vossa mercê me faz, é justo tambem que me não induza o amor-proprio a abusar d'ella. Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, emquanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelescimento d'aquella fama sinão á benevolencia dos que me favorecem, pois até o presente não tenho mostrado composição por onde pudesse adquiri-la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que o perderia de todo, sahindo alias com algum volume. Supposta esta verdade que sou obrigado a confessar ainda que me cause confusão, discorro que tambem vossa mercê se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria extranhada a boa exacção e boa critica de vossa mercê conter na *Bibliotecca lusitana* entre os auctores a um individuo, que o não é : assim como não tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compuz, julgo superfluo dar satisfacção aos mais requisitos que contém a carta de vossa mercê. No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogi de tão discreto e intelligente

juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do logar que a bondade de vossa mercê me queira dar n'elle, que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa servir a vossa mercê, e mostrar o meu reconhecimento. Deus guarde a vossa mercê muitos anuos. — Casa, 2 de Maio de 1740. »

Passou tristemente os ultimos dias da sua existencia, Fallescêra Dom João V° em 1750. Acabou com este soberano o cargo de escrivão da puridade, ou ministro do segredo, como elle significava. Nos empregos subalternos, em que continuou, perdeu Gusmão a sua importancia. Casou-se com uma donzella oriunda da provincia de Traz-os-Montes, e de familia nobre de Chaves, a qual lhe não trouxe dote. Dous filhos, que tivera do seu consorcio, perdeu em um incendio, que em 1751 lhe roubou a casa e os bens unicos que possuia.

A estas domesticas dôres não sobreviveu muito tempo, ainda que exteriormente parecesse resistir-lhe. No anno de 1753, e no ultimo dia de Dezembro, falleceu em Lisboa Alexandre de Gusmão, e foi sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços.

SECULO XVIII.

I.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

I.

A 8 de Maio de 1705 nasceu Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro. Alguns chronistas seus contemporaneos não mencionam nem os nomes, e nem as qualidades dos seus progenitores. Está porém hoje cabalmente demonstrado pelos interrogatorios, que elle soffreu perante a inquisição de Lisboa, que fôra filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher Dona Lourença Coutinho. Pertencia esta á uma familia de christãos novos. Haviam-se muitos d'elles passado para o Brazil, fiados na sua religião nova, e na fé do

governo, que promettêra não persegui-los nas possessões ultramarinas.

Lembrou-se porém Dom João V" de enviar ao Brazil agentes que pesquizassem si os christãos novos commettiam ainda feitos de judaismo, e remettessem para o tribunal da inquisição de Lisboa os suspeitos de adherentes ás antigas crenças dos seus antepassados.

Indicios se levantaram contra Lourença Coutinho. No anno de 1713 ordens de prisão se passaram contra ella, seu marido, e filhos, que foram todos embarcados e expedidos para Lisboa.

Receberam-na os carceres inquisitoriaes da capital da monarquia, posto se permittisse liberdade aos filhos e á João Mendes da Silva, que continuou em Lisboa a sua profissão de advogado, em que merecêra conceito e fama no Rio de Janeiro.

Conseguiu João Mendes da Silva salvar sua consorte, e arranca-la absolvida aos algozes de São Domingos. Dirigiu a educação litteraria de seu filho e enviou-o para Coimbra, á fim de formar-se em canones, e seguir a mesma carreira que fôra a sua.

Logo que completou vinte e um annos de edade tomou Antonio José da Silva o gráu de bacharel formado na universidade, e regressou em 1726 para Lisboa, no intuito de praticar com seu pai a profissão de advogado, e poder n'ella substitui-lo.

Mas o homem põe, e Deus dispõe. Realisou-se este proverbio. A inquisição suspeitou tambem do filho. Era crime e grande crime o judaismo.

Ai dos que soffriam a mais pequena denuncia de pratica-lo! Bastava a só descendencia de sangue israelita!

Foi preso Antonio José da Silva, e recolhido aos carceres do Sancto Officio a 8 de Agosto de 1726.

Esteve incommunicavel dous mezes, supportou duros martirios, soffreu tractos de polé, que lhe foram applicados, e lhe deixaram alguns dedos da mão tão torturados, que com difficuldade, e só depois de algum tempo, pôde fazer uso d'elles para escrever. Por fim depois de compellido á fazer publica abjuração de erros de fé, que não havia commettido, e á renegar o judaismo que falsamente lhe imputavam e que no meio das dôres confessára ter adoptado, foi condemnado á figurar em um auto de fé, que teve logar no mez de Outubro immediato, e solto logo depois.

Voltou para a companhia de seu pai, e ajudava-o na feitura dos seus trabalhos forenses. Não podia porém ser feliz e nem correr a sua vida placidamente. De que lhe servia ganhar riquezas, como advogado; cercar-se de numerosos clientes e amigos que apreciavam os seus conhecimentos juridicos; adquirir fama com a publicação de algumas fabulas, e faceiras e engenhosas poesias, que lhe inspirava a vida, nos momentos de repouso e de folguedo; obter gloria com a representação de muitas comedias, que attrahiam o povo em bando ao theatro publico do Bairro Alto; afeiçoar grande copia de admiradores, que o animavam com repetidos elogios pelas suas agradaveis composições; procurar

de proposito a sociedade dos ecclesiasticos, fugindo de todo o contacto com os suspeitos de christãos novos, e judeus; e casar-se com Leonor Maria de Carvalho, de geração a mais limpa e conhecida, excellente mulher, da qual teve uma filha encantadora; si sobre elle pairava constantemente a espionagem do Sancto Officio, apezar de todas as manifestações e provas immensas, que dava publicamente do seu fervor catholico?

Morreu emfim João Mendes da Silva. Teria apenas decorrido um amo, quando á 7 de Outubro de 1737, foi pela segunda vez preso Antonio José da Silva, e recolhido de novo aos carceres da inquisição, sob a simples denuncia de uma escrava preta, que elle castigára, e que lhe imputava ser relapso em heresia. Não escapou sua mulher, que soffreu tambem a dura prisão, e de envolta com elles a desventurada mãe, que ainda vivia, e já supportára os carceres do Palacio dos Estáus. De remorsos enlouqueceu a preta, logo depois. Desceu ao sepulchro, arrependida da calumnia, á que a incitaram o despeito, e quiçá perversos conselhos de inimigos.

Póde-se dizer que os onze annos, que gozou de liberdade, formaram um espaço intercalado na sua vida como o lucido intervallo, que favoneia o demente. Fôra o seu destino marcado por lettras negras, apenas tocára o limiar da vida. Havia de ter o seu curso regular e o seu infallivel cumprimento.

Entre os amigos que o procuravam, e lhe davam o titulo de Plauto portuguez, tres unicos o não abandona-

ram até o fim. Foi um Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa de moeda de Lisboa, e pessoa de estudos litterarios. Outro, dilecto varão, illustre pelo sangue, distincto pelos talentos, e reputado pelas suas riquezas, Dom Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira. O terceiro pertencia á primeira nobreza do reino, e chamava-se Diogo de Barros.

Preciso é não confundir este conde de Ericeira Dom Francisco com seu pai Dom Luiz, tambem conde de Ericeira. Foram ambos poetas de alguma nomeada, e litteratos de distincção. O conde Dom Luiz, ministro de Dom Pedro II°, fallescido em 1690, por se atirar de uma janella sobre o pateo de seu palacio, tendo a cabeça perdida por uma negra melancolia, é o auctor de *Portugal restaurado*. Dedicára-se ás lettras, depois de cansado das fatigas militares, e de haver colhido bastantes louros. Litterato notavel se mostrára egualmente seu filho, o conde Dom Francisco Xavier, auctor do poema *Henriqueida*, e um dos fundadores da Academia Real da Historia portugueza.

Com o conde Dom Francisco Xavier de Menezes travára Antonio José da Silva estreitas relações. O litterato portuguez admirava o seu engenho comico, e os seus selectos talentos. Aconselhava-o na composição das suas comedias, insinuava-lhe que admittisse mais regularidade nas scenas, e mais elevação no estylo, enraizado como estava na leitura de Molière, e mais auctores comicos francezes, cujo estudo tanto de Pariz lhe recommendava o celebre poeta Boileau com o qual

entretinha agradaveis correspondencias. Estava então como que abandonado o theatro portuguez. Usavam os Hespanhóes representar as comedias de Pedro Calderon e Lopo de Vega, na propria lingua castelhana, perante o publico de Lisboa, que tendo no seu idioma muito poucas comedias originaes, e sendo estas mesmas mais litterarias, que interessantes na representação, folgava de applaudir ao menos os engenhos dos seus vizinhos.

Com as comedias e operas de Antonio José da Silva recommeçára o theatro portuguez a sua existencia. Tomou galas. Enfeitou-se de vestes primorosas. Ergueu-se faceiro e interessante. Apressado corria o povo á representação das novas operas, e as admirava em extasi, e applaudia com grande estrondo.

Muito curta porém foi essa epocha. Parece que á Antonio José da Silva foi fatal a sua propria gloria. Chamava o povo ás suas comedias *operas do Judeu.* Quaesquer que fossem os seus protestos, não lhe perdoava a inquisição um titulo tão ignominioso n'aquelles tempos.

Existia a inquisição em todas as nações catholicas da Europa, antes que em 1485 o papa Sixto V° cingisse a tiara romana. Instituida, ao que parece, por Innocencio III° para ser empregada contra os Albigenses, fôra exercida ao principio por ecclesiasticos nomeados pelo Summo Pontifice, os quaes, pesquizando e indagando as heresias, levavam aos tribunaes ordinarios as provas que obtinham, por lhes competir a decisão.

De accordo Sixto V° com Dom Fernando e Dona Isabel, soberanos das Hespanhas, deram nova fórma á inquisição, criando o tribunal privativo do Sancto Officio para os seus julgamentos (1).

Passou de Hespanha para Portugal o terrivel tribunal com todas as suas attribuições, reinando ElRei Dom João III°, pelo anno de 1536, e á instancias do papa Paulo III°. O crime de heresia pela mór parte das vezes não pertencia ao numero dos que se manifestavam por actos exteriores e materiaes, e principalmente quando procedia de geração. Haviam residido nas Hespanhas muitos mouros, e judeus que mudavam de trajes e nomes, e se apresentavam christãos e frequentadores dos templos, á fim de salvarem assim as vidas, e lograrem descanso. Succedia pois, que, sem a confissão dos accusados, se não podia contra elles obter as provas que a inquisição desejava. Usou ella então das torturas e tormentos atrozes, e das prisões solitarias, aonde nem o ar, e nem a claridade do dia abriam entrada, á fim de obrigar as suas victimas á confissão do crime.

Andava por toda a parte a inquisição. Mesclava-se com o ar que se respirava. Entrava pelos escusos corredores das casas. Fallava pela voz do criado, do amigo, e do amante. Dormia á cabeceira. Ouvia os soliloquios, e interpretava os sonhos. A inquisição nas Hespanhas aceitava a denuncia do inimigo, o mais

(1) Leonard Gallois, *Histoire de l'Inquisition.* — Lhorente, l'*Inquisition.*

miseravel indicio, a presumpção a mais futil, a palavra a mais vasia de sentido! E quando reunia o Sancto Officio muitos condemnados, levantava nas praças a fogueira cruel, e, em expectaculo publico, no meio de pompa, e perante a multidão de povo, fazia queimar as suas victimas, vestidas de longos escapularios de baeta amarella, borrifados de chammas ardentes, dando a estes actos de barbaridade o nome de autos de fé!

Perderam Portugal e Hespanha quantia enorme de habitantes nas fogueiras da inquisição (1). Entre as victimas de Portugal desde 1711 até 1767 figuram cerca de duzentos Brazileiros de ambos os sexos.

Cumpre aqui dizer, em honra da verdade, que da sua instituição se arrependeram logo depois os Pontifices romanos. Por muitas vezes se oppuzeram á extensão que davam os reis de Hespanha e Portugal ás attribuições da inquisição. Travaram luctas serias para fazer cessar as perseguições e julgamentos, a mór parte das vezes injustos e crueis. Havia-se porém o Sancto Officio convertido em arma poderosa para o dominio absoluto dos monarcas. Era a inquisição o instrumento mais apto para extirpar a raça judia, e os suspeitos de descender d'ella, organisando assim a unidade e homogeneidade dos subditos, e alimentando o Estado com os despojos das victimas. De tribunal religioso, como ao principio fôra, pelo espirito que o

(1) Gedde's *Account of the inquisition in Portugal.*

fundára, constituíra-se em tribunal civil ou real, e os juizes, de nomeação dos soberanos, e a elles sujeitos, esmeravam-se em obedecer mais ás suas ordens, e servir a seus interesses, que em curvar-se aos dictames da sancta curia romana (1).

Resignou-se Antonio José da Silva? Comprehendeu por ventura o destino infeliz, que lhe estava reservado? Vãos esforços empregou o conde de Ericeira e mais alguns amigos que lhe sobravam no intuito de o salvarem. Não eram publicos os processos da inquisição. Nem-uma correspondencia podiam entreter os presos desgraçados com os seus amigos livres. Foi lançado no carcere nº 6 do corredor mais novo. Podia dizer adeus ao mundo. Do seu processo existente hoje na Torre do Tombo de Lisboa, consta que os guardas incumbidos de o espiar pelas escutas da masmorra, depuzeram que o viram por vezes ajoelhar-se, e rezar: affirmaram outros, que alguns dias não queria comer, o que attribuiam ao costume dos judeus, que soiam jejuar. Uma unica testemunha lhe attribuíra indicios de relapsia. Fôra a preta denunciante. Protestou elle constantemente pela sua innocencia. Apresentou testemunhas, que completamente o justificavam. Nada lhe valeu porém, e não tardou em ser proferido o seu julgamento.

Foi lavrada a sentença de relaxação a 11 de Março de 1733; e a 16 de Outubro seguinte intimada ao

(1) Raumer, l'*Espagne aux quinzième et seizième siècles.* — A. Herculano, *Historia da Inquisição em Portugal.*

paciente, que entrou logo para o oratorio, e figurou, e morreu queimado, no auto de fé de 19 de Outubro de 1739, no campo da Lã em Lisboa, em presença de sua mãe, e de sua mulher, aquella de 61 annos de edade, e esta de 27, que ambas foram arrastadas pelos algozes para presenciarem o nefando expectaculo, que tão profundamente as devia magoar. D. Leonor foi solta, logo que se resolveu á abjurar, e viveu ainda algum tempo em Lisboa, em honesta viuvez. D. Lourença, porém, não sobreviveu ao filho. Tres mezes depois expirou, curtida de dôres, e padecimentos atrozes.

Conferindo-se as listas dos condemnados pelo Sancto Officio, acha-se a respeito do poeta brazileiro a seguinte declaração, sob nº 7.

« Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de judaismo, no auto publico da fé que se celebrou na egreja do convento de São Domingos d'esta mesma cidade, em 13 de Outubro de 1726, convicto, negativo e relapso. »

II.

É o theatro portuguez anterior ao castelhano. Gil Vicente, vindo ao mundo alguns vinte annos antes que se terminasse o seculo XV, dotado de engenho comico, espirito sagaz, e talentos poeticos, escreveu

os seus autos e comedias, procurando seguir uma livre inspiração nos autos, e imitar nas comedias o theatro de Plauto e Terencio. Foi por isso mais feliz nos autos, que contêm alguma originalidade e maiores bellezas. Seguiram-se Francisco Sá de Miranda, Antonio Prestes, e Luiz de Camões. As composições, porém, d'estes auctores importam antes ensaios de infancia, sem sufficiente interesse para deleitarem e prenderem o expectador, e nem os elementos precisos para o palco e scenario. Não constituem verdadeiras comedias. Comquanto procedente do portuguez, subiu mais alto o theatro castelhano com Miguel Cervantes, Lope de Vega e Pedro Calderon. Eccoou por toda a parte a sua gloria, e ficaram esquecidos inteiramente os auctores dramaticos portuguezes.

Tal era o estado da litteratura dramatica portugueza, quando appareceram as comedias, ou operas de Antonio José da Silva.

Imitou elle algum poeta seu predecessor? Estudou os modelos das outras litteraturas? Seguiu as regras que os criticos estabelesceram desde Aristoteles, Horacio e Quintiliano até Boileau e Alexandre Pope?

Na leitura das operas de Antonio José da Silva, reconhece-se bastante instrucção litteraria, conhecimentos da historia, e estudos das linguas latina e grega. É impossivel que nas suas relações com o conde Dom Francisco de Ericeira não lhe fossem presentes as comedias mais regulares que apresentavam então os theatros francez e italiano. Preferiu porém nas suas

composições folgar e divertir-se com perfeita liberdade.

Ninguem póde duvidar que estas operas ou comedias contêm peccados contra as regras classicas, que por algum tempo se tiveram como a ultima razão da intelligencia humana; que não seguem as formulas severas de Terencio e Plauto, e menos as regras inabalaveis de Molière, e seus contemporaneos francezes e seguidores italianos; e que se differençam muito egualmente das composições de Gil Vicente, Sá de Miranda, Antonio Ferreira e Camões, que primeiros se deram á arte dramatica portugueza.

Mas haverá só bellezas nas comedias comprehendidas rigorosamente no circulo das formulas classicas, que estabelesceram os antigos? Em tal hypothese não contêm bellezas as de Aristophanes; nem as de Lope de Vega e Cervantes Saavedra; e menos ainda as do primeiro e mais admiravel poeta dramatico, Dom Pedro Calderon de la Barca. Que regras, ou formulas seguiram estes poetas, e mais o portentoso Shakspeare, que extasiou a côrte da rainha Isabel de Inglaterra, e electrisa ainda hoje os amantes da boa e robusta litteratura?

Escreveu Antonio José da Silva cerca de doze comedias. Em prosa todas, intermeiadas porém de versos, como as operas-comicas francezas, Procurou objectos conhecidos, quer na historia moderna, quer na fabula e historia antiga. As peregrinações de Dom Quixote e do seu admiravel escudeiro, Sancho Pança; as aven-

turas de Esôpo; os amores de Jupiter e de Alcmene; e os encantos de Medéa, tudo lhe servia. Inventou com estas bases um pictoresco desenvolvimento, e peripecias engraçadas e alegres. Não se importou que nação representava, em que epocha viviam os seus heróes, e quaes os seus usos e costumes. Chamar-se para elle Esôpo, Dom Quixote, Medéa, Jupiter, Mercurio ou Amphitrião, equivalia á mesma cousa. Estava em Portugal, e os costumes, e os usos, e as vestes deviam de ser portuguezes. Emprestado é o nome das personagens nas suas comedias. Tão espirituosas e interessantes seriam designadas por esses nomes como pelos de Fernando, Maria, Antonio, José ou Pacheco. Nemum mal soffreriam, si em vez de Creta, Grecia ou Thebas, se collocasse a scena em Lisboa. O fundo ou base das suas comedias nada promette ou afiança. Dir-se-ia um titulo, que cabe a qualquer outro escripto diverso.

O desenvolvimento das aventuras, a posição das scenas, e a collocação ou mudança das personagens, formam a verdadeira comedia de Antonio José da Silva. Não se importa com o seu titulo, e nem com a licção historica para acompanhar as personagens, que têm nomes, aliás particulares, e conhecidos.

Não usa Antonio José da Silva de unidades classicas. Cede o logar ás scenas, e muda com ellas. Passa no mesmo acto de uma para outra nação. Corre o tempo naturalmente, não se encerrando nas estrictas vinte quatro horas, que tanto recommendam os rheto-

ricos. Diante dos seus olhos appareciam o theatro castelhano e o theatro inglez, brilhantes de galas, resplandecentes de gloria, e cheios de bellezas. E por ventura Calderon, Shakspeare e Lope prenderam a sua immaginação no circulo das unidades?

Faz exprimir pelas suas personagens a linguagem usual, commum, e popular, conforme trata, falla e se corresponde o povo. Todas as vezes que tem o poeta de pintar reis, oú personagens elevadas, acha-se fóra da natureza. Usa de linguagem figurada, cheia de trocadilhos e conceitos, ridiculos ás mais das vezes. Conhece-se logo quando desenha livre e naturalmente, e quando descreve sem convicção. É um poeta do povo, como deve de ser o poeta comico. É da familia do grego Aristophanes ou do italiano Carlos Gozzi. Assemelha-se a Molière, quando Molière escreve Doentes imaginarios. Folga e ri-se o povo oom o seu espirito sarcastico, com os ditos faceiros, que deslisam as suas personagens, e com as alegres situações, que brilham nas suas comedias.

No desenvolvimento dos caracteres não se procure o typo historico do nome que toma a personagem. Achar-se-á elle em Lisboa, no reinado de Dom João V°, no meio d'essa capital, que só cogita nos navios que chegam das colonias, carregados de ouro e prata, e vive na desmoralisação geral, consequencia do jugo hespanhol que trouxe para sempre a decadencia da nação portugueza e o espirito supersticioso, que lhe impregnou a opinião da epocha. Serão caracteres das

praças os das personagens. Criados de Lisboa os Sanchos, os Mercurios, os Esfuziotes e os Sacatrapos, que entram em todas as suas operas, e em todas representam as principaes partes. Casquilhos da côrte os namorados heróes, que cortejam a Medéa, a Alcmene, a Circe, a Ariadne e as demais heroinas. São bellas filhas do Tejo, que, sem duvida por divertimento, tomam os nomes do polytheismo, e da historia antiga da Grecia.

Convem accrescentar que se assemelham todas as peças. Pintam quasi os mesmos amores, e os mesmos personagens, ainda que revestidos com appellidos differentes, e dizendo-se moradores em varios logares. Ha um eterno criado espirituoso, vivo, velhaco, mas fiel a seu amo, e que contribue para a felicidade d'elle. Apparece uma criada esperta, que entretem relações alegres com o criado, e desenfada o expectador com sainetes graciosos e ditos picantes. N'esta parte seguem as comedias de Antonio José da Silva as tragedias de João Racine, de Pedro Corneille e de Voltaire, nas quaes constantemente se entretem o confidente com o heróe, parecendo que sem aquelle personagem não póde existir a tragedia. Têm tambem feições das comedias de Molière, de Regnard e de Goldoni, em que é um criado parte essencial d'ellas, e parece que sem elle não podem desenvolver-se.

O que ha de diverso, variado e encantador nas comedias de Antonio José da Silva é o correr dos acontecimentos. Seguem-se as scenas da maneira a mais

engraçada e inesperada. Cahem os successos em cima dos expectadores, quando elles menos os esperam. Complicam-se as intrigas quando parecem dever acabar. Mil vezes se sotopõem, e se encadeiam umas sobre outras, novas aventuras, ás vezes extravagantes, mas causando sempre riso, patenteando constantemente um verdadeiro e profundo talento comico.

É no desenvolvimento dos successos da comedia, na invenção das aventuras, e no choque feliz das paixões e das intrigas, que se serram, se ligam, se separam, e se dissolvem, com a rapidez do raio, e a facilidade do vento, que prima Antonio José, e espanta, electrisa e arrasta os seus expectadores.

Qualquer comedia de Antonio José da Silva é uma estampa perfeita de espirito, graça e sal comico. Está sempre o riso nos labios. É a curiosidade aguçada continuamente. Mudam as scenas, e guarda o expectador memoria indelevel d'ellas. Renovam-se os actos, e inesperadas peripecias lhe trazem delicias ineffaveis, com que não contava, e que lhe sáhem de ordinario pelo avesso do resultado, que parecia esperar.

E quanta originalidade! Quantos ditos populares portuguezes, que ouviu pela primeira vez o povo repetir-se no theatro e que sempre applaude, porque é a sua imagem que alli anda; é o seu sangue que alli corre; é a sua bocca que alli falla; são as suas praticas, phrases e palavras, que alli se dizem! Porque é que Aristophanes fazia correr os Athenienses ás suas comedias informes, mas bellas e espirituosas? Porque

n'ellas se conheciam elles, como o povo de Portugal se via retràtado nas personagens das operas de Antonio José da Silva.

Lendo-as, e examinando-as, ficámos perplexos sobre preferencia. Qual é a mais bella? Revestem-se todas das mesmas côres graciosas, das mesmas scenas engraçadas, e das mesmas galas e enfeites. O que ha de mais alegre que *os Encantos de Medéa, o Labyrinto de Creta, o Precipicio de Phaetonte*, e *os Dois Amphitriões?* O que causa mais prazer, *a Vida de Dom Quixote, a Vida de Esôpo*, ou *as Guerras do Alecrim e da Mangerona?*

Não se importava Antonio José que as suas comedias moralisassem ou não o povo, corrigissem ou não os seus defeitos. O que queria era divertir-se. O que ambicionava era inventar aventuras engraçadas; suspender a attenção publica; e alegrar e fazer rir. Não que ressumbre immoralidade em qualquer d'ellas, e menos que offendam as suas scenas, dialogo, phrase, e mesmo uma palavra siquer, o caracter o mais susceptivel, e o ouvido o mais casto dos seus expectadores. Põe particular cuidado em guardar completa e perfeita decencia. É o seu desejo de folgar, e nunca de satyrisar. Ganha n'esta parte muito valor o poeta comico, e realça o seu merecimento. Mas acima de tudo colloca o seu gosto, espalha as suas graças, derrama o seu espirito e facecias. São os seus encantos e a sua ambição as graças, o espirito e as facecias.

Preferimos entretanto *as Guerras do Alecrim e da*

Mangerona, como a mais original e a mais nacional das suas comedias, posto não seja a que maior somma de bellezas contenha, ou graça mais subida e fina apresente. Realça porém muito, porque ouve o expectador a personagens com os nomes portuguezes. Assiste á scena em Lisboa. Tudo quanto vê e escuta, conhece e entende. Para faze-la melhor apreciar, daremos d'ella uma analyse ligeira, minuciando a sua marcha e as suas aventuras.

III.

Trazem as algibeiras vasias, como fidalgos de tempera e costumes nobres, dous cavalheiros portuguezes de boa familia e educação fina. Chama-se um Dom Fuas. Tem o outro o nome de Dom Gilvaz. Nem criado tem o primeiro. Mas ao segundo acompanha um Semicupio, esperto e vivo como azougue. É este criado um dos typos de Antonio José da Silva, typo que reproduz em todas as suas comedias. Não costuma ter tambem Walter Scott um mordomo para os seus fidalgos escossezes? Não se encontram em todas as comedias de Molière um Sganarello que diz facecias constantemente? Qual o auctor que não tem uma ideia fixa, que apresenta e desenvolve em todos os seus escriptos?

Encontram aquelles fidalgos, nos seus passeios, a duas lindas moças, seguidas de uma criada. Cobrem-se as moças de véos, mas patenteam os seus encantos atravez d'elles. Procuram os cavalheiros praticar

com ellas, e obrigam-nas, por meio de finezas, a dar-lhes uma um ramo de alecrim, e um ramo de mangerona a outra. Partem as moças, e descobrem os cavalheiros, depois de mil trabalhos, que são sobrinhas de um Lanserote, velho avarento, que trouxera minas de ouro do Brazil, e as guarda como thesouros, que se occultam a todos os olhos. Basta-lhes isto para inflammar-lhes o amor. Procura cada um d'elles ver e fallar á sua bella, e provar-lhe a sua paixão. D'ahi resultam as guerras do Alecrim e da Mangerona.

Serve a Dom Gilvaz o seu criado. Indaga e encontra Dom Fuas uma velha interesseira da casa, que lhe leva as correspondencias, e alimenta o amor dos dous namorados. É impossivel acompanhar, e menos descrever os meios engraçados pelos quaes conseguem os dous amantes introduzir-se em casa de Dom Lanserote, a quem tinha chegado um sobrinho de Traz-os-Montes para casar-se com uma das moças, que escolhesse, devendo entrar a outra para o convento. Achando-se Dom Fuas e Dom Gilvaz dentro da casa, cahe a escada por onde subiram, e não acham meios para sahir, pois que guarda a chave da porta o dono, que é o proprio a abrir. O dia está a raiar. A criada, as moças, a velha, e os fidalgos, tudo treme, porque acorda, e apparece o velho. Salva-os o engenho de Semicupio, que percebendo o transe angustiado, grita *fogo* da rua, arromba com gallegos a porta de Dom Lanserote, sob o pretexto de que na casa lavra o incendio, e apresenta-se ao velho attonito, fazendo en-

trar de repente tamanha multidão, que parecem ter vindo em soccorro tambem os amantes Dom Fuas e Dom Gilvaz.

Admiravelmente rematam estas peripecias o primeiro acto. Verdade é que são desenvolvidas ao natural. É completa a pintura. Funccionam ao vivo todos os caracteres. Applaude o expectador a todas as personagens, porque satisfazem completamente. Sendo bem representada e comprehendida esta comedia, impossivel é que não produza effeito extraordinario no theatro.

Encontram os dous namorados outra occasião ainda, e occasião menos perigosa, para verem as moças. Adoece Dom Tiburcio, que ainda não escolheu noiva. Chama-se um medico, e apparecem tres. São Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicupio. É uma scena egual em graça ás melhores de Molière. Parece o criado mais erudito, por isso que é mais loquaz. É o doente quem soffre cóm os remedios que lhe receitam. Seguem-se novos empenhos de voltar á casa de Dom Lânserote. Combinam por fim encontrar-se no jardim, e tratar ahi os amantes dos meios de levar a effeito os seus designios de casamento. Chega Semicupio primeiro ao jardim. É preso por Dom Lanserote, e feixado em uma capoeira de gallinhas, partindo o velho para chamar o alcaide. A criada porém introduz no logar de Semicupio a Dom Tiburcio, que a requesta, porque pensa que lhe pertence quanto existe na casa do tio. Emquanto a justiça prende o infeliz sobrinho,

e se lamenta Dom Lanserote, aproveitam os amantes o seu tempo. Por tal sorte fica Dom Tiburcio intrigado com o tio, que o abandona o velho avarento, e chegam os dous fidalgos ao céo ou ao seu dinheiro, casando-se com as duas moças.

Para que seja uma comedia devidamente comprehendida e apreciada, cumpre que se represente. Necessita das luzes, do palco, da optica e das illusões do scenario. Perde com a leitura, que lhe não dá todo o realce, e como avalia-la por effeito, apenas de uma analyse succinta, ainda que minuciosa? Está no enredo a belleza, no lance das aventuras, e tambem no espirituoso do dialogo, na viveza da pratica, e na graça das palavras. São atavios necessarios, que enfeitam e aformoseiam; e estes atavios todos, que são os elementos necessarios para agradarem, alegrarem e interessarem, possue em dóse copiosa a comedia das *Guerras do Alecrim e da Mangerona.*

Não é a unica que merece as honras de uma analyse, e da leitura e representação. Eguaes em preço são as mais que escreveu Antonio José da Silva. A gloria, que adquiriu entre os seus contemporaneos, tem de vingar, firmar-se, e mais solidificar-se, á proporção que fôrem decorrendo as annos, e formando-se o julgamento dos posteros. Antes d'elle, si bem que tinha a lingua portugueza algumas comedias, que ornam a sua litteratura, faltavam-lhes comtudo o interesse, e a precisa animação. Faltavam-lhes o espirito, os usos e os costumes nacionaes, para que na sua

representação enthusiasmassem o povo. Constituem as comedias de Antonio José da Silva os paineis da sociedade em que elle vivia, animados de graça fina, de lances espirituosos, e de scenas alegres e variadas. E não se carece de muito engenho poetico, e muito talento comico, para conseguir estes resultados? Para reunir o complexo de todos os requisitos, que formam uma bella comedia, e comedia nacional, não se tornam necessarias qualidades muito subidas?

E apoz Antonio José da Silva, qual o poeta comico, que tem sido tão estimado pelo publico portuguez? Ainda inspirou a musa tragica a um ou outro poeta portuguez, e lhe arrancou da lyra arrobos suaves e agradaveis harmonias. Mas tem sido a musa comica muito escassa em Portugal. Não abre com facilidade os seus thesouros. Um auctor unico appareceu, depois de Antonio José da Silva, que compôz duas comedias, que encerram algumas bellezas. Foi Pedro Antonio Correia Garção. Por ventura porém *o Theatro Novo* e *a Assembléa ou partida* são comedias para se compararem com as *Guerras do Alecrim e da Mangerona?* Forma a base de qualquer das duas comedias de Garção uma monotona e muito pallida intriga. Não são comicas as situações. Não ha interesse constante, regular e successivo. Primam por lindos versos, dizem pensamentos elevados, e mais ou menos encerram uma poesia faceira. Póde-se, porém, assegurar que sejam ellas verdadeiras e boas comedias? Quão longe estão d'aquelle talento especial; d'aquellas côres lu-

xuriosas de graça e espirito; d'aquelle circulo ou serie de scenas, que se unem, se agglomeram, se dissolvem, e se reatam; d'aquella curiosidade, que o expectador sente, quando presenceia a marcha dos acontecimentos, a complicação dos successos, os riscos e perigos dos personagens, a quem ama, segue e acompanha com todo o interesse, circumstancias precisas todas em uma comedia, e que em gráu eminente possuiam as operas de Antonio José da Silva!

E que perda para a litteratura a sua morte tão cruel e na força do talento, no fulgor e viço da edade? Quando tantas comedias admiraveis compuzera, e n'ellas confiados nutriam Portugal e o Brazil fundadas esperanças de que cada vez se desenvolvesse mais o seu engenho admiravel, e lhes désse elle a gloria de um theatro nacional, rouba o terrivel tribunal do Sancto Officio uma existencia tãopreciosa; corta os fios de ouro de uma vida tão cheia de esperanças, e de futuro; e cobre de lucto o theatro, que até hoje não achou infelizmente quem o substituisse!

Apezar de alguns defeitos que notam os criticos nas composições dramaticas de Antonio José da Silva, foi elle com razão considerado o Plauto portuguez, e o será, emquanto não apparecer, na lingua portugueza, outro poeta que lhe roube a palma e a gloria.

As cantatas e arias, que intrommette nas comedias, e muitas poesias lyricas, que a tradição commemora com saudade, e que se perderam, com todos os seus manuscriptos, davam-lhe logar distincto ao lado de

Metastasio, e imprimem na alma sentimento profundo de estima e veneração por um engenho tão bem fadado pelas musas, e cuja sorte tragica crava estigma deshonroso e eterno na fronte da epocha fanatica, que se não pejou de convertê-lo em victima infeliz da superstição, da barbaria, e da atrocidade politica e social, que cobre de lucto a nação portugueza d'aquelles tempos nefandos e vergonhosos.

II.

FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO.

Assevera frei Gaspar da Madre de Deus (1) que da vasta progenie de Amador Bueno da Ribeira é oriundo o capitão-mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, possuidor das terras e engenhos de Marapicú, Cabossú, Itaúna, Paúes e Pantanáes do rio Gandú. De seu consorcio com Dona Helena de Andrade Souto Maior Coutinho nasceram João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, e Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello. Mais ou menos se celebrisaram todos estes irmãos pelas suas lettras e serviços.

Vieram ao mundo Dom Francisco de Lemos e seus

(1) *Memorias para a historia da Capitania de São Vicente.*

irmãos no engenho de Marapicú, termo actualmente da villa de Iguassú, e provincia do Rio de Janeiro.

Nasceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho em 5 de Abril de 1735. Seguiu com muito aproveitamento os estudos preparatorios na cidade do Rio de Janeiro, e as escholas dos Jesuitas. Enviou-o sua familia para Portugal na edade de quatorze annos. Entrou para o collegio dos militares, e se passou d'ahi para a universidade de Coimbra, aonde se formou em canones. Foi nomeado reitor do collegio das ordens militares em 1761. Depois de concurso, e preenchimento das formalidades e condições da lei da organisação da universidade, conseguiu uma cadeira de oppositor, e depois de lente, a cuja missão se entregou com todo o zelo e actividade.

Governava então Portugal Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras e marquez de Pombal.

Graves eram os acontecimentos politicos da epocha; e bem melindrosas e criticas as circumstancias do reino.

Achavam-se em decadencia o exercito e a marinha. Nada fizera por amelhora-los o reinado anterior. Arquejavam as finanças publicas com deficit extraordinario. Para cumulo de males, submergíra Lisboa o terremoto espantoso de 1755, cujas peripecias são geralmente sabidas.

Dirigiu o marquez de Pombal a sua attenção para todos os pontos: reconstrucção de Lisboa, melhoramentos materiaes, reorganisação do exercito e mari-

nha, economia nos dinheiros publicos por meio de diminuição das despezas, e emfim justiça e instrucção publica, tudo participou dos seus cuidados, dos seus desvelos e da sua incansavel sollicitude.

Para conseguir tantos resultados era azado o genio do marquez de Pombal. Como intelligencia superior, chamou para junto de si as intelligencias que descobria. Como ministro perspicaz e zeloso, conheceu que lhe convinha aproveitar os talentos que se lhe patenteavam, e dirigi-los ao fim a que se propunha.

Não houve talento nem intelligencia que não procurasse unir á sua fortuna.

Quando se preparava para os grandes trabalhos que tinha em mente, tristes acontecimentos os perturbaram. Nos fins do anno de 1761, appareceram entre Hespanha e Inglaterra actos de hostilidade. Commeçou a guerra lamentavel que denominaram os historiadores de pacto de familia. Tomou parte n'ella a nação portugueza, obrigada pelo manifesto de Hespanha de 15 de Junho de 1762. Quanto custou ao exercito portuguez chegar ao pé de guerra em que deveria ter sido constantemente conservado! Ao principio e por vezes cantaram os Hespanhóes victoria. Nem generaes tinha Portugal. Mandado vir da sua patria, foi o conde de Lippe o salvador da disciplina militar, e o chefe das forças portuguezas. Reorganisou, instruiu e arregimentou o exercito. Felizmente que, com o cessar da guerra e a pacificação do reino, pôde o ministro curar dos demais ramos do serviço publico.

Pretendeu Dom Francisco de Lemos deixar Portugal e retirar-se para o Brazil. Requereu o logar de deão da cathedral do Rio de Janeiro, que se achava vago. Respondeu-lhe porém o marquez de Pombal que tinha empregos mais elevados para elle, e lhe não consentia que sahisse de Portugal. De feito, logo em 1767, o despaxou juiz geral das ordens militares, e no anno immediato desembargador dos aggravos da Casa de Supplicação. Foi em 1768 provido em um logar extraordinario do tribunal do Sancto Officio de Lisboa, e pouco depois nomeado vigario capitular, coadjutor e futuro successor ao bispado da mesma diocese.

Descobríra o marquez de Pombal os seus distinctos merecimentos, e tratou de aproveita-los. Era o ultimo emprego o mais melindroso de todos, porque depois das ultimas occurrencias que tiveram logar entre a curia romana e a côrte de Lisboa, e que suspenderam por algum tempo as suas relações amigaveis, carecia a egreja de Coimbra de um prelado pacifico e ao mesmo tempo resoluto, de maneiras affaveis e ao mesmo passo firme, conciliador e justiceiro.

Reunia elle todas estas qualidades, e tão satisfactoriamente desempenhou os seus deveres, que em 14 de Maio de 1770 foi nomeado reitor da universidade de Coimbra, e chamado pelo governo para fazer parte da junta criada, sob o nome de Providencia litteraria, encarregada de reformar a universidade.

Faziam parte d'esta junta o marquez de Pombal e o

cardeal da Cunha na qualidade de inspectores; e como conselheiros Dom Francisco de Lemos de Faria Coutinho, Dom Manuel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja, o arcebispo d'Evora; os desembargadores Ricalde Pereira de Castro, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, e José de Seabra Silva; e os doutores Francisco Antonio Marques Giraldes, e Manuel Pereira da Silva. Era ardua a missão, mas honrosa e de gloria. Como um d'estes genios organisadores que raras vezes apparecem na scena do mundo, e fazem a fortuna das nações e dos povos em cujo serviço se empregam, não se esqueceu o marquez de Pombal da instrucção publica, porque a instrucção publica forma as gerações, dirige os animos, moralisa os espiritos, e é o manancial da educação do povo.

Tinham todos os membros da junta talentos e erudição ao nivel da tarefa, que lhes fôra incumbida. Provou o resultado o acerto da escolha, e sanccionaram o andar dos tempos e a successão dos acontecimentos a obra, que gloriosamente para si e para Portugal conseguiram levar ao cabo.

Fôra criada a universidade portugueza por ElRei Dom Diniz em 1290, e estabelescida em Lisboa. Já existiam então as universidades de Pariz, Bolonha e Salerno, que se fundaram no seculo XII, e as de Napoles, Tolosa, Salamanca, Padua, Oxford, Perugia, Macerata, Cambridge e Montpellier, que se instituiram no mesmo seculo XIII. ElRei Dom Diniz ajuntou mais este serviço a tantos, que a seu povo fizera, e que agra-

decido o povo commemorou aos posteros, para que guardem d'elle uma lembrança indelevel. No anno de 1293, pareceu melhor a ElRei transferir a séde da universidade para a cidade de Coimbra, por ser ponto central e isolado no meio de Portugal, e de onde poderiam os raios bemfazejos das luzes partir para todas as partes do reino mais facilmente, que de Lisboa sentada á margem do Téjo, e cujas aspirações eram o commercio, e as vantagens e riquezas particulares. Foi para Coimbra passada a universidade em 1308. Em 1357 porém a trouxe de novo Dom Fernando para a cidade de Lisboa. Em 1431 reformou-a, reorganisou-a, e deu-lhe novos estatutos ElRei Dom João I°, sendo coadjuvado pelo jurisconsulto João das Regras, e equiparando-a assim ás universidades então existentes, mais ou menos antigas que a portugueza, que se haviam illustrado no mundo, como de Roma, Pizza, Pavia, Parma, Sienna, Valhadolid, Orleans, Heidelberg, Praga, Colonia, Vienna, Palermo, Angers, Erfurt e Ferrara do seculo XIV; e Leipsic, Cremona, Florença, Aix, Krakau, Friburgo, Upsal, Alcala e Glasgow dos primeiros annos do seculo XV.

Cuidadoso como era ElRei Dom Manuel pelas cousas da sua terra, modificou ainda os estatutos da universidade. Reformou-os, adoptando o sistema estabelescido pelas universidades de Napoles e de Bolonha, organisadas pelo jurisconsulto Bartholo e pelo celebrisado Acursio.

Até então seguia ella inteiramente o theor das uni-

versidades que mais se entregavam aos estudos theologicos. Tinha mesmo o titulo de pontificia, e o caracter ecclesiastico.

« Á maneira das da Italia, diz um escriptor moderno (1), logo pelos primeiros estatutos de 1309 foram concedidos assim aos professores, como aos alumnos, extraordinarios privilegios. Estes, que então não eram moços de pouca edade, pela maior parte homens feitos, formavam a corporação, e elegiam d'entre si o reitor. Participando dos costumes feodaes, não só obteve senhorias de terras, e a jurisdicção que lhes andava annexa, mas tambem foro privativo para as pessoas e bens que lhe não pertenciam. »

Foram fixados os estudos na grammatica, dialectica, decretaes, leis, medicina e theologia. No anno de 1537 fez ElRei Dom João III° voltar a universidade para Coimbra, dotando-a com mais amplos privilegios e rendas mais extensas. Deu-lhe para professores os Portuguezes André de Gouveia, André de Rezende, Diogo de Teive e Diogo de Gouveia, discipulos e emulos de Cujacio, e dos maiores jurisconsultos do seu tempo. Annexou-lhe professores extrangeiros, e sujeitos distinctos, como eram Dom Martinho de Ledesma, Luiz de Alarcon, Francisco de Monzon e Martinho de Aspicuelta Navarro, Hespanhóes; Arnaldo Patricio e Nicolau Gruquis, Francezes, e os dous irmãos Buchanans da Escossia, que mandára vir

(1) Manuel Antonio Coelho da Rocha, *Ensaio para a Historia do direito publico e das instituições de Portugal.*

de proposito das suas terras para o reino de Portugal.

Soffreu ainda a universidade uma reforma em 1559, e outra em 1612. Vigoravam os estatutos d'esta ultima epocha quando o marquez de Pombal criou a junta da Providencia litteraria. Compunham as suas faculdades a theologia, o direito civil, o direito canonico e a medicina. Existia uma unica cadeira de sciencias mathematicas. Gozavam ainda os professores de privilegios, e os estudantes de isenções e foros.

Depois de aturado trabalho, confeccionou a junta o seu plano da reforma. Além das quatro antigas aculdades criaram-se uma de mathematicas e outra de philosophia natural, contendo cada uma d'ellas as suas aulas especiaes. Á faculdade de direito civil annexaram-se as aulas de direito natural, de historia de direito, e varias outras subsidiarias.

Enriqueceu-se a universidade com vastos edificios de historia natural e suas dependencias, com jardim botanico, observatorio astronomico, um gabinete de physica e chimica, um theatro anatomico, dispensatorio pharmaceutico, e officina typographica.

Concluidos os novos estatutos, apresentou-se em Coimbra o proprio marquez de Pombal, revestido de poderes extraordinarios de tenente rei. Mandou-os cumprir e executar por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, agraciado com a carta de

conselho de S. M., e nomeado reformador reitor e bispo de Zenopolis.

Foi com toda a solemnidade praticado o acto da abertura das aulas, e da posse dos novos professores, entre os quaes nomeára o illustre marquez alguns extrangeiros distinctos, como Dalabella, Franzini, e Vandelli. Entregou então o governo da universidade ao seu novo reitor, e regressou para Lisboa.

Um dos lentes da universidade, o doutor José Monteiro da Rocha, assim se exprime sobre os serviços prestados por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho na qualidade de reitor reformador:

«Deu nova e melhor fórma a todo o paço das escholas. Erigiu os sumptuosos edificios do museo de historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico e da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanico. Refundiu em [muitos pontos a legislação litteraria; encheu de bellos regulamentos a policia academica. Organisou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, criando novas cadeiras de metallurgia, hydraulica e astronomia pratica. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de maquinas e de instrumentos, criando e promovendo a ephemeride astronomica tão util á navegação. Propôz

e formalisou a grande lei dos cosmographos do reino (1).»

Satisfeito o marquez de Pombal de haver tão bem acertado na escolha do reitor reformador, declarou ao corpo da universidade o seu contentamento, na occasião de dirigir-se a elle. «Com estes faustissimos fins, — assim se enuncia o ministro, —deu ElRei nosso senhor á universidade o digno prelado, que até o presente a governou como reitor com tão feliz successo, e que do dia da minha partida em diante a ha de dirigir como reformador. Confiando justamente das suas bem cultivadas lettras e das suas exemplares virtudes que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios estatutos de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a ha de illuminar com as suas direcções; a ha de edificar com a sua consummada prudencia; e a ha de annunciar com as fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as faculdades academicas (2).»

Pouco tempo depois tomou conta egualmente Dom Francisco de Lemos do bispado de Coimbra, pela vaga, que deixou Dom Miguel da Annunciação; e recebeu ao mesmo tempo o titulo de conde de Arganil.

Viviam na melhor harmonia Dom Francisco de Lemos e seu irmão João Pereira Ramos; conceituados

(1) Elogio funebre do bispo de Coimbra.

(2) *Falla do marquez de Pombal*, publicada em Coimbra em 1773.

ambos pelo governo e pelo publico, auxiliavam-se mutuamente nos seus estudos e trabalhos.

Collocado o bispo á frente da universidade, foi seu irmão João Pereira empregado pelo marquez de Pombal em tres commissões, uma revisora do estado do erario e das leis fiscaes, a segunda reformadora de leis civis, e a terceira incumbida de tratar dos ajustes da concordata, que desejava o governo portuguez estipular com a curia romana, por intermedio do cardeal Conti, legado apcstolico. Com a morte d'ElRei Dom José I°, mudou de todo o governo de sua filha Dona Maria Iª. Arrastada pela reacção, que incitaram os fidalgos do reino não só contra o marquez de Pombal, sinão tambem contra tudo quanto fôra obra sua, pretendeu desfazer até a reforma da universidade de Coimbra.

Não o consentiu o bispo conde. Apresentou á rainha, e publicou uma exposição do estado da universidade, que passa por obra prima, e fez arripiar carreira aos inimigos do ministro decahido. Pagou porém com a sua pessoa a salvação que conseguíra da universidade sendo exonerado do cargo de reitor, e substituido pelo principal Mendonça. Não foi João Pereira Ramos mais feliz que seu irmão. Passavam ambos por intimos amigos do marquez de Pombal, e não escondiam a predilecção, que lhe tinham. No retiro, a que fôra condemnado o ministro de Dom José, ousavam ir visita-lo. Quando pretendeu o governo trazê-lo perante os tribunaes, e instaurar-lhe processo pelos actos da

sua administração, sahiu em sua defesa João Pereira Ramos, e na qualidade de procurador da corôa e soberania nacional, rendeu culto aos serviços prestados pelo marquez, e oppôz-se corajosamente á execução de semelhantes disignios, manifestando em um parecer habilmente escripto, e apresentado á rainha, quanto desar e nodoa faria recahir sobre o seu reinado uma tão injusta perseguição, que feria directamente o governo de seu proprio pae.

Conseguiu o seu intento. Teve porém a paga na dispensa que os novos ministros lhe deram de differentes commissões de que estava incumbido. Apoz porém alguns annos, foi de novo aproveitado; e logrou as honras de entrada e assento no conselho dos ministros (1).

Foram Dom Francisco de Lemos e seu irmão João Pereira Ramos dos collaboradores mais assiduos da Academia real de Sciencias de Lisboa, que deve a sua fundação ao duque de Lafões. Escreveram para ella algumas memorias acerca de questões theologicas, canonicas e politicas. Figura entre as que publicou a Academia uma conta geral do estado da universidade de Coimbra, das vantagens da sua reforma e das providencias indispensaveis ao seu progresso, que é obra do bispo conde, e mereceu geral aceitação, demonstrando cabalmente a sua grande erudição e engenho.

Passou Dom Francisco de Lemos os ultimos an-

(1) Decreto de 3 de Fevereiro de 1789.

nos do seculo XVIII no meio dos seus trabalhos de bispo de Coimbra. Conservava constantemente tranquillidade de espirito e socego d'alma, que formam as delicias do sabio e do religioso. Assistia na solidão aos diversos expectaculos do mundo, que, como as ondas do mar, se amontoavam, e revolviam uns sobre os outros e uns aos outros se succediam.

Soffreu um durissimo golpe com a morte do marquez de Pombal. A' dôr profunda que lhe causára a perda do seu amigo, accresceu outra mais cruel ainda, e mais dorida, que foi o fallecimento de João Pereira Ramos, seu irmão pelo sangue, que lhe girava nas veias; seu irmão pelos estudos e trabalhos aturados; seu irmão pela uniformidade moral de costumes, de educação e de vida; seu irmão emfim pelo genio, que animava a ambos, e pelos elevados talentos, com que ambos haviam sido dotados pela providencia divina.

Como que ficou só no mundo. Fôra Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho de maneiras affaveis e prazenteiras, de semblante alegre e risonho. Estes dous acontecimentos modificaram-lhe os habitos, enrugaram-lhe o semblante, embranqueceram-lhe o cabello, e quebrantaram-lhe as forças. Reconcentrou toda a sua intelligencia no exercicio do seu sagrado ministerio. Viveu no mundo como o apostolo que não vivia para si, e só para o bem das ovelhas, cujo encargo lhe pesava aos hombros, mas que praticava com a devoção do sancto.

Quasi ao findar o seculo, obrigou-o o principe re-

gente Dom João a tomar de novo o governo da universidade de Coimbra, destituindo o principal Castro, que succedêra ao patriarca de Lisboa.

Recommeçaram os seus trabalhos. Não esmoreceu porém o seu zelo e nem a sua actividade.

Criou e estabeleceu as ephemerides astronomicas e novas cadeiras de agricultura, hydraulica, mineralogia e astronomia pratica. Reformou o collegio das artes. Organisou os estatutos para os estabelescimentos publicos de instrucção publica e secundaria; e instituiu seminarios de ensino ecclesiastico na sua diocese.

Quando pela primeira vez entraram os Francezes em Portugal, no anno de 1807, deliberou o marechal Junot mandar ao imperador Napoleão uma deputação dos mais illustres Portuguezes. Não podia escapar-lhe o velho bispo de Coimbra. Obrigou-o o marechal Junot a seguir para França com alguns outros Portuguezes illustres, apezar da sua edade e das suas supplicas. Recebeu-os Napoleão em Bayona, tratou com especial distincção ao bispo de Coimbra, e folgou de praticar com elle, percebendo a sua vasta erudição e os seus talentos subidos. Depois de septe annos de residencia forçada em França, e com a queda do imperador logrou Dom Francisco de Lemos retirar-se para Portugal, aonde apenas chegou no anno de 1814, conhecendo que era pela regencia suspeito de infidelidade á seu Rei e á sua patria, que lhe attribuiam infundadamente, requereu justificar-se. Foi por sentença reconhecido innocente, regressando então em triumpho e

no meio de festas e applausos de todo o povo para a sua amada diocese, e para a sua universidade sempre querida.

Da vida publica se retirou todavia. Era o seu repouso que desejava. Limitava a sua ambição ao bem e moralisação das suas ovelhas, e ao progresso dos estudos universitarios. Foi como bispo de vida exemplar e de virtudes as mais puras. Serviu a Egreja. Honrou o baculo. Utilisou ao sacerdocio. Moralisou e instruiu a sua grei. Como reitor reformador da universidade adiantou à instrucção publica, diffundiu os conhecimentos, protegeu os talentos jovens e esperançosos, e ligou o seu nome e a sua gloria ao nome e á gloria da universidade, que regêra e reformára. Era como particular o amigo do pobre e do rico, o homem de bem por excellencia, e o simbolo da honradez e lealdade.

Nunca fallava na sua patria, no seu Brazil, sem sentir um alvoroço, um enthusiasmo, que se transfundia aos seus ouvintes (1). Ha tanto tempo d'ella separado, guardava todavia pura e illesa a sua lembrança, como a sua mais grata reminiscencia.

Tinha em 1821 o Rio de Janeiro dous filhos illustres em Portugal, ambos bispos, parentes um do outro; Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Evora, e Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra. Com a aceitação

(1) Palavras de um sermão, que prégou, em 1822, em São Vicente de Fóra, um monge de Alcobaça, em louvor do bispo D. Francisco de Lemos.

do regimen constitucional, tendo de nomear os seus deputados para as côrtes de Lisboa, de nem-um d'elles se esqueceu. A ambos outorgou os seus poderes para o representarem.

Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho tomou assento em côrtes, e como que esperando esta nova aureola para a sua gloria, expirou alguns dias logo depois. Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho nem pôde entrar no exercicio das suas novas funcções. As suas molestias e a sua edade lhe prohibiram o gosto de corresponder á expectativa de sua patria, e de cumprir o seu honroso mandato. Já no sepulcro o haviam precedido todos os seus irmãos, e a dous d'elles havia elle precedido no limiar da vida.

Em 16 de Abril de 1822 falleceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.

III.

JOSÉ DE SANCTA RITTA DURÃO.

I.

Na distancia de quatro legoas da cidade episcopal de Marianna, e pertencente a seu mesmo municipio, está situada a freguezia do Inficionado. Ahi nasceu, no anno de 1737, José de Sancta Ritta Durão, sendo seus ascendentes os honestos e abastados Mineiros sargento-mór Paulo Rodrigues Durão e Dona Anna Garcez de Moraes.

Passou a sua infancia no Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas primarias e secundarias da Companhia de Jesus. Apenas completou os seus estudos preparatorios, seguiu para Portugal. Na universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor em theologia, a 24 de Dezembro de 1756.

No anno de 1758, conhecendo que a sua vocação o chamava ao claustro, e harmonisavam os seus gostos e genio com a solidão do estudo, professou na ordem dos eremitas de Sancto Agostinho. Não havia carreira livre na sociedade civil. Apresentava ao menos a religião o retiro das communidades monasticas, e n'elle se expandia sereno o espirito com esse amor puro, ideal e sublime, que substitue a patria e a liberdade.

Commeçou o pulpito a popularisar o nome de José de Sancta Ritta Durão. Attrahiam-lhe sympathias, chamavam-lhe admiradores, e criavam-lhe amigos os sermões que recitava. Collocou-o na linha dos primeiros oradores do tempo o que em Leiria prégou em 1759 em acção de graças pela salvação da vida d'ElRei Dom José. Uma circumstancia porém lhe roubou o socego. Fizera o bispo de Leiria Dom João Cosme da Cunha correr uma pastoral louvando a expulsão dos Jesuitas, praticada pelo marquez de Pompal. Durão, que estimava os Jesuitas, e sentia os padecimentos da Companhia, não pôde guardar silencio diante da accusação do bispo contra os padres expatriados. Censurou-a com alguma liberdade, e procurou, sem que ousasse atacar o acto do ministro poderoso, que cahisse tambem o estigma da opinião sobre aquelles que applaudiam o sol, que nascia e fulgurava, e apedrejavam o que á pouco adoravam, e o vento dos acontecimentos lançára por terra. Tornou-se seu inimigo o bispo. Era elle irmão do seu proprio prelado frei Carlos da Cunha, que tomou o partido fraterno. Uma serie de

perseguições commeçou á soffrer Durão de um e de outro dos irmãos. Das suas iras mais se temeu José de Sancta Ritta Durão, quando o bispo foi elevado ao cargo de arcebispo d'Evora. Resolveu-se Durão a abandonar Portugal, e seguir viagem para Hespanha e Italia, á fim de conservar-se ausente por alguns annos. Nos principios de 1762 levou a effeito a sua deliberação e intento.

Quando se declarou a guerra entre os dous reinos de Portugal e Hespanha por causa do famoso pacto de familia tão conhecido na historia, achava-se Durão em Hespanha, percorrendo alegremente as bellas cidades da Andaluzia, errava de um para outro logar, como peregrino e descuidado, admirando as gentilezas e obras dos cavalheirosos Arabes, que haviam imprimido por toda a parte d'aquella romantica terra os monumentos indeleveis da sua gloria, e avançada civilisação, encontrou-se de repente em solo inimigo, quando se encetaram as hostilidades entre as duas corôas vizinhas. Suspeito de ser espia, foi preso, e encarcerado, no castello de Segovia, até que, pelo tratado de 10 de Fevereiro de 1763, assignado em Pariz, se terminou a guerra fatal, e assoladora, que tantos estragos causára por mar e por terra a todas as nações que haviam tomado as armas.

Restituido á liberdade abandonou Durão a Hespanha, e seguiu para a Italia. Era para um religioso o paiz do socego e do estudo. Para um litterato o solo das mais apreciaveis delicias. Encontrou-se em Roma

com José Basilio da Gama, e juntos moraram o tempo em que ali se conservou este seu compatriota. Passou ahi doces annos de vida. Secularisou-se, e assistiu á morte do papa Clemente XIII°, e á exaltação do seu successor, João Vicente Ganganelli, sob o nome de Clemente XIV°. Viu e admirou todas as velhas e admiraveis bellezas de Roma, e toda a pompa das glorias modernas, que não podem offuscar as antigas. Relacionou-se com Victor Alfieri, João Pindemonti, Melchior Cesarotti e Francisco Soave. Entreteve intimidade com João Baptista Casti, José Parini, Pedro Verri, Cesar Beccaria e Caetano Filangieri. Foi amigo do prégador dominicano Antonio Vallecchi, e de muitas celebridades italianas da sua epocha. A Italia, e Roma particularmente, fallavam-lhe sempre á memoria, em todo o resto da sua vida. Susurravam-lhe amorosamente em seus sonhos, e ainda, na avançada edade, lhe traziam á immaginação reminiscencias poderosas e sublimes, que elle confessava constituirem os seus mais puros e bellos prazeres.

Soube então que o seu compatriota Dom Francisco de Lemos gozava de todo o valimento do marquez de Pombal, e que este ministro traçava realisar grandes melhoramentos e progressos no seu paiz, occupando-se com as artes, commercio, industria, agricultura, sciencias e lettras.

Principiára com a universidade de Coimbra. Em 1772 se haviam consummado as novas reformas que lhe déra o marquez de Pombal. Fôra nomeado seu

reitor o bispo conde Dom Francisco de Lemos. Deliberou-se Sancta Ritta Durão a deixar Roma, e procurar em Coimbra o illustre reitor, cujo era amigo. De combinação com elle propôz-se ao concurso de oppositor para uma cadeira de theologia, que estava vaga. Pelos novos estatutos, todos os doutores nas diversas faculdades eram declarados oppositores, e podiam ser propostos para os logares das suas cadeiras vagas. Nos primeiros annos da reforma julgou-se porém conveniente a abertura de concursos de ostentação para o provimento das cadeiras, preferindo-se os mais habilitados. Apresentou-se Jósé de Sancta Ritta Durão. Venceu os seus concurrentes em dous concursos seguidos, e foi nomeado lente. Coube-lhe então recitar a oração de sapiencia na abertura dos cursos de 1778. Esta oração, escripta em latim, segundo a formula usada, contém importantes noções de historia e litteratura. Matiza-se com flôres de poesia, e prima por descripções eloquentes e pinturas delicadas. Passa no seu genero por uma das mais bellas e melhores orações de sapiencia, que se pronunciaram.

Si bem que lente da universidade, voltou pára a sua ordem, e fixou n'ella a sua residencia. Chegou a ser elevado ao gráu de prior.

Ignora-se inteiramente quando concebeu a ideia d seu poema *Caramurú*, quando o commeçou, e quando o terminou. O que parece certo é que pelos annos de 1778 e 1779, andava José de Sancta Ritta Durão occupado com a sua composição, porque o padre Jos

Agostinho de Macedo, que de Lisboa fôra exilado para aquelle convento, conta que além de trata-lo bem o prior José de Sancta Ritta Durão, fazia por elle escrever as estancias, dictando-lh'as de manhã na sua cella, e emendando-as á tarde, assentado sob as arvores que povoam a cerca do mosteiro.

Logo que concluiu o seu poema dirigiu-se para Lisboa, á fim de publica-lo. De feito, no anno de 1781, sahiu elle á luz n'esta cidade.

Infelizmente porém não teve a aceitação dos seus contemporaneos, como immaginára o auctor. Trouxe-lhe magoa este resultado, e com ella a resolução de rasgar todas as poesias, que havia composto, e que assim se perderam inteiramente.

Não sobreviveu muito tempo José de Sancta Ritta Durão á publicação do poema, que só o amor da patria, como o confessa no prefacio, incitou-o a escrever. Ao principiar do anno de 1784 acabou a sua existencia, na cidade de Lisboa, no hospicio do Colleginho, pertencente á sua ordem, e aonde residia. Ali mesmo, em uma sepultura privativa dos religiosos e que se acha collocada no fundo da escada, que desce do claustro para a egreja e perto da capella mór, se lhe abriu o jazigo em que foi sepultado (1).

Tinha estatura ordinaria, corpo cheio, côr morena, face picada de bexigas, e aspecto serio e sisudo. A primeira vez fazia-se respeitar, e com o tracto tor-

(1) Documento que nos foi ministrado pelo Sr. conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos Drumond.

nava-se estimado e querido por todos que com elle praticavam.

II.

Antes de analysarmos as bellezas do poema *Caramurú*, convem profundamente pesquizar e estudar a existencia historica de Diogo Alvares, conhecido por esse nome.

Sem minuciar dacta alguma, falla o padre Simão de Vasconcellos (1) de um Diogo Alvares, que seguindo viagem para a India em uma náu portugueza, soffrêra naufragio desgraçado nas costas da bahia de Todos os Sanctos, e fôra o unico Europeu que se salvára de ser comido pelos gentios Tupinambás, mettendo-lhes sustos com o estrondo do tiro de uma espingarda, que de bordo trouxera. Accrescenta, que depois de alguns annos de residencia entre os gentios, avistando um navio francez, para elle se fugíra, e o acompanhára uma gentia, com quem se casára na côrte de Pariz, servindo-lhes de testemunhas ao consorcio, e de padrinhos ao baptismo da bella Indiana, os proprios reis de França. Reconta o regresso dos dous esposos para a Bahia, fretando occultamente um navio francez, em trôco de carregamento de páu-brazil.

Assevera tambem Francisco de Britto Freire (2) a existencia d'este Europeu entre os gentios da Bahia,

(1) *Chronica da companhia de Jesus.*

(2) *Guerra Brazilica.*

escapo de naufragio tormentoso em uma viagem para São Vicente ; historía os seus amores com uma indigena das mais formosas, e a viagem de ambos para a França. Accompanha a tradição do seu baptismo, do casamento em França, e do seu regresso para a Bahia, declarando por fim, que pelo intermedio de Pedro Fernandes Sardinha, que estudava em França na occasião em que lá chegaram Diogo Alvares e sua mulher, sabendo ElRei Dom João III° dos successos, que ali se passaram, nomeára Francisco Pereira Coutinho para donatario da Bahia, e lhe ordenára partisse incontinente, á tomar posse da sua capitania.

Menciona Sebastião da Rocha Pitta (1) os nomes de Henrique II° de Valois e de Catharina de Medicis, que haviam sido padrinhos de Diogo Alvares e de sua mulher, quando estiveram em França, e das mesmas fontes que os chronistas seus antecessores extrahe os materiaes historicos de tão importante acontecimento.

Depois de seguir as mesmas pisadas de Simão de Vasconcellos, de Francisco de Britto Freyre e de Sebastião da Rocha Pitta, na generalidade da historia, apresenta Antonio de Sancta Maria de Jaboatão (2) o anno de 1516 como a epocha do naufragio de Diogo Alvares na Bahia, e o de 1524 como a do seu embarque para a França em uma náu franceza, que apparecêra navegando por aquelles mares. Conta egual-

(1) *Historia da America Portugueza.*
(2) *Orbe Seraphico.*

mente que ao aportar á Bahia Martim Affonso de Souza, seguindo viagem para a India, baptisára Diogo Alvares muitos filhos, e casára duas filhas. São os mesmos acontecimentos referidos por Bernardo Pereira Berredo (1) e frei Vicente do Salvador (2).

Será verdadeira esta historia? Será tambem toda phantastica? Ou ha n'essas circumstancias minuciadas pelos auctores, como em muitas lendas de outras nações, um fundo verdadeiro, com ornatosde immaginação, um ponto real da historia revestido das côres poeticas dos romancistas?

É esta a nossa opinião. Como ha nos primeiros tempos de todas as nações acontecimentos, que a tradição guarda, e passa de paes a filhos, e que com o andar dos tempos, vão calando no animo do povo, dourados pelo maravilhoso espirito da epocha, e desenvolvidos pela phantasia dos homens; assim nos parece ter sido a marcha da historia de Diogo Alvares, appellidado pelos indigenas Caramurú, ou homem do fogo. Tomou conta d'elle a ficção. Criou-lhe a poesia vida romanesca. Nada ha de mais productivo e engenhoso que o sentimento do patriotismo, exaltado pela poesia do povo. Basta-lhe um nome, ou uma aventura, embora simples, para organisar uma lenda pictoresca, e interessante. O conde de Saldanha, e Bernardo del Carpio, provam a fertilidade inventiva dos Hespanhóes. São povos da Hespanha os Portuguezes. Brilham

(1) *Annaes da capitania do Maranhão.*
(2) *Sanctuario Marianno.*

egualmente pela immaginação, e gloriam-se com um fundo de patriotismo, que por exagerado não deve perder conceito, e valia aos olhos, e ao coração das demais nações do mundo.

Descrevendo a viagem que fizera seu irmão Martim Affonso de Souza á bahia de Todos os Sanctos, no anno de 1531, declara Pero Lopes de Souza (1) que havia ali encontrado um Portuguez vivendo ha vinte e dous annos, e em paz, com os indigenas, o qual dava razão larga de tudo o que havia na terra.

Na sua muito importante obra intitulada *Roteiro do Brazil* falla Gabriel Soares de um Diogo Alvares, Caramurú, que o donatario Francisco Pereira Coutinho achára na Bahia, e que lhe prestára muitos e valiosos serviços, durante as luctas que teve de supportar contra os Tupinambás, e que ainda vivia, em companhia de numerosa familia, quando em 1549 tomou conta d'aquella capitania Thomé de Souza, o primeiro governador nomeado, a quem serviu Diogo Alvares de interprete, procurando sempre conciliar os Portuguezes com os gentios.

Sustenta Antonio Herrera (2) que a João Mori appareceu, na Bahia, em 1535, um Portuguez, que ali residia ha vinte e cinco annos.

Narra o padre Balthasar Telles (3) que depois da morte do donatario Francisco Pereira Coutinho, foram

(1) *Roteiro.*
(2) *Decada* 3ª livro 8.
(3) *Chronica da Companhia de Jesus.*

Diogo Alvares e seus genros os povoadores da Bahia.

Como negar-se á testemunhos tão diversos, e ao mesmo tempo tão concordes? Que existiu Diogo Alvares entre os Tupinambás, é facto incontestavel; que a epocha da sua chegada á Bahia regula pelo anno de 1510, parece muito provavel; mas que credito se deve dar á apregoada viagem que fizera á França, e ás aventuras da sua querida esposa, que o accompanhára, e fôra baptisada na côrte de Pariz?

Teria logar esta viagem antes do anno de 1515? Reinou em França até esta epocha Luiz XII°, casado, em 1499, com Anna de Bretanha. Seria do anno de 1515 até o de 1567? Reinava em França Francisco I°, e era rainha sua sobrinha Claudia, filha de Luiz XII°. Possuimos as declarações uniformes de Antonio Herea, e ás Pero Lopes de Souza, para nos certificarmos que elle vivia desde 1510, pouco mais ou menos, entre os Tupinambás. Não fallam porém de semelhante viagem, que teriam de certo particularisado, si exacta fosse. E para maior prova emfim contra a veracidade d'ella, nem dos fastos da França, nem das mais circumstanciadas chronicas francezas, se colhe a minima noticia d'este successo, que aliás, n'aquella epocha e occurrencia, teria certamente merecido as honras de menção, e menção muito especial. Ambicionava França as novas terras que haviam descoberto e conquistado os Portuguezes. Copia immensa de navios francezes atirava-se pelas costas do Brazil, commerciava com os gentios, animava-os contra os Portuguezes, carre-

gava o páu-Brazil, e isto alguns annos logo apoz o descobrimento. Christovam Jacques, Luiz de Mello da Silva, Pero Lopes de Souza, e Martim Affonso de Souza, bateram e aprisionaram varios navios francezes. Como não foi aproveitado pelo governo francez um acontecimento tão prenhe de consequencias vantajosas para elle, como de certo era a viagem e estada em Pariz de Diogo Alvares e de sua mulher, personagens a quem attribue a tradição a honra de terem por padrinhos os monarcas reinantes de França? Como podia passar desapercebido evento tão curioso nas chronicas francezas?

Dão ainda a tradição e a poesia dos chronistas portuguezes como reis de França, na epocha da tão romanesca viagem de Diogo Alvares áquelle reino, a Henrique II° e sua mulher Catharina de Medicis, quando Henrique II° subiu ao trono, por morte de Francisco I°, em 1547, e d'esta epocha em diante fôra impossivel a viagem de Diogo Alvares, porque desde os annos de 1531 commeçou o Brazil a ser sistematicamente povoado pelos Portuguezes, e de 1537 em diante, com mais ou menos fortuna, fundou o donatario da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, as suas povoações e estabelescimentos, e por sua morte, tomando ElRei posse da capitania, a mandou governar por Thomé de Souza, estando authenticamente demonstrado que, em todo este tempo, Diogo Alvares e sua familia coadjuvaram os Portuguezes, serviram-lhes de interprete para com os gentios, e procuraram

sempre harmonisar os Portuguezes com os seus hospedes antigos.

É para nós de toda a evidencia que Diogo Alvares, desde que naufragou na Bahia, no correr do anno de 1510, ahi residiu, e adoptou os costumes dos indigenas; prestou-se muito ahi aos Portuguezes, quando começaram a fundar os seus estabelescimentos; serviu ahi muito aos Jesuitas, quando encetaram a catequisação dos gentios, e morreu ahi em edade avançada, e deixando extensa prole.

E pois consideramos fabulosa a sua apregoada viagem á França, seus successos e casamento n'este reino, e seu regresso glorioso á terra da bella Paraguassú. Trocára esta de certo o nome gentio pelo de Catharina, sinão de lembrança particular de Diogo Alvares, pelo menos, e talvez como razão plausivel, em attenção á rainha de Portugal Dona Catharina, mulher de Dom João III°, que governou o reino desde 1531, e durante os primeiros annos da infancia de Dom Sebastião.

Mas quem era, e de onde provinha Diogo Alvares? Questão indecisa, e que não tem cabalmente resolvido nem-uma das chronicas, e nem-um dos documentos impressos ou manuscriptos, que lográmos examinar.

Para Sebastião da Rocha Pitta era nascido Diogo Alvares na cidade de Vianna de Portugal, e descendia de nobre linhagem. Para os padres Simão de Vasconcellos, e Balthasar Tellêes, nascêra Diogo Alvares em Portugal, de origem porém desconhecida. O padre Antonio de Sancta Maria Jaboatão, Francisco de Brito

Freyre, frei Vicente do Salvador e Bernardo Pereira Berredo, não se deram a averiguações sobre este ponto. Uma carta porém que escreveu a ElRei de Portugal Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania do Porto Seguro, em dacta de 18 de Julho de 1546, a qual existe no arquivo da Torre do Tombo, falla de serviços importantes prestados aos Portuguezes da Bahia por Diogo Alvares, o gallego. Outras cartas dos primeiros Jesuitas, que estiveram no Brazil, tratam tambem de gallego a Diogo Alvares. Como porém não tivesse em Portugal esta denominação um sentido tão restricto, e fosse uso geral intitular-se gallegos quer os naturaes da Gallisa, provincia da Hespanha, quer os mesmos Portuguezes das provincias do Minho, e limitrophes da Gallisa, possivel é, que tivesse elle nascido em Vianna do Minho. O que, no entanto, continúa coberto inteiramente de trevas, é o destino da viagem que seguia, e qual o navio em que fôra embarcado, quando, pouco mais ou menos, no anno de 1510, naufragou na bahia de Todos os Sanctos.

Forma Diogo Alvares, o Caramurú, um episodio brilhante e romanesco na historia do Brazil. É elle o herói do agradavel poema, que escreveu José de Sancta Ritta Durão. Tornou-se para as chronicas brazileiras tão celebre personagem, como o rei Arthur para as chronicas inglezas, o Cid de Andaluzia para as hespanholas, e Carlos Magno e seus paladinos para as francezas.

III.

São imitativas da epopea antiga as formulas do poema *Caramurú*. Escreveu Homero a sua *Iliada* e a sua *Odisséa*. Extasiou-se Aristoteles diante d'esta ordem admiravel, e de sistema tão perfeito de composição. Ficou portanto servindo de typo. Seguiu-lhe Virgilio as pisadas, e imitou a *Iliada* com a sua *Eneida*. Sanccionou-lhe as formulas Quintilianno, que, traçando o circulo, prohibiu toda a tentativa de ultrapassa-lo. Nos tempos mais approximados á nossa epocha, dous genios, eguaes ambos aos auctores da *Odisséa* e da *Eneida*, Luiz de Camões e Torquato Tasso, obedeceram ás regras estabelescidas e aceitas, e subordinaram-se aos dictames de seus predecessores.

Bem differentes são porém os assumptos d'estes poemas epicos, devidos aos quatro engenhos de que fallamos, das composições que em Hespanha e Portugal escreveram outros poetas, como Jeronymo Corte-Real, Alonso de Ercilla, José de Sancta Ritta Durão, Hippolito Sanz, Mouzinho Quevedo, Lourenço Zamora, José Basilio da Gama, e Francisco de Mosquera. São *os Lusiadas, a Jerusalém libertada, a Eneida, a Iliada*, e *a Odisséa* verdadeiros assumptos de epopea, e do poema heroico e geral. *O Caramurú, o Affonso africano, a Numantina, o Uraguay, a Araucana, a Mathea, a Saguntina*, e *o Naufragio de Sepulveda*, pertencem a or-

dem secundaria, e particular, que é mais cavalheirosa que heroica. Assemelham-se antes, na feitura e desenvolvimento intrinseco, á especie denominada romances, divergindo d'ellas apenas pelas vestes exteriores, e pela metrificação poetica. As formulas da epopea antiga, tão preconisadas por todos os censores, foram todavia admittidas nas modernas litteraturas, para toda a especie de narração, historia, chronica, romance ou poema escripto em verso. O proprio Luiz Ariosto, que elevou a maior altura o genero phantastico, seguiu no seu poema o sistema da epopea grega. Foi Dante Alighieri o unico poeta, que levando a originalidade do seu engenho á materia intrinseca de sua obra, a estendeu livremente ás formulas exteriores.

É o poema do *Caramurú* a historia de Diogo Alvares. Commeça o poeta pelo naufragio que fez sossobrar a náu em que se embarcára. Segue a tradição, quanto ao meio de que usou para salvar-se, dando tiros de espingarda, e aterrorisando os gentios Tupinambás. Conta os seus amores com a bella Paraguassú, pela qual desprezára muitas outras indigenas, que o requestavam. Pinta o apparecimento de um navio francez por aquelles mares tão pouco trilhados ; as emoções que sente o heróe Diogo Alvares, quando de terra o avista, brincando sobre as aguas ; e a deliberação que toma de abandonar os gentios, e de voltar para a Europa. Acompanha-o Paraguassú. Moema e outras indigenas, que o amavam, atiram-se ao mar apoz elle. Morre Moema no seio das ondas. Volvem sentidas as outras e lacry-

mosas. Leva para França a náu franceza o ditoso par, que na côrte de Pariz, reinando Henrique IIº e Catharina de Medicis, é acolhido com toda a pompa. Fazem o rei e a rainha baptisar Paraguassú, dando-lhe o nome da sua real madrinha, e servem de testemunhas ao seu consorcio. Não querendo Henrique IIº consentir que se dirija Diogo Alvares para Portugal, freta este occultamente um navio, e regressa com sua esposa para a Bahia, aonde desembarcam no meio do alvoroço, e regozijo que causa entre os gentios uma volta tão inesperada. Descreve então o poeta um sonho que teve Paraguassú, e que lhe patenteou a historia do Brazil nos tempos futuros, a expulsão dos Francezes, a edificação da cidade do Rio de Janeiro, o exterminio dos Hollandezes, e as victorias de Pernambuco. Termina o seu poema com a chegada do governador Thomé de Souza, ao qual se sujeitam todos os gentios.

Muitas bellezas não tem o plano geral. Não são subitos, inesperados e originaes os acontecimentos que narra, e nem dramaticas as scenas do poema. Não teve José de Sancta Ritta Durão grande trabalho para concebe-lo e desenvolve-lo. Achou-o feito nas tradições. Encontrou-o escripto nas chronicas do seu tempo. Dividiu-o em partes, encerrou cada uma parte em um canto, e ornou cada um canto com certo numero de outavas em versos rimados.

Na concepção pois, e belleza do plano geral do seu poema, não primou José de Sancta Ritta Durão. Sua immaginação apropriava-se mais porém aos detalhes;

aperfeiçoava melhor, e mais delicadamente desenvolvia um episodio, que uma obra completa.

Quanto superior seria o seu poema, si alargasse o campo que escolhêra, e nos pintasse as primeiras guerras do donatario Francisco Pereira Coutinho com os gentios Tupinambás? Que bellezas encontraria no contraste das povoações gentias com as dos Europeus, n'essas pazes que celebravam, e que eram guerras, e n'essas guerras que sustentavam, e que infamaram o valor de tantos briosos cavalheiros, que haviam conquistado honrosa nomeada nos combates contra os Malabares?

Nos episodios e detalhes porém varias descripções excellentes nos offerece este poema ou romance. Ha lindos versos e elegancia de estylo; ha sentimento de linguagem, e pincel ás vezes delicado. Reaes e vivos nos apparecem os barbaros costumes das nações de gentios, guardando e tractando com todo o cuidado os seus prisioneiros de guerra, engordando-os com bons manjares, felicitando-os com todos os deleites da vida, e á propicia occasião, reunindo-se os indigenas, trazendo o prisioneiro para o logar do sacrificio, e entregando-o áquelle que teve missão de tracta-lo, e que o mata com suas proprias mãos, e reparte os seus restos entre os que concorreram á festa! Como tão fielmente reconta o terrivel Gupeva as crenças e leis dos povos indigenas! Como se batem os guerreiros gentios com suas tacapes, aoe nthusiasmo das inubias, e animados pelas vozes dos Pagés! Como são descriptas, apresentadas e analysadas quasi todas as nações dos indigenas do Brazil,

formando um vasto e animado quadro! Como logram as terras, os animaes e as plantas, pinturas tão embellezadas e tão graciosas endeixas!

Que importa que no desenvolvimento de sua historia appareçam anachronismos? Que importa que a concepção geral não agrade aos ouvidos e aos desejos curiosos de emoções, de aventuras romanescas e continuas, e de peripecias imprevistas e inesperadas? Affeiam-no ás vezes alguns trocadilhos de phrases, e semsaborias, que se deparam no meio dos episodios: enfastiam as controversias theologicas, que entretêm os padres com os gentios, e que tão facilmente se poderiam fazer arrancar da obra. Apezar, porém, d'estes defeitos, aliás notaveis, encerra o poema *Caramurú* episodios verdadeiramente bellos, e descripções originaes e poeticas; e revela, com toda luz da verdade, o enthusiasmo patriotico, que animava o poeta, que o escrevêra.

IV.

Para nos convencermos melhor das bellezas do poema *Caramurú*, é de necessidade que façamos citações de alguns trexos. O que ha de mais original e agradavel que esta descripção da morte do prisioneiro?

> Qual si da Libya pelo campo estende
> O mouro caçador um leão vasto,
> Em longa nuvem devora-lo emprende
> O sagaz corvo sempre attento ao pasto,

Negro parece o chão, negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto:
Até que avista a presa, e em chusma vôa,
Nem deixa parte que voraz não rôa.

Tal do caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz, que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se, que mil voltas anda,
O eleito matador, como quem préga,
A brandos, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

A' roda, á roda a multidão frememte
Com gritos corresponde á infame ideia;
Emquanto o fero, em gesto de valente,
Bate o pé, fere o ar, e um páu meneia:
Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
Entre prisões de embira se encadeia;
Fogo se accende nos profundos fossos
Em que se torrem com a carne os ossos.

Dentro de uma estacada extensa e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,
Emtram os principáes de cada casta
Com plumas bellas, onde a côr discorda:
Outros, que a grenha têm com feral pasta
Do sangue humano, que ao matar, transborda,
Os negromantes são; que em vão conjuro
Chamam as sombras desde o Averno escuro.

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo,
Seis turpissimas velhas, aparando
O sangue seu em leve menoscabo:
Tão feias são, que a face está pintando
A imagem propriissima do Diabo;

Tinto o corpo, em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

Tem no collo as crueis sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhes são divisas
De mais ou menos tempo em taes officios :
Gratas ao Céo se crêm, de que indivisas
Se inculcam por tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando
Nos seus cócos com facas vêm tocando.

É um dos mais lindos episodios a historia da estatua, que summaría o joven Fernando á seus companheiros, accompanhando-a de sons harmoniosos da cithara, e obrigando-os a esquecer assim os perigos que os rodeiam. Caminhava por entre brenhas desertas um religioso, naufrago no Brazil, quando encontra em lucta de derradeira agonia a um desgraçado indigena. Anima-o o religioso, pede o favor de Deus para esta alma, que se vai separar do corpo. Baptisa-o, como o permitte a religião em transes apertados, e ouve-o em confissão. Denuncia um coração puro, uma vida mansa e bondadosa. Desce a bençam celeste sobre o misero agonisante, que, exhalando o ultimo suspiro da vida, transforma-se em uma estatua de pedra, que se assenta na ilha do Corvo, d'onde mostra o Brazil ao Europeu curioso. Ha poesia, e bastante immaginação n'este episodio.

Não lhe é inferior outro episodio agradavel e pictoresco do poema, em que se narra a historia da bella Moema, que morrendo de amores por Diogo Alvares, e

vendo-o abandonar a terra, e embarcar-se na náu franceza, que o deve levar á Europa, atira-se ás ondas irritadas do Oceano, em demanda do amante ingrato que lhe foge. Chega a agarrar-se ao leme do navio, e a arrastar-se-lhe apoz a fieira de espuma, que o accompanha, mas :

> Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
> Pallida a côr, o aspecto moribundo,
> Com mão já sem vigor, soltando o leme,
> Entre as salsas espumas desce ao fundo.

Varios outros episodios contém o poema, que são tão verdadeiros, agradaveis e energicos como aquelles de que temos fallado, e que manifestam egualmente variedade de pinturas, e diversidade de descripções. São o da estatua e o de Moema doces, melancolicos e tocantes. Fallam ao coração, e deixam-lhe emoções gratas e suaves. Forma todavia a pintura da Sanctissima Virgem, que em visão apparece á bella Paraguassú, um bellissimo painel. Encerram bellezas dignas de ser notadas, e que alvoroçam o animo e o enthusiasmo, os episodios de guerras, combates e luctas sanguinarias, que uns contra os outros sustentam os gentios.

> Mas quando tudo com terror fugia,
> O bravo Jacaré se lhe põe diante;
> Jacaré, que si os tigres combatia,
> Tigre não ha que lhe estivera avante :
> Treme de Jararáca a companhia,
> Vendo a fórma do barbaro arrogante,
> Que com pelle coberto de panthera,
> Ruge com mais furor que a propria fera.

Avista-se um com outro; a maça ardente
Deixam cahir com barbro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido :
Aparou Jacaré no escaldo ingente
Um duro golpe que o deixou partido;
E emquanto Jararáca se desvia,
Quebra a maça no chão com que o batia.

Nem mais espera o Caethé furioso,
E qual onça no ar, quando destaca,
Arroja-se ao contrario impetuoso,
E um sobre outro co'as mãos peleja, e ataca :
Não póde discernir-se o mais forçoso;
E sem mover-se em torno a gente fraca,
Olham, luctando os dous, no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém emquanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega;
Sobre o chão um com o outro ás voltas ia;
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que, rota a cabeça, o triste expira.

É desenhada com côres caracteristicas a marcha das nações gentias, que se aprestam para combater os Tupinambás, entre os quaes se acolhêra Diogo Alvares.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto
Tinta de escura noite a fronte impura;
Negreja-lhes na testa um cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura:
São os feros Margates, em que Alecto

O Averno pinta sobre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa no meio do cabello a coroa.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto esquadrão da crua gente,
Cupaiba, que os miseros, que abraça,
Devora vivos na batalha ardente;
A' roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão que em tantas voltas traz cingido,
Que é já mais que cordão longo vestido.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no frexar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via,
Lhe erravam tiro da volante frexa:
Era de pluma o manto que o cobria;
De pluma um cinto, que ao redor se fexa;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

O bom Sergipe aos mais confederado,
Comsigo conduzia os Pittaguares,
Que havendo pouco d'antes triumphado,
Têm do dente inimigo amplos collares;
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valorosas dez milhares
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque.

Nem tu faltaste ali, grão Pecicáva,
Guiando Carijó das aureas terras;
Tu, que as folhetas de ouro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras;
Torrão, que do seu ouro se nomeava,
Por criar do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito emfim baixo e mal prezado
O nome teve de ouro inficionado.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma maça ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo :
Frexas e arco no braço omnipotente,
Nas mãos um dardo de páu-sancto agudo,
Sobre os hombros a rêde, á cinta as cuyas:
Tal era a imagem dos crueis Tapuyas.

Nao ha expectaculo mais bem desenhado, mais vivo, e mais animado; é um exercito de diversas nações, que o leitor vê marchar diante de si, cada uma com as suas armas, as suas vestes e os seus usos. É um quadro perfeito, colorido e real. Apoz esta pintura dos gentios, deleita a vista, e agrada ao ouvido a descripção de uma aldeia dos Tupinambás.

No reconcavo ameno um posto houve
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetra-lo a entrada toda :
Um plano vasto no seu centro abria;
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, vasos, ramos, vimes, canas,
Formavam, como em quadro, outo cabanas.

Qualquer d'ellas com móle volumosa
Corre direita em linhas paralellas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas :
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentos cipaz, ou mil pessoas.

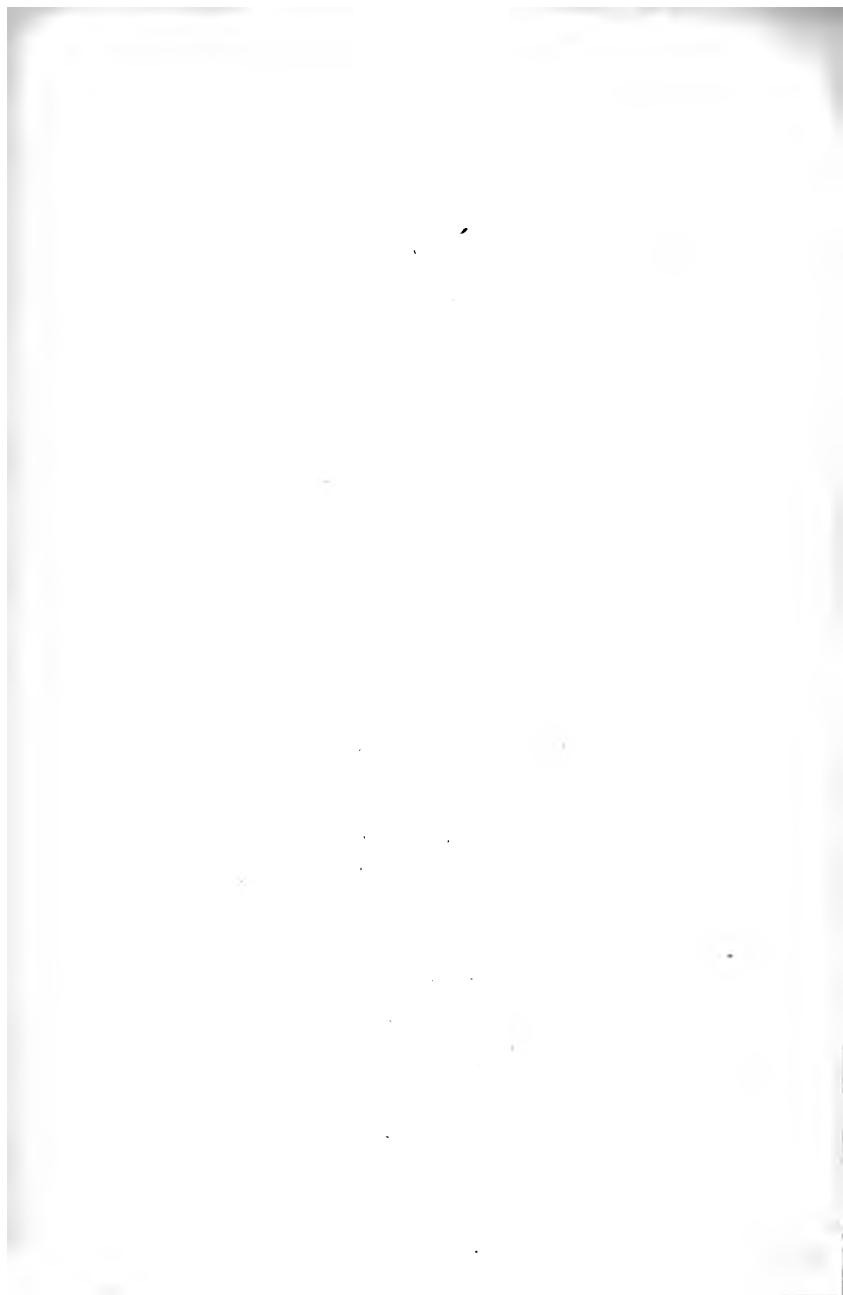
Qual o velho Noé na immensa barca,

Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita :
Tal o rude Tapuya na grande arca,
Ali dorme, ali come, e ali medita;
Ali se faz de humano, e de amor mole,
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

Posto não fosse dotado José de Sancta Ritta Durão com immaginação larga e vasta, as scenas que desenha todavia , e as descripções que pinta, são tão verdadeiras, que é a sua obra uma chronica perfeita dos usos, leis, religião e costumes dos povos indigenas do Brazil. Póde-se dizer que foi o criador da poesia americana. Sahiu da senda traçada pelos seus antecessores europeus, para procurar inspirações nas florestas da America, nos seus rios caudalosos, na sua terra virgem, e nos seus habitantes primitivos, que só conheciam a natureza, que os produzíra, e o deserto, em que viviam. Como devia ser nova aos ouvidos dos povos da Europa esta linguagem do gentio Jararáca, animando os seus ao combate :

Sús, valentes ! Sús, bravos companheiros !
Tomai coragem ! Que será no extremo ?
Embora sejam raios verdadeiros,
Si não é Deus, que os lança, nada temo !

Talvez fosse esta mesma novidade, não comprehendida pelos seus contemporaneos, que arredou da leitura do poema os espiritos da epocha , acostumados á melodia que se copiava nas obras antigas, e ás figuras

mythologicas, que sorriam como a expressão mais poetica dos tempos. Reconhecendo-se porém que é uma das boas composições modernas que possue a lingua portugueza, e forma ao mesmo tempo um monumento patriotico, cumprem com o seu dever a patria e a lingua, conservando eternamente, indelevel, e gloriosa, a memoria de poeta tão distincto, e que honrou á uma e á outra.

IV.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

I.

Está actualmente demonstrado que na actual cidade do Ouro Preto, capital da provincia de Minas Geraes, conhecida outr'ora pelo nome de Villa Rica, nascêra Manuel Ignacio da Silva Alvarenga ao correr do anno de 1749 (1).

Era seu pai um pobre musico. Chamava-se Ignacio da Silva Alvarenga. Atrazada andava a educação do filho, quando manifestando elle muita viveza e engenho, obteve o auxilio de uma subscripção de amigos,

(1) Esta primeira parte vai toda refeita, graças aos novos esclarescimentos que se conseguiram.

e foi mandado então para o Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas de instrucção secundaria. Conseguindo ahi protectores mais importantes que os da capitania de Minas logrou passar-se para Portugal, matricular-se na universidade de Coimbra, e formar-se bacharel na faculdade de canones.

Mostrou desde a mais tenra edade exquisito talento para a poesia. Causavam em Coimbra os seus escriptos uma admiração enthusiastica. Não podiam os seus companheiros e os proprios lentes deixar de tecer elogios ao genio fogoso e brilhante, que, com tamanha facilidade, apresentava fructos tão saborosos e delicados no verdor ainda dos annos.

Terminados os seus estudos, dirigiu-se para Lisboa, aonde por alguns annos praticou a advocacia. Chamava-o no entanto a saudade da patria. Em despeito de muitos commodos, e resultados felizes, que obtinha na metropole, preferiu abandona-la, volvendo para os lares, que sabia apreciar, e sinceramente adorava.

Escolheu a cidade do Rio de Janeiro para a sua residencia. Perseverou na profissão de advogado sem que nunca olvidasse as doçuras da musa, que lhe fallava ao coração, sorria-lhe ao ouvido, e lhe fascinava a intelligencia.

Em 1779 começou a exercer o cargo de vice-rei no Rio de Janeiro Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa illustre de Castellomelhor, succedendo ao marquez de Lavradio, que governára a colonia desde 1769.

Com Luiz de Vasconcellos, que era homem de gosto litterario, e de intelligencia esclarecida, abriu Manuel Ignacio da Silva Alvarenga relações estreitas de amizade. Foi nomeado para professor regio de rhetorica e recebeu sempre do vice-rei as maiores demonstrações de estima e apreço particular, pelos seus elevados talentos e composições poeticas.

Chegava por este tempo de Portugal, desgraçado, e foragido quasi, José Basilio da Gama, que tanto o havia protegido na metropole. Recebeu-o como amigo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga; tratou-o como irmão, e deu-lhe a amizade do vice-rei. Havia n'essa epocha no Rio de Janeiro bastantes litteratos e sabios. Infructiferamente e por vezes tentaram alguns d'elles criar no Estado do Brazil academias litterarias. Fôra fundada na Bahia em 1724 a brazilica dos Esquecidos, cujas sessões tinham logar no proprio palacio do governador Vasco Coutinho Cesar de Menezes, conde de Sabugosa, seu protector principal. Conseguíra organisar no Rio de Janeiro, em 1736, Matheus Saraiva, medico da camara e physico-mór, a Academia dos Felizes, composta de trinta socios, sob os auspicios e protecção tambem do governador respectivo. Da primeira nem-um vestigio resta afóra a noticia que nos legou Sebastião da Rocha Pitta. Da segunda ha ainda memorias manuscriptas acerca do anil, da coxonilha, e de varias outras plantas interessantes do Brazil, as quaes attestam a sua tão util quanto curtissima existencia. Instituiu-se em 1751 uma terceira academia no

como a Instantanea (1), dos Generosos (2), das Conferencias discretas (3), dos Singulares (4), dos Solitarios de Santarém (5), dos Insignes Illustrados e Occultos de Lisboa (6) e dos Anomos (7). Cooperavam ellas para a diffusão e desenvolvimento do gosto litterario. A Academia Real da Historia portugueza, criada em 1720 por ElRei Dom João V°, fez desapparecer todas essas sociedades; mas á par d'ella e no anno de 1756 foi criada a Arcadia de Lisboa por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotonio Gomes de Carvalho, Domingos dos Reis Quita, Francisco José Freire, e Pedro Antonio Correia Garção, vasada segundo os estatutos da Arcadia de Roma, com nomes de pastores, e residencia no monte Menalo. Infelizmente, apezar dos serviços que prestou ás lettras, não pôde a Arcadia viver mais de vinte annos.

Da nova academia estabelescida no Rio de Janeiro, e que tomou posteriormente o titulo de litteraria, foram principaes membros, além de José Basilio da Gama, e de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu

(1) Era a que estabelesceu o bispo do Porto Dom Fernando Correia de Lacerda.

(2) Foi criada por Dom Antonio Alvares da Cunha em 1647, e renovada em 1685.

(3) Era a que o conde de Ericeyra Dom Francisco Xavier abrira em sua livraria no anno de 1696.

(4) Criada em 1663 e presidida por Sebastião da Fonseca.

(5) Criada em 1664.

(6) Instituidas no fim de seculo XVII°; tiveram todas existencia curta.

(7) Criada em 1716 por Ignacio de Carvalho Souto Maior.

Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barboza, Marianno da Fonseca, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manuel de Arruda Camara, José Ferreira Cardozo, e José Marianno da Conceição Velloso.

Feliz foi de certo essa epocha de enthusiasmo e esperanças. Eram excellentes litteratos o vice-rei e o bispo, e praticavam com os sabios e os litteratos. Ajudavam-nos tambem os sabios e os litteratos com as suas luzes e popularidade. Tornou-se assim o governo de Luiz de Vasconcellos e Souza o mais popular de todos os governos dos tempos coloniaes do Brazil. Commeçaram-se grandes fundações. Delinearam-se obras de importancia. Ideias uteis e generosas se espalharam, que, comquanto por algum tempo suffocadas ainda, deixaram todavia alguns germens, que fructificaram no futuro.

Mas teve Luiz de Vasconcellos e Souza de entregar, em 1790, as redeas do governo do Estado ao seu successor, o conde de Rezende. Era o conde no caracter o avesso de Luiz de Vasconcellos. Temia a força e a influencia dos homens intelligentes. Causaram-lhe desconfianças e receios as academias e ajuntamentos litterarios. Em vez de firmar o poderio de seu governo sobre a força e influencia, de que poderiam ellas dispôr, como o praticára tão facilmente o seu antecessor, julgou melhor ataca-las de frente, e destrui-las completamente.

Foi dissolvida a academia por ordem do vice-rei e

recolhidos á cadeia os seus principaes membros. Conservaram-se presos pelo espaço de quasi dous annos, dous d'entre elles, Silva Alvarenga, e Marianno José Pereira da Fonseca. O juiz processante distinguiu-se por seu espirito perseguidor, e severo, posto ganhasse gloria como poeta, e tivesse o nome conhecido de Antonio Diniz da Cruz e Silva, desembargador então da Relação do Rio de Janeiro. Da metropole veio por fim uma insinuação ao magistrado para cessar as perseguições contra os individuos que considerasse reconhecidamente innocentes. Resolveu-se o desembargador Diniz á propôr ao vice-rei a soltura das duas victimas, que reganharam assim a sua liberdade em 1797, sem se lhes haver instaurado até então nem-um processo.

Entregou-se d'ahi em diante Manuel Ignacio da Silva Alvarenga ao estudo e á solidão. Viveu ainda sob o governo de outros vice-reis, que substituiram ao suspeitoso conde de Rezende, sem cuidar de outra cousa afóra da poesia. Publicou, em 1801, a sua *Glaura*. Assistiu ainda á chegada da familia real, que, foragida de Portugal, procurava abrigo nas plagas americanas á fim de escapar ás armas de Napoleão. No dia 1º de Novembro de 1814 lhe cortou porém a parca cruel os fios da vida, e o arrastou á sepultura.

II.

Dirigiu Manuel Ignacio da Silva Alvarenga todas

as suas poesias eroticas á uma Glaura adorada, que lhe criára e embellezára a phantasia com todos os dotes e prendas. Fôra Laura a amante de Francisco Petrarca, e tão bellas poesias inspirára ao vate italiano. Laura havia sido a heroina de Manuel da Vega, nos seus deliciosos descantes, sob o nome de Amphryso. Em imitação á estes poetas, Glaura se appellidou a deusa, que escolhêra a immaginação de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, para dedicar-lhe os seus versos e a sua vida.

Criam sempre os poetas eroticos um ente divino, quando o não ha real para os seus amores. Devem adormecer e sonhar ao som do seu nome; pensar e viver, diante da sua imagem. Noites e dias, tardes e manhãs, horas e minutos, é tudo poesia que deslisam os seus labios; canticos que lhes saltam á mente; inspirações que recebem. Esta poesia, estes canticos, estas inspirações; ora de exaltado amor, ora de delicias serenas; ora de negros ciumes, ora de incendio voraz; ora de melancolicos suspiros, ora de prazeres alegres; ora de illusões, ora de realidades; ora de dôres, ora de alegrias: esta poesia, estes canticos, estas inspirações, parecem accompanhar o vento, e procurar o anjo, cujas graças celebram, cujos attractivos adoram, e cujos amores descantam.

As estrellas, os ventos, a terra, o mar, a lua, o sol, a noite, o dia, os rios e as florestas, tudo interroga Manuel Ignacio da Silva Alvarenga. Pergunta-lhes pela sua Glaura. Do alto das montanhas lança o olhar

pela veiga, e pela planicie, e lhes dirige os seus suspiros, para que a planicie e a veiga os transmittam a Glaura. Ás margens do rio desfia sons cadentes e melancolicos, para que as aguas do rio os levem aos pés de Glaura. Ao soïdo do vento communica os seus queixumes, para que o vento enamorado os deslise aos ouvidos de Glaura. Ao sol e á lua, quer resplandeçam com toda a sua magestade, quer merencoriamente se encubram com os seus véos diaphanos, pede protecção, e implora auxilio. Como as florestas, julga-se solitario e abandonado. Como a noite, considera-se triste e infeliz. Como a rola, geme, e com os seus gemidos commove o coração. Acha depois nas estrellas os seus amores; no dia as suas delicias; nas flôres os seus perfumes; e em qualquer objecto da natureza a ventura de toda a sua vida.

Si não têm os poemas eroticos de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga a doçura, maviosidade e sentimentalismo terno, melancolico e saudoso das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga; si não chegam a competir com ellas na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, e na cadencia e melodia da rima; ha entretanto mais diversidade de tons, mais variedade de movimentos e mais originalidade de expressão. Muda Alvarenga o seu cantico, quando lhe apraz. Inspira-se na occasião e no momento, e á proporção que lhe falla a ideia enamorada. Passa da melancolia ao prazer, das dôres á alegria. Segue por esta fórma vereda differente, que tem tambem os seus encantos.

Como é bello o seu cantico á lua, quando subindo ella ao firmamento, e esclarecendo-o com a sua luz divina, patenteia o vasto panorama da muda e terna scena, que move a existencia em torno do homem! Como se descrevem poeticamente o palpitar e o estremecer do astro soberbo, que, pallido como o destino, tem vozes que fallam tão directamente ao coração!

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Geme, ó Céos! — mangueira antiga,
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar!

Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar!

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Sente Glaura mortaes dôres,
Os prazeres se occultaram,
E no seio lhe ficaram
Os amores a chorar!

Infeliz! Sem lenitivo
Foge timida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pezar!

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

A cansada phantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.

Já me assaltam, já me ferem
Melancolicos cuidados:
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Oh! que lugubre gemido
Sáe d'aquelle cajueiro?
É do passaro agoureiro
O sentido lamentar.

Puro amor! Terrivel sorte!
Glaura bella! Infausto agouro!
Ai de mim! E o meu thesouro,
Impia morte, has de roubar?

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Como é enfeitado de côres suaves este cantico delicioso! Que melancolico ruïdo deixa no espirito! Como este vagar da lua, lento e monotono, derramando ondas de luz sombria, é habil e artisticamente

desenhado! Como combina com os sentimentos, que descreve o poeta, e com os sentimentos que elle encontra na propria natureza patria, que o rodeia, sorri-lhe, e encanta-o! Estes versos doces e languidos, cadentes e melancolicos, são proprios de um poeta meridional. O som quebrado, o moderado carpir, e os gemidos sonoros reflectem-se n'elles, como a physionomia no espelho, ou atravez das placidas aguas do lago, quando batido pelas azas do cysne. Segue o poeta methodo egual em outros canticos; desfia as mesmas harmonias, e espalha a mesma doçorosa poesia. Como sensibilisam os seus sentimentos no cantico seguinte, que dirige á sua lyra!

N'este louro pendurada
Ficarás, ó doce lyra,
Onde o vento que respira
Te fará soar de amor.

Feras, troncos e rochedos,
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Plantei n'alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos,
Vi nascer crueis abrolhos,
Em logar de terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
Estas flôres, este prado,
Tudo, ó Céos! vejo mudado;
Tudo sente a minha dôr.

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Quando com a sorte da roseira copada e esbelta compara a sorte da sua Glaura, uma ingrata, formosa e barbara, e a outra galante, cruel e ferina, quantos sentimentos delicados não deposita na alma do leitor!

Ah! roseira desgraçada
Dedicada
Aos meus amores,
Tuas flôres,
Mal se abriram
E cahiram
De pezar.

Quando Glaura me dizia
Que era sua esta roseira,
De esperança lisongeira
Me sentia consolar.

Mas a sorte, que invejosa
Este allivio não consente,
Não ha mal que não invente,
Rigorosa em maltratar.

Ah! roseira desgraçada!

Da risonha primavera
Esperei os bellos dias;
Glaura... ó dôr!... os teus cabellos
Quem pudera coroar!

Já não vives, oh! que magoa!
E a roseira, que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d'agua desmaiar!

Ah! roseira desgraçada!

Parca iniqua, atroz, funesta
Era teu infausto agouro!
Já levaste o meu thesouro,
Mais não resta que roubar.

Nem as flôres permittiste...
Oh! que barbara impiedade!
Fica só cruel saudade,
Fica o triste suspirar!

Ah! roseira desgraçada!

De seus ramos a belleza
Era o mimo d'estes prados:
Move agora, oh! impios fados!
Da tristeza a lamentar.

Horrorosos são meus males;
Tudo encontro em nevoa escura,
Vem commigo a desventura
Estes males assombrar.

Ah! roseira desgraçada
Dedicada
Aos meus amores,
Tuas flôres
Mal se abriram
E cahiram
De pezar.

Assemelha-se a queda ou ruïdo do verso ao correr brando e doçoroso do regato, ou ao gemido vago e sombrio do vento. Como o pensamento e a ideia, são tristes as phrases, suaves e languidas.

Entretando muda o poeta o painel, logo que lhe apraz. Passa da dôr á alegria, da angustia ao prazer. Ou Glaura lhe sorriu, e n'este sorriso viu elle vida nova. Ou pretende abandonar Glaura, e emquanto se re-

solve, vôo pazenteiro embebe-se-lhe pelo espirito, e immagina um expectaculode ventura, que o leva a exprimir immediatamente as suas impressões já metamorphoseadas. Amante feliz e jubiloso, deixa a lida triste pela doce calma, entrega a alma á ventura, e ancia ser transformado em beija-flôr, que lhe parece simbolisar a felicidade.

Todo o corpo n'um instante
Se attenúa, exhala e perde:
È já de ouro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando giros,
Accompanham-me os suspiros,
E a ternura do pastor.

E n'um vôo, ave ditosa,
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor.

Que variedade de canticos! Quantos ineffaveis prazeres não derrama a leitura d'esta poesia indolente, e ao mesmo tempo arrebatadora! E não é sómente delicioso este genero de poesia, quando se transmitte em versos octosyllabos, pelos quaes o apertado da rima, a estreiteza do phraseado e o ligeiro da expressão ajudam o poeta, aceitam-lhe o pensamento, e o traduzem felizmente com a precisa melodia. Não ha um rondó, que não seja lindo e perfeito. O da lembrança saudosa, o do beija-flôr, e o da serpente, agradam pela melodia.

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga usou tambem, na traducção das ideias eroticas, de versos endecasyllabos, entremeiando-os com outros menores, e conseguiu resultado excellente. Sirvam de exemplo os canticos seguintes :

Dryade, tu, que habitas amorosa
Da mangueira no tronco aspero e duro ;
Ah ! recebe, piedosa,
A grinalda, que terno aqui penduro ;
Pela tarde calmosa,
Glaura saudosa e bella,
Te busca, e vem com ella mil amores ;
Mil suspiros te deixo entre estas flôres.

Folha por folha, e cheio de ternura,
Beijarei esta angelica mimosa,
Beijarei esta rosa,
Que hão de adornar de Glaura a fermosura.
Ah ! ventura ! ventura !
Commigo sempre esquiva !
Mostra-te compassiva a meus amores ;
Beije Glaura estas flôres ,
E os encontrados beijos
Dêem novo e puro ardor aos meus desejos.

O' sombra deleitosa,
Onde Glaura se abriga pela sesta
Emquando o ardor do sol os prados cresta ;
Ah ! defende estes lyrios, e esta rosa,
E si nympha mimosa
Perguntar quem colheu as lindas flôres ,
O' sombra deleitosa,
Dize-lhe que os amores,
E a timida ternura
Do pastor namorado, e sem ventura.

III.

Primou egualmente Manuel Ignacio da Silva Alvarenga em outros poemas de maior grandeza. Escreveu algumas odes, que revelam apurado engenho, e ideias poeticas de valor. Tem poesias satyricas, que merecem tambem uma menção especial e honrosa, e que não são titulos menos dignos de apreço que os canticos bellos e maviosos, de que nos temos occupado.

Elevação de ideias, e alguma dignidade nos pensamentos exprime a ode que Manuel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu á mocidade portugueza. Imagens, linguagem, versificação a caracterisam agradavelmente. Ha versos cuja paternidade não recusariam os melhores versificadores. Abre elle as primeiras paginas d'esta sua composição com rosto severo, mas benevolo.

A fastosa indolencia
Tarda preguiça, e molle ociosidade,
Tiveste por sciencia,
Infeliz lusitana mocidade!
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
A areia, que já foi por tantas vezes
Com o mar regada
Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançaram
Os verdes louros de que a frente ornaram.

Descreve com felicidade a decadencia da moral, a corrupção do seculo, a ruina da patria, e os triumphos da superstição e da ignorancia. Usa de traços vivos e indeleveis, exclamando enthusiasmado:

> E vós, ou vos criasse
> A nobre Lysia no fecundo seio,
> Ou já vos convidasse
> Amor das lettras no regaço alheio,
> Cortando os mares desde as praças, onde
> O ouro nasce, e o sol o carro esconde,
>
> Pisai, cheios de gosto,
> Da bella gloria os asperos caminhos,
> Emquanto volta o rosto,
> O fraco, e o inerte, á vista dos espinhos;
> E fazei que por vós inda se veja
> O imperio florescente, e firme a egreja.
>
> Enchei os ternos votos
> Da nascente esperança portugueza;
> Por caminhos remotos
> Guia a virtude ao templo de grandeza.
> Ide, correi, voai, que por vós chama
> O rei, a patria, o mundo, a gloria e a fama!

Logrou Silva Alvarenga uma nomeada mais extensa, descantando amores alegres e faceis, e saudosos e tristes amores, como os antigos trovadores, que apoz a sua dama adorada, corriam de castellos em castellos, suspirando em romantico alaúde hymnos variados, e já nos rotos andrajos de peregrino, já sob o manto do religioso e do ermita, já cingindo espada e elmo, peitos d'aço, e escudo de guerreiro, deixavam de si eterna

toada, e memoria indelevel. Sabia tambem arrancar da lyra descripções aprasiveis de fontes e prados, de rios e arvores, de flôres e fructos.

Merecia-lhe naturalmente Luiz de Vasconcellos canticos de gratidão. Não faltou Silva Alvarenga ao seu dever, e entre diversas composições dedicou-lhe uma, que realça tanto pelo selecto do pensamento, e dignidade da expressão, quanto pela suavidade do verso. Havia sido o vice-rei protector do recolhimento das meninas desvalidas, denominado Nossa Senhora do Parto. Aproveita o poeta este acto de religião e humanidade de Luiz de Vasconcellos, para tecer-lhe os merecidos elogios.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?
Insultados dos ventos
Estereis passarão de edade á edade;
Qual Gelboé, que o Céo não abençoa,
E só d'aridas pedras se povoa.

Tu, sim, com gloria ao mundo, e aos Céos aceito
Te elevas, firme asylo da innocencia!
Tua magnificencia
Co'as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, aonde dorme
A vã superstição, e o vicio enorme!

Eu te admiro, qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce;
Por ti risonha desce
Suave primavera deleitosa;
Nem temas que te roube astro maligno
O orvalho criador do Céo benigno.

Em vão gelado inverno estenda as azas
Sobre o carro de Boreas procelloso;
Em vão o cão raivoso
Chammas espalhe nas celestes casas;
Sempre illesa serás, segura, eterna!
Quanto se deve á mão que nos governa!

O' generosa mão, que não desmaias,
No meio das fadigas! Ou dos montes
Desçam as puras fontes;
Ou fuja o mar infesto ás nossas praias;
Ou a peste horrorosa, magra e escura,
Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantam apressadas,
E alegres a colher a flór e o fructo;
E as Musas por tributo,
Enlaçando corôas engraçadas,
Mandám nas azas do ligeiro vento
Hymnos de paz ao claro firmamento.

Doce paz! Ah! não fujas! — Longos annos
A guerra a outros campos homicida
Semeie enfurecida
Co'a mão ensanguentada os mortaes damnos;
E entanto no seu bosque alto e sombrio,
Descanse em urna d'ouro o patrio rio.

Escreveu o poema ás Artes em elogio da rainha Dona Maria I[a]. É a descripção dos progressos das sciencias e das artes no seu reinado, e prima pela variedade de conhecimentos. A ode a Affonso de Albuquerque, si é que lhe pertence (o que é ponto duvidoso ainda), posto se não eleve á sublimidade da que escreveu Francisco Manoel do Nascimento sobre o mesmo assumpto, brilha todavia por alguns pensa-

mentos. A do marquez de Pombal tem estrophes, que honram qualquer poeta.

Além de se mostrar Manuel Ignacio da Silva Alvarenga litterato profundo, e critico de gosto apurado, pelas diversas memorias, que escreveu a respeito da litteratura e da poesia, as quaes merecem as honras da leitura; compôz tambem dous poemas facetos, em que mostra uma tal qual imitação de Horacio ao lado das graças de Nicoláu Tolentino. Dirigiu um contra os vicios, que descreve e censura. Tinha por titulo o outro *o Desertor das lettras*, e posto não possam e nem devam ser comparados ao admiravel *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva, encerram comtudo algum merecimento litterario, e demonstram o espirito fino e a erudição primorosa do auctor. E quantas agradaveis allegorias produziu o seu engenho! Como se esforçou em imitar a Ovidio! É o *Templo de Neptuno* uma pedra preciosa que simula roubo aos poetas latinos do seculo de Augusto. A mythologia, com as suas terrestres ficções e graças artisticas, reapparece n'elle brilhante, e ao mesmo tempo singela, como foram as éras gregas. É o *Templo de Neptuno* uma allegoria fina, e que merece ser collocada quasi ao lado das poesias fugitivas de Goethe, quando segue este poeta as formulas das litteraturas mortas. A *Gruta americana*, outra allegoria graciosa de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tendo por base e fundamento um assumpto brazileiro, cobre-se com as vestes das canções romanas, toma-lhes algumas graças. São bellas as descripções

do valle e do rio mineiro, ainda que seja o velho pae das Nymphas quem esteja a brincar com as palhetas de ouro e os magnificos diamantes, que se arrancam das suas entranhas. As arvores do Brazil, os seus animaes, e os seus passaros multicôres, apparecem na magestosa natureza com que foi o solo brindado. O poeta, depois de patentear a immensidade das riquezas naturaes do Brazil, finda por esta fórma:

Ide, sinceros votos,
Ide, e levai ao trono lusitano
D'estes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor e o sangue, e a propria liberdade.

Alguns defeitos se deparam no cantico mavioso, que dirige ao mez de Dezembro. Não extasia porém o seu variado colorido? Como feixar-se olhos e ouvidos, quando a harmonia musical do verso, e a suavidade pura e innocente dos pensamentos vão impressionando, e exaltando os olhos e ouvidos?

Já Dezembro mais calmoso
Preguíçoso o giro inclina;
Illumina o sol rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem, pastora, aqui te esperam
Os prazeres d'este rio;
Onde o sol e o secco estio
Não puderam penetrar.

Nuas graças te preparam
A conchinha transparente,
O coral rubro e luzente,
Que buscaram sobre o mar.

Já Dezembro mais calmoso
Preguiçoso o giro inclina;
Illumina o sol rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Entre os mimos e a frescura,
Entre as sombras, e entre as agoas,
Do pastor as tristes magoas,
E a ternura has de encontrar.

Pelo golfo curvo e largo,
Apparece a deusa bella;
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

Não são unicamente palavras musicaes, sonoras e melodiosas as que emprega o poeta, como grande artista e musico que é tambem abundante. Encontra-se fresca e agradavel poesia, que sahe do coração, revela sentimentos do coração, e falla a todas as fibras do coração.

Não duvidou o eloquente e erudito auctor da *Historia das litteraturas meridionaes da Europa* (1) em incluir Manuel Ignacio da Silva Alvarenga no numero dos poetas da primeira ordem, que illustraram a nação portugueza. Este juizo de auctoridade tão recommendavel, e competente, parece-nos todavia exa-

(1) Sismondi, *Histoire des littératures du midi de l'Europe.*

gerado. Cabe-lhe porém um dos mais honrosos na segunda escala, e assim devidamente e melhor o comprehenderam Adriano Balbi (1) e Fernando Denis (2) nos seus interessantes escriptos sobre Portugal e Brazil.

(1) *Statistique de Portugal.*
(2) *Histoire de la littérature portugaise.*

FIM DO 1º VOLUME.

NOTAS.

DOCUMENTO. Nº 1.

REQUERIMENTO DE BARTHOLOMEU LOURENÇO PEDINDO PRIVILEGIO PARA UMA MAQUINA DE SUBIR AO AR.

« Senhor,

« Diz o licenciado Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que elle tem
« descoberto um instrumento para andar pelo ar, da mesma sorte que
« pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, fazendo-se muitas
« vezes duzentas e mais legoas de caminho por dia, no qual instrumento
« se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos, e terras
« mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem : no que
« interessa Vossa Magestade muito mais que todos os outros principes,
« pela maior distancia dos seus dominios, evitando-se d'esta sorte os des-
« governos das conquistas, que provêm em grande parte de chegar
« tarde a noticia d'elles : além de que poderá Vossa Magestade mandar
« vir todo o preciso d'ellas muito mais brevemente, e mais seguro :
« podendo os homens de negocio passar lettras e cabedaes á todas as pra-
« ças sitiadas, poderão ser soccorridas tanto de gente como de viveres
« e munições á todo o tempo ; e tirarem-se d'ellas as pessoas que qui-
« zerem, sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as
« regiões mais vizinhas aos polos do mundo, sendo da nação portu-
« gueza a gloria d'este descobrimento, além das infinitas conveniencias

« que mostrará o tempo. E porque d'este invento se podem seguir mui-
« tas desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facili-
« tando-se muitos na confiança de se poderem passar a outro reino, o
« que se evita estando reduzido o uso a uma só pessoa, a quem se
« mandam a todo o tempo as ordens convenientes a respeito do dito
« transporte, e prohibindo-se a todas as mais sob graves penas : e bem
« se remunere ao supplicante invento de tanta importancia ;

« P. A Vossa Magestade seja servido conceder
« ao supplicante o privilegio de que, pondo por
« obra o dito invento, nem-uma pessoa, de
« qualquer qualidade que fôr, possa usar d'elle
« em nem-um tempo n'este reino ou suas con-
« quistas sem licença do supplicante ou seus
« herdeiros, sob pena de perdimento de todos
« os bens, e as mais que a Vossa Magestade
« parecerem. » E. R. M.

Despaxo.

Como parece á Mesa ; e além das penas, accrescento a de morte aos transgressores ; e para com mais vontade o supplicante se applicar ao novo instrumento, obrando os effeitos que relata, lhe faço mercê da primeira dignidade, que vagar em as minhas collegiadas de Barcellos ou Santarem, e de lente de prima de mathematicas na minha universidade de Coimbra, com 600,000 réis de renda que crio de novo em vida do supplicante sómente. Lisboa, 17 de Abril de 1709. Com a rubrica de S.M.

DOCUMENTO Nº 2.

« Eu ElRei faço saber, que o padre Bartholomeu Lourenço me
« representou por sua petição, que elle tinha descoberto um instru-
« mento para se andar pelo ar da mesma sorte que pela terra, e pelo
« mar, e com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas
« e mais legoas de caminho por dia ; no qual instrumento se poderiam
« levar os avisos de mais importancia aos exercitos e ás terras mui remo-

« tas, quasi no mesmo tempo em que se resolviam, no que interessava
« eu mais que todos os outros principes pela maior distancia dos meus
« dominios, evitando-se d'esta sorte os desgovernos das conquistas, que
« procediam, em grande parte, de chegar mui tarde a mim a noticia
« d'elles; além de que poderia eu mandar vir todo o preciso d'ellas
« muito mais brevemente e mais seguro, e poderiam os homens de nego-
« cio passar lettras e cabedaes com a mesma brevidade, e todas as pra-
« ças sitiadas poderiam ser soccorridas, tanto de gente, como de muni-
« ções e viveres a todo o tempo, e retirarem-se d'ellas as pessoas que
« quizerem, sem que o inimigo o pudesse impedir; e que se descobri-
« riam as regiões que ficam mais vizinhas aos polos do mundo, sendo da
« nação portugueza a gloria d'este descobrimento, que tantas vezes
« tinham tentado inutilmente as extrangeiras. Saber-se-hão as verda-
« deiras longitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos
« mappas causavam muitos naufragios; além de infinitas conveniencias
« que mostraria o tempo, e outras que por si eram notorias, que todas
« mereciam a minha real attenção: e porque d'este invento tão util
« se poderiam seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso
« muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na confiança de se poder
« passar logo aos outros reinos, o que se evitaria estando reduzido o
« dito uso a uma só pessoa, a quem se mandassem a todo o tempo as
« ordens que fossem convenientes a respeito do dito transporte, prohi-
« bindo-se a todas as mais *sobre* graves penas; por ser justo que se
« remunerasse a elle supplicante invento de tanta importancia, me pedia
« lhe fizesse mercê conceder o privilegio de que, pondo por obra o dito
« invento, nem-uma pessoa, de qualidade que fôr, pudesse usar d'elle
« em nem-um tempo n'este reino e suas conquistas, com qualquer pre-
« texto, sem licença d'elle supplicante ou de seus herdeiros, sob pena
« de perdimento de todos os seus bens, a metade para elle supplicante, e
« a outra ametade para quem os accusasse, e *sobre* as mais penas que
« a mim me parecessem, as quaes todas teriam logar tanto que cons-
« tasse que alguem fazia o sobredido instrumento, ainda que não tivesse
« usado d'elle, para que não ficassem frustradas as ditas penas ausen-
« tando-se o que as tivesse incorrido: e visto o que allegou, hei por bem
« fazer mercê ao supplicante de lhe conceder o privilegio de que, pondo
« por obra o invento de que trata, nem-uma pessoa, de qualidade que fôr,

« possa usar d'elle em nem-um tempo n'este reino e suas conquistas,
« com qualquer pretexto, sem licença do supplicante ou de seus herdei-
« ros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade para
« elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusar, e só o
« supplicante poderá usar do dito invento, como pede na sua petição. E
« este alvará se cumprirá inteiramente, como n'elle se contém; e valerá,
« posto que seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da
« ordenação do liv. II, tit. 4, em contrario. E pagou de novos direitos
« quinhentos e quarenta réis, que se carregaram ao thesoureiro d'elles
« a fl. 160 do liv. 1º da sua receita; e se registou o conhecimento em
« fórma no liv. 1º do registo geral a fl. 149. José da Maia e Faria o fez
« em Lisboa aos 19 de Abril de 1709. Pagou d'esta quatrocentos réis.
« Manoel de Castro Guimarães o fez escrever. — Rei. — Conferido.
« Patricio Nunes, e comigo Joseph Corrêa de Moura. »

DOCUMENTO Nº 3.

VERSOS A BARTHOLOMEU LOURENÇO.

1.

Esta maroma escondida,
Que abala toda a cidade,
Esta mentira verdade,
Ou esta duvida crida;
Esta exhalação nascida
No portuguez firmamento;
Este nunca visto invento
Do padre Bartholomeu,
Assim fôra sancto eu,
Como elle é cousa de vento.

2.

Esta fera passarola,
Que leva, por mais que brame,
Trezentos mil réis de arame
Sómente para a gaiola :

Esta urdida paviola,
Ou este tecido enredo;
Esta das mulheres medo,
E emfim dos homens espanto;
Assim fòra eu cedo sancto,
Como se ha de acabar cedo.

3.

SONETO AO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO,

INVENTOR DA NAVEGAÇAO DO AR.

Veio na frota um doente brazileiro
Em trage clerical, sotaina e c'rôa;
Fez crer que pelo ar navega e vôa,
N'um barco sem piloto e sem remeiro.

Vai-se ao marquez de Fontes mui ligeiro,
Declara-lhe o segredo, este o apregôa,
Sobe á consulta, pasma-se Lisboa;
Entanto esquece a fome do terreiro.

Bem merece este doente eterno assento
Na ethérea região; eu já lhe approvo
A diabrura do subtil invento;

Pois um milagre fez, que é mais que novo,
Em manter tantas boccas só de vento,
Fazendo um camaleão de tanto povo.

4.

Com que engenho te atreves, Brazileiro,
A voares no ar, sendo pâteiro,
Desejando ave ser, sem ser gaivota?
Melhor te fóra na região remota,
Onde nasceste, estar com siso inteiro!

INDICE

DO PRIMEIRO TOMO.